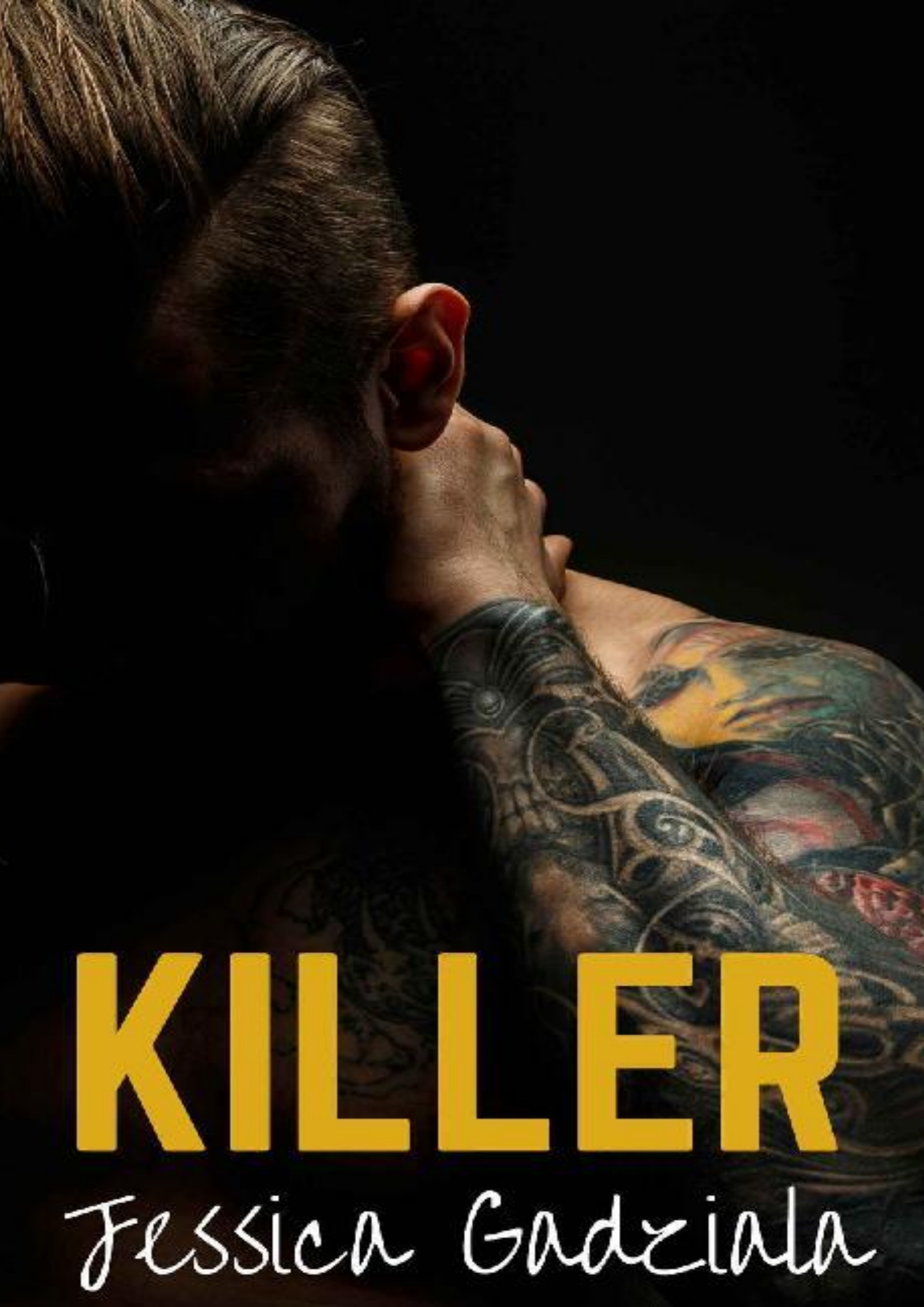
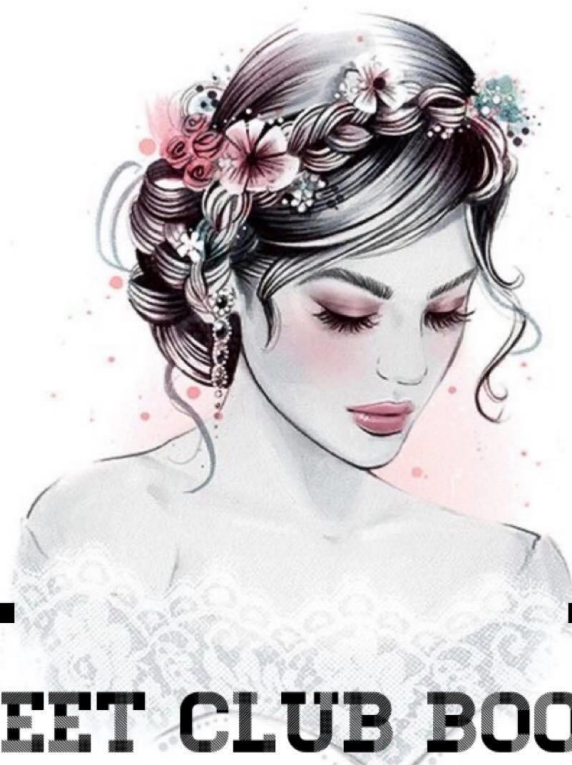




KILLER

Fessica Gadziala



SWEET CLUB BOOK'S

Disponibilização: **Eva**

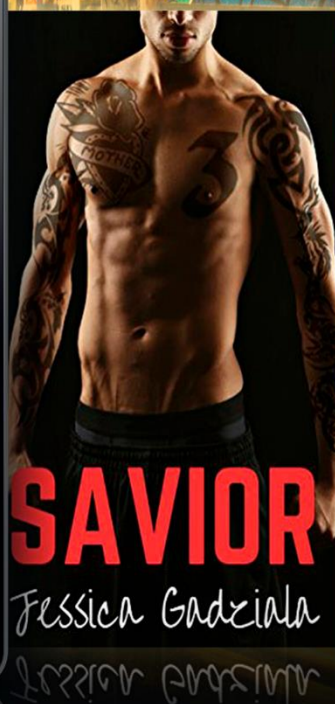
Traduzido por: **Ina**

Revisão: **Joyce, Lu Marriot**

Leitura Final: **Miss Marple**

Formatação: **Eva**

Agosto/2020



THE SAVAGES SERIES

Jessica Gadziala

SHOOTER

Fugi aos quinze anos e nunca olhei para trás. Construí uma nova vida: bons amigos, aventuras selvagens e um desfile interminável de mulheres lindas. Mas então recebi uma ligação que mudou tudo; uma ligação que me dizia que era hora de voltar e enfrentar meus demônios.

Eu nunca pensei que encontraria um anjo pelo caminho...

AMELIA

Ele era absolutamente a última coisa que eu precisava na minha vida: alguém incapaz de levar qualquer coisa a sério, um notório paquerador, ah, e eu mencionei... um assassino? Que atira nas pessoas. Como meio de vida. Sim, definitivamente alguém que eu não tinha planos de deixar entrar. Exceto que, ele olhou para mim e, bem, quando um homem como ele usa o charme, ele fez isso pra valer, e de uma maneira que faz você querer que ele não pare mais. Minha única salvação era que ele ficaria na cidade por apenas alguns dias.

MAS QUANDO ME ENCONTREI EM UMA SITUAÇÃO E ELE ERA O ÚNICO QUE TINHA

RESPOSTAS, BEM, DIGAMOS... *que as coisas ficaram complicadas ...*



DEDICATÓRIA

Para todas as senhoras que conheceram Shooter e o chamaram de 'seu'. Que ele seja homem o suficiente para lidar com todas nós...

KILLER

Savages #2

1

Shooter

Meu pai está morto.

Pelo menos é o que minha avó está me dizendo do outro lado do telefone. Nesse exato momento, estou sendo travado pelo meu respeito às pessoas idosas, mas está sendo exigido tudo de mim, não dizer à minha avó para controlar a choradeira como se o meu pai tivesse sido um santo, que agora está no paraíso com a sua aréola brilhante e asas felpudas. O homem era o maior babaca que eu já conheci na vida. E visto que passei minha vida lidando com criminosos, isso realmente quer dizer alguma coisa.

Ele estaria queimando no inferno se houvesse qualquer tipo de justiça na vida após a morte.

“Vocês não precisam se preocupar com dinheiro”, digo, estremecendo quando o sotaque volta para a minha voz. Levei um maldito ano para perder a maldita coisa e cinco minutos no telefone com ela, ele já está aparecendo novamente. “Vou lhes enviar mais do que o suficiente para os arranjos.”

Então ela me diz as seis palavras que nunca quis ouvir: *você precisa voltar para casa, Johnnie.*

Faz anos desde que eu ouvi esse nome.

Não tinha adotado o nome Shooter (Atirador) porque era bom com uma arma, embora eu fosse. Eu nem sequer o adotei porque sou um atirador de elite, embora esse seja definitivamente o caso.

Só fiz isso porque eu nunca mais queria ser aquele menino caipira do Alabama, que morava com o pai de merda, num acampamento de trailer.

Eu nunca mais queria ser Johnnie Walker Allen novamente. Sim, soa como um maldito uísque escocês.

Eu *já* mencionei que o meu pai era um idiota, certo? Não era ruim o suficiente que todo mundo soubesse que meu pai era alcoólatra; ele tinha que me dar o nome do seu maldito veneno favorito.

“Não posso voltar, senhora”, digo, apertando a ponta do meu nariz, caindo para frente na minha cadeira. Se eu sei alguma coisa sobre a minha avó, é que a mulher é um metro e cinquenta de puro concreto e bater com a minha cabeça contra ela nunca me daria outra coisa senão uma dor de cabeça.

E então ela se lança em um discurso de trinta minutos sobre como era muito velha, seu coração estava quebrado, sua pressão muito alta, e sua artrite muito ruim para fazer algo tão árduo quanto sentar dentro da casa funerária e olhar para uma lista de caixões e flores.

“Você não vê nenhum motivo para que eu não devesse estar cuidando dos preparativos?” Digamos que é do meu agrado se eles o pusessem num caixão de madeira em algum terreno da cidade, debaixo de três mortos desconhecidos em uma cova sem identificação. “Sim, senhora, eu sei que ele é meu pai.” Suspiro. Estou perdendo, isso significa que eu voltaria para lá. Isso significa que tenho que enterrar meu maldito pai. “Certo, ok. Sim. Sim, senhora...”

Olho para cima quando ouço passos e vejo a loira que trouxe para casa na noite anterior. Pequena, com coxas incrivelmente grossas,

cintura fina e seios um pouco maiores do que minhas mãos. Curvilínea, do jeito como gosto. Esta também tinha a vantagem de ter um delicado rosto de boneca e enormes olhos azuis que a fazem parecer doce e inocente. Porém, tinha aprendido na noite anterior quando ela me montou forte e rápido, que ela recitava um monólogo de conversa obscena que faria uma estrela pornô corar, que ela é tudo, menos inteligente e inocente.

Trago minhas mãos aos lábios e faço um movimento silencioso com os dedos para que ela venha até mim.

Ela me dá um pequeno sorriso e sobe no meu colo vestindo apenas o lençol que tinha colocado em volta de si mesma. Eu abaixo meu rosto em seu pescoço e escuto minha avó por mais um minuto.

“Sim senhora. Sim... eu estarei lá. Certo... amanhã.”

Desligo sentindo um peso incomum em mim.

“Você tem sotaque”, Molly, a menina sentada no meu colo em sua bunda redonda e doce diz com um grande sorriso, revelando um dente excessivamente pontudo que ficou interessante no seu rosto perfeito.

“Você gosta?” Eu falo em seu pescoço, correndo meu nariz pela pele macia.

“Mmmhmm”, ela choraminga, já sem fôlego.

“Bem, vamos ver o quanto você gosta quando eu estiver dizendo coisas obscenas em seu ouvido e estiver dentro de você, bebê”, eu sugiro, levantando-a e caminhando de volta para o meu quarto. Talvez não fosse a maneira mais saudável de lidar com uma morte na família, mas bem, umas palmadas e beliscões poderiam aliviar o peso por alguns minutos e isso parecia ser o melhor tipo de terapia para mim.

“O que diabos você quer dizer quando diz que está indo pra casa?” Breaker, meu melhor amigo, meu mentor, uma das poucas pessoas no mundo (com sua namorada, Alex e nosso amigo e meu tatuador Paine), que significa muito para mim.

Breaker é alto e uma parede gigante de músculos com cabelos loiros e uma barba loira. Tudo nele grita intimidação, o que é bom em um trabalho em que ele praticamente arrebatava rostos para ganhar a vida.

Alex está empoleirada no sofá, com um laptop gigante em seu colo. Ela é linda com seu estilo clássico, alta, magra, de cabelos escuros e a melhor coisa que aconteceu com Bryan, a porra do Breaker, mesmo que ele tivesse tido de ficar cara a cara com a pior pessoa da área do crime para poder ficar com ela. Junto com, vocês sabem... ter que sequestrá-la enquanto eu apodrecia no porão do lorde do crime por um período. Bons tempos.

“Meu pai morreu e minha avó está histérica demais para lidar com os arranjos.”

“Você tem outra família”, raciocina Breaker, sabendo melhor do que ninguém o quanto eu *não* queria voltar. Ele me encontrou dormindo atrás do seu prédio quando eu tinha quinze anos. Estava farto de passar fome, dos espancamentos e do bullying dos caipiras da cidade e fugi correndo para longe. E nunca voltei. Eu nunca planejei voltar.

“Ninguém está me forçando.”

“Você não deve nada a ele”, ele dá de ombros, levanta-se e pega uma cerveja para nós. “Você não deve nada a eles.”

“Breaker uma vez me disse que as pessoas com nosso estilo de vida”, Alex começa, coloca seu laptop na mesa de centro e anda para

colocar uma cadeira ao meu lado, “quando há uma morte, nós lutamos ou fodemos e superamos.”

Eu dou a ela um sorriso. “Bem, fodi uma loira logo após a ligação, mas eu poderia usar uma boa luta. Vamos a isso”, pisco, batendo um punho fechado em sua mandíbula de brincadeira.

“Cuidado” alerta Breaker, recostando-se e olhando para a mulher. “Ela pode ser pequena, mas dá um bom soco.”

“Breaker, homem”, eu sorrio, inclinando meus braços sobre a mesa em direção a ele. “Você é um... *homem golpeado?*” Eu sussurro dramaticamente. “Você pode me dizer. Não vou julgar... exceto chamar você de uma bichona.”

Alex ri e Breaker revira os olhos. “Fale sério por um segundo, Shoot.”

“Sério? Eu? Ninguém jamais me acusaria disso.”

“Talvez devêssemos ir com você”, sugere Alex, estendendo a mão delicada e impecável para cobrir a minha cheia de tatuagens.

“A menos que isso seja algo que você precise fazer sozinho”, diz Breaker incisivamente a Alex, que baixa os olhos para ele.

“É fofo que vocês dois estejam tão preocupados”, digo, sorrindo quando Breaker suspira com a minha escolha de palavras, “mas vou literalmente voar, apontar para um caixão, e dar o fora daquela cidade do interior.”

“Certo, mas se você precisar de nós...” Alex para.

Ofereço-lhe um sorriso, envolvo meu dedo mindinho ao redor do dela e levo-o até a boca para beijar. “Eu sei que posso contar com você, docinho.”

“Então, quando você vai?” Pergunta Breaker, estendendo a mão e agarrando a cadeira de Alex, puxando-a, envolvendo um braço ao redor das suas costas.

“Tenho um voo às sete. Espero conseguir um de volta amanhã à noite ou talvez na manhã seguinte, no mais tardar. O que foi?” Eu pergunto, observando Alex me dar um sorriso estranho.

“Nada.”

“Mentirosa”, digo de volta. Eu sei que ela sabe do meu passado. Conversas de travesseiro e tal. Ela ouviu algumas das histórias, as que eu estava disposto a contar a Breaker. Ela sabe que minha atuação não é nada mais que uma máscara. Ela também me conhece bem o suficiente para saber que é uma que eu não estou disposto a tirar, então mantém sua opinião para si mesma.

Eu fico por algumas horas, bebo cerveja, brinco, tento acalmá-los, esperando que isso, por sua vez, me acalmasse. Porque, por mais que eu finja calma, a realidade está embaixo da superfície. Passei quinze anos horríveis em uma cidade onde as pessoas sabiam que eu não estava me dando bem, que não estava sendo alimentado corretamente, que meu pai era um alcoólatra abusivo, e ninguém interferiu para me ajudar. Não, tinha era que lidar com o peso das fofocas e rumores. Os olhos do professor que não demoravam nas contusões nos meus braços ou no rosto. Meus orientadores que não me perguntavam por que estava tão magro. Todos apenas falavam sobre o velho patético Ben Allen e como ele jogou sua vida fora, como foi bom que minha mãe tivesse conhecido sua sepultura cedo para que não precisasse ficar amarrada a uma pessoa como ele. E eu tive a tristeza nos olhos quando era um menino e o desdém quando fiquei mais velho enquanto eles observavam e esperavam que a maçã podre pousasse bem ao lado da porra da árvore.

Eu quero voltar para a cidade tanto quanto quero ácido derramado no meu rosto. E, dado que eu realmente gosto dos benefícios

que um rostinho bonito me dá (ou seja, com as mulheres), isso diz alguma coisa.

Vê como a questão é? Pessoas em cidades pequenas têm boa memória. Não importa para eles que eu tivesse fugido, que tivesse um apartamento que custava mais do que todos os trailers do antigo parque juntos, que eu dirigisse um carro no valor de cinco anos de salário, que fosse um homem crescido com vida própria. Para eles, eu sempre serei o pequeno Johnnie. Sempre seria um menino pobre e abusado. Sempre seria o adolescente rebelde, que usava preto, ouvia heavy metal e que causava problemas por ser um jovem brigão.

Mas, independentemente de todos os meus sentimentos sobre voltar, era o que eu estava fazendo. Então deixo Breaker e Alex por volta da meia-noite e vou para casa. Arrumo uma sacola enquanto bebo um Jack, o que é engraçado, irônico ou patético. Eu me pergunto quantas doses o meu querido velho pai precisou antes de seu corpo finalmente desistir. E me pergunto se foi o uísque que eu mandei que finalmente o fez entrar no caixão. Isso seria um belo tipo de Carma.

Veja bem, segui em frente. Eu construí uma vida para mim mesmo. Eu tenho algumas pessoas que matariam ou morreriam por mim. Eu me diverti. Fiquei o mais longe possível de toda aquela merda em que fui criado. Mas você nunca se liberta do enviava uma caixa de uísque ao meu pai. Eu sabia que ele não iria querer nada de mim, mas também sabia que ele nunca poderia recusar o seu amor. Então, talvez eu tenha ajudado a matar o bastardo.

Sete horas depois, embarco no avião, com um nó do tamanho de um punho girando no meu estômago.

“Ei, querida”, digo, agarrando o pulso da comissária de bordo enquanto ela caminha lentamente perto de mim. Seu corpo se aperta, sem dúvida acostumada a muitos vermes tentando colocar as mãos

sobre ela, antes de erguer os ombros e se virar para mim com um sorriso hospitaleiro e falso em seu rosto. Seus olhos pousam em mim e o sorriso se estica levemente, a cabeça inclinada para o lado, os ombros relaxados.

“Posso ajudar em alguma coisa?” Ela pergunta de uma forma que sugere que, se o que eu precisava incluísse a remoção das minhas calças, ela seria a favor.

“Não”, digo, esfregando minha mão sobre as veias em seu pulso, “só queria olhar para você por um minuto”, eu pisco e suas bochechas coram.

“Bem, se você precisar de alguma coisa”, ela começa, tentando soar profissional e falhando, “meu nome é Maggie.”

Eu puxo o pulso levemente até que seu corpo se incline para frente em minha direção, minha outra mão levanta e traça o crachá sobre seu seio. “Estou vendo isso.”

“Oh, Senhor”, uma voz masculina, mas meio feminina, interrompe, inclina-se sobre as costas da minha cadeira. “Você pode me tocar assim?” Eu torço minha cabeça por cima do ombro para ver um comissário masculino parado ali com o mesmo uniforme azul que Maggie usa. Eu solto minha mão do peito de Maggie. “Olhe para este rosto”, ele diz, balançando a cabeça. “Por que nenhum de vocês pode ser gay? Eu comeria você.”

Eu inclino meus olhos para Maggie. “Prefiro ser o único a comer.”

“Caramba”, o comissário masculino geme, abanando-se. “Venha Maggs, vamos tirá-la daqui antes que este demônio de língua de prata a leve para o banheiro e se torne membro do the mile high club¹.”

“Já sou membro há dez anos”, acrescento quando deixo cair o pulso dela. “E eu sou um... passageiro frequente.”

¹ Nome para quem faz sexo em aviões.

Eu sento na minha cadeira, ouço o discurso de segurança, sorrindo cada vez que os olhos de Maggie caem sobre mim durante a demonstração. Não teria a chance de seguir qualquer coisa com ela, mas fiz, para ambos, o nosso dia um pouco melhor.

Um pouco mais de duas horas e meia depois, pego minha bolsa e sigo para a loja de aluguel de carros. Eles não tinham nada parecido com o que eu quero alugar, de preferência algo parecido com o que dirigia em Navesink Bank, elegante, novo e caro. Não, minhas opções eram caminhonetes, carros pequenos e o último modelo do Mustang. Eu pego um Mustang preto e aumento a música o suficiente para abafar os pensamentos em minha cabeça enquanto chego cada vez mais perto da minha cidade natal.

“Cristo”, suspiro enquanto dirijo até a cidade, balançando a cabeça. As coisas deveriam ter mudado. Eu meio que esperava voltar para casa no dia seguinte e ver dois novos restaurantes abertos e três hamburguerias fechadas. Era assim que as coisas eram, sempre mudando. Mas minha cidade natal parece parada no tempo. Não só todas as empresas são iguais, como não tinham atualizado nem a pintura. Estaciono no final da rua, saio do carro e vou para a funerária.

Não liguei para saber se estava aberta, então amaldiçoo baixinho, e bato com força na madeira quando encontro a porta trancada.

“Garoto, pare com todo este barulho”, grita uma voz da rua. Minhas costas se endireitam automaticamente ao ser chamado de “garoto” enquanto tento aliviar meu rosto em linhas mais suaves. “É domingo”, acrescenta ela com ênfase.

Com isso, sinto um sorriso nos meus lábios. Claro que é. E eu estou no sul. E nenhum negócio que se preze abre em um domingo, além do restaurante da cidade que fica atrás da igreja aonde todos vão aos domingos.

“Certo”, digo, volto-me para a rua e tenho que resistir à vontade de revirar os olhos. Porque lá na calçada está minha velha professora da terceira série. Maldita cidadezinha pequena. “Obrigado, senhorita George”, digo, desço os degraus em direção ao meu carro.

“Johnnie Walker Allen!” Ela diz no tom *você não ouse se mexer*, que é, aparentemente, tão eficaz para um homem adulto como era para um menino. Eu me viro para ela, forço um sorriso. “Já estava na hora de você aparecer, sua avó tem estado péssima!”

“Sim, senhora”, eu concordo, assentindo.

“Sinto muito pelo seu pai. Ouvi dizer que você está cuidando dos arranjos.”

“Sim, senhora”, digo novamente e deslizo as mãos nos bolsos do meu jeans preto.

“Bem, venha comigo. Vou levá-lo até Harriet”, diz ela, acenando com a mão para mim. Eu suprimo a vontade de dizer não e deslizo meu braço no dela. O fato é que não tenho intenção de ver minha avó ou qualquer outra pessoa da minha família. Eu quero cuidar dos arranjos e dar o fora dali. Há uma razão pela qual não mostrei meu rosto desde que fugi todos aqueles anos atrás, apesar de ter um bando de parentes aqui.

Eu deveria saber que nunca escaparia disso.

“Sabe, se não fosse por todas essas tatuagens e piercings, você seria um jovem atraente.”

“Obrigado, senhora”, sorrio e decido não contar a ela que eu tenho um monte de bucetas que gostam da aparência das minhas tatuagens e gostam da *sensação* que causa um piercing em particular.

“É uma pena que o seu pai tenha morrido.” Uma pena que não tenha acontecido há uma década, claro. “Mas é bom ver o seu rosto de volta por esses lados”, diz quando abro a porta do restaurante para ela.

Dizer que o restaurante inteiro silenciou seria um eufemismo. Passou de vozes animadas e sons animados de comer e beber para um silêncio mortal.

A lanchonete é a mesma de que eu lembro: pisos de linóleo desgastados, mais marrons do que brancos com a idade, estantes metálicas e tampos de mesa, paredes amarelas desbotadas. No balcão de café da manhã, sentados nos fundos, estão todos os homens velhos. Nas mesas, as famílias com filhos. Nas cadeiras altas, as mulheres de idades variadas, espalhando fofocas, sem dúvida. Todo mundo está vestido com as roupas da igreja enquanto eu estou de jeans skinny preto, sapato todo quadriculado e uma camiseta desbotada do ZZ Top.

“Apenas voltem para a vossa comida”, diz a Srta. George e acena com a mão para eles. “Estamos aqui para ver Harriet, não fiquem de boca aberta.”

Com isso, ela me leva até os bancos onde minha avó está sentada num canto, cercada pelas damas da igreja e por um ou dois dos meus primos mais velhos.

“Johnnie!” Ela diz, seus olhos imediatamente se enchem de lágrimas. Agora, aqui está o ponto sobre a minha avó: Ela nunca se importou comigo. Ela nunca fez nada. O que importa para ela, no entanto, é sua reputação na cidade.

E se ela não caísse no choro ao ver seu neto perdido há muito tempo, bem, o que isso diria sobre ela?

“Meema” sorrio, solto o braço da Srta. George e estendo a mão para cobrir as suas mãos carnudas com as minhas.

“Olhe para você”, ela diz, puxa as mãos para longe para limpar as lágrimas das suas bochechas. “Finalmente em casa. Vamos, sente-se. Vamos pedir o almoço para você.”

“Não, obrigado, senhora. Eu comi no avião. Preciso ir ver se o motel tem algum quarto disponível e me acomodar.”

“Motel?” Ela engasga e sinto meus olhos se fecharem enquanto respiro fundo. Porra. “Você não vai ficar no motel. Você tem família por esses lados. Infelizmente, minha casa está cheia agora, mas talvez Cassie...” Ela diz e gesticula para uma prima que eu lembro que era um poço de fofoca. Quando éramos crianças, todos tinham o cabelo loiro, e agora que somos adultos temos uma cor semelhante a um bronze escuro.

“Não quero deixar ninguém desconfortável, Meema”, digo, balançando a cabeça.

“Bem, por que ele não pode ficar no apartamento?” Cassie pergunta, claramente animada com a ideia de ficar com ela.

“Apartamento?” Eu pergunto, juntando as sobrancelhas. Na última vez em que estive na cidade, havia casas e havia acampamentos de trailers, mas não havia apartamentos, exceto um ou dois em cima das lojas da cidade.

“O apartamento do seu pai”, Cassie diz, seu tom ao mesmo tempo autoritário e desdenhoso.

“O que aconteceu com o trailer?” Eu pergunto e vejo a maioria dos olhos na mesa olharem para baixo ou para longe. “Ah, eu já sei”, digo, encolho os ombros. E sei mesmo. Ele o perdeu. Era um terreno de merda em mais terra do que ele poderia pagar e o cara nunca foi bom em manter um emprego. “Então papai estava hospedado em um apartamento”, insisto enquanto todos ficam teimosamente em silêncio.

“A nova casa do Clark”, diz a Srta. George e acena para mim. “Piscina e quadra de tênis particular e tudo mais”, ela acrescenta, parecendo empolgada com a perspectiva.

Do outro lado da mesa, minha avó puxa a bolsa do chão e a coloca no colo, vasculhando o conteúdo. “Aqui estão elas”, ela diz, puxa chaves e as empurra pra mim até eu pegá-las, o tempo todo eu morde minha língua, então não disse a eles que o apartamento do meu falecido pai era o último lugar do mundo que eu queria passar a noite. “2B”, ela me diz com um aceno de cabeça.

Coloco as chaves no bolso e começo a sair do reservado. “Certo. Eu vou me instalar então.”

“Tem certeza de que não podemos convencer você a ficar nem que seja para um chá gelado?” Minha avó pergunta, mas o olhar em seus olhos verdes escuros, os olhos verdes escuros que herdei dela, estão me ameaçando caso eu aceite sua oferta. Ela precisa chorar e gemer para suas amigas sobre sua perda e como sou a única pessoa no mundo que pode contradizer suas lamentações sobre o falecimento de seu santo filho não serviria para o tipo de atenção que ela deseja.

“Não, senhora. Da próxima vez. Senhoras”, digo, viro-me para a mesa como um todo e dou-lhes um sorriso que fez mais do que uma delas corar, “sempre um prazer.”

Com isso, saio da lanchonete, volto ao meu carro devagar, embora tudo que eu queira fazer seja correr, afundar o pedal e dar o fora dali. Em vez disso, entro no carro e viro lentamente na direção da Clark Street. Não tenho intenção real de ficar no apartamento, mas a curiosidade leva a melhor sobre mim. Só quero dar uma olhada. Depois, irei direto para o motel e arrumarei um quarto

Uma coisa que nunca apreciei enquanto crescia era como o Alabama é verde. O deserto é domado por gramados perfeitamente cuidados e completamente ausentes nas partes mais industriais da

cidade, como onde eu morava. Mas enquanto dirijo pelas ruas, tudo o que vejo são vários tons de verde. Carvalhos velhos curvados sobre a rua, musgo pendurados nos galhos preguiçosamente. É calmante o suficiente para fazer um pouco da ansiedade se esvaír. Não sou, por natureza, uma pessoa fácil de irritar. Mas há algo sobre a família, sobre encarar seu passado, que faz com que até as pessoas mais sensatas percam a calma.

O apartamento na Clark Street é um prédio de três andares feito de tijolo marrom. Cada apartamento tem pequenas varandas que estão cheias de vários itens. Como me disseram, lá atrás eu posso ver uma piscina olímpica intocada e uma quadra de tênis ao lado. É tudo bonito e novo, e pelo o que posso imaginar saía muito da faixa de preço do meu pai. Pego a minha bolsa e as chaves do bolso. Não me surpreende que a porta da frente não esteja trancada. Nem sequer me surpreende que não haja ninguém na recepção. Estamos no sul, ninguém tranca as suas portas. Ninguém vê a necessidade de segurança adicional.

Os corredores são de um tom fresco de azul acinzentado, com todas as portas dos apartamentos pintadas de branco. Não há pinturas desagradáveis nas paredes e os pisos de madeira estão encerados e brilhantes. Subo as escadas até o segundo andar e encontro seis apartamentos. No final do corredor está o do meu pai.

E a porta está aberta.

Eu endureço um pouco, ouço ruídos vindos de dentro, internamente tenho flashbacks de quando vinha da escola e encontrava pessoas roubando nossas coisas porque papai devia dinheiro a elas. Largo a sacola silenciosamente do lado de fora da porta e abro a porta, entro andando silenciosamente em direção aos sons que ouço na área aberta da cozinha.

“Venha sua coisa estúpida e malvada”, diz uma voz feminina, mas não é baixa e irritada como as palavras soam; elas foram ditas

naquela voz alta e suave que as mulheres usam com animais e crianças, como se estivessem tentando convencer alguém de alguma coisa.

Eu contorno o balcão da cozinha e encontro uma mulher ajoelhada no chão, bem no canto, tentando alcançar algo embaixo do armário. Meus olhos percorrem seu traseiro. Seu short jeans curto não esconde a bunda redonda e as coxas bem torneadas. Sua camiseta branca subiu um pouco quando ela se inclinou para frente, revelando alguns centímetros de suas costas. Seu longo cabelo preto está preso em um rabo de cavalo baixo, todo brilhante e implorando para ser tocado.

Pois bem. Talvez minha estadia não seja tão ruim assim.

Limpo a garganta e luto com um sorriso quando ela pula, batendo a cabeça na porta entreaberta do armário. Sua mão está subindo para esfregar a cabeça quando ela cai de costas e olha para mim.

Putá que pariu. Aquela *cara*.

Ela tem algum tipo de ascendência espanhola que traz de volta imagens dos seis meses que passei no México com Breaker e Alex, escondendo-nos da merda em que nos metemos. Seis meses de mulheres nativas com seus olhos exóticos e longos cabelos escuros e fodidos corpos curvilíneos. Oh sim. Eu me diverti muito no México.

Mas essa mulher deixa toda e cada uma daquelas senhoras envergonhadas.

Sua mandíbula é quadrada, o nariz reto e fino, seus lábios são carnudos e perfeitos. Mas são os olhos que fazem um homem. Ela tem olhos profundos e sedutores, parecendo sonolentos e sensuais ao mesmo tempo, e são do tom mais escuro de castanho possível. Sua pele é clara, que só faz com que seus cabelos, sobrancelhas, olhos e cílios escuros se destaquem ainda mais.

Meus olhos deslizam para baixo, observam seu corpo em uma inspeção lenta, que tenho certeza que ela não aprecia de um completo estranho. Mas eu simplesmente não posso evitar.

Ela tem tudo: seios exuberantes, quadris, coxas, bunda... e ela de alguma forma consegue ter tudo enquanto ainda parece em forma. É uma impossibilidade biológica a que toda a humanidade deve uma carta sincera de gratidão aos pais dela por tornar isso possível.

“Olá, anjo”, eu cumprimento, curvando os lábios.

Oh, sim.

Talvez a viagem não seja um desperdício completo, afinal.

2

Amelia

Eu odeio aquela gata idiota.

Eu a odiei desde o primeiro dia que Ben Allen a trouxe da lixeira onde ela morava há meses, sibilando para mim sempre que ia jogar meu lixo e golpeando meus sapatos com as suas garras desagradáveis de gato, geralmente conseguindo deixar alguns arranhões no meu tornozelo. Ela era um demônio, mas, por qualquer motivo, acompanhou Ben daquele jeito desinteressado de *apenas me alimente e me deixe sozinha* que só os gatos conseguem fazer.

Em geral, fico longe dela. Mas Ben ficaria fora por dois dias e eu não poderia continuar entrando em seu apartamento para cuidar dela. Seus parentes com certeza começariam a aparecer e não precisariam me ver lá. Então tive toda a intenção de entrar em seu apartamento uma última vez, agarrar a gata demoníaca e levá-la de volta ao meu apartamento até que pudesse descobrir o que fazer com ela. Ela, é claro, não estava muito interessada no meu plano e assim que me inclino para acariciá-la, golpeia meu braço e voa para debaixo do armário da cozinha.

“Está muito quente para isso”, assobio enquanto me abano chateada que o ar condicionado esteja quebrado. Estamos em meados de agosto e não há como escapar do calor sufocante no apartamento de Ben. Suspiro, abaixo-me no chão e estendo a mão sob o armário. “Eu vou te pegar mais cedo ou mais tarde, Millie. Você pode muito bem

KILLER

Savages #2

desistir agora. Tenho uma grande lata de comida de gato no meu balcão, esperando por você.” Suspiro quando ela assobia e se afasta ainda mais. “Eu estou falando com um gato”, murmuro para mim mesma, sinto a ponta de uma pata peluda e fecho a mão em torno dela. “Venha sua coisa estúpida e malvada...” Eu murmuro para ela.

O som da limpeza da garganta de um homem tem dois efeitos: Um: Millie passa as unhas nas costas da minha mão, e dois: meu coração vai para a minha garganta enquanto meu corpo automaticamente se sacode. Minha cabeça está enfiada no fundo de uma porta aberta do armário enquanto meu corpo se contorce e eu caio sobre meu traseiro.

Meus olhos pousam em seus sapatos primeiro, minhas sobrancelhas se unem. Ele usa *sapatos* xadrez preto e branco. Quem diabos usa isso? E, além disso, quem diabos usa isso no meio do verão no *Alabama*? Meu olhar desliza para cima, absorve o apertado (mas não muito apertado) jeans skinny preto e a desbotada camiseta ZZ Top preta sobre um corpo que parece em forma, mas não excessivamente. Seus braços nus estão cobertos de tatuagens coloridas e eu começo a ter uma suspeita de quem está no apartamento de Ben Allen. Meus olhos disparam para seu rosto e, caramba.

O rosto dele é magro, seus olhos um verde escuro familiar. Seu cabelo está no limite entre loiro e castanho claro, cortado curto nas laterais e penteado para trás no meio. Suas orelhas são furadas com alargadores pretos nos buracos. Ele é bonito, ele é gostoso. Ele está muito sexy nessa de *‘ele é um menino mau que vai rolar você em torno dos lençóis e nunca mais te procurar de novo’*, do jeito que as mulheres ficam todas loucas.

“Ei, anjo”, ele diz, seus lábios se curvam e fazem seu rosto já bonito ficar ainda mais.

Ele tem uma voz daquelas também; uma daquelas vozes de molhar calcinhas. Eu sempre ouvi vozes como a dele descritas como “suave como manteiga”, mas isso não está certo. É suave, sim, mas vem com um golpe também. Como um licor irlandês.

Oh sim. Certamente, eu sei quem ele é e não importa o quão bonito seja, ele é um verdadeiro *Casanova*...

Eu me levanto do chão, tendo a súbita necessidade de estar no mesmo nível que ele. De pé, ainda estou vários centímetros mais baixa, mas pelo menos não preciso olhar para ele do chão.

“Johnnie Walker Allen”, digo, minha sobrancelha levantada de um jeito que sei que é arrogante e não me importo. “Já era hora de você mostrar seu rosto.”

Sua cabeça inclina para o lado ligeiramente, as sobrancelhas se juntam por um segundo. “Você sabe quem eu sou?”

“Oh sim, eu sei quem você é”, digo, cruzando as mãos sobre o peito, de repente, muito consciente da minha roupa. Não faz exatamente nenhum favor para o meu corpo. Não que eu seja insegura, também não tenho ilusões. Não sou uma garota magra; Eu nunca *seria* uma garota magra. Não importa o quanto me exercite ou coma direito, eu sempre tenho um pouco de preenchimento extra. E, por qualquer motivo, muito daquele enchimento parece envolver-se em torno das minhas coxas. E está quente e eu não estava planejando ver ninguém naquele dia, então meu short curto não está fazendo nada para lisonjear minha figura e minhas coxas estão em plena exibição. *Ótimo*. OK. Então, elas não são exatamente *estrandosas*, mas são grossas e eu as odeio. Eu as odeio enquanto as exibio em frente a esse cara. Por que exatamente isso importa, está além de mim. Não estou tentando impressionar Johnnie Allen. Eu o odeio. Mas, de alguma forma, não quero parecer uma pateta perto dele também.

Isso não tem absolutamente nada a ver com o fato de que ele é o homem mais bonito com quem conversei pessoalmente. Não. Nada a ver com isso.

“E o que exatamente, você já ouviu falar de mim, querida?” Ele pergunta, a voz suave sai tranquilamente sedosa quando ele dá um passo para mais perto de mim.

“Não sou sua querida”, solto bruscamente, levanto uma mão enquanto ele continua avançando, “e confie em mim, sei tudo sobre você.”

“Sobre como diabolicamente bonito eu sou?” Ele pergunta e sorri. “Ou como inteligente ou como...”

“Ou quão pouco respeito você tem pela recuperação”, eu interrompo, meus olhos atiram punhais nele.

O sorriso cai de seus lábios e ele dá um passo para trás e abaixa as sobrancelhas. “Pode repetir?”

“O quê? Você acha que é segredo que você continuava enviando caixas de uísque todos os meses para Ben? Você tem *alguma* ideia de como isso é insensível para alguém que está tentando ficar limpo? Quem faz algo assim?”

Como se um peso de repente tivesse pousado lá, seus ombros caem quando ele dá outro passo em retirada e encosta as costas no balcão. “Meu pai estava limpo?”

“Dois anos”, digo e aceno para dar ênfase. “Não graças a você.”

Seu olhar se volta para seus pés e, por um segundo, penso que ele está se sentindo culpado ou envergonhado. Mas então a cabeça dele volta e seus olhos verdes dançam, um sorriso puxa seus lábios. “O que aconteceu com todo aquele uísque então? Porque nada foi enviado de volta.”

“Eu interceptava”, digo e levanto um pouco o queixo. Sempre vinha no horário certo, no décimo dia de cada mês. Eu sempre me certifiquei de levantar cedo e pegá-lo antes que Ben pudesse vê-lo. Estar limpo por dois anos era muito tempo, mas mesmo com esse tempo, uma enorme caixa de uísque poderia ter sido uma tentação muito difícil de combater.

“Você os interceptava? Que agente secreto você é?” Ele ri. “Então, quem é você, detetive? Você pertence ao meu pai?”

“Pertencer?”

“Sim, querida. Você e ele... vocês tinha uma coisa?”

“O que? Não!” Eu quase grito, minhas mãos voam e gesticulam como sempre acontece quando fico irritada. “Só porque você é um cão no cio não significa que seu pai era. E, caso você não tenha notado, sou um pouco jovem para ele.”

“Um cão no cio?” Ele repete, parecendo estar tentando lutar com um sorriso.

“Sim, um cão no cio. Pegador. Don Juan. Mulherengo. *Galinha*.”

Ele para de lutar contra o sorriso que se estica em seu belo rosto de uma maneira encantadora demais. “Passou muito tempo lendo um dicionário de sinônimos, hein querida?”

“Oh meu Deus. O que há com todos os nomes bonitinhos? Eu tenho um nome real que você conhece.”

“Sim, querida, tenho certeza que sim... mas você não me contou ainda.”

Oh. Certo.

“Eu sou Amelia Alvarado. E moro na porta ao lado.”

Ele mantém o sorriso no lugar e estende a mão. E, bem, eu não tenho escolha a não ser aceitar. “Bem, Amelia Alvarado da porta ao lado, eu sou Shooter. É um prazer conhecê-la”, diz ele, inclinando-se para beijar as costas da minha mão. Repito: *ele beijou as costas da minha mão*. Também não senti um choque de desejo no contato. Não. De modo nenhum.

“O prazer é todo seu”, eu rosno, tirando minha mão da dele.

Não ofendido, ele apenas ri. “O que aconteceu com a sua mão, querida?”

Eu olho para a minha mão, muito cansada para lembrar o que ele está falando. Os arranhões são superficiais, apenas algumas marcas vermelhas brilhantes que provavelmente se desvaneceriam pela manhã. “A gata do seu pai”, digo com um encolher de ombros.

“A gata... do meu pai?” Ele repete como se fosse a coisa mais ridícula que ele já ouviu antes.

“Sim. Millie. Ela é malvada e odeia literalmente todo mundo. Eu estava tentando tirá-la debaixo do armário para levá-la ao meu apartamento até que descobrisse o que fazer com ela.”

Ele esfrega a testa e, por um segundo, parece quase perdido, inseguro de si mesmo. O momento passa rapidamente e ele bate palmas ruidosamente, faz-me pular. “Tudo bem. Vamos tirá-la de lá”, diz ele, movendo-se para onde eu estava ajoelhada alguns momentos antes. Seu ombro roça o meu na pequena cozinha e me afasto. Sua sobrancelha se levanta com a minha reação, mas ele não diz nada.

“Vá em frente e tente”, digo, levantando o queixo. “Ela provavelmente vai arranhar esse lindo rostinho.”

“Você acha que meu rosto é bonito, hein?” Ele pergunta, sorrindo por cima do ombro para mim e eu sinto minhas bochechas começarem a esquentar. O que diabos está errado comigo?

“Não. Mas você obviamente pensa muito bem de si mesmo. Só imaginei que deveria avisá-lo.”

Ele pisca para mim e se abaixa até o chão, põe o seu braço debaixo do armário. Ele faz um barulho estranho baixo e não mais do que alguns segundos depois (*alguns segundos!*) sai Millie, com os braços de Johnnie nas suas costas. Eu tentei tirar aquela gata de lá por... vinte minutos. Millie é gorda, feia como o pecado. Uma gata branca com grandes manchas marrom e cinza por todo o pelo. Um de seus olhos era azul e o outro marrom, e eu juro que sua boca está perpetuamente em um cenho franzido. Ela olha para Johnnie por um minuto, a cabeça inclinada para cima. “Quem é o lindo gatinho?” Johnnie pergunta, passando a mão pelas costas dela e ela ronrona. A semente do diabo, um satanás na verdade, *ronronou* para ele.

“Ela é a gata mais feia que eu já vi”, digo, balançando a cabeça enquanto o observo abraçá-la e embalá-la contra o peito e ela apenas... deixa.

“Talvez seja por isso que ela não gosta de você”, diz Johnnie, acariciando a cabeça enquanto sorri para mim.

“Então é isso que você faz? Cumprimenta todo mundo, até mesmo os... infelizes, e você consegue o que quer?”

Johnnie balança a cabeça, seu riso se transforma em um sorriso. “Você precisa pedir licença para ir ao banheiro por um minuto?”

“O quê?” Eu grito.

“Bem, com uma atitude como essa, eu imagino que esteja com sua calcinha toda amontoada², querida. Talvez você precise se ausentar para... remediar essa situação.”

Oh, que idiota! Quem diabos diz coisas assim para pessoas estranhas??

² To have your panties in a bunch – é uma expressão que quer dizer que alguém fica/está irritado à toa.

Bem, ele não iria se safar, isso é certo.

Eu levanto meu queixo. “Não estou usando calcinha e você é um imbecil”, digo, passo por ele e me certifico de bater meu ombro no dele enquanto passo. Eu piso em direção à porta. “E espero que você goste de gatos, porque ela é sua agora”, digo, batendo a porta atrás de mim.

Entro no meu apartamento, bato a minha própria porta e começo a andar. Tudo bem, então talvez eu seja fácil de irritar. Meu temperamento pode sair do controle a qualquer momento. Mas macacos me mordam se aquele homem não mereceu isso.

O fato é que sei muito sobre Johnnie Walker “Shooter” Allen. Eu provavelmente sei mais sobre ele do que a maioria de sua família sabe. E sei o que sei por que era vizinha de seu pai há três anos. Eu estava lá todas as manhãs, via Ben abrir a porta para encontrar a caixa de uísque todo mês, um olhar de desdém e necessidade em seus olhos tão grande que me doía em algum lugar no fundo da minha alma. Eu fui a única que ouvi um grande estrondo uma noite e fui correndo para a casa dele para encontrá-lo desmaiado na sua cozinha e com a cabeça aberta por ter batido no armário, caindo de bêbado. Eu fui a única a visitá-lo no hospital. E fui a única a convencê-lo a procurar ajuda. E a sentar com ele depois de suas reuniões e ouvi-lo dizer-me tudo sobre as maneiras como ele bagunçou sua vida. Ele me disse que seu maior arrependimento foi ter perdido o amor de seu filho.

Pelo que Ben disse, Johnnie mudou-se para a costa leste e tornou-se um assassino de aluguel. Ele é, aparentemente, muito bom em seu trabalho porque Ben disse que tinha uma casa cara e um carro chique. Apesar do estilo de vida decadente de seu filho e de sua necessidade adolescente de continuar enviando uísque ao seu pai, Ben sempre quis voltar a entrar em contato.

Aparentemente, a única coisa que poderia trazê-lo de volta era a morte de seu pai. E então ele teve a ousadia de ser um idiota com a

única pessoa que esteve junto com Ben como *ele* deveria ter estado? Não importa o quão bonito fosse do lado de fora. Não há quantidade de sorrisos que possam me fazer esquecer sua alma feia.

Suspiro e me obrigo a parar de me preocupar com o chão de madeira quando olho para cima. Meu apartamento tem o mesmo layout que o de Ben. A sala de estar forma um L em torno da pequena cozinha quadrada com armários, totalmente branca, as bancadas são de mármore falso com manchas de marrom, preto, bege e vermelho. Eu tenho duas cadeiras encostadas no lado de fora do balcão da cozinha. Não preciso de uma mesa de jantar, nunca tenho companhia. Minha sala de estar é assumidamente feminina. Eu tenho um tapete floral, sofás de veludo quase branco, uma velha, mas chique mesinha de centro e as paredes são pintadas com um leve toque de lavanda.

Olho para a minha cozinha e vejo o suprimento de comida para gatos que acabou comprar naquela manhã. Ótimo. Eu posso não ter qualquer intenção de ver Johnnie novamente, mas não posso deixar Millie passar fome por causa do meu desdém por ele.

Com um grunhido, pego a bandeja de papelão cheia de comida de gato e volto para a minha porta. Abro-a, pulo de volta com um grito estridente. Porque lá, em frente à minha porta, está Johnnie.

“Então o fato de estar sem calcinha”, ele começa, com os olhos aquecidos, “é uma ocorrência cotidiana?”

Meus olhos abaixam quando mordo o interior da minha bochecha. “O que você está fazendo rastejando de lado de fora da minha porta?”

“Eu posso sentir que você está com ciúmes do amor de Millie por mim”, ele brinca, seu sorriso encantador o suficiente para fazer uma freira reconsiderar seus votos, “mas você não pode culpá-la. Eu sempre tive jeito com bichanas³.”

³ Trocadilho com palavra *pussy*, que tanto significa buceta quanto bichana/gata.

“Não venha até a minha porta falar baixaria comigo”, falo, empurrando a caixa em seu peito, fazendo as mãos dele se moverem para agarrá-la. “É a comida da Millie. Por favor, sinta-se livre para nunca mais falar comigo.” Agarro a borda da minha porta, com a intenção de fechá-la, mas ele desliza seu corpo para o lado e força seu caminho para dentro do meu apartamento. “O que você pensa que está fazendo?”

“Ah, meu anjo”, ele diz, balançando a cabeça enquanto olha em volta. “Eu te entendo agora.”

Ele me entende? O que diabos isso quer dizer? “O que?”

“Sabe, minha avó é uma grande jardineira”, diz ele, enfiando o pote de comida de gato debaixo de um braço e passando a mão nas costas do meu sofá.

“Isso é maravilhoso. Agora saia do meu apartamento.”

“Ela ganhou prêmios por aqui com suas rosas”, ele continua seu discurso esquisito. Sua atenção de repente se volta para mim, prendendo-me no lugar. “Ela costumava me dizer que as rosas mais bonitas têm os maiores espinhos. É um mecanismo de defesa apenas”, diz ele, aproximando-se de mim e passando o dedo pelo lado do meu queixo, “eu entendo, Amelia Alvarado.”

E com isso, ele se vai, a porta clica silenciosamente atrás dele, deixando-me quase exposta, vulnerável. Isso não faz sentido, mas é como me sinto. Porque quando ele olhou para mim no meio do seu pequeno discurso e disse que me entendia, pareceu que sim; parecia que ele tinha espiado a minha alma. Minha mão sobe para esfregar seu toque da minha mandíbula, que de alguma forma sente como se houvesse um formigamento persistente de seu dedo lá.

Ok, ele está certo; tenho espinhos. Isso não significa que ele tinha me entendido. Não fui exatamente amigável com ele. Não foi intuição

da parte dele, foi uma impressão. O fato de ele adivinhar que não sou tão dura e afiada por baixo da superfície não significa nada. A maioria das mulheres é suave em algum lugar por dentro, não importa que tipo de armadura quem usem do lado de fora. E dada a sua reputação, ousou dizer que ele passou muito tempo com mulheres. Ele apenas usou esse fato.

“O que há de errado comigo?” Pergunto ao meu apartamento vazio, andando pelo corredor em direção ao banheiro, decidindo que preciso de um banho frio. Ele me atrapalhou, confundiu meu cérebro ou algo assim.

Tiro minhas roupas e entro sob o jato frio, encolho-me por um segundo antes de me acomodar. O fato é que estou de luto. Não tenho muitas pessoas na minha vida. Eu estou longe de todos. Nesta pequena cidade, sou uma estranha. Com certeza, estou por aí há anos, mas nunca me sinto como se eu me encaixasse. Talvez porque não conheço as histórias de todos como os outros. Não ajuda que eu não saia do meu canto para aprender todas essas histórias também. Talvez tenha sido apenas outra forma de autopreservação. Estava preocupada que, se tentasse, eles não me aceitariam; então nem me incomodei. Eu tenho algumas pessoas com quem mantenho contato profissional, mas Ben tinha sido a única pessoa próxima com quem tive uma espécie de amizade. Ele era tudo que eu tinha nessas bandas e ele se foi. Poderia ter feito uma cara corajosa, mas estou sofrendo.

O fato de que tenho um estranho desejo de dar um tapa no filho dele e depois me jogar em seus braços, bem, eu acho que essa é apenas a minha maneira incomum lidar com o luto. Não tem nada a ver com interesse ou atração de verdade. E as chances são, de que depois do funeral, eu nunca mais veja Johnnie Walker Allen novamente.

Por que essa percepção me dá uma sensação estranha de que estou me sentindo completamente fora de mim.

Eu saio do chuveiro e coloco um vestido de algodão leve amarelo pálido. Pego água e despejo em um jarro gigante com uma caixa de saquinhos de chá. Abro a porta de correr de vidro, e saio para a varanda para ficar sob a luz do sol.

“Bom te ver aqui.”

Santo inferno.

Não posso escapar dele.

“Você vai me oferecer um pouco disso quando estiver pronto?”

Minha cabeça vira de repente, meus olhos arregalam. Ele não pode estar falando sério! Meus olhos pousam na varanda de Ben para ver Johnnie descansando na cadeira de Ben, seus pés apoiados no corrimão, Millie descansando satisfeita em seu peito.

“Não.”

“Ah, vamos lá. Agora isso não é muito de boa vizinhança, é?” Ele pergunta e toca em um ponto que sabe que impressiona numa cidade pequena: hospitalidade.

Infelizmente para ele, não fui criada no sul. “Você não é meu vizinho.”

“Baby, eu estou bem aqui ao lado.”

“Você não mora aí.”

“Não, mas vou ficar aqui.”

“Por quê? O ar está quebrado”, eu aponto.

“Sim. E vou ter que consertar isso. Ou talvez apenas ande nu”, ele acrescenta com um sorriso provocante. Não o imagino nu. Não. Eu nem sequer tenho um pensamento passageiro sobre se essas tatuagens nos braços dele estão ou não também no peito ou nas costas. A que está em

sua garganta, uma águia com as asas abertas em direção aos ouvidos, não me distrai toda vez que ele engole ou qualquer coisa assim. “O motel não aceita gatos, querida”, ele esclarece enquanto me esqueço de falar.

Eu ergo os meus olhos com um olhar culpado. “Vou ficar com Millie então”, digo automaticamente, encolhendo os ombros.

“Cuidado, Amelia, você pode machucar meu ego frágil”, ele ri, o som baixo e profundo.

“A última coisa que o seu ego é, é frágil”, digo, revirando os olhos.

“Você sabe o que eu acho, querida?”

“Não. E não me importo em saber o que você pensa também.”

Ele desenrola-se lentamente de seu assento, Millie pula para baixo com um *miau* alto e ofendido, e ele se move para o lado da sacada, onde quase bate contra a minha. “Eu acho que você tem a ideia errada sobre mim.”

“Difícilmente”, zombo, recusando-me a me afastar da minha posição, apesar dele invadir completamente o meu espaço. Se eu me inclinasse um pouco para frente, sentiria sua respiração na minha testa.

“Quer saber outra coisa?” Ele pergunta, seus olhos caindo em outra inspeção lenta que fez parecer que meu vestido se desfaz.

“Não.”

“Olhe para mim”, diz ele, estendendo os braços para me mostrar, presumivelmente, suas tatuagens. “Estou bastante acostumado a ser atingido por objetos pontiagudos. Querida, esses seus espinhos praticamente fazem cócegas.”

Eu respiro fundo. Essas palavras... elas significaram algo para mim. É bobo, mas depois de passar a sua vida percebendo que suas

bordas afiadas afastam as pessoas, é muito bom encontrar alguém que não é derrubado por elas. Infelizmente para mim, essa pessoa é alguém com quem não quero nada. *Meu terrível carma ataca novamente!*

“Não é nenhuma surpresa que alguém tão sem coração não sinta nenhuma dor”, digo, finalmente dando o muito necessário passo para trás.

A leveza brincalhona parece se esvaír de seu rosto, deixando seus olhos quase assombrados. Ele balança a cabeça enquanto me observa recuar em direção à porta do meu apartamento. “Que porra de veneno esse bastardo esteve te dizendo?” Ele pergunta, mas foi mais para si do que para mim e eu tomo isso como uma deixa para sair.

Fecho a porta e puxo a cortina, mas fico lá olhando para o contorno de Johnnie enquanto ele fica encostado no parapeito da varanda, olhando para frente. Não consigo me livrar daquelas palavras. Não consigo entender o modo como ele as disse, como se doessem, como se fossem *honestas*. Mas elas não podem ser. Ben não tinha sido nada além de bom pra mim. Uma vez, quando a torneira no meu chuveiro quebrou e a água espirrava em todos os lugares e eu não sabia o que fazer, ele veio correndo, bêbado como um gambá e a consertou para mim. E uma vez, quando eu quebrei dois dedos em um tombo numa corrida na floresta, ele insistiu em vir para jantar e cortar a minha comida para mim.

Tudo o que eu conheci de Ben Allen é bom e altruísta. Mesmo quando ele estava bêbado, não tinha nada além de palavras bonitas para mim. Havia um profundo poço de solidão nele que me atraiu, talvez porque correspondesse ao meu.

É absolutamente ridículo que eu esteja questionando minhas próprias opiniões baseadas em anos de evidência por causa de uma frase proferida por um homem que não conheço e cuja reputação dificilmente o recomenda.

Eu só tenho que fazer o meu melhor para evitá-lo até depois do funeral. Então ele iria embora e as coisas poderiam voltar ao normal.

KILLER

Savages #2

Jessica Gadziala

3

Amelia

Levanto cedo na manhã seguinte, visto outro vestido de verão branco e saio do prédio antes que os outros estejam de pé. Eu realmente não preciso estar no trabalho cedo, mas sempre há algo para fazer se você procurar. Além disso, até mesmo o trabalho chato no escritório é melhor do que ter outro encontro com Johnnie Allen. Fiquei a noite inteira perambulando no meu apartamento. Primeiro, porque ele fazia barulho em seu apartamento. Parecia que havia uma festa acontecendo mesmo sabendo que ele estava sozinho. Houve batidas e mais batidas. Então, é claro, houve a música estridente que fiquei chocada como a velha Aggy do outro lado do corredor, não se importou. Se eu deixasse minha televisão acima de um sussurro, ela batia na minha porta. Mas também, segundo, porque bem... não consegui impedir meu cérebro de pensar nele.

Eu me pergunto sobre o que o fez se levantar e partir um dia, e nunca mais olhar para trás. Pelo que entendi, ninguém nunca ouvia falar dele, exceto por um telefonema para sua avó no aniversário dela a cada ano (juntamente com algum tipo de presente extravagante, como se isso pudesse compensar sua ausência). Eu quero saber o que na Terra teria o levado a uma vida de crime. Ele parece relativamente bem ajeitado, calmo, relaxado. Sua figura não grita exatamente “assassino”, mas é exatamente o que ele é. É o que ele faz. Ele mata pessoas por dinheiro. E sério, e o que é aquilo do uísque? Ele está sendo irônico? É

algum tipo de piada porque Ben deu-lhe o nome de uma marca de uísque?

Durante todo o tempo que eu estive me virando na cama, não houve nenhum pensamento sobre o quão atraente ele é.

Não senti um arrepio no corpo inteiro com a memória dele tocando minha bochecha. Não me senti corar ao lembrar sobre o comentário da *bichana*. Não me perguntei como ele ganhou sua reputação com as mulheres; o que era capaz de fazer com elas. Não. Não. Não estava tão confusa.

Entro pela parte de trás do prédio, desço os velhos corredores de pedra e abro meu pequeno escritório, escuro e sem janelas. É realmente um lugar deprimente para se trabalhar. Nem mesmo a mesa branca e o tapete leve podem aquecer o lugar. Aperto o botão da máquina de café, sem adicionar grãos porque, bem, eu odeio café. Deixo água quente para o chá. Sim, chá quente... em agosto. Veja, não só meu escritório é figurativamente frio, também é literalmente frio; acho que porque fica no porão. Coloco um saquinho de chá em uma caneca e volto para a minha mesa, arrumando o tampo, por conta da minha compulsão. Eu gosto de ter as coisas em ordem. Na verdade, gosto delas não apenas em ordem, mas também organizadas por cores, ordem alfabética ou numericamente. Eu sou e sempre fui um pouco obcecada por controle. Um estudante de psicologia me disse uma vez que as pessoas que são obcecadas por ordem são assim porque é a única coisa em sua vida que elas podem controlar. Foi um comentário muito verdadeiro na época. Claro, não é mais assim, mas é um hábito que nem penso em abandonar.

Por volta da hora do almoço, ouço vozes no andar acima do meu. Não é incomum seja assim; as pessoas entram e saem o dia todo. Mas o que me chama a atenção é o fato de que as vozes soam agitadas e exaltadas. Levanto-me da cadeira e entro no corredor, tentando ver a escada abertamente. Quando as vozes parecem ficar ainda mais altas,

me vejo subindo as escadas, preocupada que qualquer um que esteja trabalhando no andar de cima possa estar com algum tipo de problema.

Eu empurro a porta e entro na parte da frente da igreja com um buraco no estômago. O padre Sanders está de pé no corredor entre os bancos da frente, erguendo as mãos como se estivesse tentando silenciar quem está gritando.

Essa pessoa é... oh, Senhor... Johnnie Allen. Claro, essa é apenas a minha vida.

“Você está levantando sua voz para um padre?” Eu me ouço perguntar enquanto entro no salão.

O sorriso de Johnnie está em seu rosto antes mesmo de levantar os olhos para me encontrar. “Ei, meu anjo”, ele diz, inclinando a cabeça para mim.

“Está tudo bem, Amelia”, diz o padre Sanders em sua voz rouca que sempre me incomoda. Ele sempre parece (porque ele é) desdenhoso comigo.

Olho dele para Johnnie, que usa outro par de jeans preto simples e uma camiseta branca com decote em V que mostra uma generosa quantidade de tatuagens que estão em seu peito, satisfazendo assim minha curiosidade inapropriada. “O que está acontecendo?” Pergunto a ele, ignorando a rejeição nada sutil do padre Sanders.

“Padre Sanders e eu estamos apenas... discutindo os arranjos do meu pai”, ele dá de ombros.

“E isso resultou em vozes elevadas... por quê?” Eu pergunto, mais do que um pouco chateada que alguém como ele, alguém que não procurou saber sobre Ben, fosse o único responsável por fazer seus arranjos finais.

“Amelia, isto é difícil...” Padre Sanders começa, mas é interrompido por Johnnie.

“Simplesmente não temos a mesma opinião sobre a minha parte no processo.”

“Sua parte?”

“Sim, veja... Eu pretendo ser o talão de cheques, querida”, ele explica calmamente. “O padre Sanders gostaria que eu carregasse o caixão e falasse alguma coisa no funeral. Eu aparentemente deveria dizer algumas palavras bonitas em sua memória.”

“E o problema é?”

“Querida, não tenho palavras bonitas para dizer.”

Eu solto um longo suspiro, acenando com a cabeça. Há honestidade lá, ele realmente sente que não tem nada a dizer sobre a pessoa encarregada pela sua própria existência. “Você não acha, Johnnie, que talvez seja hora de... perdôá-lo?”

O braço dele ergue-se, esfregando a nuca, um músculo pulsa em sua mandíbula em um sinal aparentemente incomum de raiva. Quando seu rosto volta ao meu novamente, não há nada de seu humor, de sua despreocupação.

“Vou te dizer uma coisa...” ele começa, sua voz tão baixa que sinto como se estivesse me esforçando para ouvi-lo. “Quando você passa sua infância engasgando com seu próprio sangue depois que seus dentes de leite são derrubados pela sua garganta, você não pode dizer que preciso perdoar aquele filho da puta, cara de anjo.”

Suas palavras pousam como um chute no estômago, tiram todo o meu ar violentamente. Não há nada além de emoção crua em suas palavras e, com um rápido olhar para o padre Sanders, que desviou o olhar desconfortavelmente, soube que é a verdade. Ben Allen havia

arrancado os dentes do filho. Sinto como se o chão estivesse cedendo sob meus pés, como se estivesse se desfazendo em pó.

“Ei”, a voz de Johnnie chama, parece preocupado, mas de longe. Tudo o que posso ouvir são os meus pensamentos em turbilhão, o bater do meu coração, o escorrer de sangue através dos meus ouvidos. “Amelia, ei”, ele diz, soando mais perto e minha cabeça se levanta para encontrá-lo bem na minha frente. Sua mão se move para agarrar meu cotovelo, segurando-o com força, como se estivesse tentando me impedir de cair. “Porra. Você está bem, querida?”

“Não pode usar este tipo de linguagem aqui dentro”, ouço o padre Sanders dizer, mas Johnnie o ignora, assim como eu também.

“Venha, sente-se”, ele diz, puxando-me para os bancos e me empurrando para a primeira fila. Ele se ajoelha na minha frente, seu rosto cheio de rugas de preocupação. “Você está bem? Quero dizer... Eu sei que meu charme pode fazer as mulheres se sentirem positivamente tontas, mas isso tudo é um pouco demais, você não acha?” Ele brinca, tentando aliviar a tensão que suas palavras deixaram no ar e em todas as moléculas do meu corpo.

“Eu acho...” Padre Sanders tenta dizer de novo.

“Que você deveria pegar um copo de água para ela?” Johnnie indica, seu tom de voz seco. “Sim, acho que é uma boa ideia.”

Padre Sanders bufa, mas se afasta.

“Isso é apropriado”, ele diz enigmaticamente quando ficamos sozinhos.

“O que?” Eu pergunto, respirando fundo para tentar aliviar o turbilhão dentro da minha cabeça.

“Você estar aqui.”

“Por quê?”

“Porque se há um lugar onde um anjo deveria estar, é em uma igreja.”

“Isso foi... brega”, eu me ouço dizendo, meus lábios se curvando.

“Sim, mas finalmente consegui um sorriso de você, não foi?” Ele pergunta, seus olhos brilhando com sua pequena vitória. “O que você está fazendo aqui?”

“Eu trabalho aqui”, dou de ombros.

“Você trabalha em uma igreja?” Ele pergunta, sem entender.

“Sim e não. Eu trabalho em um programa de ajuda que se reúne aqui.”

“Que tipo de programa de ajuda?”

“Alcoólicos e narcóticos anônimos.”

Ele não recua de surpresa e confusão como eu esperava. Ele balança a cabeça ligeiramente, e tem um sorriso fantasmagórico em seus lábios quando diz: “Não há nada anônimo em uma cidade tão pequena.”

“Não, e é isso que torna a recuperação em pequenas cidades ainda mais difícil. Todos estão observando você, apostando se você vai cair em tentação ou não.”

“Você tinha um carinho especial pelo meu pai”, ele meio que pergunta, meio que declara.

“Sim”, admito, mas a palavra parece venenosa na minha língua.

“Desculpe-me por ter feito isso com você, querida”, ele diz, apertando meus joelhos de sua posição agachada na minha frente. “Não achei que seria tão surpreendente. Não é nenhum segredo por aqui que meu pai era um bêbado furioso.”

“Eu o conhecia bêbado”, eu me encontro dizendo, precisando compartilhar. “Ele consertou meu banheiro quando quebrou. Ele mal podia ficar em pé, mas veio em meu resgate.”

Ele me dá um sorriso tenso e vazio. “Mesmo bêbado, ele nunca levantaria a mão para um rosto assim”, ele diz, sua mão envolvendo minha bochecha. Uma vibração se espalha pela minha barriga com suas palavras e tento o meu melhor para ignorar. “Não estava tentando arruinar suas ideias sobre ele, bebê. Eu acho que você e eu conhecemos dois homens diferentes que viviam na mesma pele, ok?”

“Ele realmente quebrou seus dentes de leite?” Eu pergunto, sentindo a água bem em meus olhos e tentando piscar furiosamente para longe.

“Foi há muito tempo, anjo. Não há necessidade disso”, diz ele, tirando a lágrima da minha bochecha.

“Aqui”, a voz do padre Sanders diz rispidamente, empurrando um copo de água em minhas mãos e terminando o momento entre mim e Johnnie. Pelo qual sou grata ou, pelo menos, tento me convencer de que sou grata.

“Obrigada, Padre”, digo, trazendo o copo até os lábios para tomar um gole. Não estou com sede e a água cheira muito a alvejante, mas eu preciso de outra coisa para me concentrar que não a suavidade nos olhos de Johnnie quando ele enxugou minhas lágrimas.

“Johnnie, quer terminar esta conversa no meu escritório?” Padre Sanders pergunta, sacudindo a cabeça para mim.

“Isso não é necessário”, diz ele, dando-me um último olhar longo antes de se levantar e encarar o padre. “Se você está com poucos homens, eu vou carregar o caixão e vou...”

“Você acabou de dizer que não ia ficar no culto”, interrompe padre Sanders.

“Parece que eu mudei de ideia”, diz Johnnie encolhendo os ombros.

“Então você vai dizer algumas palavras?”

“Não, mas acho que a Srta. Alvarado aqui merece a honra.”

“O quê? Não. Isso não seria apropriado...” Começo a me opor.

“Shh”, ele diz, balançando a cabeça. “Conte essa história do banheiro. As pessoas vão engolir isso.”

“Johnnie, eu não posso...”

“Você realmente quer que não haja ninguém de pé lá em cima dizendo algumas despedidas?”

“Mas ele não é quem eu pensei...”

“Bebê, ele era quem quer que fosse. Todo mundo sabe o meu lado desta história. Todo mundo conhece o seu próprio lado. Ninguém conhece o seu. Estou feliz que ele foi bom para você. E eles devem saber disso também. Então diga a eles.”

Eu quero recusar, realmente quero. Como eu poderia subir lá e dizer coisas boas sobre um homem que, durante a maior parte de sua vida, não foi o homem que eu conhecia e amava? Então, novamente, o que isso diz sobre mim? Eu deveria acreditar em segundas chances, em transformação da vida. Esse é o meu trabalho; Eu ajudo as pessoas a começar de novo; ajudo a reparar os danos que eles criaram por todos os anos que foram usuários. Seria hipócrita da minha parte me sentir tão diferente sobre Ben agora que conheço sua história sórdida. Porque ele admitiu seu problema e tentou corrigi-lo. Eu sei disso porque sei o quanto ele foi bom para mim. Então eu tenho que subir lá e dizer essas coisas. Eu preciso que as pessoas saibam que Ben Allen deixou a Terra como um homem diferente do que a maioria deles conheceu durante

sua vida. Eu lhe devo isso pelos anos de amizade que ele ofereceu a essa reclusa, solitária, espinhosa.

“Ok”, digo, acenando para os dois homens enquanto me movo para ficar de pé.

“Então está resolvido”, diz Johnnie ao padre Sanders, depois se vira para mim. “Então, está na hora.”

“Na hora?” Eu repito, sobrancelhas se unindo.

“Sim. Do almoço. Vamos embora.”

“O que? Eu tenho que...”

“Deixar-me levá-la para almoçar”, ele termina por mim, pegando o copo em minhas mãos e, sem mentira, empurra-o nas mãos do padre Sanders. Então ele estende a mão e *enrola meu dedo no mindinho dele* e começa a me puxar pelo corredor em direção à porta da frente.

Eu estou tão esgotada com o gesto que não penso em me opor até que já estamos do lado de fora, nos degraus da frente. “Eu, ah, eu preciso da minha bolsa”, tento estupidamente.

“Não está familiarizada com o conceito de ser levada para almoçar, hein?” Ele pergunta, balançando nossas mãos entrelaçadas enquanto caminhamos pela rua.

“Johnnie, eu realmente não acho...”

“Que há outro alguém no mundo com quem você prefira compartilhar uma refeição? Eu sei. Eu sou muito foda, fenomenal.”

Eu me sinto sorridente, mas balanço a cabeça para ele. “Isso é muito chato, sabe.”

“Meu charme?” Ele pergunta, virando-se para mim com uma piscadela.

“Você estar cortando minhas frases”, eu corrijo.

“Mas as minhas são muito melhores que as suas.”

“Como você sabe disso quando não me deixa terminar?”

“Porque eu sei que você está intrigada comigo. Você acha que eu sou interessante. E eu *sei* que você pensou em mim nu.” Com isso, sinto um rubor subir pelas minhas bochechas e ele dá um sorriso imenso. “Viu? Agora, porque eu sei que você se sente assim, e também sei que você vai fazer tudo ao seu alcance para tentar me calar.”

“E por que faria isso?”

“Porque você é inteligente”, ele diz simplesmente, abrindo a porta do restaurante para mim e soltando meu dedo mindinho. Sinto-me excessivamente triste pela perda do contato. Penso que ele acabou de falar, mas ele se move para trás de mim enquanto esperamos a anfitriã (Carol, uma mulher de mais de sessenta anos que se move com o passo de um caracol) para chegar até nós. As pontas dos dedos dele roçam meu quadril e sua respiração é quente no meu ouvido, fazendo um pequeno arrepio percorrer meu corpo. “E garotas inteligentes sabem que eu não sou nada além de problemas. Mas deixe-me dizer, anjo, valho o risco.”

“Johnnie!” Carol cumprimenta-o, ignorando-me completamente e, pela primeira vez, não me ofendo com isso.

“Senhorita Carol”, Johnnie se desarma quando pega a mão dela e a leva aos lábios, fazendo a mãe de cinco e a avó de quinze rir como uma colegial. “Você parece adorável hoje.”

“Oh, você”, ela sorri, golpeando seu braço enquanto se move para pegar o menu. “Mesa para dois?”

“Sim, senhora.”

Ela nos leva pelo restaurante cheio até uma mesa no centro. “Sinto muito pelo seu pai”, ela diz quando nos sentamos e coloca os cardápios na nossa frente na mesa.

“Obrigado”, é a resposta incomum de Johnnie.

“Bem, Jennie será sua garçonete. Oh, é tão bom ver você”, ela sorri, emoldurando o rosto dele com as mãos por um segundo antes de ir embora.

“O que foi?” Johnnie pergunta sobre seu menu quando vê meu sorriso.

“Essa coisa que você tem. Aparentemente funciona em fêmeas de todas as espécies, hein?”

“Essa... coisa que eu tenho?” Ele repete, sabendo muito bem o que quis dizer.

“Sim e eu a ouvi reclamar por uma hora sobre sua briga com Mindy Sue”, uma voz surge do ombro de Johnnie e chama minha atenção. Vem de uma mesa com uns caras de vinte e poucos anos, todos de jeans e camisetas com bonés de beisebol. “Então aquela puta de merda me coloca na *zona de amizade*?” Ele pergunta ao grupo que explode em apoio ao seu pobre amigo carente de sexo.

Sinto a raiva crescer por dentro, deixando minha pele arrepiada, fazendo-me querer estender a mão por cima da mesa e dar um tapa no seu rosto. Não apenas por usar a palavra puta, mas por supor que ser amigo de uma mulher poderia ser algo muito complicado.

A cabeça de Johnnie inclina-se para o lado enquanto me observa antes dele bruscamente recuar a cadeira e girá-la de modo que seu perfil fica voltado para os caras na mesa atrás de nós. Ele estende a mão e bate no ombro do que estava falando, fazendo-o virar levemente em sua cadeira para olhar para ele.

“O que?”

“Mulheres não trocam buceta por gentileza”, ele começa. “Pensar que ela lhe deve alguma coisa por não ser um idiota, *faz de você* um imbecil. Ela não é uma puta porque não quer seu pau, mas você com certeza é um idiota por chamá-la de puta só porque a garota tem alguns padrões que você obviamente não conhece.”

“Que porra sabe você sobre alguma coisa?” Um dos caras mais corajosos da mesa pergunta.

“Alguém que já teve mais bucetas do que qualquer um de vocês poderá ter. As mulheres podem sentir quando tudo o que você vê nelas são pernas e boca abertas. Você vai passar muito tempo nessa ‘zona de amizade’ de vocês, se não for mais esperto.”

“Cara, eu não sei quem diabos você pensa que é...” O boca grande começa, colocando as mãos na mesa e se inclinando para ficar de pé.

“Uh uh uh”, diz Johnnie, balançando a cabeça para ele. “Você não quer fazer isso.”

“Foda-se, seu otário. Eu vou te arrebentar.”

Oh, senhor. Os caras são grandes. Quer dizer, Johnnie não fica muito atrás, é alto e tem um tipo de força vigorosa, mas os idiotas musculosos têm bem mais do que cinquenta quilos de músculo, cada um. Além disso, há quatro deles.

“Você me ouviu, seu viado?” Ele pergunta, contornando a mesa em direção a Johnnie, pegando as costas da cadeira e a puxando-a para trás.

Não o vejo hesitar quanto à mudança repentina de posição e eu juro que sua mão se move tão rápido em direção à sua calça jeans, em seguida, de volta para cima que ficou tudo meio embaçado. Tinha que ter ficado borrado mesmo, pois em um segundo era apenas a mão nua,

no momento seguinte a mão dele está envolvendo o cabo de uma grande arma prateada que pressiona na parte de baixo da mandíbula do cara. É uma arma que reconheço. É a arma de Ben.

“Ouvi muito bem. Você me ouviu?” Ele pergunta, levantando a arma, completamente despreocupado com o restaurante cheio de pessoas.

“Sim... sim, cara... eu te ouvi”, o atleta assente com a cabeça, o suor jorrando na testa.

“Pensei que você pudesse ter-me ouvido. Agora eu sugiro que você tire suas estúpidas bundas caipiras daqui.”

“Claro. Claro”, ele concorda com a cabeça, seus amigos já de pé quando ele coloca a cadeira de Johnnie em pé.

“Deixe uma gorjeta para a sua garçonete”, Johnnie diz, voltando sua cadeira para mim enquanto coloca a arma de volta de onde estava escondida antes. Ele me dá um pequeno sorriso, aparentemente já esquecendo o incidente.

Enquanto isso, eu estou tremendo por dentro. “O que... o que foi isso?” Eu pergunto, irritada por minha voz soar pequena e assustada.

“Isso fui eu ensinando aqueles idiotas que eles não podem fazer de vítima alguém que eles desejem.”

“Você apontou uma arma em um lugar público”, digo, sentindo o medo desaparecer, deixando meu corpo cheio de adrenalina sem nenhuma forma de se dissipar, a não ser por meio da raiva. “E se ele não recuasse? Você estava realmente arranjando briga com uma arma carregada no meio de um restaurante?”

“Querida, eu sei como lidar com uma arma”, ele diz de um jeito que soa como se estivesse tentando acalmar as coisas.

“Oh, eu sei tudo sobre como você lida com armas”, digo, sentando na minha cadeira e cruzando os braços sobre o peito. Como eu consegui esquecer, mesmo que por apenas dez minutos que ele é, *o que* ele é... bem... isso está completamente além de mim.

A cabeça de Johnnie inclina-se para o lado, a sobrancelha levantada. “O que você acha que sabe?”

“Não *acho que* eu sei de nada. Eu apenas sei, simples assim. Seu pai me contou tudo sobre o seu pequeno trabalho.”

Há uma pausa embaraçosa, a confusão mascara suas belas feições por um longo minuto antes de ele se afastar. “Então você sabe que eu sou um sniper.”

“Snipers⁴ deveriam atirar pelo seu país, para proteger cidadãos inocentes. Você, Johnnie, não romantize isso, você é um *assassino*.”

Ele não recua. Ele não reage. É a pessoa mais imperturbável que eu já conheci, um traço que tanto invejo e de que me ressinto em proporções iguais. “Matador, huh?” Ele pergunta, parecendo divertido.

“É a palavra certa”, digo, levantando meu queixo.

“Como queira, carinha de anjo”

“Você é... impossível”, digo, colocando minha cadeira para trás para ficar de pé. Mas a mão dele estala e cobre a minha, pressionando-a contra o tampo da mesa. “Deixe-me ir, Johnnie.”

“Sente sua bunda linda e almoce, tente manter esse temperamento sob controle.”

“Quem você pensa que é para me dizer o que fazer com meus sentimentos?”

⁴ Atiradores de elite

“Alguém que os entende melhor do que você”, diz ele com um encolher de ombros.

“Como você poderia possivelmente conhecer meus sentimentos melhor do que eu?”

“Porque eu não sou o único que torce tudo para a raiva porque é mais fácil.”

“Mais fácil?” Eu pergunto, sentindo meu corpo tenso porque ele está certo; ele está tão certo.

“Sente-se”, ele diz, deslizando os dedos em volta da minha mão e apertando antes de me soltar.

“Por que eu deveria?”

“Porque, querida, você quer saber o que eu tenho a dizer.”

Ele não está errado. Por mais que machuque meu orgulho, puxo minha cadeira e me sento nela.

“Você foi... muito bom com essa arma”, Jennie, a ex-líder de torcida de dezoito anos de idade, cabelos loiros, grandes olhos azuis que se derramam enquanto se move até nossa mesa em seu horrível uniforme amarelo, um bloco e uma caneta pronta em suas mãos.

Meus olhos passam da boba e feminina admiração de Jennie para Johnnie, que dá a ela um sorriso, o qual me causa um gelo na barriga e ele nem está dirigindo-o para mim. “Obrigado, docinho”, diz ele. “Eu acho que vou tomar um chá doce, porque *alguém*”, ele diz incisivamente, acenando com a cabeça para mim “fez um pouco ontem e não me deu nada.”

O olhar de Jennie cai no meu, dispensando-me totalmente. “E para você?”

“Chá quente. Sem leite”, peço. Está quente como o inferno, mas eu estou me sentindo instável e o chá sempre tem um jeito de acalmar meus nervos.

“Eu já volto com seus pedidos”, ela diz a Johnnie com um enorme sorriso antes de se afastar, certificando-se de que suas costas balancem de forma provocativa enquanto faz isso, embora Johnnie não esteja olhando. Eu sinto um estranho tipo de prazer nisso. Ele não está olhando para ela, porque seus olhos estão em mim.

“Então, quem foi?” Ele pergunta, movendo seu menu para a borda da mesa.

“Quem foi o quê?”

“Mamãe ou papai com a bebida?”

Nossa. Ele é bom. “Mãe”, eu respondo honestamente.

“Sério? Teria apostado no papai.”

“Por que isso?”

“Porque, doçura, você tem ‘problemas com o papai’ escrito na sua testa.”

“O que? Não!”

“Claro que sim. É por isso que você se agarrou ao meu velho. É por isso que você sente que precisa manter um controle firme sobre o que está acontecendo conosco.”

“Não há nada acontecendo conosco”, eu me oponho.

“Viu? Bem aí”, ele sorri. “Você sabe que há algo aqui”, diz ele, apontando para o ar entre nós. “E isso a assusta, então você tenta ficar chateada e começar uma briga. É mais fácil para você ficar com raiva de mim, mesmo que seja uma raiva superficial baseada em nada, do que admitir que me quer.”

“Você pensa muito bem de si mesmo”, digo, agarrando-me à única parte de sua sentença que posso.

“Olhe nos meus olhos e diga que estou errado”, ele pressiona.

Meus olhos levantam desafiadoramente para os dele e minha boca se abre, mas eu não consigo empurrar as palavras para fora. Não sou uma grande mentirosa, e é exatamente o que estaria fazendo se dissesse que ele está errado.

Oh, inferno. Eu estou encrencada.

4

Shooter

Peguei ela!

Está bem ali em seus olhos sonolentos que parecem de repente arregalados; sua boca se separa ligeiramente nenhum som saindo. Não estava mentindo quando entrei em seu apartamento e disse a ela que a entendia. Eu entendo. Ela está coberta de espinhos que usa como um escudo para impedir que alguém veja o que há embaixo: uma mulher que é suave e doce o suficiente para pintar as paredes da sala de estar de um lilás pastel e mantém uma pequena coleção de globos de neve arrumados em um lugar de honra. Ela está com tanto medo de que ninguém veja isso, de entendê-la, que parece não ter feito nenhuma ligação na cidade, a não ser com meu pai. Ninguém sorriu ou cumprimentou-a enquanto caminhávamos pela rua; ninguém na lanchonete acenou para ela quando entramos. Ela é uma intrusa. E conheço essas pessoas suficientemente bem para saber que a aceitariam se ela se esforçasse; então, fica claro que ela nunca tentou. Ela mantém todos à distância.

Exceto papai.

Mulheres normais da sua idade não fazem amizade com seus vizinhos bêbados de meia idade. Mulheres normais da sua idade achariam a ideia assustadora, diriam que a única razão pela qual um homem assim ajudaria a consertar o problema do seu chuveiro seria porque queriam entrar em suas calças. E a julgar pelo jeito que ela ficou

KILLER

Savages #2

chateada quando insinuei que pertencia ao meu velho, sugere que a ideia de tal coisa nunca passou pela sua cabeça.

Malditos problemas com papai.

Há muitos tipos de 'problemas com papai'. Há as meninas que buscam o amor que nunca receberam de seus pais em todos os homens que cruzam seus caminhos. Elas são do tipo que se deitam com os homens após estes as chamarem de bonitas e lhes dizerem que têm muito potencial na vida.

Mas Amelia não é desse tipo. Amelia é do tipo que vê homens como rios furiosos e sabe que, se não for uma nadadora forte, jamais será capaz de manter a cabeça acima da água. Então ela mantém homens que considera como uma ameaça à distância, tentando ser o mais desagradável possível. E, para ela, eu sou um sinal de aviso intermitente.

O problema é que não sou de desistir tão fácil. E eu estou fodidamente interessado. Ela é diferente. Já conheci muitas mulheres na minha cidade. Eu gosto de garotas divertidas de todo tipo, das que sempre adoram uma foda e que mal me olham nos olhos depois. Profissionalmente, trabalho com as piores vadias da costa leste, cada uma delas forte como aço. Nenhuma foi capaz de continuar me chutando de volta para o meu lugar do jeito que a bomba de cabelos negros e olhos castanhos do outro lado da mesa pode. E gosto disso. Eu estou *intrigado* com isso.

Bem. Então, talvez eu esteja apenas procurando por uma distração. Estou louco para dar o fora deste lugar desde que meus pneus cruzaram os limites da cidade, no dia anterior. De uma ponta a outra da cidade, eu não tenho nada além de lembranças ruins. Cada centímetro do lugar está envolto pelos fantasmas do meu passado. Cada pessoa que olha para mim sabe quem eu costumava ser. Todos sabem sobre as contusões que costumavam encher meus antebraços. Todos

sabem como minhas costelas costumam ser aparentes no meu torso. Todos se lembram das brigas em que eu costumava me meter quando era adolescente, uma raiva deslocada rodopiando ao meu redor como veneno, fazendo-me bater com os punhos em qualquer um que ousasse olhar para mim do jeito errado.

É o pior sentimento possível para alguém que passou sua vida certificando-se de que ninguém soubesse sobre seu passado. Eu fui muito bem, quase me convencendo de que não era mais Johnnie Walker Allen. Que sou apenas Shooter. Eu sou um homem com uma arma firme e com o dedo no gatilho. Eu sou o cara que vai tomar cerveja e sai com a garota mais gostosa do lugar. Sou alguém muito descontraído e imprudente para coisas como arrependimentos e pontos doloridos.

Estar na minha cidade natal colocou longe tudo o que eu acreditava a meu respeito.

E analisar Amelia é uma maneira fácil de não ter que virar essa lente para mim.

Agora adicione o fato de que ela é a coisa mais linda que eu já vi na minha vida, sim estou interessado.

Inferno, quero passar mais tempo com ela, o suficiente para concordar em ficar para o funeral do meu pai. Isso são mais dois dias. Considerando que tinha toda a intenção de estar em um avião de volta a Navesink Bank naquele momento, isso é um grande negócio. Agora, se puder levá-la ao ponto em que ela não esteja constantemente tentando me manter a distância, isso será ótimo.

“Você não está errado”, ela admite após a mais longa pausa possível, uma pausa que foi longa o suficiente para a garçonete voltar e deixar nossas bebidas, dando-me um sorriso que sugeria que se eu quisesse conhecê-la depois de seu turno, ela estaria muito disposta. Ela é fofa e gostou de mim de uma maneira muito superficial “nós não temos esse tipo de você por aqui.” Mas ela é muito jovem e muito

ansiosa. Não, aparentemente eu preferia ser pego nos espinhos de Amelia.

Cristo, quando me tornei masoquista?

“Então podemos deixar de lado todo o *‘Eu quero você, mas não quero que saiba que eu quero que saiba’* agora?”

Ela revira os olhos, soltando uma longa respiração que soa suspeitamente semelhante a um suspiro. “Eu acho que você é charmoso, Johnnie. Eu admito isso. Mas isso é tudo. Não vai passar disso.”

“Por que não?”

“Um, porque eu mal te conheço. Dois, porque mesmo que eu quisesse te conhecer, você iria embora daqui a alguns dias. E três, eu simplesmente não estou interessada.”

“Bem, dois deles são verdade”, digo, dando-lhe um pequeno sorriso.

“Todos os três são verdadeiros”, ela insiste, mas falta a convicção que queria que tivesse.

“O que você faria se eu te beijasse agora?”

Sua cabeça vai para trás quase violentamente, seus olhos se arregalam quando olha em volta de nós. “Você não faria isso.”

“Não faria?” Eu pergunto, movendo-me um pouco para frente e inclinando sobre a mesa. Seus olhos permanecem nos meus e sua respiração fica rasa quando seus lábios se abrem ligeiramente. Eu sinto o canto dos meus lábios se contrair. “Você está certa”, digo, batendo com um dedo no seu nariz antes de sentar no meu lugar. “Quando tiver você, anjo, eu quero que seja em privado. E quero que você esteja completamente confortável para que eu possa te beijar lenta e profundamente e ouvir os pequenos murmúrios que você faz no fundo da sua garganta.”

Ela engole em seco uma vez, duas vezes, três vezes antes de sacudir a cabeça. “Não faço isso”, ela diz em um tom delicado e eu sei que ela está fantasiando sobre meus braços em volta dela, segurando-a apertado em mim enquanto a beijava até vacilar. “E você quis dizer *se*, não *quando*.”

“Eu quis?” Eu pergunto com uma piscadela antes de voltar minha atenção para Jennie, que está de volta para anotar nosso pedido. Não preciso olhar para o menu. Um rápido passar de olhos e percebi que era exatamente o mesmo de quando saí da cidade. Então, peço o BLT com uma porção de anéis de cebola.

Amelia pede um queijo grelhado e segura um sorriso quando Jennie se afasta. “Bem”, ela diz no meu olhar interrogativo, “isso resolve tudo.”

“Resolve o que?”

“Você definitivamente não vai me beijar depois de comer anéis de cebola”, diz ela, deixando o sorriso escapar e o efeito é tão ofegante que meu peito fica tenso. Ela não parece ser o tipo de pessoa que acha motivo para sorrir muitas vezes, mas foda-se se o resultado de um não é como um pontapé nas bolas.

“Querida, eu poderia comer uma cebola crua inteira e você ainda me deixaria te beijar.”

“Você é ridículo”, ela se opõe e, de repente, não há mais frieza em seu tom.

Nossa comida chega alguns minutos depois e comemos num silêncio confortável. Eu, muito lentamente, levo um anel de cebola até a boca e faço uma demonstração de como comê-lo, fazendo uma pequena risada subir entre seus lábios.

“Eu tenho que voltar ao trabalho”, diz ela enquanto joga o dinheiro na mesa. “Já estive fora por muito tempo.”

“Padre Sanders parece já ter um ressentimento contra você, então foda-se ele.”

Ela solta um riso sem humor. “Não sou só eu. Ele não gosta de nenhuma das mulheres por aqui.”

“Sim, bem, é difícil ser legal com mulheres que você quer, mas não pode enfiar seu pau dentro delas.”

“Oh, pelo amor de Deus, Johnnie. Ele é um *padre!*” Ela se opõe, soando meio escandalizada.

“Eu perdi alguma coisa? Eles começaram a castrar os padres agora?” Pergunto quando a levo pela porta da frente. “Porque se não, ele ainda tem um pau e o desejo de usá-lo, não importa o quão perto esteja de Deus.”

Ela me dá um pequeno encolher de ombros e posso dizer que quer encontrar uma razão para brigar comigo em minha opinião, mas não tem nenhuma. Talvez seja porque sabe que não tem mais nenhum bom motivo para fingir que me odeia; ou talvez seja porque ela não sente o desejo de proteger o homem que obviamente não gosta dela. “Vamos lá, eu vou te levar de volta”, digo, passando um dedo por baixo da alça de seu vestido de verão antes de deixá-lo descer pelo braço nu. Seu corpo inteiro se contrai e, apesar do ar quente do lado de fora, arrepios sobem em sua pele.

“Não, realmente. Está tudo bem. Eu entendi”, diz ela, afastando-se do meu toque. “Obrigada pelo almoço. E, hum... obrigada por colocar os idiotas em seu lugar também. Eu odeio essa coisa de homens mesquinhos.”

“Percebi”, digo com um pequeno sorriso.

Ela se move para ir embora, mas se vira de novo. “Você realmente estava falando sério?”

“Quando disse o que, querida?”

“As coisas que você disse para eles. Como... sobre a zona de amizade ser um absurdo e mulheres significarem mais do que pernas e boca aberta.”

“Claro que sim”, digo imediatamente, falando sério. “Bebê, eu gosto de mulheres. Não gosto apenas do jeito como elas podem chupar meu pau ou me montar. Gosto do pacote inteiro. Nem todos os homens são idiotas assim. Nem mesmo cães no cio, galinhas, mulherengos, vagabundos como eu.”

Seu rosto fica ligeiramente sério. “Sobre isso”, ela começa incapaz de encontrar meus olhos. “Não queria...”

“Eu estava *brincando com* você, querida. Eu gosto de uma mulher que é confiante o suficiente para me colocar no meu lugar de vez em quando. Agora volte para o trabalho. Eu te vejo por aí.”

Ela assente com a cabeça e se vira, seus movimentos quase desajeitados e eu não posso deixar de rir enquanto a observo ir.

“Ela é a garota mais bonita da cidade, mas não dá a nenhum de nós uma hora do seu dia”, diz uma voz atrás de mim. “E acredite em mim, cara, alguns de nós nos esforçamos um pouco para chamar sua atenção. Você está de volta à cidade por um dia e já a levou para almoçar e ela está tão confusa que tropeça em seus próprios pés se afastando de você.” Sua voz soa divertida e provocante e eu me viro para encontrar um rosto familiar.

“Não pode ser”, digo, balançando a cabeça, um sorriso se espalhando pelo meu rosto. “Você nunca deu o fora deste lugar, Dade?”

Ele parece diferente. Claro que parece; não via seu rosto desde os quinze anos. Quando fugi, ele ainda estava todo desengonçado e magro, apesar de comer comida suficiente para abastecer uma pequena aldeia. Como homem, ele é todo maciço de músculos e inflexíveis. Seu

rosto está preenchido, sua mandíbula bem delineada coberta de uma barba clara que combina com o cabelo da cabeça dele. Seus olhos azuis claros têm pés de galinhas nos cantos, sem dúvida, de olhar para o sol o dia todo.

“Não, cara. Papai ficou doente, não podia mais trabalhar. Eu assumi as coisas no rancho. Fiquei preso aqui. Nunca pensei que te veria de novo.” Sua voz mostra uma sugestão de emoção que eu sinto puxar de dentro de mim.

Dade era a única pessoa que eu tinha nessa cidade de merda. Ele foi o único que olhou para as minhas bizarrices e achou que *eu parecia um bom amigo*. Ele não estava errado. Nós tínhamos um laço que a maioria das pessoas nunca conseguia manter. Isso foi até que parti numa noite quando tinha quinze anos e nunca mais disse uma palavra para ninguém na cidade, incluindo meu único amigo no mundo.

“Deus, eu sou tão fodido”, digo, balançando a cabeça para ele enquanto seu rosto se espalha em seu habitual sorriso despreocupado.

“Sim, sim você é isso”, ele concorda com um encolher de ombros. “Não acha que guardei isso contra você, sabe? Sabendo com que merda você estava lidando com aquele seu velho?”

“Ainda assim foi um movimento de merda. Eu deveria ter entrado em contato. Pelo menos, deixar você saber que eu estava vivo.”

“Isso seria uma coisa boa. Mas acontece, sabe? O passado e tudo mais. Seguir em frente... como diabos você a faz sorrir para você desse jeito?”

“Você sempre teve ciúmes de todo rabo que eu conseguia”, digo com um sorriso.

“Eu nunca conheci ninguém mais, que a cidade inteira não gostasse tanto, mas que de alguma forma poderia deixar todas as calcinhas caírem.”

“Não era minha culpa você ser tão feio, cara.”

“Foda-se”, ele diz, empurrando meu ombro de um jeito antigo e familiar. “Eu consigo me dar bem agora. Exceto com Amelia. Todo homem que tentou, falhou. Mesmo aquele idiota rico que é o dono daquele edifício dela.”

Eu tento manter meu tom casual. “Idiota rico?” Minha cidade natal tem algumas famílias ricas, aquelas que moram nas enormes e antigas casas nos arredores da cidade. Mas eles são todos tão velhos.

“Sim. Ele se mudou para cá há dois anos. Ele a notou e começou a farejar em volta. Às vezes ela sai com ele, embora eu não ache que queira alguma coisa com ele. Ele a leva para algum lugar extravagante fora da cidade, e em seguida, de volta pra casa. Dizem que ele nunca entrou em seu apartamento. Porque o pobre filho da puta continua insistindo está além da minha compreensão.”

“Você tem ficado de olho nela”, digo com desdém, não gostando de dizer isso. É verdade que ela é linda, mas ela é mais que isso. Ela é um pacote inteiro. Não é necessário dizer que eu não sou o único cara que viu que havia mais a oferecer do que apenas a sua aparência. “Então, como está a vida? O rancho? Sua mãe?”

“O rancho está indo bem, tendo mais lucros do que nunca, uma vez que tirei o lugar da idade da pedra e fiz um site e tudo. Mamãe está bem. Ainda vive um momento difícil por causa da morte do papai...”

“Porra”, eu meio que gemo, sentindo-me como o maior idiota do mundo. “Sinto muito pelo seu pai. Não fazia ideia.”

“Faz cinco anos”, ele diz, acenando como se fosse água debaixo da ponte. Ele para por um minuto, olhando para o outro lado da rua antes que seu olhar venha para o meu rosto novamente. “É realmente bom ver você, Johnnie. Sempre me perguntei onde você acabaria.”

“Um pouquinho em todo lugar. Eu viajo a trabalho. Mas moro em Jersey. Tenho uma boa vida.”

“Se alguém merecia uma boa vida, cara, é você depois de tudo que passou...”

Eu me sinto dando de ombros. “Faz muito tempo”, digo, sabendo que não estava enganando nenhum de nós. Há algumas feridas metafóricas que nunca cicatrizam totalmente, não muito diferentes das literais, como a dor profunda que ainda sinto no meu braço esquerdo que foi quebrado quando eu tinha 10 anos num dia de chuva, quando meu pai o agarrou até quebra-lo.

“Olha, eu tenho que voltar ao trabalho, mas você e eu precisamos tomar umas cervejas antes de você ir embora daqui.”

“Claro que sim”, concordo e ele aperta minha mão com força enquanto aperta a outra no meu braço, antes de se virar e correr para sua grande caminhonete vermelha.

Eu odeio admitir, mesmo para mim, que Dade foi uma lembrança turva para mim por um longo tempo. Tanto tempo passou; tanta merda havia acontecido. Mas no passado ele foi o único conforto que eu tinha quando o meu pai estava bêbado e via o meu corpo jovem como um saco de pancada e a minha avó me dizia que o meu lugar era em casa com o meu pai, quando aparecia na porta dela assustado e com fome. Ela me aceitava em sua casa e me dava comida, mas depois me enviava de volta pra casa do meu pai quando ele estivesse dormindo ou no trabalho, sendo um estorvo na vida de alguém.

Ele foi o único que não olhou para mim com pena quando viu os vergões e contusões. Ele foi o único que tentou ajudar o pequeno estranho e fazer sua vida razoavelmente melhor.

Mas na noite em que fugi, virei as costas para tudo o que Johnnie Walker Allen era. Daquele dia em diante ele deixou de existir. Suas

memórias eram coisas que enterrei profundamente e disse a mim mesmo para nunca desenterrar. Dade se foi com essas memórias.

No início, porque não havia tempo para me preocupar com as pessoas que deixei em casa. Eu tinha apenas um tanto de dinheiro e não tinha como ir de um lugar para outro. Estava constantemente com medo e com fome. Mas essas eram coisas que eu já estava acostumado, então continuei. Até que um dia me encontrei dormindo encostado na parede de um edifício apenas para ser acordado por alguém chutando meus pés.

Essa pessoa acabou sendo Breaker. E naquele dia comecei a ser alguém de novo. Eu era o Shooter. Eu era o melhor amigo de Breaker. E era o parceiro dele. Eu era um bem valioso. Não era mais um abandonado e nem causava pena a ninguém.

Então minha cidade, minhas memórias, meu velho melhor amigo... caíram em meio a todo o resto, todos a quem eu substituíra. Isso me faz soar como uma pessoa egoísta, mas Dade estava certo quando disse que se alguém merecia uma nova vida, esse alguém era eu. E não ficaria do lado de fora do restaurante o dia inteiro me sentindo culpado por fazer essa escolha por mim mesmo. Eu fiz o que precisava para sobreviver, seguir em frente, sair de uma situação de merda. Então me mantive nesse caminho.

Mas eu também ia tomar algumas cervejas com meu velho melhor amigo antes de voltar à cidade.

Volto para o apartamento depois de passar algum tempo completando os arranjos do meu pai e dirigindo pelas estradas antigas, atormentando meu cérebro tentando descobrir exatamente como meu pai sabia sobre o meu trabalho. Ninguém sabe sobre o meu trabalho, exceto amigos íntimos e outras pessoas no negócio. Mesmo que ele

tivesse bisbilhotado, não tenho ideia de como descobriu essa informação.

Eu passo a noite na casa do meu pai procurando algo pudesse nomear como incriminatório e que contradissesse a história que Amelia contou-me – que ele estava sóbrio, e que era bom pra ela e para outros ao redor.

Reviro nos armários, procuro por tábuas soltas, derrubo móveis. Não encontro nada. Não há garrafas de bebidas alcoólicas escondidas em nenhum lugar, nada, exceto a arma que eu peguei e enfiado na minha calça jeans, já que nunca me sinto bem sem ter uma arma comigo.

Acabo dormindo no sofá, embora tenha trocado os lençóis da cama, mas estava muito desconfortável com a ideia de dividir o espaço com o fantasma do meu pai. O ar condicionado está funcionando depois que consertei com xingamentos e umas marteladas, levando o calor e deixando o meu humor um pouco menos irritado. “Oi, Millie”, cumprimento a gata enquanto ela se esfrega em minhas pernas e ronrona em saudação. “Que porra que eu vou fazer com você quando precisar voltar para casa? Você quer sair desta cidade do sertão?” Eu pergunto, abaixando para pegá-la. “Eu vou te levar se você prometer não me arranhar”, digo, indo para o banheiro e girando a água no frio. Largo Millie, tiro minhas roupas e pulo sob o jato frio que realiza duas tarefas ao mesmo tempo: lava o suor desse calor insano com que todas as outras pessoas parecem não ter problema em lidar e ajuda a aliviar o pior caso de bolas azuis eu já tive.

Não que nunca tivesse sido rejeitado antes. Eu gostaria de dizer que sou irresistível e meu histórico certamente apoia essa merda, mas eu já encontrei mulheres que me viram chegando a uma milha de distância e que atiraram em mim sem pausa, porra. Já quis mulheres que não pude ter. Mas ninguém me deixou tão duro quanto Amelia conseguiu cuspiendo fogo em mim, picando-me com seus dentes, dando-

me seu raro e pequeno sorriso, sua risada silenciosa, apenas porra... por existir.

Então, curvo meu corpo, agarro meu pau e acaricio com força, tentando aliviar um pouco da frustração que faz minhas bolas parecerem como se estivessem apertadas o dia todo.

Dois dias. Não seria muito tempo. Bem, quer dizer... normalmente só levo alguns minutos, na pior das hipóteses... algumas horas. Não via problema em levá-la para a cama; afastar-me da cama e seguir em frente é que seria um problema. Isso é totalmente novo para mim. Claro que tinha tido mulheres aqui e ali que precisei de uma repetição ou duas ou cinco. Mas foram necessidades superficiais, apenas corpos que se conectavam bem. Não é isso que estou sentindo com Amelia. Parece algo mais. Parece que eu quero subir na cama com ela e fodê-la até que ambos estejamos quase inconscientes, então ficaríamos acordados e conversando sobre nossos passados, presentes e futuros.

Não quero apenas transar com ela.

Eu quero passar um *tempo* com ela.

Eu quero saber mais do que as finas fibras de seus lençóis ou a curva nua de seu quadril. E quero saboreá-la, e não apenas o sabor de sua pele. Quero provar o sabor agri-doce de suas esperanças e sonhos. Eu quero ficar bêbado com a sua honestidade. Quero tocar os rios quentes e úmidos de suas memórias. Quero ouvir o zumbido amargo de seus arrependimentos. Quero conhecer o cheiro de sua felicidade. Depois, quero me enterrar profundamente sob suas paredes e abraça-la com tanta força que ela nunca mais precisaria ter que se proteger.

Tudo isso, bem, não ia acontecer em dois dias. Não ia acontecer em duas semanas ou dois meses ou dois anos.

Mas, de alguma forma, ainda é o que quero.

Eu a quero do mesmo jeito como sei que quero respirar de novo; o jeito como quero compartilhar uma piada com Breaker de novo; o jeito como quero provocar Alex; o jeito como quero fazer as pazes com Dade.

Eu quero isso com uma certeza que vai além de algo casual.

E, bem, essa é a coisa mais assustadora que já fiz na minha vida.

KILLER

Savages #2

5

Amelia

Eu me sinto apática depois do almoço. Volto para o meu escritório e sento-me à mesa, folheando os formulários que preciso preencher para continuar a receber o financiamento estatal para o programa. Sabe, os formulários que me mantêm empregada. Mas não consigo me concentrar. Olho para as páginas por tempo suficiente para que as palavras comecem a nadar e se tornem ilegíveis. Em um humpf frustrado, recolho os papéis e jogo-os na minha gaveta de cima, descanso meus cotovelos na superfície da mesa e embalo a minha cabeça nas mãos.

Não quero gostar dele, nem mesmo depois de descobrir que ele tinha boas razões para estar bravo e ser rancoroso com seu pai. Não quero deixá-lo entrar. E, percebo com uma clareza que faz o almoço no meu estômago revirar, aparentemente não tenho escolha no assunto. Ele fez uma rachadura e deslizou para dentro. Eu sei exatamente o momento em que isso aconteceu; quando ele me contou sobre seus dentes de leite. Não pude deixar de pensar em um jovem Johnnie, aqueles grandes olhos verdes no rosto de um menininho, sangue saindo de sua boca, Ben se afastando dos ferimentos do filho para enterrar a memória no fundo de uma garrafa.

O que isso diz sobre mim, que eu goste de alguém por causa do seu trauma?

Uma parte de mim sussurra dizendo que eu tinha algum trauma próprio, mas ignoro aquela voz.

A atração é um problema. Além de ele ser excitante, ele é o melhor e doce charlatão que já conheci. Eu o quero. Eu o quero como nunca quis um homem antes. Mas isso não significa que planeje ceder. Se ele tivesse me beijado na lanchonete, bem, teria cedido. Mas eu estava toda empolgada por ele colocar aqueles babacas em seus lugares e sua habilidade de ver dentro de mim. Agora, com um pouco de espaço entre isso, vejo com mais clareza.

Porque, bem, ele é um maldito *assassino*. Ele mata as pessoas para ganhar a vida!

Então, mesmo que realmente o queira, ele é a opção menos apropriada.

Não preciso me envolver em seu tipo de escuridão. Minha vida está finalmente livre de escuridão. Não iria de bom grado cair de volta nisso. E, bem, ele vai embora daqui a uns alguns dias. Não sou o tipo de mulher que tem uma ou duas noites. Não é assim que me conecto, eu não faço sexo casual. Mas novamente, nunca tive nada de complicado. Na verdade, eu nunca tive *nada* com homens.

“Augh”, rosno, pego a minha bola de stress em forma de globo e a arremesso-a contra a parede.

Então faço algo que nunca fiz. Pego a minha bolsa e saio do trabalho mais cedo. Veja bem, eu gosto do meu trabalho. Eu gosto de saber que tenho um propósito. Gosto de me concentrar em outra coisa que não seja o meu apartamento vazio onde passo muito tempo limpando já que literalmente não tenho mais nada o que fazer com o meu tempo.

Por mais mundano e monótono que toda a documentação possa ser às vezes, é algo para se fazer. Nós realizamos quatro reuniões toda

semana, indo contra minha crença de que é preciso haver uma reunião por noite para que as pessoas possam completar seu processo de recuperação. Como as pessoas da cidade deveriam fazer suas noventa reuniões em noventa dias se nós não oferecêssemos esse serviço? Mas, infelizmente, isso não depende de mim. Isso depende do padre Sanders. E o padre Sanders acredita que duas reuniões por semana para alcoólatras e duas reuniões por semana para narcóticos são mais do que suficientes.

Esta noite seria a primeira reunião de alcoólatras anônimos desde que Ben morreu. Seria difícil para mim e para as pessoas do grupo. Se houvesse um dia para sair mais cedo e me recompor, esse é o dia. Eu empurro a ilusão de culpa para longe quando subo no meu carro e volto para o apartamento.

Eu paro por um momento fora da porta de Ben. Ok, paro por pelo menos um minuto inteiro antes de entrar no meu próprio apartamento. Ando de um lado para o outro, inquieta, caminhando entre a sala de estar e a varanda. Não há nenhum som de Johnnie do outro lado da parede. Teria achado que ele não está aqui se não tivesse visto o carro dele lá fora, uma vez que não faz barulho algum. Não estou totalmente certa da razão pela qual estou fazendo isso, talvez como uma desculpa por ter sido desagradável com ele, ou talvez por querer ter um encontro com ele num futuro próximo, vou para a cozinha e pego um pouco do meu chá doce para ele e um pedaço de pão de banana que fiz no dia anterior e os coloco em um prato coberto com plástico e vou para o corredor.

Estou meio curvada em direção ao chão, onde planejava deixar o prato e a jarra quando a porta se abre, fazendo-me gritar e quase perder o equilíbrio. Minha cabeça se ergue quando me endireito para ver Johnnie parado ali, sorrateiro em seu jeans preto, mas totalmente desprovido de uma camisa. Eu repito: *ele não está de camisa*. E o que quer que eu tenha inventado na minha cabeça sobre como ele deveria parecer

sob suas roupas, bem, isso se desfez tão rápido que chega a ser hilário. Suas tatuagens não apenas serpenteiam seus braços e cruzam seu peito. Não, suas tatuagens cobrem cada centímetro de pele da garganta até o cóis da calça jeans. Há imagens vívidas e coloridas que sei instantaneamente que poderia passar horas estudando, tentando memorizar cada linha, passando meus dedos pelos músculos fortes por debaixo delas.

“Ei, anjo”, sua voz chama, leve, baixa, quase... um gemido. Meus olhos sobem para os dele, vendo um leve traço de sorriso em seus lábios e calor em seus olhos. Oh, *Deus*. Ele totalmente me pegou checando-o. Ótimo. Isso é maravilhoso. Ele teria um dia de lazer com isso. “Isso é para mim?” Ele diz com o seu tom ainda suave.

“O quê? Oh”, digo, olhando para minhas mãos estupidamente. “Sim. Um... um pedido de desculpas por ter sido tão mal-educada ontem”, digo, pressionando-os para frente para tentar fazê-lo levá-los para que eu pudesse correr de volta para o meu apartamento e me jogar humilhada na minha cama. Mas suas mãos não alcançam. Em vez disso, ele recua um passo para deixar espaço na porta, um convite silencioso para entrar. “Eu só vou colocar isso no balcão. Realmente preciso ir...” Então eu poderia, sabe, me chamar um monte de nomes horríveis em particular.

A porta clica quando coloco os itens no balcão e percebo o meu erro em virar as costas para ele. Porque em um momento, ele está do outro lado do apartamento, ao lado da porta, e no outro, toda a sua frente está colada contra o meu corpo. Sua mão desliza ao redor da minha barriga, enviando um choque de desejo através do meu sistema, estabelecendo-se com uma sensação pesada no meu baixo ventre. Sua outra mão move-se para acariciar meu cabelo ao lado do meu pescoço e posso sentir seu hálito quente ali.

“O que você está fazendo?” Eu sussurro, minhas mãos se curvando com força no balcão.

“Dizendo obrigado”, ele responde em voz alta e sinto seu nariz roçar bem debaixo do lóbulo da minha orelha.

O alarme de advertência dispara no meu cérebro: *perigo perigo perigo*. E apesar do desejo repentino pulsar entre as minhas pernas, sei que preciso prestar atenção. Eu preciso ficar longe dele porque estou a segundos de desistir.

“De nada”, digo sem fôlego, girando para fora do seu abraço e correndo pelo apartamento para longe dele, para longe da necessidade de ir direto para ele, implorar para que me agradeça de todas as maneiras sujas e safadas de que seria capaz.

Minha mão está na maçaneta quando ele prende o meu pulso. E usa isso para me virar, agarrando meu outro pulso e puxando-os sobre minha cabeça, fixando-os na porta atrás de mim. Seu corpo empurra para frente e pressiona o resto de mim contra si. Acontece mais rápido do que eu poderia respirar e cada centímetro de mim parece de repente como se estivesse zumbindo.

“Johnnie...” Minha voz soa como um apelo, mas se é para ele me soltar ou me beijar, bem, isso está em debate.

“Você me deixa pegando fogo, bebê, então você vem aqui com pãozinho, sendo toda doce e pensa que pode sair sem ser beijada?” Ele pergunta e, de tão perto que posso ver a minúscula bola prateada de seu piercing de língua e me pergunto como seria a sensação dela em minha língua e, bem, *outros lugares*.

“É uma má ideia...” Eu me oponho, mas pouco convincente. Na verdade, é bem hesitante. OK. São apenas palavras vazias, sem nenhum sentimento envolvido.

“São meus favoritos”, ele sorri levemente, observando o meu rosto enquanto lentamente, tão friamente, abaixa o rosto para o meu. Minha respiração fica presa em algum lugar sob minhas costelas, a sensação

faz meu peito apertar, fazendo-me sentir tontura. Bem, talvez seja a proximidade com Johnnie que esteja me dando tonturas. Cada centímetro da minha pele parece estar implorando por mais contato, embora ele já esteja colado contra mim dos joelhos ao peito. Eu estou querendo mais. Quero suas mãos correndo pelas minhas laterais, pelas minhas costas, por cima da minha barriga. Eu quero senti-las aliviar um pouco da dor no meu núcleo. "Não se precipite, querida", diz ele, com a voz arrastando-se de volta para um sotaque sulista e me pergunto se isso é algo que acontece quando ele está excitado.

Seu nariz roça o meu, um simples toque não erótico, mas causa arrepios no meu corpo. Meus olhos se fecham lentamente, meu rosto ligeiramente inclinado para cima em convite. Sinto que passa uma eternidade, como se o tempo tivesse sido suspenso. Então sinto seus lábios pressionarem os meus e bem, valeu a espera. Com meus braços presos sobre a cabeça, com uma pressão que deve deixar um hematoma, mas eu estava faminta à espera disso. Não há nenhuma pressão em seus lábios. Ainda assim, eles enviam uma corrente pelo meu corpo. Meus braços lutam contra a restrição enquanto sua língua traça a junção dos meus lábios. A minha boca abre e a sua língua move, acariciando a minha e provocando com o piercing uma sensação estranha e excitante, cheia de promessas. Ele se afasta de repente e os seus lábios voltam a tomar os meus novamente.

Eu choramingo e sinto sua boca sorrir contra a minha por um segundo. Suas mãos soltam meus pulsos, seus dedos dançam na parte inferior sensível dos meus braços antes de rastejar pelos ombros até o meu pescoço, segurando meu queixo com as duas mãos enquanto o beijo se aprofunda. Meus braços caem pesadamente ao meu lado por alguns segundos antes de deslizarem para cima por vontade própria, descansando no espaço onde seu corpo desaparece sob o cóis da calça jeans em seus quadris. Meus polegares percorrem o profundo V de seus músculos, depois sobem pelos lados, por cima das costelas. Eu quero mais. Eu quero tocar cada centímetro dele. Minhas mãos deslizam em

torno de suas costas até sua espinha, agarram seus ombros por trás e afundam, puxando-o para mais perto de mim.

Posso sentir a sua ereção pressionada contra a minha barriga, e uma parte primitiva, desesperada de mim, implora para esfregar contra ela, para mostrar-lhe a evidência do caos entre as minhas coxas que ele não pode ver ou sentir, mas não é menos intenso, não menos exigente de realização. Seus dentes mordem meu lábio inferior, tiram um gemido do meu corpo, o som ecoa no interior do meu crânio, fazendo-me voltar, fazendo-me ver o que é aquilo; que foi: muito longe, muito rápido. A mensagem leva um momento para alcançar meus lábios, então o beijo de volta como se fosse tudo, como se fosse tudo o que nós teríamos quando minhas mãos deslizam de volta para suas costas e sobre suas costelas até que pousam em seus quadris e começam a empurrar para trás.

Seus lábios suavizam nos meus, apenas pequenos beijos em minha boca antes dele lentamente se afastar, seus polegares roçam as maçãs do meu rosto. Meus olhos se abrem lentamente, sentindo-os sobrecarregados com desejo, desejo tão profundo que juro que penetrou na minha medula. Seus profundos olhos verdes são intermináveis poços de promessas das coisas que eu queria que ele seguisse adiante.

E essa é a razão exata pela qual ele não pode.

“Uh oh”, ele diz, sua cabeça tremendo ligeiramente.

“O que?” Eu pergunto, irritada com a falta de ar da minha voz. Por que não posso soar não afetada? Por que não posso apenas fingir?

“Você e aquelas paredes de hoje, querida. Estou vendo você as construindo de volta.”

“Não”, digo imediatamente, balançando a cabeça. “Não, isso foi apenas um pouco... rápido”, meio que minto. Não pareceu muito rápido. Na verdade, meu corpo está me pedindo para me despir e

deixá-lo se afundar em mim. O fato é que Johnnie é perigoso. Não tem nada a ver com o seu trabalho ou o seu passado. No entanto, tem tudo a ver com o fato de que em apenas um dia ele conseguiu fazer algo que os outros homens trabalharam semanas ou meses e nunca conseguiram — comecei a me importar. E isso é perigoso. Não me importava, mas agora que o fiz eu me importo profundamente. Não posso importar-me profundamente por Johnnie porque ele é um trem desgovernado. Ele deixaria a mim e a esta cidade tão rápido quanto suas rodas poderiam girar. Não posso simplesmente passar uma noite com ele e vê-lo partir como se nada tivesse acontecido.

Isso é novo para mim, mas sei, pela simples prova que eu tive dele, que vou querer mais. Eu quero tudo. E não posso ter isso. Então preciso parar as coisas antes de irem mais longe.

“Tudo bem”, diz ele, olhando meu rosto como se estivesse captando alguma coisa. Mas então suas mãos caem do meu rosto e ele se afasta. O ar condicionado me atinge com força total, fazendo minha pele ficar espinhosa e eu esfrego minhas mãos pelos meus braços. Johnnie volta para a cozinha, tendo pouco trabalho para desembrulhar o pão de banana (principalmente porque arranca a embalagem como um urso). Ele leva uma fatia até a boca e empurra metade para dentro, fechando os olhos em um gemido baixinho. “E ela sabe *cozinhar*”, diz ele, aparentemente para si mesmo.

Há uma sensação fria no meu estômago enquanto eu o observo.

Não consigo nomear esta sensação no início, vendo-o se mexer e pegar um copo no armário e se servir do chá doce. Ele toma um longo gole, faz um estranho barulho de rosnado. “Não tive isso em tanto tempo”, diz ele, dando-me um sorriso de agradecimento. E então eu entendo. Eu reconheço algo nele que tinha, até agora, sido totalmente incapaz de abrir. Não há um centímetro de Johnnie que fosse guardado, que ele protegesse ou guardasse em segredo. Ele usa tudo na manga —

desde a atração que sente pelo prazer da comida que eu lhe dei. Há apenas... muita honestidade em tudo o que ele faz.

Enquanto isso, parece que tudo sobre mim é um segredo envolvido em uma mentira.

Ele é tudo de bom para todos os meus maus.

Ele é muito melhor que eu.

“Anjo”, ele interrompe e eu nem notei que ele me observava, estou tão absorta em meus próprios pensamentos. “Qual é o problema?”

“Nada”, digo, forçando um sorriso. Outra mentira para esconder um segredo. Uma de suas sobrancelhas se levanta como se pudesse ver dentro de mim e eu procuro algo para dizer. “Eu estava apenas... pensando sobre o trabalho. Tenho uma reunião hoje à noite. É a primeira vez desde que o seu pai...” Eu paro, tomando fôlego. “Não vai ser fácil.”

Johnnie olha para os pés por um segundo, balança a cabeça, ainda sem acreditar em mim. Quando seu olhar encontra o meu, vejo a determinação lá. “Eu vou te decifrar, querida. Você pode querer arrancar meu pau por isso, mas ainda vou fazer isso.”

“Não há nada para decifrar”, digo, meus pés finalmente lembrando como funcionam e me afasto da porta para que eu possa abri-la. “Aproveite o seu pão de banana”, murmuro, fechando a porta e corro de volta para o meu apartamento.

Eu caio apoiada na porta pelo lado de dentro, minha mão se move para tocar meus lábios sensíveis dos beijos. E fico assim por um longo tempo, rolando a memória de sua boca uma e outra vez na minha cabeça, apesar de saber que tudo o que estou fazendo é adicionar mais gravetos ao fogo e tenho certeza que minha calcinha está a segundos de explodir em chamas.

Obrigo-me a me afastar da porta, fazer algo para comer e vestir algo mais apropriado para a reunião: calça jeans capri escura e camisa branca de babados.

Eu estou mais do que um pouco envergonhada em admitir que realmente olho pelo meu olho mágico antes de sair para o corredor, apavorada que pudesse encontrá-lo e, eu não sei, apenas arrancar minha roupa e implorar para ele me tomar ou algo assim.

A reunião é como eu esperava. Isto significa que é deprimente como o inferno. Todos se sentam e compartilham suas histórias sobre Ben Allen. Algumas são sobre as coisas loucas em que ele se meteu quando estava bêbado, mas muitas são sobre o que ele fez desde que ficou sóbrio.

Então as cabeças começam a tremer, os olhares caem ao chão enquanto as pessoas pensam como é injusto que agora que ele finalmente tinha conseguido ter a sua vida de volta, ser interrompido por algo tão indiscriminado quanto um ataque cardíaco. Dali em diante o tom baixa, todos imaginam quanto tempo teriam que compensar, para reparar o dano que o vício causara.

Tento manter as coisas otimistas, concentrando-me em como Ben havia recuperado sua vida, como *todas* aquelas pessoas haviam recuperado as coisas, sobre como dois anos limpos e sóbrios são melhores que outros vinte, confusos demais para ver como suas ações estavam afetando todos ao seu redor. Mas o fato da questão é: o sentimento negro do grupo começa a se infiltrar na minha pele também, deixando-me triste e essa tristeza me acompanha até o meu carro e de volta para o meu apartamento.

Na tarde seguinte seria o velório de Ben. Na manhã seguinte, o seu funeral.

Pisco as lágrimas que começam a ameaçar cair de meus olhos enquanto caminho para o corredor em direção ao meu apartamento. De repente, a porta do apartamento de Ben se abre e, admito, uma onda de alívio inunda meu sistema. Se alguma vez houve um momento que precisei de um pouco do charme alegre de Johnnie, é então. Mas eu paro de repente, meu pequeno coração patético começando a bater forte contra minhas costelas.

Porque não é Johnnie na porta, é uma mulher.

E ela é, bem, ela é linda. É alta e magra e eu quero dizer magra, com coxas pelas quais eu mataria. Sou rosto é delicado, quase como o de uma boneca com uma pele impecável de porcelana, olhos castanhos profundos e cabelos de mogno que estão ligeiramente úmidos em seus ombros, presumivelmente de um banho.

Bem, então.

Quero dizer, não deveria estar chateada ou surpresa. Ele é um galinha e isso é o que fazem. Eles dormem com todas. Uma mulher é tão boa quanto qualquer outra.

“Oi”, ela diz, olhando-me estranhamente e provavelmente com um bom motivo. Quer dizer, eu estou fixamente olhando para ela.

“Ei”, digo, assentindo levemente e passando rapidamente em direção ao meu apartamento.

Eu entro e fecho a minha porta, tirando as roupas enquanto me movo pelo apartamento até que estou apenas com meu sutiã e calcinha e rastejo lentamente para a minha cama, dobrando-me ao meio e deixo escapar o soluço que consegui segurar por horas.

Ben está morto. E o Ben que eu conhecia e amava é o mesmo Ben que batia e quebrava os dentes de um menino e sabe Deus o que mais fez com ele. A única pessoa que eu tinha na cidade foi embora. Seu filho me fez sentir algo, em seguida, substituiu-me por outra morena apenas algumas horas depois.

Sim. Isso parece certo.

É assim que minha vida é — pilhas intermináveis de porcarias que tenho que fingir que não fedem quando me esquivo delas para que ninguém possa dizer nada. Que boba sou eu em pensar que poderia haver algo diferente.

Minhas mãos cobrem meu rosto como se pudesse silenciar os sons dos meus gritos com elas.

Mais dois dias. Eu só preciso passar mais dois dias e as coisas poderiam voltar ao (um pouco) normal.

6

Shooter

A batida vem cerca de quinze minutos depois que ouvi Amelia sair para sua reunião. Uma parte de mim pensa que talvez seja ela, voltando para me dizer por que tinha se fechado para mim depois do melhor beijo que eu já tive. E deixe-me dizer, eu extrapolei minha cota de beijos.

Sei muito bem disso, com um nó de ansiedade nas minhas entranhas caminho até a porta e a abro.

Apenas para encontrar Alex e Breaker ali, parecendo cansados de viajar e infelizes por causa do calor. É verdade que temos verão em Jersey. Mas o calor não tem nada a ver com o calor do sul.

“Tudo o que eu sei é que Alex tem que estar certa sobre você estar precisando de amigos ao seu lado ou eu vou ficar fodidamente chateado por estar nesta cidade de merda. Quero dizer, onde diabos fica o supermercado?” Pergunta Breaker, que sinceramente não entende o conceito de cidade pequena.

“Tem um WalMart a duas cidades daqui”, digo com um pequeno sorriso. É bom vê-los. Significa que fizeram exatamente o oposto do que eu lhes disse que eu queria, só porque ficaram preocupados comigo.

“Jesus Cristo”, Break suspira, olhando em volta.

“Nós pensamos que você já estaria de volta a esta altura”, diz Alex, encolhendo os ombros. “Quando você não apareceu, decidi que precisávamos vir para o Sul. Você sabe... apenas no caso de você precisar de nós.”

Meu humor levemente azedo é adocicado com suas palavras. Veja, a coisa sobre Alex é, ela ficou sozinha desde que sua mãe se suicidou quando ela tinha apenas dezesseis anos. Morou em um orfanato por um tempo antes de ficar farta e ir viver sozinha, lentamente aprendeu habilidades como hacker, a fim de derrubar o homem que ela considerava responsável pelo suicídio de sua mãe. Até que Breaker a encontrou, era reclusa e introvertida com medo de se aproximar das pessoas, aterrorizada por estar viva. Então, o fato de que em apenas alguns anos ela passou daquela garota triste e solitária para uma mulher que ama Break, eu e Paine tão profundamente que pularia num piscar de olhos quando pensasse que um de nós poderia precisar dela. Sim, significa muito para mim.

“Eu sempre preciso de você, docinho”, digo, possam entrar.

Breaker olha em volta, as linhas se formando entre os olhos como se algo não estivesse fazendo sentido para ele. “Você tem certeza que o teu pai estava morando aqui?”

Conhecendo-o por tanto tempo, eu sei que ele quer dizer mais do que isso. Ele quer dizer que parecia um lugar muito legal para um alcoólatra derrubado. “Aparentemente, ele estava limpo há dois anos”, digo, fechando a porta.

“Nenhuma merda?” Ele pergunta, inclinando a cabeça para o lado, observando-me.

“Oh, olhe para você!” Alex diz, parecendo animado e me viro para encontrá-la se movendo em direção a Millie, que estava empoleirada no final do balcão.

“Bebê, eu não...” Eu começo, mas mesmo quando digo isso, sua mão se move para acariciar a cabeça da gata e a pata de Millie se move para fora e arranha seu braço.

“Ow!” Ela grita, pegando o braço de volta quando Breaker ri. “Qual é o seu problema?” Ela pergunta à gata, parecendo genuinamente ofendida.

“Você tem um gato agora?” Breaker pergunta, sorrindo para mim enquanto puxa o braço de Alex para inspecioná-lo.

“Parece que sim. Ela só gosta de homens, querida, não se ofenda.”

“Bem”, ela diz, pegando a mão de Breaker e olhando para mim. “Como isso vai funcionar?”

“Como vai funcionar?”

“Com uma porta giratória de garotas entrando e saindo do seu apartamento?” Ela pergunta com um sorriso provocante.

“Cale a boca”, digo, puxando uma mecha de seu cabelo enquanto passo por ela para a cozinha. “Vocês querem um chá doce ou pão de banana?”

Ouçoo o “Bro” de Breaker e vejo o sorriso de Alex, dou de ombros e pergunto “O que?”

“O que está acontecendo? Uma vez você nos ofereceu água da torneira e as umas batatas fritas velhas que estavam na parte de trás do seu armário que tinham gosto de papelão”, diz Alex, perigosamente perto de rir. “Agora você vem até aqui e de repente você tem chá doce e pão de banana recém-assado? Precisamos nos apressar e tirar você daqui antes de começar a fazer filés, bolinhos fritos de frango e comprar uma caminhonete.”

Eu sorrio, balançando a cabeça, não me incomodo em dizer-lhes que um verdadeiro bife de frango frito é um presente dos deuses. “É da

minha vizinha. Um pedido de desculpas por ser desagradável comigo ontem.”

“Uma garota foi desagradável com você? Não acredito”, Alex pisca para mim quando Breaker passa o braço em volta dos ombros dela, dando-lhe um pequeno aperto.

“Ela foi conselheira sobre os abusos de bebida do meu pai.”

“Ela deve ter amado o uísque que você enviava para ele.” Breaker ri.

“Oh sim. Ela estava bem furiosa sobre isso”, eu concordo. “Então vocês querem dormir aqui? O quarto é de graça. Eu prometo que não vou ouvir vocês transando”, digo diretamente para Alex porque sei que serei recompensado com um rubor de vergonha enorme. Não fico desapontado.

“Não, Shoot. Nós temos um quarto naquele motel na estrada. Não queríamos te incomodar. Achei que você poderia ter pessoas que você precisasse ver, garotas vizinhas que você precisava foder...” Break diz, dando-me um sorriso de conhecimento.

“Estou trabalhando nisso”, digo com um encolher de ombros.

“Trabalhando nisso? Você nunca teve que trabalhar para isso antes”, objeta Alex.

“Nunca conheci alguém como ela antes”, digo antes que possa pensar nisso.

“Oh, porra”, Break ri, jogando a cabeça para trás. “Sério? Por favor, me diga que ela não é uma donzela em perigo. Acho que todos nós já tivemos o suficiente dessa merda com Lea e Summer e Lo e Janie e Alex...”

“Não fui uma donzela em perigo!” Alex imediatamente se arrepia.

“Boneca, você estava muito fodida”, objeta Breaker.

“Você me *sequestrou*! Eu estava indo muito bem sozinha. Não estava em perigo até você me *colocar* em perigo!”

“Sério que nós vamos brigar ‘sobre esse assunto’?” Break pergunta, parecendo divertido como sempre quando ele e Alex entram em uma discussão, o que é frequente. “Eu estava lá, lembra? E sobre o grande vilão que queria usar suas habilidades e depois estuprar e matar você? Você se lembra dele? Aquele que me pagou para sequestrar você? Que manteve Shooter em um porão durante dias? Que matou seu amigo? Acho que se você se encontrava no radar dele, significava que você estava com alguns problemas sérios.”

“Eu estava lidando com essa merda! Atirei em um *cavalheiro* em perigo? Não. Ele era apenas um cara em uma situação. Pare de ser tão machista, seu gigante, dor na...”

“É a discussão da comida chinesa outra vez...”, diz Breaker, balançando a cabeça.

“Não tem nada a ver com isso! É sobre você ser presunçoso...”

“E a briga sobre o maiô...” Break continua, intencionalmente tentando cutucar a raiva dela.

“O maiô foi só por você pensar que poderia me dizer o que vestir!”

“Eu prefiro você nua”, diz ele, tentando dizer isso em voz baixa, mas Break tem uma voz que nunca consegue ficar baixa.

“Vocês têm certeza que não precisam usar o quarto? Trabalhar um pouco desse vapor?” Eu ofereço.

A respiração de Alex fica presa em algum lugar entre uma risada e ela balança a cabeça, abaixando os olhos para Breaker. “Não sei por que você tenta me irritar o tempo todo.”

“Claro que sim”, diz ele, dando-lhe um sorriso que a faz corar. “Posso deixá-la com você enquanto vou comer alguma coisa e fazer o check-in no motel? Tudo por aqui fecha às sete.”

“Eu vou tomar um banho”, Alex me diz com um encolher de ombros. “Eu me sinto nojenta.”

“Precisa de alguém para esfregar suas costas?” Eu pergunto com um sorriso.

Um tapa me acerta na parte de trás do pescoço. “Porra”, diz ele de bom humor e se dirige para a porta. “Volto em uma hora ou mais.”

Assim que a porta se fecha, Alex se vira para mim com um sorriso ansioso. “Então me fale sobre essa garota...”

Breaker e Alex partem por volta das dez da noite, depois de compartilhar comigo comida gordurosa e velhas histórias de guerra. Eu meio que esperei por uma batida na minha porta depois da reunião de Amelia, mas não houve nada.

Na manhã seguinte, levanto-me e me visto com calça preta e com uma camisa social preta. Eu uso meus sapatos com solado tratorado por puro despeito e vou até a funerária para o velório. Não quero estar lá. Não quero ter que ficar lá em cima e ter multidões de pessoas sem fim apertando minha mão e me dizendo que sentem muito pela minha perda. Todas as pessoas que ficaram paradas enquanto meu velho batia em mim quase diariamente. Não quero a porra da simpatia deles.

Mas eu vou e fico de pé com a minha avó, o braço dela segurando o meu, só me soltando para jogar os braços em volta das pessoas, querendo mostrar o quanto estava arrasada com a morte do

filho. Breaker e Alex sentam no fundo da sala em cores escuras, parecendo totalmente deslocados e os olhos de todos pousam sobre eles interrogativamente.

“Isto é ridículo”, ouço atrás de mim quando finalmente consigo uma pausa para conversar com Breaker e Alex. Todos nós três nós viramos para encontrar Dade parado ali de preto, balançando a cabeça para mim. “De jeito nenhum você deve ficar lá em cima para apertar as mãos de todas aquelas pessoas”, ele esclarece, apertando a mão no meu ombro por um segundo antes de deixá-la cair. “Essa merda deve ser para sua vó. Ela gosta da atenção o suficiente.”

“Dade” falo, gesticulando para Break e Alex, “esses são meus amigos: Breaker e Alex. Pessoal, esse é meu amigo de infância, Dade.”

É estranho apresentá-los. Parece que partes diferentes de mim estão se encontrando pela primeira vez. Os outros parecem completamente sem palavras e apertam as mãos.

“Não pense que escapou ao meu conhecimento que você não prestou seu respeito ao seu pai”, a voz da minha avó diz ao meu lado, baixa, irritada e desaprovadora.

“Com todo o respeito senhora”, começa Dade, surpreendendo-me, “não acho que ele deva nada a esse homem.” É verdade que ele havia me defendido quando criança, quando adolescente. Mas isso sempre foi para os merdinhas quando estudávamos juntos, nunca para os mais velhos. Nós dois sabíamos isso melhor do que ninguém. Eu acho que as coisas mudaram quando ele cresceu. Porque ninguém, *ninguém, jamais* falou com a minha avó desse jeito.

“Dade Murphy!” Ela sussurra para ele. “Como você pode dizer uma coisa dessas? Eu vi você no velório do seu pai. Você caiu ao lado do caixão dele.”

Sinto uma faca girar dentro de mim com aquela informação, sabendo que não estive lá com ele. "Sim, senhora, eu caí. Mas meu pai nunca quebrou meu braço em dois lugares", diz ele, seus olhos desafiando-a a contradizer o fato.

E, claro, ela tenta. "Ele caiu de uma árvore!" Ela se opõe, recitando a história que me fez dizer ao hospital quando ela me levou.

"É mesmo? Então explique os hematomas em forma de dedos que ele tinha em seu pulso quando apareceu em minha casa depois do hospital."

Porra. Isso ia ficar feio se eu não pusesse um fim.

Apesar de sentir as palavras rançosas na minha língua, levantei minhas mãos para eles. "Tudo bem. Eu vou subir", digo e encolho os ombros para o sinal de cabeça que Dade estava me fazendo.

"Quer que eu vá com você?" Alex pergunta, tocando meu braço.

"Não, docinho, eu cuido isso", digo, afastando-me do grupo e caminhando pelo corredor. Eu me sinto mais pesado a cada passo. Faz tanto tempo desde que eu o vi. Seu rosto estava borrado nas bordas da minha memória. Lembro-me dele em partes estranhas e fragmentadas: a mão fechada em torno do gargalo de uma garrafa de uísque, os nós dos dedos machucados me atingindo, o cinto, o vazio nebuloso de seus olhos que eram da mesma cor que os meus, do jeito que o cabelo dele ficava gorduroso quando ele estava bêbado. Esqueci como ele era como um todo. Eu respiro fundo e dou o último passo, descansando minha mão na lateral do caixão e olhando para dentro.

As peças se encaixam de novo, dando-me a imagem de um homem que foi a pior parte da minha infância. Ele parecia mais velho, rugas que eu não reconhecia em seus olhos, grisalhos em suas têmporas, mais finos sem todo o açúcar da bebida. A maquiagem deu à sua pele

uma tonalidade quase laranja e seus lábios estavam com um vermelho rosado natural. Mas era o meu pai.

Esperava sentir um soco de dor no lado. Mas isso não aconteceu. Tudo o que senti foi uma espécie de aceitação resignada. Esse é o fim de tudo. Não haveria pontes reparadoras, nem reconciliação, nada. Acabou.

Eu me movo para mudar de posição e algo brilhante chama minha atenção, algo escondido entre o braço e o corpo dele. Curioso, me abaixo e pego, puxando-o com uma torção estranha no estômago. É um globo de neve. Não só é um globo de neve, mas é um globo de neve do Maine. Isso é de onde Amelia é. Não tenho que saber para *saber* disso. Ela colocou seu globo de neve mais importante lá com meu pai, aquele que guardava todos os seus segredos, como talvez meu pai também fizesse. Porra.

Eu coloco de volta onde ela o colocou, puxando a manga dele para escondê-lo melhor, então me viro. Eu estou aqui há horas, esperando ela mostrar seu rosto. Mas ela não apareceu. Eu estou certo disso. Ela não está lá.

Afasto-me do caixão, caminhando em direção à parte de trás da sala, onde o agente funerário está em seu terno cinza, seu rosto uma máscara em branco. “Amelia esteve aqui?” Eu pergunto, não me importando se as pessoas fariam de meu interesse por ela.

“Engraçado que você pergunte isso, filho”, ele diz, parecendo de repente interessado. “Ela veio aqui uma hora antes do culto e pediu-me que a deixasse prestar seus respeitos. Nós geralmente não deixamos, mas você deveria tê-la visto...”, ele diz, balançando a cabeça quase tristemente.

“Eu deveria ter visto?”

“Sim. Olhos todos inchados, bochechas manchadas de lágrimas. Não acho que vocês se importariam se ela prestasse seus respeitos em particular. Eles eram próximos, sabe.”

“Sim. Não, senhor, eu não me importo nada. Com licença.”

Por que ela sentiu a necessidade de aparecer cedo e pedir favores? Por que ela não veio e prestou seus respeitos como todos os outros fizeram?

Eu me pergunto essas coisas, mas principalmente o que eu realmente estou imaginando, mas fingindo que não, é por que ela não quis me deixar ajudá-la em sua dor.

Sim, não quero pensar nisso porque não faz o menor sentido.

Houve um segundo momento (desnecessário) de velório depois do jantar e, quando arrasto minha bunda de volta para o apartamento, estou esgotado demais para ir até a casa de Amelia, como tinha planejado. Não há razão. Eu a veria brilhante e cedo no funeral na manhã seguinte. E falaria com ela então.

A igreja está cheia dez minutos antes do serviço começar. Sento-me na primeira fila com a minha avó, tentando não revirar os olhos toda vez que ela enxuga os olhos completamente secos. Atrás de mim estão Breaker, Alex e Dade, todos respeitosamente silenciosos. Não vi Amelia, mas eu também não tinha feito um show de esticar a cabeça por cima do ombro para olhar ao redor. O Padre Sanders continua a ler sem parar, lendo passagens, dirigindo-se à congregação, falando sobre o céu e o perdão, enquanto minha avó faz sons de soluços ao meu lado.

"... Amelia Alvarado gostaria de dizer algumas palavras...", ele diz, fazendo meu cérebro se afastar enquanto minha cabeça se ergue para vê-la saindo da sala dos fundos em um simples vestido preto e sapatilhas pretas. Seu cabelo está trançado de lado e cai em direção aos seios, simples e elegante. Não consigo enxergar bem seus olhos à distância, mas eles têm a aparência distinta de inchaço que, ou significa insônia ou lágrimas, ou ambos.

Ela limpa a garganta um pouco desajeitada ao pisar no púlpito, olhando para a multidão com um tipo de ansiedade palpável, até que seu olhar recai sobre um grupo em direção às minhas costas, pessoas que presumo que pertençam ao seu grupo, são parte da sua zona de conforto. Ela fala diretamente para eles.

"Não conhecia Ben como muitos de vocês. Não tinha esse tipo de história. Mas quando me mudei para o apartamento ao lado dele, senti algo nele, algo que eu reconheci em mim mesmo, uma necessidade de alguém que nos entendesse, que nos *compreendesse*. Ele não estava no seu melhor momento, como muitos de vocês sabem, mas isso não o impediu de olhar para mim. Ele costumava abrir a porta quando eu estava voltando para casa do trabalho e me lembrava de trancar a minha. E uma vez, quando meu chuveiro quebrou e a água espirrava em todos os lugares, ele veio correndo e o consertou para mim. Então ele pôs a sua vida de volta nos eixos e fez as pazes com alguns dos seus erros. Nem todos eles", diz ela e, de repente, seu olhar pousa no meu. É apenas por alguns segundos, como se ela não pudesse olhar para mim por algum motivo. "Mas ele estava tentando. Olha só, eu acho que por não saber da sua história, eu conheci o homem que ele sempre quis ser. E esse homem era gentil e generoso, determinado a fazer o que é certo. Ele era...", sua voz quebra levemente e sua mão sobe para pressionar sua testa por um minuto. Eu agarro o banco para me impedir de correr até lá e colocar um braço ao redor dela. Sua dor é uma coisa palpável, reverbera de seu corpo e me cerca. Um segundo depois, ela respira fundo, balançando a cabeça como se quisesse limpá-la. "Ele era meu

único amigo de verdade e eu me sinto realmente abençoada por ter conseguido tê-lo em minha vida. Obrigada”, diz ela, apertando os lábios enquanto voa do altar e desaparece no quarto de onde emergiu.

Padre Sanders levanta-se novamente, faz uma oração e chama os carregadores, inclusive eu, Dade e, por incrível que pareça, Breaker. Não sei como ele conseguiu isso, mas de alguma forma fez isso acontecer. Ele realmente é meu irmão. Talvez não pelo sangue, mas por tudo que importa.

O cemitério é velho e inexpressivo, com uma mistura espinhosa de marrom e verde. Meu pai será enterrado em um terreno ao lado de seu pai, longe do local onde minha mãe foi enterrada. Eu acho que de alguma forma se encaixa. Ela escapou dele na vida, quem iria condená-la a uma eternidade ao seu lado?

O cortejo chega e Alex se afasta da multidão e fica ao meu lado, pegando minha mão na dela. Eu acho que ela está vivendo através de uma memória antiga, o funeral de sua mãe, mais do que o do meu pai. Eu aperto sua mão com força, olhando em volta para todos reunidos. A morte traz todos para fora da carpintaria, até mesmo seu antigo patrão que odiava suas entranhas. A poucos metros de distância, minha avó está chorando lágrimas de crocodilo, em voz alta, apoiada por um grupo de suas amigas.

Entretanto na minha frente, está Amelia. E não há nada falso ou chamativo sobre sua dor, suas lágrimas silenciosas e intermináveis que ela nem se incomoda em enxugar. Seus ombros caem cada vez mais à medida que o cortejo se arrasta, suas pernas parecendo não querer mais carregar o fardo de sua dor quando se inclina um pouco para frente, com os braços ao redor de sua barriga.

Padre Sanders termina e todos lentamente começam a se afastar e eu solto a mão de Alex, indo direto para Amelia, cujo corpo treme com soluços violentos.

“Anjo, ei...” Eu começo, estendendo minha mão para descansar em seu braço, querendo puxá-la para perto e abraçá-la, tentando roubar um pouco de sua tristeza.

Mas todo o seu corpo se sacode com o contato, sua cabeça se inclina para mim antes que se afaste e comece a correr o mais longe possível de mim.

“Vamos, Johnnie”, minha avó diz, chegando até mim. “Nós temos que voltar para a minha casa. Todo mundo vai se reunir lá em breve.”

Eu me afasto dela, meu coração se sentindo apertado. “Sim, senhora. Eu só... eu preciso fazer algo primeiro.” Com isso, e nenhuma palavra para nenhuma das pessoas que realmente *importam*, eu caminho para o meu carro e luto contra o tráfego que literalmente fode a todos na cidade em minha missão de voltar para o prédio e verificar como está Amelia.

Demoro cerca de meia hora antes de estacionar e sair do carro, arrastando-me pelas escadas. Vou até a porta dela, girando a maçaneta sem pensar duas vezes, sabendo que estaria destrancada. Eu ando pelo seu apartamento, seguindo o som de seus gritos até o quarto onde a encontro deitada no centro da sua cama, enrolada de lado em uma bola em cima dos cobertores, com as mãos cobrindo o rosto. Tiro meus sapatos e me movo para o lado da cama, ficando atrás dela e enrolando meu corpo ao redor do seu, um dos meus braços passa por baixo da sua cabeça, o outro enrola em volta da sua cintura, apertando-a com força. Meu rosto se aninha em seu pescoço enquanto ela me deixa abraçá-la.

Parece interminável, quanto tempo ficamos lá assim até que ela tem sua miséria completamente drenada.

Ela funga por um longo tempo, enxuga os olhos antes de lentamente tentar se virar nos meus braços. Eu solto o aperto e deixo-a, acariciando um pouco de cabelo que escapou da trança e caiu no rosto dela, colocando-o e atrás da orelha dela. “Você está bem, querida?”

Seus olhos se fecham por um segundo enquanto respira fundo. Quando eles se abrem novamente, há um calor que reconheço, mas pensei que estava interpretando mal até que ela abre a boca para falar. “Faça-me sentir melhor, Johnnie”, ela diz, sua mão deslizando para trás do meu pescoço e puxando meu rosto para o dela.

7

Amelia

Acordo cedo, com o rosto arranhado e irritado pelas lágrimas e olhos inchados meio fechados. Levanto-me e me visto, decidindo que preciso passar na funerária antes que todos aparecessem. Talvez pareça um movimento covarde, de ir lá cedo e não enfrentar Johnnie. E bem, em parte é isso. Mas, mais ainda, eu simplesmente não gosto da ideia de sucumbir na frente das pessoas. Minha dor não é uma mercadoria pública. Eles não têm o direito de comprar e vender meus sentimentos. Não quero que eles se sentem na casa da mãe de Ben e comam mini sanduiches, fofocando sobre se eu estava chorando o suficiente ou demais, especulando sobre que tipo de relacionamento eu *realmente* tinha com o falecido. É impróprio e repugnante e eu não quero nada disso.

Então me visto com uma saia e camiseta preta, pego um globo de neve e saio pela porta. O globo de neve não é algum tipo de piada interna ou segredo entre amigos. O globo de neve representa uma parte da minha vida que guardei de todos; uma parte de mim mesma que só me senti confortável o suficiente para compartilhar com Ben. Ele conhecia todos os cantos escuros e teias de aranha dos armários cheios de esqueletos do meu passado. E, sinceramente, sinto como se estivesse enterrando a capacidade de compartilhar essas coisas com Ben. Então, é apropriado enterrá-lo com o globo de neve do estado em que eu cresci.

KILLER

Savages #2

Depois que saio da funerária, vou direto para o meu escritório, precisando de um lugar onde possa ser objetiva e não me incomodar. Eu tenho que escrever meu discurso para o funeral. E, francamente, vai levar muita reflexão. Meus sentimentos sobre Ben estão em todo lugar. Porque, apesar de conhecer algumas das coisas horríveis que ele havia feito com o filho, eu ainda não consigo evitar o fato de que eu o amava. O que isso diz sobre mim? Eu sou uma pessoa louca por amar alguém que foi capaz desse tipo de crueldade cega? Ou, talvez, seja uma pessoa maior por aceitar os erros do passado de alguém e reconhecer seu potencial de mudança? Eu honestamente não tenho ideia. Tudo que sei é que o meu coração está doendo. Há um vazio dolorido debaixo do meu seio esquerdo e minha mão continua descansando ali, tentando afastar o sentimento, que está ali para ficar. Então pego um pedaço de papel e uma caneta e escrevo o que sinto.

Não é poesia. Não é o discurso mais eloquente e bem pensado na história, mas verdadeiro e puro, é um pequeno pedaço de mim que estou dando ao resto das pessoas na cidade.

Naquela noite, vou para casa e choro de novo. Limpo meu apartamento. Cozinho comida para levar para Harriet como uma boa garota do sul deve. Então tomo banho e choro um pouco mais. Finalmente, perto do amanhecer, eu durmo.

Acordo sentindo-me aflita e desorientada, visto um vestido preto e sapatilhas, cabelo trançado e nem mesmo me incomodo com a maquiagem. Não consigo me sentar na igreja com todos os outros e sua falsa tristeza. Eu fico nas sombras da entrada, na parte de trás da igreja, ouvindo o sermão, tomando pouco ou nenhum conforto nas palavras. Subo no púlpito quando sou chamada, minhas entranhas tremendo, batendo umas contra as outras. Meus olhos encontram meu grupo de apoio, as únicas pessoas que conseguem entender de onde minhas palavras estão saindo, e falo para elas.

Quando minha língua desajeitada tropeça nas palavras sobre ele fazendo as pazes com seus erros, mas nem todos eles, meus olhos procuram Johnnie, apesar do meu melhor senso. Não tenho dúvida de que, com mais tempo, Ben teria tentado alcançar seu filho; ele teria tentado acertar as coisas. Eu sei disso até os ossos e quero que Johnnie também saiba disso, apesar do meu sentimento de raiva superficial com relação à facilidade com que ele me substituiu. De qualquer maneira, é exatamente o ponto.

Terminando, fujo do altar e da igreja, dirigindo para o cemitério com uma sensação de peso por dentro. Eu escuto o padre Sanders com um tipo de interesse, concentrando-me principalmente na maneira como o peso interior parece que está me arrastando para baixo, como se houvesse um ímã em algum lugar no fundo da terra onde Ben fosse morar, como se estivesse implorando para eu seguir o exemplo.

Confusa e assustada com a sensação, ergo a minha cabeça com os olhos borrados de lágrimas para procurar um rosto de conforto, alguém que me ajude a carregar o fardo antes que ele me derrube completamente. Meus olhos traidores procuram automaticamente por Johnnie por motivos que não entendo e não quero tentar analisar. Mas quando eles o encontram, bem, a mão dele está enrolada na mão da garota de seu apartamento e a sensação de queda intensifica-se até eu desviar o olhar. Luto contra o desejo de cair de joelhos, rezando a cada segundo para que o cortejo termine e que eu possa fugir.

Todo mundo começa a se afastar e eu sinto o soluço se soltar, sentindo como se tivesse quebrado minhas costelas com o seu esforço e passo meu braço ao redor do meu corpo, sentindo a necessidade de me segurar, inclinando-me um pouco para fazê-lo. Como tal, eu não o vejo se mexer.

“Ei, anjo”, sua voz me alcança quando sua mão toca meu braço. Minha cabeça se levanta, vendo nada além de uma profunda

preocupação em seus olhos verdes profundos. E tudo o que resta de minhas paredes está rachado e desmoronando.

Aterrorizada, corro.

E sei que ele está no meu apartamento. Não me pergunte como eu sei, porque, apesar de sua tendência a ser barulhento no apartamento ao lado, ele tem os movimentos silenciosos de um gato. Mas eu sei. Então, quando minha cama se move e seu corpo se curva ao redor do meu, não fico surpresa. Eu deveria ter lutado. Eu deveria dizer a ele para ir embora, não faço isso. Porque parece certo, parece correto ter seus braços em volta de mim, ajudando-me a me manter unida; parece certo ter o corpo dele embalando o meu; parece certo ter o coração firme atrás de mim enquanto o meu está se partindo.

Parece que nunca terminaria: o choro, o naufrágio. Mas as lágrimas param e eu fungo e limpo a evidência, girando em seus braços sem nem pensar. Sua mão se move para acariciar meu cabelo, colocar atrás da minha orelha, um pequeno gesto doce que acho uma *maneira* muito agradável. Eu quero mais; preciso de mais desse sentimento.

“Faça-me sentir melhor, Johnnie”, eu sussurro, minha mão indo para trás do pescoço dele e puxando-o para mim.

Há uma breve hesitação antes que seus lábios encontrem os meus. Não há nenhuma das provocações da última vez, a doçura suave de um primeiro beijo. Isso parece primitivo e desesperado, como se ele quisesse me devorar e isso está bem, porque quero ser devorada. Seus lábios machucam os meus e eu respondo em espécie, minha língua pressiona para frente para acariciá-la, a fricção de seu piercing de língua arranca um gemido muito doloroso de mim. Johnnie me empurra para frente, pressiona-me de costas e descansa em cima de mim, seu peso equilibrado em um braço enquanto o outro acaricia suavemente o lado do meu pescoço, por cima do meu seio e finalmente o fecha em meu peito. Meu corpo arqueia ao seu toque, meu mamilo endurece ao

contato, constringindo-se ao ponto de doer. Seu polegar se move sobre o botão endurecido.

Seus lábios deixam os meus para beijar minha mandíbula, depois meu pescoço, encontrando um ponto sensível logo abaixo da minha orelha e traçando sua língua até que meu corpo inteiro estremece. Sua boca se move para baixo, pelo meu pescoço, sobre a pele exposta da parte superior do meu peito, em seguida, fecha sobre meu mamilo duro através do tecido do meu vestido, sugando-o e se dedicando a ele com a língua. É uma sensação nova e chocante que ameaça me dominar. Minha mão se move para o cabelo dele, segurando-o no lugar enquanto sua mão livre se move suavemente para cima e para baixo na minha lateral, do peito até a coxa e de volta novamente.

“Johnnie...” Eu me ouço choramingar, sem saber o que estou dizendo ou falando, mas esperando que ele saiba.

Sua cabeça inclina para cima, seus olhos procurando os meus por um momento. “Você quer mais, querida?”

Eu quero mais? Há uma mulher em sã consciência que diria não a ele? Até mulheres como eu... mulheres que não tem nenhuma ideia do que as espera... mulheres que nunca fizeram nada além de uns poucos toques por cima das roupas antes de se assustarem e empurrarem os caras para longe.

Sim. Sou eu. Vinte e seis anos e virgem.

Mas eu quero mais?

“Sim.”

Sua cabeça mergulha novamente, levando meu outro mamilo em sua boca enquanto a mão livre se move para minha coxa e avança lentamente sobre a barra da minha saia tão lentamente que cada centímetro exposto parece formigar. Sua boca solta meu mamilo e sua cabeça levanta novamente para me observar enquanto o dedo traça a

linha da minha calcinha logo acima da minha coxa, seus dedos roçando a pele macia da minha parte superior das coxas no processo. Minhas pernas se abrem ao seu toque e sua mão se move para cima, acariciando minha barriga antes de brincar com a calcinha. “Mais?” Ele pergunta, e como eu estou muito excitada para fazer minha mente formar pensamentos coerentes, muito menos formar palavras, eu simplesmente balanço a cabeça para ele.

Seus dedos mergulham sob a cintura sem hesitação, com uma certeza que vem da experiência, mas ainda *tão* devagar. Parece uma eternidade antes de seu dedo deslizar lentamente entre minhas dobras lisas, um som de rosnado vindo de algum lugar fundo em seu peito enquanto meu corpo estremece. Ele solta um suspiro lento e trêmulo enquanto seu dedo traça para cima e encontra meu clitóris, trabalhando sobre ele em círculos leves. Minha mão voa para fora, agarrando o seu braço e apertando. Ele me dá um pequeno sorriso antes de abaixar a cabeça e pegar meus lábios novamente, engolindo meus gemidos quando sua mão me excita, meu corpo inteiro que está ficando tenso.

Eu me toquei antes. Eu me dei orgasmos antes. Mas isso é diferente; isso é infinitamente melhor. De alguma forma mais íntima, mais consumidora. Sinto como se meu corpo estivesse pronto para explodir e tudo que quero é que Johnnie ligue o interruptor e faça isso acontecer.

Então sua mão se afasta e eu faço um som de choro contra seus lábios, fazendo-o se afastar para trás. “Ainda não”, ele diz suavemente, sua mão sai da minha calcinha, mas só porque ele começa a puxá-la para baixo. Levanto meus quadris e sinto o tecido se mover para baixo, o corpo de Johnnie levantando do meu para sentar-se em seus calcanhares e soltar meus pés da calcinha. Ele olha para mim por um longo minuto. Minhas coxas se juntam, inseguras, e suas mãos começam a acariciar minhas panturrilhas. Sobem aos joelhos e param lá, apertando, depois empurrando-os enquanto ele abaixa-se lentamente no

espaço entre eles. Sua cabeça vira e ele beija suavemente minha parte interna da coxa, seus braços ao redor das duas pernas, mantendo-as presas no colchão.

Meu sexo aperta forte enquanto seu cabelo faz cócegas no vinco onde meu quadril encontra minha coxa. Sua cabeça gira e eu sinto a ponta de sua língua deslizar para cima da minha abertura, tirando um gemido de mim, minha mão desce para segurar a parte de trás do seu pescoço. Sua língua encontra meu clitóris e o acaricia algumas vezes antes de senti-lo recuar um pouco até que a ponta redonda de seu piercing de língua desliza por dele, fazendo meu corpo sacudir com a sensação estranha. Seus olhos se abrem, inclinando-se para olhar para mim enquanto ele continua a exploração estranha, nova e totalmente intoxicante, fazendo minhas coxas começarem a tremer. Sua respiração ofega quando sua língua substitui o piercing, o que me deixa tentando descobrir do que mais gosto. O que acaba sendo impossível decidir. Como se sentisse isso, Johnnie alterna alguns golpes até que todo o meu corpo se contorce, minhas mãos esfregam seu pescoço e braço, meus gemidos saem altos e constantes.

Sua língua se afasta por alguns segundos, seus olhos em mim enquanto ele murmura: "Goze pra mim, anjo." Então seu piercing de língua pressiona meu clitóris novamente e eu gozo, para ele. Meu orgasmo corre quase violentamente através do meu corpo, começando como uma faísca quente e branca, onde a língua me toca e explode, fazendo meu corpo tremer e cair de volta na cama enquanto gemo o seu nome.

Ele não se afasta, inicialmente. Sua língua acaricia-me por mais um minuto, evitando meu clitóris sensível, provando o meu sabor, antes de inclinar a cabeça e beijar minha outra coxa. Seu corpo começa a se mover sobre o meu, sua cabeça mergulha para beijar minha barriga e peito, depois o meu pescoço.

Volto lentamente ao meu corpo, sentindo-me pesada, mas de um jeito bom e calmo. Não esperava sentir-me calma. Sempre achei que depois de finalmente fazer algo com alguém, sentiria timidez, insegurança ou arrependimento. Mas nenhum desses sentimentos vem. Eu apenas estou satisfeita.

Minhas mãos sobem e descem por um longo momento antes de ouvir uma batida. Não é na minha porta, é na dele. Ele não ouve ou ignora, então decido ignorar também. Isso é, até que ouço uma voz feminina chamando seu nome.

Meu corpo sacode, mas não tenho como escapar do seu corpo me pressionando no colchão. Minhas mãos se movem entre nós, empurrando com força os ombros dele. Ele empurra para cima, franzindo as linhas entre as sobrancelhas. “O que está errado?”

Eu sei que ela ainda está lá fora. Não posso ouvi-la, mas sei que ela está lá. E a presença dela está manchando algo que tinha sido bom e correto. E eu só posso culpar a mim mesma. Eu sei muito bem. Eu sei como ele é. E sei que não posso deixá-lo entrar. E fiz isso mesmo assim.

Idiota, garota idiota.

“Saia”, eu me ouço dizer, minha voz uma versão estranha e vazia de mim mesma.

“O que?” Ele pergunta, suas sobrancelhas franzindo mais. “Querida, o que há de errado?”

“Apenas vá, Johnnie”, digo, balançando a cabeça para ele. Ele abre a boca para dizer alguma coisa, mas eu balanço a cabeça. “Eu disse vá.”

Ele se move para trás, senta em seus tornozelos, seus ombros caem enquanto procura no meu rosto por algo. Seja o que for, ele encontra e todo o seu rosto parece ficar triste. Eu sinto um punho se fechar em volta do meu coração com a visão. Mas é tarde demais; o

dano está feito... para nós dois. E ele está indo. Então, quanto mais cedo *me* deixasse, melhor seria.

“Tudo o que eu fiz, carinha de anjo...”, ele começa ficando de pé.

Eu viro meu rosto para longe dele, sentindo outra onda de lágrimas por trás dos meus olhos e precisando que ele não as visse. Ele não termina a frase. Na verdade, não diz nada. Ele acabou de sair. Eu nem saberia que ele tinha ido embora, exceto por ouvir o clique da porta do meu apartamento.

A sensação dolorosa e oca começa no meu peito novamente e eu coloco minha mão lá para aliviá-la.

Mas, claro, não funciona.

Não há como consertar.

8

Shooter

Eu entro no corredor, passando a mão pelo meu rosto. Que raio foi aquilo? Nós tivemos algo ali. Quando ela se virou em meus braços e eu realmente olhei para ela, sem tristeza, eu a vi. Eu realmente a enxerguei. Ela não estava mais se escondendo. E o jeito como respondeu a mim, cada pequeno toque enviando faíscas através de todo o seu sistema... porra. Eu nem sequer queria começar a experimentar o gosto dela, como a luz do sol, como algo que eu poderia provar todos os dias pelo resto da minha vida e nunca me cansar disso.

“Eu sabia que era ela!” A voz de Alex diz, surpreendendo-me.

“O que?” Eu pergunto, observando-a encostada na parede ao lado da minha porta, os braços cruzados.

“A garota naquele apartamento. Eu a vi na outra noite quando ela estava entrando. Um olhar para ela e soube que ela era que te deixou com aqueles olhos de lua.”

Eu olho de volta para a porta de Amelia. “Você a viu?”

“Sim, ela meio que parou quando me viu, como se eu a tivesse surpreendido. Eu disse oi, ela disse oi. Então ela entrou em seu apartamento.”

Eu olho para o teto, balançando a cabeça. “Putá que pariu.”

“O que?”

“Ela acha que estamos fodendo, docinho”, digo, deixando escapar um longo suspiro.

“Irônico, hein?” Alex pergunta quando abro a porta para ela entrar.

“O que é?”

“Quando você *não* está sendo um puto e você é acusado de ser um.”

“Ela não me acusou. Ela só... me evitou o dia todo ontem. Provavelmente teria feito isso hoje também, mas ela estava triste e solitária e eu estava lá.”

“Consolou ela, não é?” Ela pergunta com um sorriso tímido.

“Claro. Até ela me chutar para fora.”

Alex fica em silêncio por um momento, depois solta uma risada sem graça. “Perdendo suas habilidades, hein?” Ela pergunta, tentando aliviar a tensão que havia se instalado em meus ombros e mandíbula. “Shooter”, ela tenta suavemente, estendendo a mão para tocar meu braço. “Vá explicar, ou eu vou explicar. Não fique parado aqui parecendo um cachorro chutado.”

“Que porra isso importa?” Eu pergunto, sentindo a frustração inundar o meu sistema. “Estarei fora daqui amanhã de qualquer maneira.”

“Não deixe isso nestes termos, Shoot. Ela está destruída hoje. Ela não estava pensando direito.”

Eu me sinto assentindo com força. “Então você e Break estão indo hoje à noite?”

“Por mais charmoso que seja o sotaque aqui, e acredite, é encantador”, Alex diz, encolhendo os ombros. “Eu quero voltar para

um lugar onde ninguém fala comigo quando eu passo por eles na rua. Você sabe quantas pessoas nos pararam e nos perguntaram como nos conhecemos nos últimos dois dias?" Dou de ombros, mas ela continua: "Trinta e nove, Shoot. Porra, trinta e *nove* pessoas. Acho que não conversei com trinta e nove pessoas o *ano* todo em casa. Sinto falta disso, de todo mundo sendo idiota."

Eu sinto uma risada se levantar e envolvo um braço ao redor de seus ombros, moendo meus dedos no cabelo no topo de sua cabeça. "Você não é a maluca que você pensa que é, querida."

"Shh. Não diga isso. Eu tenho uma reputação a manter", diz ela, envolvendo os braços em volta de mim para um abraço. "Você volta mesmo amanhã?"

"Sim. Eu tenho um trabalho na próxima semana. E... não há nada para mim aqui."

"Ok", ela diz, dando-me um aperto antes de se afastar. "Boa sorte na luta com essa gata demoníaca na viagem", diz ela com um sorriso perverso enquanto se dirige para a porta.

Eu espero. Imagino que talvez ela precise de um minuto para colocar suas paredes de volta; talvez ela esteja envergonhada de ter se aberto comigo. Então vou dar um tempo a ela. Na verdade, eu dou a ela até o começo da noite, sendo um completo idiota e ouvindo os sinais de que ela está acordada e andando antes de sair para o corredor e bater em sua porta.

Não há uma longa pausa antes que seus passos parem e a porta se abra; então ela não esperava que eu aparecesse e, portanto, não checa o olho mágico, ou ela decide que ser a arrogante Amelia vai me afastar. A julgar pela maneira como sua boca se abre quando me vê, sim, é a primeira opção.

"Eu te disse para ir embora."

“E eu fui”, digo, colocando minhas mãos nos bolsos. “Agora estou de volta.”

“E você não é bem-vindo.”

Ela tenta tanto, ela realmente tenta, parecer mesquinha e mal-intencionada. Mas o fato da questão é, ela não é mesquinha e nem fica bem sendo “Eu quero explicar uma coisa para você, bebê. E você vai ouvir. Você pode bater a porta na minha cara, se quiser, mas eu vou gritar e deixar todo o andar saber o nosso negócio.”

“Não existe o *nosso*”, ela corrige, querendo tanto acreditar nisso.

“Claro que existe, querida. E parece que você fez uma confusão em algum momento ontem e quero colocar isso em ordem agora.”

Seus olhos brilham: “Oh, eu não estou confusa, Johnnie. Na verdade, as coisas estão muito claras para mim.”

“Você não vai sair desta cidade sem aquela cerveja que você me prometeu!” A voz de Dade chama, e estico meu pescoço por cima do ombro para vê-lo caminhando no corredor em nossa direção. “Eu trouxe”, ele diz, gesticulando com o pacote de seis cervejas em sua mão. “Moça bonita”, ele diz, piscando para Amelia, que parece completamente imune ao seu charme. Engraçado isso. “Como você está indo, querida?” Ele continua, com a cabeça inclinada para o lado, parecendo preocupado. “Você teve um dia difícil.”

“Seria muito melhor se você o tirasse da minha porta”, diz ela com um levantar de queixo arrogante.

Dade dá-lhe um pequeno sorriso. “Quer se juntar a nós para uma cerveja?”

“Não, obrigada, Dade. Estou cansada.”

Ele se move para frente, empurrando-me levemente para fora do lugar, fazendo-me sair da porta. Se foi para realizar seus desejos ou para

impressionar, eu não tenho certeza. Sua mão se move para fechar em torno de seu pulso, dando-lhe um pequeno aperto. "Se você precisar de qualquer coisa, querida..."

"Obrigada", ela o interrompe, oferecendo um sorriso de lábios fechados que de jeito algum alcança seus olhos. "Aproveite a sua cerveja", diz ela, voltando e fechando a porta.

"Que porra é essa?" Eu pergunto quando Dade se vira para mim.

"O que?" Ele pergunta, inocentemente, indo em direção ao apartamento do meu pai.

"Tirando-me do caminho?" Eu pergunto, fechando a porta atrás de mim, observando como ele coloca a cerveja no balcão e estende a mão para acariciar Millie, que aceita o carinho.

"Você é feia como o pecado, gata", ele diz a ela enquanto abre sua cerveja. E toma um longo gole antes de responder. "O que você está fazendo brincando com aquela garota?" Ele pergunta, balançando a cabeça. "Você vai embora daqui amanhã, cara. Você não acha que o coração dela está partido o suficiente como está?"

"Então você estava dando em cima dela?" Eu pergunto, sentindo-me aborrecido. "Caso você esteja se perguntando, porra, ela tem o sabor da luz do sol."

As sobrancelhas de Dade se levantam por um minuto, ele toma outro gole antes de deixar a respiração sair de sua boca. "Você não é do tipo que beija e conta. Você é melhor que isso."

Porra. Ele está certo. Eu suspiro, aceitando a cerveja que estende para mim, torcendo a tampa e bebendo metade da garrafa em um gole. "Queria ter mais tempo para isso", digo honestamente. É verdade.

“O que está impedindo você?” Dade pergunta e há um vislumbre de esperança que me lembra de como eu sou egoísta. Ele quer que eu esteja por perto. Ele quer a nossa amizade de volta.

“Trabalho. Break e Alex, Paine. Eu tenho pessoas em casa.”

“Não estou dizendo que você precisa largar sua vida, Johnnie. Eu entendo. Você criou raízes. Estou apenas dizendo que isso não significa que você não pode ter asas também. Inferno, tenho um apartamento vazio no rancho. Venha no intervalo entre o trabalho e uma vida normal. Venha visitar, ver a Amy.”

“Amy?” Eu pergunto, olhando para ele. Isso é muito... familiar para o meu gosto.

“Amelia”, ele corrige, tentando segurar um sorriso.

“Você a chama de Amy?”

“Eu a chamaria de maldita rainha Cleópatra do Nilo se ela me desse atenção.”

Eu meio que bufo, meio que sorrio enquanto balanço a cabeça para ele. “Vocês todos tem que ficar atrás dela?”

“Ela é diferente, sabe? Não é por causa do modo como ela parece uma líder de torcida e faz a melhor torta de pêssego. Essa garota tem um algo a mais. Mas eu não tenho delírios, homem. Convidei-a para sair duas vezes. Meu ego não precisa de mais golpes. Ela não está interessada. Não vou fazer nada com ela.”

Ele quer dizer isso como um conforto para mim. Eu pego outra cerveja. “Eu meio que preferia que fosse você outro fodido idiota aqui.”

“Você está me chamando de idiota?” Ele pergunta, fingindo estar ofendido.

“Oh, você é um idiota, tudo bem”, sorrio, inclinando minha cerveja para ele.

“Quer brigar? Eu bato na tua bunda magra.”

Ele está certo; ele bateria. As coisas mudaram muito. “Só para comentar... pelo menos eu sei que você não é um idiota.”

“Você tem sentimentos por ela?” Ele pergunta, sobrancelhas desenhadas mais juntas. “Como... além de querer entrar em suas calças?”

“Acabei de conhecê-la”, digo.

“Quando diabos isso já importou? É ou não é. Não precisa de um ano para descobrir uma conexão. Essa merda leva minutos.”

Estalo a minha língua e balanço a cabeça para o meu amigo “Quando diabos você criou um cérebro, cara?”

“Na porra do primeiro ano, cara. Lembre-se de Brainy Bonnie? Com os óculos, acne e cinquenta quilos extras?”

“Sim”, eu balanço a cabeça, a imagem surgindo na minha cabeça como se o tempo não tivesse passado.

“Cresceu doze centímetros. E o peso se consolidou em seus peitos e bunda. Colocou lente de contato, um pouco de creme para a pele, que fez maravilhas. Um ‘antes e depois’ digno de uma merda de filme para adolescentes.”

“E?” Eu pergunto, começando a sorrir.

“Bem, de repente eu me encontrei precisando de uma consultoria”, diz ele, dando-me um sorriso. “Entre alguns bons momentos nos meus vinte anos”, ele diz, referindo-se ao rancho de seu pai, “ela conseguiu atualizar alguns conhecimentos em mim.”

“Você deve algumas flores para ela”, eu sorrio.

Um silêncio sociável cai quando nos movemos para sentar na sala de estar. “Ouvi falar do incidente do restaurante”, Dade finalmente diz, os lábios se contorcendo.

“Fodidos sujeitos estúpidos.”

“Você sempre carrega uma arma?”

Meus olhos vão para o rosto dele, pesando o quanto estou disposto a lhe dizer. “Meu trabalho? Envolve armas.”

“O tipo que você precisa manter escondida e junto a seu corpo o tempo todo?” Ele pergunta e posso ver que ele está somando dois e dois. Brainy Bonnie ataca novamente. Não é que ele fosse estúpido quando éramos crianças; mas ele também não era tão brilhante.

“Algo assim, sim.”

“Meio que percebi que você não era um contador”, ele diz dando de ombros, deixando escapar, sabendo que é melhor do que se intrometer. “Seus amigos, eles estão no seu ramo de trabalho?”

“Mais ou menos. Não exatamente o mesmo. Similares. Alex trabalha com... computadores.”

“E aquele cara, Paine? Que porra de nome é esse?”

“O verdadeiro nome dele”, eu sorrio. “Ele é tatuador.”

“Posso ver que você passa muito tempo com ele”, diz ele, acenando em direção ao meu corpo.

Há um peso por trás dessas palavras. “Dade... eu vou voltar e visitar. Eu viajo muito. Não há nenhuma razão pela qual não possa aparecer de vez em quando.”

Eu posso vê-lo visivelmente relaxar com minhas palavras. “Bom, mas só para você saber, você não pode vir aqui sempre e foder com a vida dela, homem. Eu sei que você é um bom homem e não quer ser um

idiota. Também sei que tudo em você grita *'eu consigo um monte de bucetas'*. Então só para que você saiba, não vou deixá-lo fazer isso com ela."

"Sempre gostei dessa qualidade, cara", digo, balançando a cabeça.

"Que qualidade?"

"Protetora. Mesmo quando você tinha um bom motivo para cuspir em mim, você cuidava de mim. É bom ter... mesmo que você esteja sendo um empata foda."

"Psh, os olhos dela estavam atirando punhais em você, o seu pau não estava mesmo chegando perto dela."

Eu solto um suspiro alto, levantando para pegar outra cerveja.

"Sim. Eu sei."

Eu ponho Millie em sua bolsa de viagem com mais facilidade do que Alex apreciaria, pego minha bolsa e saio pela porta. Paro por alguns segundos para olhar para a porta de Amelia, perguntando-me se deveria ir até lá e tentar acalmar as coisas. Mas qual é a questão? Está bem do jeito que está. Ela está decidida sobre mim. Melhor apenas achar que eu sou um idiota.

Acabo de chegar ao degrau que levava para fora quando ouço vozes. Não me pergunte por que paro, mas paro. Eu paro e escuto.

"Só por alguns minutos. Ofereça-me um chá doce."

"Não, Luís, hoje não", a voz de Amelia chega até mim e eu me sinto tenso.

Quem diabos é Luís? E por que ele está tentando entrar no apartamento dela? Ele é o idiota rico dono do complexo de apartamentos? Apesar do bom senso me dizer que estou sendo um babaca, inclino-me no corredor para ver o homem em questão estender a mão e acariciar o rosto de Amelia de um jeito familiar. Ela não o afasta também. Meus olhos se movem para o rosto do homem e eu congelo.

De jeito nenhum.

Nem *fodendo* que esse é o cara que ela está namorando.

Jesus Cristo.

Ele é alto e magro, com feições angulares e olhos escuros. Veja bem, ele não está olhando para mim; não consigo ver seus olhos. Mas sei que eles são escuros. Eu sei disso porque o conheço.

"Certo, Amelia, querida. Talvez amanhã", ele diz, beijando sua bochecha e indo embora.

Algo em mim se solta, algo baixo, mesquinho e pouco familiar, fazendo meu sorriso se transformar em um sorriso de escárnio quando ela vira o corredor, gritando quando me vê. "Quem era esse, anjo?"

Suas costas se endireitam; suas paredes escorregam no lugar. "Não acho que isso é da sua conta."

"Esse é o seu namorado?"

"E se for?"

Não posso evitar, a risada se levanta e explode. A lembrança dela me chamando de nomes desagradáveis pelo meu estilo de vida flutua na minha cabeça.

"O que é tão engraçado?"

Recuperando, eu balanço a cabeça, ainda sorrindo amplamente. "Carma, doçura."

“Do que você está falando?” Ela pergunta, cruzando os braços sobre o peito.

Eu a acaricio suavemente sobre o queixo. “Por que você não pergunta ao seu *namorado* como ele me conhece, hein, carinha de anjo?”

Ela revira os olhos para mim enquanto passo. “Você não o conhece. Ele é novo aqui.”

Eu me viro quando saio pela porta da frente. “Pergunte a ele”, digo, virando-me e indo embora.

Eu entro no carro alugado, ainda com um enorme sorriso. Porra do inferno. Que reviravolta.

Saio com o carro do estacionamento e desço a rua, esperando sentir alívio e paz ao deixar o sertão para trás. Em vez disso, tudo que sinto é uma sensação de negócios inacabados. Eu a sufoco, tentando me concentrar em qualquer coisa, a não ser nas coisas que me fariam querer virar o carro e correr de volta para aquele prédio de apartamentos e falar tudo.

Isso não pode acontecer.

Isso está feito.

Eu tenho que voltar para casa.

E Amelia tem que ficar onde está.

Este é o fim.

9

Amelia

Eu o ouço se movendo a noite toda. Eu ouço porque não *dormi a* noite toda. Dade se foi em algum momento por volta da uma da madrugada, seguindo em silêncio pelo corredor. Eu limpo. Cozinho. Tomo banho. Eu tento não pensar em Johnnie Walker Allen. Eu tento não me lembrar de como foi sentir suas mãos e lábios no meu corpo, de como gostei de sua língua entre as minhas pernas, dando-me algo que ninguém nunca tinha me dado antes. Eu tento me lembrar de que enquanto ele estava comigo, outra mulher estava esperando por ele para dar a ela.

“Augh”, rosno, saindo da cama por volta das sete da manhã seguinte, vestindo-me e indo para o trabalho de *novo*.

A última coisa que eu esperava quando desço as escadas é encontrar Luís. Não que fosse estranho encontrá-lo; ele é dono do prédio. Ele fica por perto, checando as coisas, supervisionando melhorias, mostrando apartamentos vazios para possíveis inquilinos. Ele fica muito perto. Dito isto, eu não estou particularmente com disposição para vê-lo. Toda vez que o encontro, ele quer me convidar para sair de novo. E quando recuso, ele não ouve “não”, ele ouve “tente mais” e na maioria das vezes, eu digo que sim somente para me salvar de mais argumentos. Não sinto absolutamente nada por ele. Claro, ele é atraente. Ele tem um certo charme. Muitas das mulheres da cidade se apaixonaram por ele. Ele só... não desperta isso em mim. Mas ele é

KILLER

Savages #2

implacável e eu não estou com vontade de sofrer outra de suas tentativas: “Vamos, Amelia, você trabalha muito duro. Você precisa relaxar um pouco mais.”

“Querida”, ele diz, inclinando a cabeça para o lado, observando-me descer os degraus. Seus olhos me estudam lentamente dos pés a cabeça, descansando por muito tempo nos meus seios e luto contra a vontade de cobri-los. Seu olhar chega ao meu rosto e ele me dá um sorriso que não é bem um sorriso. “Você deveria ter me ligado”, ele diz, enquanto passa a mão pela minha bochecha manchada de lágrimas.

“Por quê?”

“Porque eu poderia ter consolado você, querida.” Eu odeio que ele me chame de querida, do jeito que pronuncia com um ‘a’ forte no final. Eu odeio ainda mais porque me lembra de quando Johnnie me chamou assim, deixando o ‘a’ por completo. Eu odeio admitir que soa muito melhor nos lábios de Johnnie. Droga.

“Não precisava de consolo. Eu só precisava de um tempo.”

“Eu sei que você se importava com Ben. Sinto muito pela sua perda, Amelia.”

“Obrigada”, digo, tentando me mover para o lado, mas ele me bloqueia.

“É muito cedo para ir trabalhar. Por que não subo um pouco? Posso fazer uma visita.” Ele está sempre tentando entrar no meu apartamento. Sempre que o encontro no prédio, ele me pergunta se há alguma coisa que precise de atenção lá. Quando digo que não, ele pergunta se poderia verificar por si mesmo. O que me deixa ainda mais firme. Quando finalmente cedia e saía com ele, ele sempre tentava se convidar para tomar café ou vinho. Mais firme que nunca. Eu imagino que talvez ele pense que se puder entrar no meu apartamento, poderia entrar na minha calcinha. Isso não pode estar mais longe da verdade.

“Não.” Não explico. Não dou desculpas. Ouvi dizer que as mulheres devem aprender a usar o “não” como uma frase completa, que não precisamos explicar nossas razões para dizer não. Aparentemente, Luís não entende esse conceito.

“Amelita...”

“Não, Luís. Hoje, não.” Oh, porra. Não deveria ter adicionado o ‘hoje, não’. Isso soa como se fosse uma possibilidade outro dia. Eu culpo a falta de sono. Meu cérebro não está funcionando direito.

Ele faz uma pausa, uma tensão ao redor dos olhos que me deixa desconfortável antes de se suavizar. “Tudo bem, Amelia, querida. Talvez amanhã”, diz ele, beijando minha bochecha. Observo-o se afastar por um segundo, sentindo que quero esfregar minha bochecha com uma folha de lixa, antes de me virar para subir de volta. Talvez não precise ir trabalhar tão cedo. Talvez o que eu realmente precise seja um dia de folga. Eu preciso dormir um pouco, colocar meus pensamentos em ordem. Eu nem preciso ligar para ninguém. Não tenho ninguém para quem responder.

E então eu acabo esbarrando em Johnnie e ele solta aquela frase sobre conhecer Luís antes de se afastar de mim também.

Ao vê-lo caminhar para o estacionamento e entrar no carro, eu consigo dizer que dói. Dói de uma forma que não deveria. Eu estou disposta a culpar a falta de sono, a tristeza, o fato de que o deixei fazer coisas comigo que não deixei ninguém fazer. Isso foi tudo o que aconteceu. Tudo está maluco. Quanto mais cedo ele se fosse e as coisas voltassem ao normal, melhor.

Volto ao meu apartamento e me jogo na cama, sabendo que o sono não viria. Especialmente com aquela pequena informação que Johnnie deixou escapar. Ele estaria sendo honesto? Ele realmente conhecia Luís de algum lugar? Parece uma impossibilidade, mas não sei muito sobre o passado de Luís também. Ele apareceu na cidade, comprou a terra,

construiu os apartamentos. Essa é a extensão do meu conhecimento. Não tenho ideia de que lugar ele é originalmente. Talvez eles já tivessem se cruzado antes. Além disso, Johnnie parece ser um dos caras mais honestos que conheço. Eu realmente não posso imaginá-lo inventando alguma história tola só para me infernizar. Isso não é do feitio dele. Mas, na verdade, nem conheço Johnnie muito bem também. Alguém que trabalha como um assassino contratado certamente estaria certo em mentir. De que outra forma ele poderia evitar problemas? Talvez fosse isso, não é que ele fosse tão honesto, talvez ele fosse um mentiroso muito bom.

“Augh!” Eu rosno, puxando o cobertor por cima da minha cabeça e desejando parar de pensar em Johnnie Walker Allen.

No dia seguinte, vou trabalhar. Eu fico até tarde, fingindo que tenho muito trabalho a fazer, mas honestamente apenas faço isso para evitar confrontar meu apartamento vazio. Veja bem, eu percebi uma coisa ontem quando não estava conseguindo dormir outra vez. Eu percebi que estou sozinha, estou solitária até os ossos. E, de verdade, a solidão sempre foi uma parte de mim, desde que eu era uma garotinha, desde que minha vida se desfez. Eu mantive as pessoas afastadas com meus espinhos, um mecanismo de defesa que Johnnie descobriu poucos minutos depois de me conhecer. Eu fiz isso porque aprendi como era perigoso deixar as pessoas entrarem, deixá-las se tornarem importantes. Porque se aprendi alguma coisa na minha vida, foi que as pessoas que você ama vão embora um dia. E o espaço que eles deixam, nunca pode ser preenchido.

Isso é o que eu estava fazendo quando me mudei para o Alabama: estava fugindo de pessoas a que eu tinha começado a me apegar

KILLER
Savages #2

demais, minha antiga colega de quarto, meus colegas na faculdade. Todos. Eles começaram a significar muito. Então, aos vinte e três anos, arrumei minhas coisas, deixei um bilhete e parti. Aterrissei no Alabama porque foi onde meu carro miserável finalmente tossiu, crepitou e morreu. Felizmente para mim, havia uma chance de construir uma vida e carreira, mesmo em uma cidade tão pequena. Então foi o que eu fiz. E aprendi minha lição; Não cheguei perto de ninguém.

Até Ben.

Ben se esforçou. Ele falou comigo na caixa de correio; ele conversou comigo na varanda aos fins de semana, ele me convidou quando seus “olhos eram maiores que seu estômago” e ele “tinha comprado muita pizza.” O poço de solidão nele era tão profundo quanto o meu. Nós nos conectamos. E ele era tão recluso quanto eu. Ele era seguro. Então o deixei entrar. Ele ajudou a preencher um pouco do vazio.

Então ele foi embora. E não só estava lidando com seus problemas, como também estava me familiarizando com o vazio em seu interior.

E veio Johnnie bem quando a miséria parecia demais para suportar. Ele ajudou a preencher o vazio em menos tempo do que seu pai.

Agora, ele também foi embora.

Eu estou só, mas como poderia ficar sozinha, com Luís e suas atenções indesejadas para me fazer companhia.

Talvez seja hora de seguir em frente novamente. Talvez eu tenha terminado com o Alabama. Talvez seja hora de tentar o centro-oeste ou a Califórnia. Talvez precise me perder nas montanhas nevadas de Vermont. Talvez seja hora de mudar.

Volto para o meu apartamento, vasculhando minha correspondência e não o vejo, até ouvi-lo. "Boa tarde, querida."

Minha cabeça se levanta e lá está Luís, encostado na minha porta com uma calça creme (sim, creme) e uma camisa azul clara. Tudo sobre como ele se porta e veste está fora de sintonia. Por que ele está morando ali está completamente além de mim. Não parece se adequar a ele.

"Ei, Luís", digo e nem sequer me incomodo em esconder o descontentamento no meu tom.

"Eu trouxe vinho", diz ele e, com certeza, há uma garrafa em suas mãos.

Ótimo. Simplesmente maravilhoso.

"Apenas vinte minutos, Amelia. Não vou te manter longe dos seus planos."

Certo, meus planos. Se comer uma pizza congelada e deitar na minha banheira fossem contados como planos.

"Tudo bem", digo, destrancando minha porta e deixando-o entrar.

Ele fecha-a atrás dele enquanto caminho até a cozinha para pegar os copos. Não tenho nenhum vinho, mas eu tenho bonitas taças de vidro, pelo menos. "Você colocou mais fechaduras", Luís observa e eu olho para cima para vê-lo inspecionando as fechaduras. "As que foram instalados não estão funcionando corretamente?"

Puxa, ele é tão esquisito. Coloco as taças sobre o balcão e vou procurar um abridor. "Ben as instalou. Ele disse que não era certo que uma mulher morando sozinha dependesse de fechaduras na maçaneta e uma corrente ou algo assim. Ele insistiu em colocar algumas trancas."

"Duas delas", Luís observa, vindo na minha direção e pegando o saca-rolhas que estou segurando. Eu espero que minha mensagem seja clara: vamos acabar com isso.

“Ele dizia que segurança nunca é demais.”

“De fato”, diz Luís, sacudindo a cabeça em direção à porta de correr para a varanda onde eu tinha uma trava de metal, impedindo que ela pudesse ser aberta.

“Não sou daqui”, dou de ombros. “Não é estranho para mim. Eu acho mais estranho que ninguém tranque suas portas do que eu ter várias fechaduras.”

“Bem observado”, diz ele, colocando o vinho nas taças. Quando eu vou pegar a minha, ele afasta minha mão. “Deixe respirar”, ele diz em um tom que me fez sentir como uma criança repreendida. “Você sabe, não sou daqui também.”

Pois bem. Aí está a minha abertura. “Eu sei”, digo, tentando suavizar meu tom para um interesse amigável. “De onde você é?”

“Nova York. Depois passei algum tempo em Boston, Austen, Miami, Raleigh.”

“Grande viajante.”

“Negócios”, ele diz, acenando. Eu balanço a cabeça, sem saber para onde ir a partir daí. Luís pega as duas taças e vai até a sala de estar e se senta no meu sofá. Eu o sigo, escolhendo o sofá oposto, não quero que ele tenha ideias e pego minha taça. “Você leva jeito para decoração de interiores”, diz ele e sinto o elogio aliviar ligeiramente o meu humor. “Normalmente, eu não pensaria que... a cor lilás funcionaria, mas de alguma forma você fez acontecer.”

“Obrigada”, digo, tomando o vinho, o sabor explodindo em minhas papilas gustativas de uma maneira que só um vinho caro poderia fazer.

“Você fez algumas mudanças recentes”, diz ele.

“O quê? Nos móveis?” Eu pergunto confusa.

“Sim.”

“Não”, digo, balançando a cabeça. Não tinha mudado nada desde que deixei do jeito que eu gostava... há um ano.

“Oh. Novas marcas debaixo do seu armário de televisão”, diz ele, acenando com a mão.

Meus olhos correm para o móvel em questão para descobrir que ele está certo, há marcas de arranhão. Esquisito. “Você é muito observador”, digo com um sorriso sem intenção. “Eu limpo muito. Eu devo ter movido enquanto aspirava”, digo, esperando que a mentira passasse. O fato é que eu sei com certeza que nunca movi aquele armário. Primeiro, porque pesa uma tonelada. Segundo, porque eu sei que deixaria marcas no piso de madeira. Então isso é muito estranho.

Nós bebemos o vinho. Luís me faz perguntas sobre a faculdade, sobre o meu trabalho na igreja, sobre a possibilidade de um encontro no fim de semana. Respondo às perguntas da faculdade enigmaticamente, faço perguntas com a mesma honestidade que a confidencialidade permite e lhe digo que teria de verificar o horário das minhas reuniões e depois dar lhe uma resposta. Então, vinte minutos depois, como prometido, ele coloca a taça na mesa e fica de pé, declarando que tinha tomado bastante tempo e vai até a porta. Ele me beija na bochecha novamente e eu fecho a porta atrás dele.

Eu olho para a porta fechada por um momento quando as palavras de Ben voltam para mim: *Tranque a porta, Amy. Tem que se cuidar.*

Minhas mãos voam, deslizando todas as fechaduras no lugar antes de me virar para correr até a varanda. Se eu me inclinasse um pouco sobre o corrimão, poderia vigiar a rua. Então eu faço isso, meus olhos seguem o carro de Luís até que ele desaparece antes que eu corra de volta para dentro, colocando a barra de volta na porta de correr e

correndo para o armário. Por que isso está fora de lugar? Se eu não mexi, e *sei* que não tinha mexido, quem mexeu? E por quê?

Eu agarro o fundo, jogando meu ombro para o lado e empurro, empurro, empurro até que ele finalmente se move, fazendo novas marcas em todo o chão, o que eu sequer considere porque há um turbilhão de incerteza na boca do meu estômago. Alguma coisa está errada. Algo está muito, muito errado.

E não demora muito para que a incerteza turbulenta se transforme em um suor frio de insegurança. Porque lá atrás do meu armário de televisão, há um grande quadrado na parede. Alguém abriu um buraco na parede e o colocou de volta. Não é necessário uma ficha criminal para saber que há algo na minha parede, algo que não coloquei lá, algo que não pertence ao lugar. Meu coração está batendo tão forte no meu peito que está me fazendo sentir tontura. Meus dedos tremem quando alcanço o recorte do tamanho de um dedo em um canto, obviamente colocado ali para facilitar a remoção da parede. Respirando fundo, puxo o quadrado, trazendo-o para o chão. O interior está escuro e eu corro para o meu celular, ligando a lanterna e ilumino o buraco.

Se meu coração estava batendo antes, para bem nesse momento.

Porque lá, aninhados na minha parede, estão oito blocos de plástico. Inclino-me para mais perto, já *sabendo* o que são, mas precisando fazer alguma coisa. O pó marrom e fofo está prensado e estampado com um tipo de emblema de pássaro.

“Oh meu Deus. Oh meu Deus”, eu sussurro, abaixando-me sobre meus tornozelos.

Há oito quilos de heroína na minha parede.

Um quilo de heroína chega a quase sessenta mil dólares.

Sessenta mil vezes oito.

“Meu Deus.”

Há quase meio milhão de dólares em heroína na minha parede.

“Ok. Tudo bem”, digo a mim mesma, precisando de algo para abafar o ritmo frenético dos meus pensamentos. “OK.”

Eu me afasto da parede, toda paranoica enquanto checo as fechaduras novamente. Quais são minhas opções? Eu poderia ir à polícia. Eu poderia entregar as drogas, explicar minha inocência. Mas quais seriam as chances de sucesso? Eu conheço o xerife. Ele é um idiota. Pior ainda, é um idiota que nunca teve qualquer tipo de ação em sua carreira e está procurando por seu ‘grande lance’ antes de se aposentar. Se ele me visse com oito quilos de heroína na minha parede, perceberia que eu era alguém que liderava a reunião de narcóticos na cidade e acharia que tudo era perfeito demais, muito sórdido. Que talvez estivesse fornecendo para o meu pessoal nas minhas reuniões. Quem suspeitaria de quem deveria ajudá-los, certo?

OK. Não quero fazer isso.

Eu poderia me livrar da heroína. Mas onde? Onde diabos você pode se livrar desse grande produto sem o risco de alguém chegar e chamar as autoridades ou mesmo usá-la para vender?

Eu poderia deixar na minha parede. Mas se alguém o colocou na minha parede, esse alguém com certeza vai voltar para buscar. E se voltassem quando eu ainda estivesse aqui?

Não. Isso não é uma opção.

Meus olhos percorrem meu apartamento, pousando na garrafa de vinho tinto no meu balcão.

“Oh seu filho da...”

Por isso ele queria tanto entrar no meu apartamento. Não para dormir comigo, mas para recuperar suas drogas. É por isso que ele

KILLER
Savages #2

perguntou sobre as medidas de segurança adicionais. Inferno, ele provavelmente tinha uma chave para a fechadura original que ele mesmo instalou!

“Eu sou tão *estúpida*”, sussurro para o meu apartamento vazio.

OK. Eu preciso me concentrar. Eu preciso... fechar a parede. Certo. Isso é o que eu vou fazer. Eu vou agir como se não soubesse nada. Deixar Luís entrar quando não estiver por perto para pegar as drogas de volta. Deixá-lo pensar que ainda estou no escuro. Pego as toalhas de papel do balcão e me ajoelho, usando elas para pegar o pedaço da parede e colocá-lo de volta, esfregando o canto onde havia tocado antes. Sento-me novamente, empurrando o armário de volta ao lugar. Todos os meus movimentos são tensos e desajeitados quando entro na minha cozinha para pegar produtos de limpeza e uma cera para limpar as marcas no chão. Eu faço isso com a minha perfeição usual, não parando até as pontas dos meus dedos doerem, antes de limpar todas as evidências do que eu tinha feito.

Bem. Isso está feito.

Jogo o resto do vinho tinto no ralo, lavo as taças, descarto a garrafa.

Ele poderia ter suas drogas de volta, mas o que o impediria de armazenar mais lá de novo? O que isso significaria para mim? Quem diabos é Luís mesmo? Obviamente, um traficante de drogas. Mas o que mais? Ele é um cara mau, como um cara *muito* ruim? Eu estou em perigo? Preciso de respostas. Eu tenho que saber se eu preciso sair da cidade naquele momento. Inferno, talvez deva abandonar a cidade. Eu poderia simplesmente... deixar todas as minhas coisas, arrumar uma pequena bolsa, apontar meu carro em uma direção e nunca olhar para trás.

Tomo uma respiração profunda e firme.

Respostas.

Eu estou certa sobre isso. Eu preciso de respostas.

Por que você não pergunta ao seu namorado como ele me conhece, ahn carinha de anjo?

Johnnie o conhece.

Isso não me surpreende. Ambos são criminosos. Mas se Johnnie o conhece, Johnnie talvez me diga em que tipo de problema eu estou metida. Luís é o tipo de homem que me seguiria para onde fosse? Eu estou muito envolvida para ser livre e poder partir?

Eu ando em direção ao meu quarto, puxando uma daquelas sacolas reutilizáveis que você compra para usar no mercado, e jogo um monte de roupa dentro. Jogo minha bolsa na sacola também, pego minhas chaves e tento manter meu ritmo calmo e casual enquanto saio para o corredor, de repente mais paranoica do que jamais estive em minha vida, embora não tivesse tecnicamente feito qualquer coisa errada.

Entro em meu carro e dirijo lentamente para fora da cidade, verificando meu retrovisor freneticamente, convencida de que Luís viria atirar do nada e me derrubar. Eu me sinto melhor quando cruzo a fronteira da cidade e não vejo um único carro me seguindo.

Eu paro em um posto de gasolina, encho o tanque, pego algumas porcarias e aproveito o tempo para fazer uma busca rápida online. Não sei o endereço de Johnnie, mas sei que mora em algum lugar chamado Navesink Bank, em Nova Jersey. É uma viagem de quinze horas, mas a julgar pela maneira como meus nervos estão ameaçando loucamente estourar minha pele, eu tenho certeza de que poderei fazer isso em uma única jornada. Uma vez que chegue lá, eu darei um jeito de encontrá-lo.

Não há outra escolha.

Eu preciso dele.

10

Shooter

“Shooter!” A voz de Cash soa assim que entro no Chaz’s, o bar de motoqueiros da cidade e, portanto, o lugar onde os membros da gangue de motociclistas locais, The Henchmen, se encontram. Cash é um membro; ele também é um amigo próximo. Ele e sua mulher, Lo, a líder de uns caçadores de recompensas durões e ferozes, que reduziram a segurança privada a uma centena de outras coisas, são mais uma das razões pelas quais preciso estar em casa. Preciso estar com o meu pessoal, pessoas que nem sabem que meu nome é Johnnie Walker Allen, pessoas que só me conhecem como o homem que eu havia me tornado: Shooter.

“Cash”, digo, dando-lhe um aceno com o queixo. Ele é alto e tem um tipo fino de cabelo loiro escuro que mantém raspado nos lados, seus olhos verdes parecidos com os meus, assim como a enorme quantidade de tatuagens que cobre sua pele. “Lo, doce, mel, querida”, digo, caindo de joelhos na frente dela, pegando a mão dela e beijando-a dramaticamente, fazendo a bomba de olhos castanhos e cabelo loiro corar como uma colegial. “Willow, guardiã do meu coração, beleza desta região de Navesink Bank”, eu continuo, ficando de pé e tomando as duas mãos nas minhas. “Largue esse idiota e venha morar comigo.”

A cabeça de Lo inclina para o lado, observando-me. “Seu sotaque está muito forte agora”, ela observa com um pequeno sorriso.

“Sim, porra cara, você está tendo aulas de dicção? Sua voz normal não está seduzindo as bucetas como costumava fazer? Precisa de um sotaque para agitar as coisas?” Cash pergunta, acenando com a mão em direção a sua bebida e segurando três dedos.

“Vai se foder”, eu sorrio, aceitando a bebida que ele passa em minha direção. “Acabei de voltar do Alabama”, digo com um encolher de ombros.

“Alabama?” Lo pergunta seu rosto se franzindo.

“Não pode ter muito trabalho lá embaixo”, acrescenta Cash.

Eu balanço a cabeça. “Não, foi uma merda pessoal que eu precisava cuidar. Cinco minutos perto deles e meu sotaque volta com uma vingança. Porém, ele tem suas vantagens”, digo, piscando para Lo.

“Tudo certo?” Ela pergunta, parecendo preocupada.

“Sim. Só precisava dar as caras, pagar algumas coisas. Tudo resolvido.”

“Então por que parece que você não dormiu esses dias?” Ela pergunta, a sobrancelha levantada, sabendo que o sorriso puxa seus lábios.

“Fiquei até tarde com um velho amigo”, digo, não querendo tocar no assunto.

“*Velho amigo* é o sinônimo mais estranho de ‘gostosa’ que eu já ouvi”, diz Cash, sem se incomodar em esconder o sorriso.

“Isso é o que esse olhar é!” Lo declara em voz alta, fazendo o cara atrás dela pular e perder o equilíbrio em sua banqueta.

“Que olhar, docinho?” Eu pergunto, apontando para outra rodada.

“Docinho? Sério?” Ela pergunta, balançando a cabeça para mim. “Eu conheço esse olhar Shoot. Sabe como eu conheço esse olhar?” Ela faz uma pausa. “Porque eu estou familiarizada com isso. Eu o vi no rosto de Breaker alguns anos atrás, depois no de Cash e no de Wolf...”

“Longe da realidade, querida”, eu nego, sabendo que ela sabe que estou mentindo.

“Pelas bolas”, diz ela, mordendo o lábio para manter um sorriso escondido.

“O que há com as bolas?” Repo, um dos membros mais jovens da The Henchmen pergunta, pegando entre mim e Cash sua próxima rodada no bar.

“Alguma garota o pegou pelas bolas”, Cash declara em voz alta, fazendo alguns rostos se virarem.

“Porra, sério?” Repo pergunta, balançando a cabeça em um suspiro. “Que porra é essa com vocês ultimamente?” Ele pergunta, mas vai embora sem mais comentários.

“Ninguém me pegou pelas bolas”, eu esclareço. Talvez tivesse as bolas azuis, mas eu não a conheço bem o suficiente para que ela tenha me pegado pelas bolas. O fato de não ter dormido na noite anterior não tem nada a ver com Amelia. Mesmo quando penso, sei que é besteira.

“Qual é o nome dela? Ela é bonita? Quer dizer, eu sei que ela é bonita”, continua Lo, uma romântica sem esperanças, apesar de todas as vibrações duras que exala. “Mas como ela é? Ela é ruiva? Eu meio que imagino você com uma ruiva.”

“Morena”, digo sem pensar. Assim que as palavras saem da minha boca, olho para o teto e sorrio de mim mesmo.

“Eu sabia!” Ela pressiona. “Nada mais põe aquele fodido olhar no rosto de um homem.”

“Que olhar?” Eu pergunto.

“É difícil descrever. É uma espécie de melancolia misturada com confusão e raiva.”

“Raiva? Não soa como eu.”

“Normalmente não”, ela concorda. “Mas está lá. Então o que aconteceu?”

“Ela pensou que eu estava transando com a Alex. Não me deixou explicar. Além disso, eu estava vindo embora.”

“Covarde”, Cash diz em seu copo.

“O que?”

“Você é um covarde”, ele repete mais alto.

“Ei, nem todos nós temos a mesma sorte que você.”

“Oh sim, sorte. Como se a nossa história não tivesse envolvido espancamentos, tortura e um contrato que você, meu amigo, finalizou”, diz ele com um sorriso.

Realmente eles tiveram um tempo juntos bastante confuso. No entanto, sua história empalidece em comparação com a merda em que o irmão dele, Reign, e sua garota Summer se meteram. “Como está seu irmão?” Eu pergunto, feliz por qualquer outra direção para conduzir a conversa.

“Miserável”, Cash diz com uma risada. “Se ele achava que Summer era difícil antes, ele não tinha ideia do que uma Summer pós-bebê e sem dormir seria capaz de fazer.”

“Espero que ele tenha trancado todas as armas”, sorrio, bebendo minha dose. Summer tem uma história de amor com as armas que seu marido usa. Ela uma vez atirou para cima em seu prédio com uma AK. Fodidamente impagável. “E ela foi banida do prédio.”

“Você conhece Summer, ela encontra seu jeito de contornar. Especialmente quando tem ajuda”, Cash diz, sacudindo a cabeça para Lo.

“Ei, estamos todos cercados por homens. Nós meninas temos que ficar juntas.”

Cash envolve um braço em seus ombros, puxando-a para o lado e beijando de sua cabeça. “Então você está procurando um tira-gosto?” Cash pergunta, apontando para o bar onde várias mulheres estavam por perto, escolhendo dentre suas opções.

“Já passei por reuniões, um velório, um funeral e duas viagens de avião... Estou fodido”, dou desculpas que Cash não está nem perto de comprar. Nós costumávamos passar muito tempo juntos no passado para ele não enxergar a verdade através daquela mentira. “Além disso, preciso comprar um pouco de comida de gato.”

Lo levanta a cabeça. “Comida de gato?”

“Sim. Eu tenho uma gata agora.”

O rosto de Lo se encolhe um pouco com isso. “Cães pelo menos são animais de estimação úteis.”

Cash apenas sorri. “Oh, você sabe Shooter, tem que estar rodeado de bichanas.”

Eu bufo, olhando para Lo. “Sério, o que você está fazendo com esse idiota?” Eu pergunto e ela ri.

É bom estar em casa. Na maioria das vezes. Eles são o meu povo. Nós compartilhamos anos de piadas, noites e aventuras. Nós conhecemos as peculiaridades um dos outros. Nós sabemos quais botões podemos pressionar e de quais queremos ficar longe. Este é o lugar ao qual eu pertenço.

Mesmo enquanto fico para mais umas rodadas, ela sempre volta à minha mente até que eu finalmente jogo algum dinheiro no bar, despeço-me e saio.

Não vai me fazer bem afogar tudo o que eu estou sentindo na bebida. Eu sei isso melhor que ninguém. É assim que você se transforma em alguém como meu pai. E tenho certeza de que não vou herdar a tradição familiar. Então dou a volta na esquina e pego todas as coisas de gato de que preciso, e volto para o meu apartamento para dormir um pouco, esperando que isso resolva todos os sentimentos inacabados e desconfortáveis lá dentro.

No dia seguinte, levanto-me e vou ver Paine para deixá-lo enfiar uma agulha de alguns centímetros na pele da minha perna por um tempo, a sessão de tatuagem sempre sendo como uma sessão de terapia para mim.

“Porra, cara”, diz ele, limpando o sangue e a tinta com um pouco de água e uma toalha. “Quer falar sobre isso?”

“Sobre o quê?” Eu pergunto, meio virando no meu lugar para olhar para a minha panturrilha, onde um gigante X vermelho está tatuado, o símbolo da bandeira do estado do Alabama.

“Shooter, você está aqui há uma hora e meia e não teve uma coisa inteligente a dizer”, diz Paine, afastando-se de mim para limpar seu material.

Paine é alto e bem forte, como uma casa de tijolos. Ele é mestiço, com a pele morena, olhos claros e coberto de tinta preta até a mandíbula. Até agora ele e Repo são os únicos caras do meu círculo que ainda estão solteiros correndo atrás de saias comigo. Paine é popular entre as mulheres. Parte disso é porque ele é um bom cara, outra parte é porque ele é charmoso com elas e por último, ele impõe muito respeito para elas puxarem suas rédeas. Ele nunca diz que vai ligar se não fosse

fazer, e ele normalmente não liga, mas mesmo assim consegue toda a menina que quer.

“Apenas lidando com algumas coisas”, dou de ombros. É verdade o suficiente.

“Parece que você está aqui para evitar lidar com essas coisas”, ele responde, virando-se, cruzando os braços sobre o peito.

“Oh, Mestre Obi-Wan⁵ me ensine a ver os erros do meu caminho e me aponte na direção de um verdadeiro Jedi.”

Paine bufa. “Isso é melhor. Quer falar sobre isso?”

“Não.”

“Quer beber sobre isso?”

“Porra, não.”

“Brigar sobre isso?” Ele continua e sinto os meus lábios subirem. “Há apenas uma opção para aliviar o humor de um homem, e eu te amo Shooter, mas não estou me oferecendo para te foder.”

Eu sorrio disso, levantando e pegando um tubo do creme para a minha tatuagem. “Estou bem, cara. Apenas me adaptando à mudança de ritmo de estar aqui de volta. Dê-me um dia ou dois e vamos sair e dar alguma atenção às senhoras. Claro que elas estão sentindo a nossa falta.”

Até eu posso ouvir a indiferença do meu tom.

Então, sem nada para fazer no resto do dia, volto para o meu apartamento e mato tempo com minha gata. Como uma solteirona velha.

Tudo bem, então o problema é que estou me arrependendo do jeito que terminei as coisas com Amelia. É verdade que tem seu próprio

⁵ Obi-Wan Kenobi é um personagem da série Star Wars, tendo participado dos seis primeiros filmes.

tipo de licença poética. Mas foi idiota da minha parte. Amelia parece o tipo de mulher que pensaria e enlouqueceria sobre quem é o homem que estava conhecendo. Especialmente aquele que parecia ter alguma coisa acontecendo com ela. Eu deveria ter pelo menos falado a ela para ficar bem longe dele. Ele não está nem perto de ser o pior cara que eu conheço. Inferno, ele provavelmente nem chega no top cinquenta. Mas Luís também não é coisa boa. Se não estivesse sufocando com orgulho e hipocrisia, eu teria avisado a ela.

Eu nunca fui um no passado, e não estou gostando da sensação de ser um idiota.

Ela não merecia. Não foi um grande passo ela pensar que eu estava transando com Alex. Ela é bonita; estava no apartamento em que eu estava hospedado; sou um mulherengo. Além disso, ela não estava pensando claramente. Estava sofrendo por um homem que perdeu e lidando com o conhecimento de que aquele homem tinha um passado não tão bonito, do qual ela nem fazia ideia. Ela estava completamente sozinha naquela cidade e se voltou para mim em busca de conforto. Não é como se ela quisesse se abrir e deixar alguém entrar. Então, quando fez isso comigo, embora brevemente, significou algo para ela. Ver Alex e pensar que ela era apenas uma foda de substituição, apenas mais outra em uma longa fila de mulheres, facilmente substituível... Sim, eu entendo porque isso a atingiu. E, em vez de aplicar um pouco de água fria, esfreguei os pontos doloridos deixando-a de maneira tão desprezível.

Não sou esse cara. Claro, já passei por muitas mulheres. Mas não houve mentira ou coação, nenhuma promessa de coisas que eu não planejava cumprir, e com certeza, porra, nunca houve ressentimentos depois. Eu conhecia mulheres, tínhamos nossos bons momentos uma vez, duas vezes, cinco vezes, o que fosse necessário para nos saciarmos, então seguíamos em frente, sem quaisquer feridas para lamber.

“Acho que eu lhe devo algumas flores”, digo a Millie, que está empoleirada no meu peito, ronronando em um ritmo ininterrupto que se instala em minhas entranhas, trazendo consigo alguma calma. “O que escrever nas flores? ‘Que ela era a mulher do meu melhor amigo e que estava se certificando de que eu estava lidando bem com a morte do meu pai e também... que não quis ser um idiota quando parti e fique longe daquele cara, Luís’?” Millie faz algum tipo de miau/bocejo. “Não sei se os crisântemos estão na estação, Mills...” Eu paro, colocando minha cabeça na parte de trás do sofá e rindo para teto. Jesus Cristo. Eu estou conversando com a porra de uma gata. “Só preciso fazer tricô e me interessar seriamente pelo canal do tempo e eu seria uma velha senhora.”

E nesse momento percebo que *ainda* estou falando com a gata, afasto-a do peito e coloco-a no sofá, interpretando o olhar que ela está me dando de indignação. “Ela receberá rosas”, digo a ela. “Se puder encontrar uma florista que as deixe com os espinhos.”

Com isso, vou procurar meu laptop e uma florista em algum lugar perto da minha cidade natal que fizesse entrega.

Nunca fui muito de mandar flores, mas se alguma vez houve uma situação em que eu me senti uma merda o suficiente para me tornar um, é essa.

Meu interfone toca algumas horas depois por alguém que está na rua. Não moro em um prédio de apartamentos. Eu tenho um apartamento em uma loja abandonada onde guardo toda minha merda de treino. A obra toda custou uma fortuna e custaria ainda mais para reformar e ficar como eu gostaria, mas me oferece a oportunidade de estar no centro da cidade sem ter vizinhos em volta. “Sim?” Eu pergunto, apertando o botão.

“É Paine, abre para mim”, sua voz chama, uma estranha leveza que não confio. Cristo, conhecendo-o, ele está aparecendo com um monte de strippers e bebida para tentar me animar. Penso em colocar uma camisa, olhando para o meu short de basquete pendurado nos quadris, mas foda-se, se fossem strippers elas não se importariam.

Aperto o botão e espero, encostado no balcão da cozinha, sabendo que ele entraria.

A porta se abre e ele não entra.

Ele também não traz strippers com ele.

Não, em vez disso, ele tem Amelia com ele.

E ela parece apavorada, totalmente fora de si.

O que diabos está acontecendo?

“Olha o que apareceu na minha porta”, diz Paine, sorrindo para mim por trás do ombro de Amelia.

11

Amelia

É em algum lugar próximo a Virgínia que meu bom senso começa a voltar e encosto em uma simpática e familiar área de descanso e pego meu telefone. Eu acabo de partir e não disse a ninguém que estava indo. Reconheço que seria bom deixar meu trabalho solitário no escritório por um tempo, mas alguém precisa assumir as reuniões. Às vezes, quando ficava doente, padre Sanders assumia ou a Dra. Mary, uma psicóloga aposentada, eles me cobririam um pouquinho. Faço uma ligação rápida para os dois, deixando uma mensagem dizendo que precisei sair da cidade de repente para uma emergência familiar e pergunto se poderiam trabalhar na agenda de reuniões entre eles até eu voltar.

Então, com os olhos embaçados da estrada e várias noites de pouco ou nenhum sono, sento no banco de trás, verifico duas vezes se as portas estão trancadas e desmaio por algumas horas.

O sono não acalma meus nervos. Se alguma coisa, eu me sinto mais e mais nervosa enquanto eu dirijo. Parte disso é o meio milhão de dólares de drogas ilegais na minha parede e a preocupação com o homem que as colocou lá. A outra parte é, bem, o conjunto... ver o assunto com Johnnie. Porque isso é completamente insano, certo? Quem em sã consciência vai ver um criminoso sobre outro criminoso? Há algum código de malfeitores que estaria quebrando? Mesmo que eu pense isso, no entanto estou cheia de uma certeza ponderada de que não tenho nada a temer de Johnnie. Talvez ele seja um criminoso. Um

assassino e eu vi o quão rápido e seguro ele é com uma arma, mas meio que percebo que ele nunca me machucaria. Mas ainda assim, provavelmente é muito estranho ir até ele com o meu problema.

Embora eu esteja além da metade do caminho, voltar é uma opção igualmente desagradável. Se as coisas corressem mal com ele, bem, então eu apenas apontaria o carro em outra direção e pousaria onde quer que chegasse.

Esse plano me faz sentir um pouco melhor quando finalmente cruzo a fronteira com Jersey. Navesink Bank é uma cidade aparentemente interminável, onde mansões se amontoam contra uma favela que se choca contra uma área industrial e dá lugar a um subúrbio. Decido que Johnnie não parece ser o tipo de pessoa da mansão ou o tipo de cara da cerca branca. Assim, estaciono na rua principal na parte industrial da cidade, saio e estico os músculos que gritam contra o movimento depois de estarem contraídos por tanto tempo. Eu me viro em um pequeno círculo, vendo as minhas opções para iniciar a minha pesquisa. Há um chaveiro, um café, um bar fechado. Ninguém na rua. Pego um café, pergunto à barista se ela conhece alguém chamado Shooter e ela balança a cabeça. Mesma sorte no serralheiro. O bar está obviamente fechado. Eu ando mais pela rua, perdendo mais e mais fé no meu plano a cada passo.

Quão idiota sou por pensar que poderia aparecer em uma cidade tão povoada como esta obviamente é e apenas... perguntar por aí se alguém tinha visto um cara chamado Shooter? Eu sei bem disso. Não cresci em cidades pequenas. Eu cresci onde ninguém conhece ninguém. Ouvindo vozes, meu corpo se aperta e minha cabeça vai para o lado, vendo que estou passando por algum tipo de edifício fechado que uma vez tinha sido uma oficina mecânica. Vários homens de jeans e roupas de couro estão em frente a ele, conversando. Motoqueiros. Ótimo. Se há um grupo com que uma mulher sozinha não quer cruzar, são os motociclistas.

“Você está perdida docinho?” Um deles fala e, apesar do meu bom senso, me viro para olhar. Ele é mais jovem do que os outros, mas alto, com cabelos escuros e olhos claros, e uma cicatriz feia que corre pela lateral do seu rosto, sendo interrompida na linha de sua mandíbula.

Ele se afasta um pouco dos outros, a cabeça inclinada para o lado enquanto espera que eu responda. Aperto meu telefone na minha mão e engulo em seco quando me viro, levantando o queixo para não parecer tão assustada com a perspectiva de conversar com um motoqueiro quente qualquer. “Estou procurando alguém”, digo com um encolher de ombros.

“Quem você está procurando, querida?” Um dos outros, um sujeito coberto de tatuagens, o cabelo loiro longo de um lado e espetado do outro, pergunta enquanto se move para ficar ao lado do cara mais novo.

“Oh hum...” Eu ouço o tremor na minha voz e o loiro me dá um sorriso suave.

“Relaxe, não vamos morder.”

“Certo”, digo, engolindo em seco. “Eu queria saber se algum de vocês conhece alguém com o nome de Shooter. Ou até mesmo Breaker. Ou Paine...” Eu paro enquanto os dois compartilham um olhar. “Nomes estranhos, eu sei”, eu continuo, o nervosismo me fazendo tagarelar. “Eu acho que Paine é tatuador. Se você pudesse me apontar para um estúdio de tatuagem ou...”

“Eu farei melhor do que isso”, diz o loiro, indo em frente. “Vou acompanhá-la até Paine. Ele fica nessa mesma rua.”

“Oh. Isso não é necessário. Tenho certeza de que posso encontrá-lo sozinha.”

“Claro que você pode, querida”, ele diz, movendo-se para ficar ao meu lado e não há nada em seus olhos verdes que sugira que quer me fazer mal. “Mas eu vou com você de qualquer maneira.” Com isso, ele se vira e começa a andar, deixando-me seguir atrás. Depois de uma breve hesitação, eu sigo. “Meu nome é Cash”, ele fornece, as mãos enfiadas inocentemente nos bolsos da frente, dando-lhe uma aura quase de menino.

“Amelia”, digo.

“Como você conhece Paine, Break and Shoot?”

“Não sei. Quero dizer... Eu conheço Shooter. Eu, ah, conheci recentemente.”

Com isso, Cash para de andar e vira-se para olhar para mim. Ele faz uma inspeção lenta, um sorriso se espalha por seu rosto bonito. “Claro que sim”, ele diz, estranhamente, depois começa a andar novamente. “Vou levá-la até Paine. Ele vai levar você até o Shoot.”

“Obrigada”, eu murmuro e ficamos em um silêncio sociável até nos aproximamos de um prédio de vidro e ele abre a porta, gesticulando para que a achesse primeiro.

O interior é o que você esperaria de uma loja de tatuagens: desenhos artísticos em molduras negras nas paredes brancas, grandes retratos para expor os trabalhos prontos, mesas e cadeiras de tatuagem e gavetas onde, eu imagino, que toda a tinta e antisséptico e lâminas de barbear são armazenados. É bem vazio, mas perfeitamente limpo e eu faço uma imagem de Johnnie em minha mente, deitado em uma daquelas mesas, tendo um pouco de seu colorido trabalho feito. Passo a língua por meus lábios inconscientemente enquanto uma voz nos chama da sala dos fundos.

“Melhor não ser outro maldito vagabundo”, ele diz, mas as palavras soam mais divertidas do que qualquer coisa. Então ele entra

pela porta de trás e, bem, começo a me perguntar se *todos* os caras gostosos decidiram se instalar no Navesink Bank. Porque, bem, Johnnie é sexy, seu amigo Breaker também não é ruim de se olhar; ambos os motoqueiros são bem parecidos; e depois há Paine. Seu sorriso louco aparece em seu rosto bonito, fazendo-me respirar fundo em genuína apreciação feminina. “Ah garota, me diga que você quer ser tatuada em algum lugar safado”, diz ele, sua voz um som baixo e profundo que tenho certeza que poderia derreter a calcinha de qualquer mulher em um raio de duas milhas.

Ao meu lado, Cash ri, inesperadamente envolvendo um braço em meus ombros como se fôssemos velhos amigos e não completos estranhos. “Amelia é uma amiga de Shoot. Ela estava procurando por ele.”

Paine faz um som tisk-tisk. “Ele partiu seu coração, garota? Porque eu te digo, sou muito bom em consertar as coisas.”

Sinto um pequeno sorriso nos meus lábios, encantada apesar de tudo. “Eu só... eu preciso falar com ele sobre um assunto.”

Paine inspeciona meu rosto por um minuto e eu juro que sinto como se ele tivesse visto através de mim. “Porra”, ele diz, sua voz ficando mais séria. “Ele te bateu?”

“O que? Não!” Digo, quase um pouco histérica e o braço de Cash me aperta um pouco.

“Tente não assustar a garota já assustada, hein, Paine?” Cash pergunta e o rosto de Paine se suaviza novamente.

“Eu só... tenho uma situação e quero alguns conselhos. Isso é tudo.”

Estranhamente, Cash joga a cabeça para trás e ri. Não é apenas uma pequena risada, é o tipo de risada que ilumina todo o seu rosto e

percorre todo o seu corpo. Terminada, ele balança a cabeça para Paine. “Fodidamente sério com essas mulheres...”

Paine sorri de volta, com conhecimento de causa, e eles obviamente não me deixarão entrar na brincadeira, porque Paine apenas se vira para mim e começa a falar, “Apenas me deixe pegar minhas chaves, garota, e nós iremos até a casa do Shoot”

Sozinha com Cash, o braço dele cai dos meus ombros. “Você está surtando, querida”, diz ele, passando o dedo entre meus olhos, onde sei que tenho linhas de tensão formadas. “Mas você está segura com Paine.”

“Diz o motoqueiro assustador.” Eu ouço as palavras. Eu ouço minha voz dizendo isso. De maneira nenhuma eu poderia ter dito aquilo de *motoqueiro assustador em voz alta*. O que está errado comigo?

“Motoqueiro assustador, hein?” Ele pergunta, apontando para si mesmo. “Eu sempre achei que era mais um motoqueiro *sexy*.”

OK. Aparentemente eles todos têm boa aparência e têm algum tipo de encanto sobre-humano também. As pobres mulheres que vivem nesta cidade. Elas não têm chance. “Tudo bem”, digo, dando-lhe um pequeno sorriso. “Motoqueiro *sexy*.”

“Bem melhor”, diz ele, piscando para mim outro sorriso quando Paine volta a sair. “Eu vou deixar você fazer isso. Amelia querida, tenho certeza que vou te ver por aí”, ele diz, segurando a porta aberta para nós e todos saímos, Paine para e tranca a porta. “Faça um favor a todos aqui”, diz ele, virando-se para nós, andando de costas. “Fique longe de comerciantes de pele, de ex-namoradas e de explosivos, ok?”

“Hum... ok”, eu concordo, minhas sobrancelhas franzidas.

“Confie em mim, se nós temos uma linda garota por aqui, coisas malucas começam a acontecer”, ele diz com um sorriso, depois se vira e vai embora.

Bem. Isso é meio estranho. Eu estou, do meu jeito, envolvida com alguma 'coisa maluca'. Ele também me chamou de garota bonita, apesar de dizer 'coisa maluca' e me sinto meio que legal.

"Apenas um quarteirão nesta direção", diz Paine, tocando meu quadril até que me viro e começo a andar com ele. Sua mão cai e ele me dá o meu espaço. "Então você é a razão pela qual ele está de mau humor desde que voltou?"

"Hum. Não penso assim. Talvez Millie tenha decidido que ela não gosta muito dele afinal."

"Millie?"

"A gata dele."

Paine para, fazendo-me virar e olhar para ele, suas sobrancelhas franzidas juntas. "A gata dele?"

"Ah... sim. Ele meio que... herdou a bichinha. Ela é o diabo com um casaco de pelo."

"Interessante", diz Paine, voltando a se mover.

Paramos alguns minutos depois na frente de uma loja abandonada, as janelas escurecidas. "Johnnie mora aqui?"

Isso me rende outro olhar penetrante de Paine e faço o melhor que posso para não me contorcer sob a inspeção. "Johnnie?"

Oh, merda. Isso não foi inteligente. E se essas pessoas não soubessem do seu passado? Ele ia ser marcado por que eu deixei escapar? É verdade que Paine deveria ser um amigo, mas talvez no mundo do crime, talvez você não seja tão honesto quanto em relacionamentos normais. Se esse fosse o caso, eu definitivamente tinha estragado tudo para ele. Como se sentisse meu desconforto, ele deixa passar. "Não julgue pelo lado de fora. Aquele bastardo gastou uma

fortuna consertando o lugar.” Então ele se vira e aperta a campainha do segundo andar.

“Sim?” Essa é a voz de Johnnie. Eu totalmente não sinto um arrepio na minha espinha ao som dela. Não. Não.

“Paine. Abre para mim.” Com isso, a porta é destrancada e entramos numa sala com uma escada e subimos para um corredor com duas portas, uma para a esquerda e outra para a direita. Vamos para a da direita e Paine apenas pega a maçaneta e abre, guiando-nos para dentro.

Paine está certo; não deveria ter julgado o lugar pelo lado de fora. Johnnie, de fato, gastou uma fortuna arrumando o interior. Em primeiro lugar, é enorme. Uma cozinha em forma de U cheia de eletrodomésticos de aço inoxidável de aparência cara e o que parecem verdadeiros balcões de mármore vermelho e areia se abrindo para a sala de estar em forma de L com um conjunto de jantar de madeira escura separado de um sofá gigante que parece que se você tropeçasse ia te engolir por inteiro. O sofá está de frente para uma televisão como só vi naqueles programas sobre as casas das celebridades. As paredes são pintadas de um azul profundo, todo o acabamento (incluindo a grossa moldura da copa) é branco. Os pisos são de tábuas largas e manchadas de escuro. Há um corredor à direita da porta pela qual entramos, que tem três portas ao longo do comprimento. Legal. Todo o lugar é bom, muito bom.

Eu vejo tudo isso, no entanto, em cerca de 2, 3 segundos, porque depois disso, meus olhos pousam em Johnnie que está de pé sem camisa em sua cozinha, shorts de basquete pendurados nos quadris, dando-me uma visão deliciosa de seu corpo que faz tudo ao seu redor desaparecer como ruído de fundo.

“Olha o que apareceu na minha porta”, diz Paine por trás do meu ombro.

Os olhos de Johnnie estão em mim, parecendo uma mistura de surpresa e algo mais que não conheço bem para decifrar, mas está causando arrepios na minha pele. Passa um minuto inteiro, pelo menos, antes de ele balançar a cabeça ligeiramente, como se para limpá-la e finalmente fala. “Anjo, que porra você está fazendo aqui?”

“Você tem uma gata?” Paine pergunta, alheio à tensão na sala ou ignorando-a completamente. Aposto no último.

Johnnie não está escutando enquanto se afasta do balcão e se move lentamente em nossa direção. “Bebê, o que você está fazendo aqui? E por que esse olhar no seu rosto?”

“Olhar?” Eu pergunto, sabendo que ele viu dentro de mim, mas me sentindo desconfortável para falar na frente de Paine.

“Ei cara, dê o fora”, diz ele ao amigo.

“Nenhum ‘obrigado por entregar a garota trêmula e assustada no meu apartamento como ela pediu’?”

“Não estou tremendo!” Eu me oponho imediatamente.

“Meu bem, você está”, Johnnie corrige, sua voz baixa e suave.

A mão de Paine pousa suavemente no meu quadril novamente e eu torço o pescoço para olhar para ele. “Você fica bem se eu for embora?”

Oh bom senhor. Não só eles são todos sexies e encantadores, mas também têm aquela coisa protetora. “Eu vou ficar bem”, digo, assentindo. “Obrigada por me trazer aqui.”

Ele me dá uma pequena piscadela, depois lança a Johnnie um olhar que transmite algo que não consigo interpretar, então se vira e sai.

Alguns segundos se passam antes que Johnnie se mova. E eu quero dizer que ele *se move*, fechando a distância entre nós e me

envolvendo em seus braços. Se tinha certeza de que não estava tremendo antes, bem, eu tenho certeza de que eu *estou* tremendo no segundo que seus braços se fecham ao meu redor. Parece que o dia de estresse me atinge de uma só vez, sobrecarregando meus nervos já alterados. “Shh, bebê, está tudo bem”, ele murmura em meu cabelo, suas mãos movendo-se para acariciar minhas costas, o ritmo lento e reconfortante enquanto meus braços hesitantemente se movem para abraçá-lo, minhas mãos descansando na pele quente de suas costas. Ficamos assim por um longo momento, ele me acariciando, segurando-me e eu tentando respirar fundo. “O que aconteceu querida?” Ele pergunta finalmente, movendo as mãos para os meus ombros e tentando me empurrar de volta para que pudesse ficar cara a cara comigo. Mas de repente, meus braços estão apertados em torno dele.

“Quem é Luís?” Eu pergunto contra seu peito.

Seu corpo se aperta contra mim. “Você está tão assustada porque está preocupada com o passado obscuro do seu namorado?”

Com as palavras e o tom em que ele diz, que são tão diferentes do Johnnie que penso ter começado a compreender, endireito-me e me afasto. “Ele não é meu namorado”, surto, longe dele. “E eu não poderia me importar menos com o passado dele. Exceto pelo fato de que eu tenho meio milhão de dólares em heroína *escondida na minha parede* e tenho certeza que ele é quem colocou aquilo lá!” Eu estou quase gritando enquanto ando pela sala de estar dele.

Então de repente meus ombros são marcados por duas mãos fortes e minha cabeça se levanta para encontrar os olhos de Johnnie nos meus, um fogo selvagem atrás deles, mas sua voz está quase assustadoramente calma quando ele fala. “Amelia, eu vou precisar ouvir isso desde o começo, ok?” Quando não me mexo imediatamente para falar, suas mãos se movem dos meus ombros e embalam meu rosto. “Agora, querida.”

Eu engulo em seco e começo a falar. “No dia seguinte depois que você partiu, Luís apareceu no meu apartamento com vinho, não parecia querer aceitar um não como resposta, então eu o deixei entrar para uma bebida. Estávamos na minha sala e ele fez um comentário sobre eu ter redecorado porque havia marcas de riscos sob o meu armário de TV, mas eu já estava começando a surtar porque nunca movi o móvel, nunca, é... muito pesado e eu não queria fazer marcas no chão, então eu sabia que não iria...”

“Foco, querida.”

“Certo”, digo, balançando a cabeça, achando sua estranha calma muito reconfortante e meus pensamentos desgastados ficam mais claros. “Ele foi embora e eu fui até o armário e o movi e encontrei um recorte na minha parede, então eu o abri e...” Balanço a cabeça, deixando escapar um suspiro. “Há oito quilos de heroína na minha parede, Johnnie.”

“Filho da puta. Filho da *puta*”, ele rosna, afastando-se de mim e passando a mão pelo cabelo. “Aquele safado filho da puta...”

“Johnnie... como você conhece Luís?”

Ele exala um suspiro e nem sequer para para me informar: “Eu fiz um contrato com ele alguns anos atrás.”

“Um contrato?”

“Eu atirei em alguém para ele, Amelia”, ele diz, sem vergonha ou desconforto em sua voz que, por sua vez, diminui a minha ligeiramente.

“Quem?”

Ele dá de ombros e eu de jeito nenhum encaro a maneira como suas tatuagens dançam, nem nada. “Um revendedor de heroína em Miami.”

Um revendedor de heroína em *Miami*. Outra peça clica no lugar. Luís mencionou que esteve em Miami a “negócios.” Então ele fez Johnnie matar o cara que roubou o suprimento dele? Bom Deus.

“Bebê, olhe para mim.” Eu faço o que me diz. “O que você fez quando encontrou as drogas? Você tocou nelas? Moveu?”

“Não sou idiota”, digo, passando a mão pelo meu cabelo. “Não toquei em nada além do pedaço da parede que tirei e eu até limpei isso depois que percebi o que estava lá. E então coloquei o armário de volta no lugar e limpei o chão das marcas e então...”

“E depois?” Ele solicita.

“E então eu vim direto até você”, digo honestamente. “Eu peguei roupas para uns dois dias e eu simplesmente... caí na estrada. Não sabia mais o que fazer. Não sabia para quem mais eu poderia ir.”

“Você fez certo em vir até mim”, ele diz, estendendo a mão e colocando o cabelo atrás da minha orelha. “Aquele xerife da cidade... ele teria deixado você cair se você se entregasse. Ele sempre foi um fodido estúpido e ambicioso.”

“O que devo fazer, Johnnie?” Eu pergunto, ouvindo minha voz engasgar levemente e respirando fundo para tentar me impedir de chorar... de novo.

“Primeiro, você precisa se acalmar. Você está segura comigo. Ele não vai pensar em procurar por você aqui. Então, respire fundo”, ele faz uma pausa longa o suficiente para eu perceber que não é uma sugestão, mas uma ordem e eu respiro profundamente. “Bom. Agora, quando foi a última vez que você dormiu?”

“Eu dormi em uma parada de descanso na Virgínia.”

“Você dormiu em uma parada de descanso na Virgínia”, ele repete seu rosto se fixando em linhas duras, como se não estivesse feliz com essa informação.

“A estrada estava começando a ficar embaçada.”

“Quando a estrada fica embaçada, querida, pegue um quarto em algum lugar. Paradas de descanso não são exatamente os lugares mais seguros da Terra.”

“Eu sobrevivi”, aponto, ficando um pouco irritada. Não sou criança. E posso cuidar de mim mesma.

“Claro que sobreviveu. Vamos”, diz ele, puxando um pouco a bainha da minha camisa enquanto se move em direção ao corredor ao lado da porta da frente.

“Vamos para onde?” Eu pergunto, seguindo atrás, mas com cautela.

“Para minha cama, anjo”, ele fornece, abrindo a primeira porta do corredor.

“Sua cama?”

“Para dormir”, ele diz, abaixando a cabeça um pouco para inclinar um olhar sério no meu rosto antes que ele comece a sorrir um pouco infantilmente. “Não que eu não adoraria te violentar, querida, mas você precisa descansar um pouco. Vou manter minhas mãos quietas.”

Uma parte de mim está meio que sussurrando (tudo bem, gritando) que seria totalmente ok se ele colocasse suas mãos em mim, mas eu ignoro aquela voz e entro na porta do seu quarto. É outro cômodo grande. As paredes são pintadas de um profundo verde oliva e o espaço está dominado pela imensa cama king-size coberta com lençóis brancos. Como se talvez tivessem sido... passados. Quem passou os

lençóis? Eu por acaso olhei para Johnnie. De jeito nenhum um cara como ele passa suas roupas de cama. Ele tem uma empregada?

Deus, por que eu me importo?

“Tire seus sapatos, docinho”, ele insiste quando apenas fico ali estupidamente parada. Eu chuto meus sapatos para fora e caminho em direção à sua cama, sentindo-me meio constrangida porque posso sentir seus olhos em mim. Eu puxo os lençóis e entro debaixo deles.

Eu acabo de me acomodar quando sinto a cama abaixar atrás de mim e Johnnie deitar. E digo, até que todo o seu corpo está enrolado em volta do meu por trás, pernas sob meus joelhos dobrados, braço pesado em volta da minha barriga, como se ele tivesse me segurado igual quando eu chorei depois do funeral de seu pai. “O que você está fazendo?”

“Amy, você acabou de perder a pessoa mais próxima de você. Além disso, você acha que eu sou um idiota e que feriu seus sentimentos. Agora você encontra meio milhão em drogas na sua parede e dirige até mim, dormindo em uma maldita parada de descanso e chega aqui tremendo. Só me deixe te abraçar por alguns minutos, ok?”

“Ok”, digo, meus olhos já ficando pesados. Não sei que tipo de colchão ele tem, mas o que quer que seja, preciso de um assim.

“Ela é a garota do meu melhor amigo”, ele murmura quando o sono está prestes a me reclamar.

“O quê? Quem?” Eu pergunto grogue.

“A garota que estava no apartamento do meu pai. Ela é a garota do meu melhor amigo. Ela e ele foram até lá para ter certeza de que eu estava bem. Não transei com ela. Eu nunca transaria com ela. Eu deveria ter explicado isso antes de partir.”

Sinto seus lábios pressionarem a pele atrás da minha orelha e, bem, é o que acontece. Eu me viro em seus braços e enterro meu rosto em seu pescoço, roubando seu calor no quarto com ar condicionado, e inspiro seu perfume que é algo que eu não posso colocar em palavras, algo masculino e picante, como aroma masculino misturado com os vestígios de gel de banho de uma chuveirada anterior. “Obrigada por me contar”, eu falo em voz baixa, talvez me acariciando. Mas só um pouquinho, eu juro.

Seus braços se apertam em volta de mim. “Durma Anjo”, ele ordena.

Então eu obedeco.

12

Shooter

Há oito quilos de heroína na parede da casa dela. Há oito quilos de heroína em sua parede e seu primeiro instinto foi correr para mim. Eu gosto disso. Gosto um pouco demais para o nosso bem. Mas ela está aqui; ela está enrolada em meus braços, emitindo um leve chiado inaudível durante o sono.

Luís, filho da puta.

Eu achei que fosse inofensivo. Achei que tivesse me dado o revendedor porque ele queria sair, ele queria não estar mais sob o domínio do cara. Inferno, não era pago para *pensar* sobre o trabalho, no fim das contas. Eu recebo muito dinheiro para cuidar dos meus malditos negócios e fazer o serviço. Mas, por mais que agisse assim, sempre faço minhas pesquisas. Não gosto da ideia de matar algum pobre coitado porque alguém está guardando um rancor estúpido, ou porque a esposa de alguém o traiu. Esse não é o meu tipo de trabalho. Eu tento o máximo possível mirar apenas em canalhas. E visto que geralmente são criminosos que contratam pessoas para fazer execuções, isso é o que quase sempre eu resolvo. Eu imaginei que Luís era apenas um cara preso na droga ou que ele tinha fodido com seu chefe e o queria morto antes que ele descobrisse. Seu chefe era um pedaço de merda com uma trilha de sangue maior que o rio Nilo. Ninguém chorou quando coloquei uma bala entre os olhos dele, muito menos eu.

KILLER

Savages #2

E eu não me importo se Luís queria o seu antigo chefe morto para que pudesse assumir o negócio. O que eu me importo é com o fato de que o filho da puta é tão covarde que teve que esconder seu produto nas paredes de pessoas inocentes. Especialmente alguém sem ninguém para protegê-la, como Amelia. Não é de admirar que Luís tenha passado tanto tempo tentando conquistar Amelia. Ele queria ficar de olho para ver se ela descobria o que ele estava fazendo.

Pouco tempo depois, Amelia está com a respiração pesada, o corpo mole durante o sono, um pensamento me ocorre, um pensamento que não fico exatamente feliz em lembrar. Ela me disse que meu pai era bom para ela, que sempre dizia para ela trancar a porta quando chegasse em casa do trabalho. Isso não era típico dele. Todos os anos em que moramos juntos, ele nunca trancou a porta. Ele nunca ensinou a minha avó a trancar a porta dela. Esse era o tipo de coisa que ninguém realmente prestava muita atenção. Sempre foi seguro. Ninguém precisava trancar suas portas. Então, por que meu pai dizia isso para Amy? Ele sabia que algo estava acontecendo? Ele estava tentando protegê-la? Ou, pior ainda, ele estava envolvido? Não é um grande salto para eu supor que tem o dedo dele nisso. É mais difícil para mim aceitar que ele estava limpo e sóbrio há anos do que aceitar que talvez ele estivesse mantendo drogas ilícitas do lado de fora do escritório de aconselhamento sobre drogas.

O que diabos eu devo fazer com essa informação? Eu falei sério quando eu disse a ela que foi bom que ela tenha vindo até mim, que ela estava segura comigo. Ela está. Mas isso não significa que eu tenho alguma ideia de como resolver a situação dela. Quer dizer, a resposta simples é me arrastar de volta para o Alabama, colocar minhas mãos em uma arma decente e dar o fora. Mas eu não tenho ideia do tipo de operação que ele está fazendo lá. Haveria um monte de pessoas envolvidas? Cristo, ele teria pessoas da cidade nisso? Se tivesse, a aliança funcionaria como se ele nunca fizesse parte disso? Ela estaria em perigo ainda maior sem Luís e seu interesse por ela para protegê-la?

Eu preciso ser inteligente, investigar o assunto, descobrir o que diabos realmente está acontecendo. E essa merda, bem, não vai acontecer da noite para o dia. Ou mesmo em alguns dias. Isso significa que Amelia precisa manter sua bunda plantada no meu apartamento, na minha cama, por pelo menos uma semana. Não posso dizer que estou exatamente infeliz com essa ideia. Na verdade, eu estou absolutamente agradecido com isso. Porque significa muito ela ter me procurado, ter vindo para perto de mim. Isso significa que, apesar de pensar que eu sou um mulherengo que quer usá-la como um trapo e jogá-la de lado, ela ainda sente algo por mim; uma conexão. Sua pequena situação, como é, nos dá algum tempo para explorar as coisas.

Horas depois, lentamente me solto dela e saio da cama, fechando a porta e pegando meu celular. “Alguém não agarrou você pelas bolas, meu idiota”, a voz de Lo diz para mim, parecendo divertida. “Cash esteve aqui e me contou tudo sobre a morena de olhar sedutor que veio te ver.”

“Sim, docinho, é por isso que eu estou ligando...”

“Precisa falar com Cash?” Ela pergunta, pegando algo no meu tom e perdendo o humor, soando toda profissional.

“Não, Lo. Eu preciso falar com você. Qual a abrangência no país com que Hailstorm vigia os impérios criminosos?”

“Tentamos ficar de olho em qualquer um dos grandes nomes e talvez alguns dos menores, se eles são especialmente violentos ou parecem estar esperando para fazer alguma jogada para se tornar maior. Por que, o que está acontecendo?”

“Amelia tem um problema.”

“Então agora você tem um problema”, ela termina por mim.

“Algo assim.”

“Em que ela se meteu? Por favor, não me diga que é mais um comerciante de pele ou um estuprador.”

“Ela encontrou oito quilos de heroína escondidos em sua parede por alguém chamado Luís Carlos.”

“Não conheço esse nome.”

“Eu fiz um trabalho para ele anos atrás em Miami. Ele estava trabalhando para a equipe de Diaz. Ele me contratou para matar o Diaz.”

“Foi você?” Ela pergunta, parecendo impressionada. “Foi um bom trabalho, Shoot. Não havia pista nenhuma. Não quero dizer que os policiais estavam chorando pela perda de um traficante de drogas violento, mas ainda assim... nós seguimos, sabendo que parecia profissional.”

“Sim, bem... não sei por que... mas Luís deve ter fugido com as conexões que Diaz havia criado e, por alguma razão, mudou sua operação para a porra do Alabama. Ele construiu um prédio de apartamentos e escondeu meio milhão de dólares de heroína na parede de Amelia. E meu palpite... não é apenas na parede dela que as drogas estão escondidas. Acho que ele acha que pode jogar com as pessoas ou o pessoal que ele considera fracos, e faz seu esconderijo em seus lares. Não havia nada no apartamento do meu pai.”

“Seu pai?” Ela pergunta, parecendo surpresa. Muitas pessoas não sabem do meu passado e ninguém conhece todos os detalhes sangrentos.

“É por isso que eu estava no Alabama, para o funeral. Não”, digo, antes que ela possa falar, “me diga que sente muito. Não foi uma perda para mim. Mas eu estava lá, resolvendo os assuntos, e fiquei em seu apartamento por que...”

“Por causa da menina bonita do apartamento ao lado.”

“Sim, algo assim”, digo, com um sorriso no meu rosto.

“É possível que seu pai estivesse envolvido e é por isso que não havia provas em seu apartamento?”

“Definitivamente possível. Ele tem um histórico de bebedeira, mas supostamente estava limpo. Não significa que ele não tivesse as mãos sujas.”

“Então você quer que eu investigue e veja o que posso descobrir sobre o Luís Carlos?”

“Eu sei que Hailstorm está cheio com seus próprios casos, mas...”

“Shoot, nós devemos muito a você. *Eu* te devo pelo que você fez por mim.”

“Não me deve, querida. Eu fiz essa merda porque aquele filho da puta merecia morrer.”

“Ainda assim. Vou ficar feliz se Janie bisbilhotar on-line. Você deve pôr Alex nisso também. As duas vão descobrir alguma coisa. Se elas não chegarem com o suficiente, eu mando alguns homens para lá.”

“Você é a melhor, Lo.”

“Eu vou manter contato.”

“Certo, obrigado docinho.”

“Ei, Shoot?”

“Sim?”

“Admita.”

Não tenho que perguntar o que ela quer dizer. Um par de anos atrás, quando ela estava num caminho errado e precisou que alguém fosse abatido, Cash me pediu pra fazer o trabalho. Como eu lhe disse, fiz isso alegremente.

No processo, eu zombei do romance dela com Cash e ela tinha me dito que mal podia esperar para ver uma mulher me pegar pelas bolas.

“Ela me pegou pelas bolas”, eu admito, balançando a cabeça para mim mesmo. É verdade. Eu mal a conheço, mas ela me tem mais do que qualquer outra mulher antes. E há mulheres, não exatamente namoradas, mas algo mais do que casual que existia há algum tempo, mas nenhuma delas ficou sob a minha pele do jeito que Amelia está. Então, de fato, ela me pegou pelas bolas. E eu nunca realmente fui muito bom em tentar esconder ou fugir de seus sentimentos.

“Eu *sabia* . Mal posso esperar para conhecê-la.”

“Ela está fora dos limites por um tempo”, eu aviso.

“Oh, aposto que está”, diz Lo, com a voz baixa e sugestiva. “Mas você tem que deixá-la sair da cama algum dia.”

“Não sei, não”, digo e ela ri.

“Eu vou deixar você saber, Shoot”

Ela desliga e eu me movo em direção à porta do meu quarto, parando ali, imaginando o que devo fazer. Se eu fosse um cara legal, teria voltado, sentado e assistido um pouco de TV, deixando-a descansar em paz. Mas isso não é o que vou fazer. Eu me movo para o quarto em silêncio, não querendo acordá-la. Ela tinha rolado de volta para sua posição original, enrolada para longe da porta e eu retomo minha posição de mais cedo, seu corpo se mexendo subconscientemente de volta para mim, tirando um gemido silencioso. Mesmo em seu sono, ela está me dando um tesão como um garoto de quinze anos. Minhas mãos sobem até o cabelo dela, alisando, deixando-o deslizar entre os meus dedos. Dormindo profundamente, ela solta um gemido baixo e eu sorrio. Ela gosta que brinquem com o seu cabelo, o que é uma boa coisa de saber. Minha mão desce pelo braço, por cima do quadril, até a barriga.

Sua respiração fica menos profunda e mais superficial quando começa a acordar.

“Johnnie?” Ela pergunta em uma voz que está, ao mesmo tempo, confusa e excitada.

“Sim, anjo”, digo, beijando seu cabelo. “Você quer que eu pare?” Eu pergunto, minha mão deslizando pela sua coxa.

Há uma pausa, sua respiração trava, quando meus dedos deslizam sobre o vinco onde seu quadril encontra sua coxa antes de avançar em direção às costelas. “Não sei ainda.”

Eu sinto um sorriso puxar meus lábios. “Quando você souber, me avise, ok?” Eu pergunto, minhas mãos indo para cima e acariciando apenas sob a ondulação dos seus seios.

“Ok”, ela diz, puxando uma respiração instável.

“Quer virar para que eu possa beijar essa boca doce?”

“Ok”, ela diz novamente e lentamente gira em meus braços.

Seus olhos estão apenas meio abertos, seus lábios já separados. E, porra, se ela não é a coisa mais linda que já vi na minha vida. Eu trago minha mão até sua bochecha acariciando-a levemente quando minha cabeça inclina-se para a dela. Seus olhos se fecham quando meus lábios finalmente encontram os dela.

13

Amelia

Eu acordo com um corpo quente nas minhas costas e uma mão se movendo na minha barriga. Ainda em um agradável nevoeiro de sono, fico lá por um longo minuto, aproveitando a sensação que é meio de conforto e quase completa excitação. "Johnnie?"

"Sim, anjo", ele diz, sua voz um pouco rouca e eu tenho certeza de que sinto seus lábios pressionados no meu cabelo. "Você quer que eu pare?" Ele pergunta, sua mão se move perigosamente para baixo na minha barriga antes de serpentear em direção ao meu quadril e descer pela minha coxa.

Eu quero? Eu sei que deveria querer que ele parasse. Ele é perigoso para uma mulher normal de vinte e seis anos. Então para uma maluca de 26 anos que manteve todos a uma grande distancia para sequer considerar a possibilidade do sexo, sim, bem, ele é positivamente perigoso. Mas sua respiração está quente no meu pescoço e suas mãos fazem minha pele ansiar por mais.

"Não sei ainda", digo honestamente.

"Quando você souber, me avise, ok?" Ele diz, sua mão se movendo de volta até a minha barriga, as pontas dos dedos roçando a parte de baixo do meu seio.

"Ok", digo, respirando fundo.

“Quer virar para que eu possa beijar essa boca doce?”

“Ok”, digo novamente, rolando em seus braços. Seus olhos estão nos meus, um pouco embaçados, mas não como os meus. Eu mal consigo manter os meus abertos. E todo o meu corpo parece estranho, formigando. É como estar bêbada, um pouco mais doce, mas não menos fora de controle. Meu corpo está desconectado da parte de mim que sabe que não devíamos nos beijar novamente, a parte que sabe que não iria parar de beijar.

Mas então sua mão está acariciando minha bochecha e seu rosto está abaixando em direção ao meu e eu nem sequer penso mais. Seus lábios pressionam os meus com força, mas pouco exigentes. Eu afundo contra ele, minhas mãos agarram seus braços e o seguram enquanto sua língua pressiona minha boca. Eu suspiro, minha língua se torna ousada, um grunhido escapa de seus lábios me estimulando. Seu braço vai ao redor dos meus quadris quando ele se move de costas, rolando-me para cima dele. Minhas pernas escorregam entre as suas, minhas mãos sobem para segurar seu rosto enquanto minha boca está faminta, mordendo seu lábio inferior, enquanto suas mãos percorrem meu corpo. Elas brincam com meu cabelo, depois com as minhas costas, segurando minha bunda.

Ele se ergue, levando-me com ele, então fica sentado e eu estou montada em sua cintura. Seus lábios se movem dos meus e beijam meu pescoço. “Você sempre se acende assim?” Ele pergunta, sua voz quase áspera.

“Não”, eu suspiro, inclinando a cabeça para lhe dar melhor acesso.

“Só comigo”, diz ele, sua voz quase um sussurro quando chupa com força o local onde o pescoço encontra meu ombro.

“Sim”, eu concordo porque é verdade.

Entre as minhas coxas, eu posso sentir sua ereção pressionando contra mim e meus quadris instintivamente vão para frente, sentindo-a esfregar contra o meu clitóris e arrancando um estrangulado gemido de mim. A cabeça de Johnnie se afasta para trás, observando meu rosto enquanto se balança contra mim, batendo no doce ponto de novo e me fazendo ofegar. Então estou ofegante por um motivo completamente diferente quando de repente vou voando para trás, aterrissando com um leve balanço contra o colchão. As mãos de Johnnie sobem pelas minhas panturrilhas, minhas coxas, meus quadris. Seus dedos mergulham na cintura da minha calça, abrindo o botão e o zíper com uma rapidez que é quase perturbadora. Eu sinto seus dedos deslizarem em minha calcinha. Ele apenas escova o triângulo acima do meu sexo quando minha mente volta ao normal, fazendo-me empurrá-lo violentamente para afastá-lo de mim.

“Whoa”, diz ele, puxando a mão para fora da minha calcinha e segurando as duas para mim, em sinal de redenção. “OK.” Minhas mãos sobem cobrindo meu rosto enquanto faço um gemido estranho. “Bebê, ei”, diz ele, pegando meus pulsos e puxando minhas mãos do meu rosto. “Está tudo bem. Vamos parar.”

Puxo meus pulsos dele e empurro para sentar, virando-me e sentando na ponta da cama, de costas para ele. “Desculpe”, eu murmuro, sinto uma estranha mistura de desejo, de necessidade, mesclada com uma dose forte de medo com um pouco de vergonha.

“Não se desculpe”, diz ele e seu corpo desliza para trás de mim, suas pernas envolvem o lado de fora das minhas, sua cabeça vem para descansar no meu ombro, seus braços apertados em volta da minha barriga. Deus, por que ele tem que ser *tão bom*? Isso faz com que tudo seja ainda mais confuso e complicado. Porque é fácil não gostar de um bad boy; é simples dispensar um mulherengo descarado. Mas por mais que Johnnie diga que é assim, ele é mais do que isso. Ele tem uma profundidade que não me permiti ver antes, com medo de gostar do

enorme potencial que encontraria ali. "Não estou magoado", ele diz estranhamente.

"O que?"

"Você está pensando que me machucou. Não estou, anjo. Não deveria se desculpar por dizer não."

"Não quero fazer isso agora."

"Querida, vou pegar o que você me der e eu não vou ficar com raiva por não conseguir mais."

"Não sou uma provocadora", digo me afastando para ficar de pé, de frente para ele.

"Eu nunca disse que você era."

"Eu sou..." Oh, Deus, realmente vou contar a ele?

"Amelia, você não precisa..."

"Eu sou virgem." Ok, parece que contei para ele.

Seus ombros caem, sua boca se abre ligeiramente, seus olhos se arregalam como se fosse a última coisa que ele esperava ouvir sair da minha boca. Com razão. Quem diabos é virgem com seus vinte e poucos anos além de aberrações religiosas e pessoas realmente infelizes? Suas sobrancelhas se unem quando ele estende a mão e agarra meu pulso novamente, puxando-me para o espaço entre suas pernas. "Você é virgem?" Ele pergunta, sua voz um sussurro estranho.

"Sim", digo, engolindo em seco enquanto seu dedo se move pela pulsação no meu pulso.

"Ah querida", ele diz, dando-me um sorriso doce e me puxando para si enquanto deita, então nos rola para ficarmos frente a frente.

“Eu sei que é estranho...” Eu começo, desconfortável com o silêncio.

“Só porque não é comum não significa que é estranho”, ele responde, acariciando o cabelo do meu pescoço.

“Diz o mulherengo”, digo com um sorriso provocante, precisando aliviar o clima que parece pesaroso. “Quando você perdeu a sua?”

Ele bufa um pouco, dando-me um sorriso. “Quinze anos.”

“Sério?” Eu grito.

“Foi uma situação do tipo Sra. Robinson.”

“Será que quero saber com quem?”

“Sra. Nafta.”

“Mãe do Bobby?” Eu grito.

“Ela era uma gata naquela época. Recém-divorciada, à espreita.”

“Você tinha quinze anos!” Eu contesto com nojo.

“E com o tesão de um coelho”, ele concorda com uma piscadela.

“Que nojo.”

Seu sorriso se espalha por um segundo quando sua mão pousa no lado do meu pescoço e descansa ali. “Anjo”, ele começa, sua voz mais séria do que costuma ser, mas ainda é quase irritantemente suave. “Você guardou isso por um longo tempo. Se você está se guardando para alguém especial, entendo e respeito isso mais do que você pensa. Isso sendo dito, querida, se você acha que gostaria de se entregar para mim... Eu me certificaria de que não será algo que você se arrependeria.” Ele dá uma pausa por um momento, permitindo-me lidar com isso. “Mas não confunda isso com expectativas. Ok?”

Eu molho meus lábios, engolindo o nó que de repente está alojado na minha garganta. "OK."

"Ok. Agora eu acho que devemos sair da cama?"

"Sim", concordo, com certeza eu estou a segundos de gritar 'sou sua, sou sua!' Sair da cama é definitivamente uma boa ideia.

Ele rola rápido e eu o sigo mais devagar. Na sala de estar, seu telefone começa a zumbir e ele vai em busca dele. "Sinta-se em casa, querida", ele diz por cima do ombro enquanto desaparece.

Seguindo as instruções, vou ao banheiro, espirro um pouco de água fria no rosto, tento acalmar meus nervos. Que homem lida com notícias assim do jeito que ele lidou? Eu me lembro dos caras que tentei namorar no ensino médio e na faculdade. Lembro-me de sua reação ser algo como um país salivando com a ideia de enfiar sua bandeira em um novo solo. Eles queriam ser os únicos a fazer a conquista. Eles queriam ir aonde nenhum homem tinha ido antes. Para eles, isso não era nada. Era um tipo diferente de marca na sua cama; uma história para contar aos seus amigos enquanto bebiam cervejas: *'Ah, sim, tirei a virgindade dela. Cara, ela era tão apertada!'* Não posso dizer que é exatamente o tipo de atitude que me levou a não abrir as pernas.

Mas o jeito que Johnnie respondeu? Perfeito. Não parece um desafio para ele. No mínimo, ele faz soar como se fosse um presente, como algo precioso que ele se consideraria sortudo por receber.

Como diabos eu devo resistir a isso?

Suspiro, desligando a luz no banheiro e ando pelo apartamento, a voz de Johnnie é baixa, mas não um som reservado vindo da sala de estar, então me sinto segura o suficiente para me aventurar. Ele me dá um pequeno sorriso enquanto anda em frente às janelas da frente que dão para a rua e eu vou para a cozinha, encontrando um copo e enchendo com água.

“Você está com fome, bebê?” Ele pergunta, entrando na cozinha e eu nem o ouvi terminar sua ligação. “Vamos pedir algo.”

“Não... eu posso... fazer alguma coisa”, digo, indo em direção à geladeira. É o mínimo que posso fazer por ele me ajudar com meus problemas. Além disso, não estou acostumada a sair. Não havia muitas opções para isso em casa, então eu sempre cozinhava meu próprio jantar. Mas quando abro a geladeira, tudo o que encontro é um pacote de seis cervejas, uma caixa de comida chinesa e um tubo de ketchup. “Eu estou supondo que você não cozinhe”, digo, fechando a porta e me virando para vê-lo sorrindo.

“Querida, a menos que esteja em uma lata ou num recipiente para viagem, eu não como.”

“Mas... você não sente falta de refeições caseiras?”

“Já faz muito tempo que eu tive uma, então não sei. Quero dizer, Breaker pode grelhar um bife, mas é só isso.”

“Posso cozinhar para você?” Eu pergunto, as palavras saindo mais ousadas do que eu sinto.

“Você quer cozinhar para mim?” Ele pergunta, abaixando a cabeça, quase parecendo um pouco... envergonhado.

“Eu quero... eu, hum, gosto de cozinhar e...”

“Você quer cozinhar para mim”, diz ele, desta vez com muito mais certeza e uma pitada de diversão. “Tudo bem. Você pode cozinhar para mim. Tenho que comprar alguns suprimentos, então preciso colocar uma camisa para não ofender essa estúpida política ‘proibido entrar descalço ou sem camisa’.”

“Eu acho que eles vão abrir uma exceção para você.” Oh. Meu. Deus. Não disse isso em voz alta! O que diabos está errado comigo?

“Gosta do meu corpo, hein?” Ele pergunta com um sorriso infantil. Eu quero tanto dar um tapa na cara dele e tirar uma foto, então nunca perderia esta expressão.

“É só que... você sabe... com todas as tatuagens... é praticamente como uma camisa”, eu me atrapalho, apenas conseguindo fazer o seu sorriso espalhar.

“Eu também gosto do seu corpo”, ele diz com uma piscadela enquanto vai em direção ao seu quarto para, presumivelmente, pegar uma camisa.

“Não olhe para mim assim”, digo a Millie, que pula no balcão em algum lugar no meio da minha divagação. Eu juro que ela está me dando um olhar que diz ‘você poderia ser mais desajeitada?’. Gata julgadora. “Você não precisa falar com ele. Você não entende.”

“Conversando com a gata?” A voz de Johnnie pergunta, parecendo divertida quando ele volta com uma camiseta preta simples, de gola V.

“Ela estava silenciosamente me julgando”, eu defendo um sorriso autodepreciativo.

“Ei, ela estava totalmente de acordo com a ideia de eu lhe enviar alguns crisântemos.”

“Crisântemos?” Eu pergunto quando ele me leva para o corredor.

“Sim, eu disse a ela que rosas tinham mais probabilidade de dizer ‘desculpe-me por ser um idiota’.”

Eu observo suas costas enquanto o sigo descendo as escadas. “Você não é um... você sabe.”

“Idiota”, ele diz, parando no andar de baixo e me observando. “Vamos lá, você pode dizer isso.” Eu pressiono meus lábios por um minuto. Claro que poderia dizer isso; apenas parece

estranho. Ele joga um braço em volta dos meus ombros, levando-me para a rua. "Não se preocupe. Fique comigo e você vai ser uma mestra nos insultos, querida."

"Não tenho certeza se é algo que eu anseio", digo, parando quando ele vai para o lado de um carro preto elegante. Sei o suficiente sobre carros para saber que custa tanto quanto minha faculdade custou. "Isso é seu?"

"Mantenha seu queixo no lugar", diz ele, abrindo a porta para mim. "Não quero baba em todo o lugar."

"Ha ha", digo, entrando, preocupando-me um pouco mais com a possibilidade de meus sapatos estarem sujos.

"Relaxe", ele diz, sentando no banco do motorista. "É só um carro."

"Custa mais do que a casa de algumas pessoas."

"Ainda é só um carro", ele diz com desdém e eu me sento e me pergunto o quanto alguém é pago por atirar em alguém. Aparentemente, é muito a julgar pelo apartamento e pelo carro.

"Você gosta daqui?" Eu pergunto, observando as intermináveis lojas passarem.

Eu sinto seus olhos no meu rosto. "Aqui é minha casa." Sinto-me assentindo, embora não esteja exatamente familiarizada com o conceito. "E você? Gosta do Alabama?"

Eu sinto meus ombros encolherem. "É legal lá."

"Isso não é uma resposta." Eu mastigo o interior da minha bochecha, tentando encontrar uma maneira de explicar isso. "Apenas não é sua casa", ele diz simplesmente e é exatamente a coisa certa a dizer.

“Eu acho. Não foi ruim quando...” Eu paro, desconfortável ao falar sobre minha amizade com Ben quando Johnnie tinha tanto rancor.

“Quando meu pai estava por perto. Sabe, querida”, ele diz, puxando-nos para o estacionamento do supermercado, “você precisa ter pessoas. Eu sei que você tem suas barreiras e você tem razões para isso, mas não é possível viver assim.”

“Eu acho que você está mais bem ajustado do que eu, hein?” Eu pergunto, pensando em quanto dano ele deve ter por ter sido tão abusado por seu pai. Mas, apesar disso, conseguiu começar de novo, construir uma nova vida, deixar as pessoas se aproximarem. Saímos do carro em um silêncio que parece desconfortável. A mão de Johnnie passa pelos meus quadris e fica lá, firme e familiar, como se andássemos assim o tempo todo. “Espere, eu preciso pegar uma carroça”, digo, tentando me afastar enquanto ele me leva para as portas.

“Uma... carroça?” Ele pergunta, seus lábios se contorcendo.

“Para... colocar a comida...” digo, não entendendo o que é tão engraçado.

“Falamos carrinho aqui em cima, querida”, ele me informa.

“Carrinho, carruagem, carroça... o que você quiser chamá-lo, precisamos de um”, digo com um aceno de minha mão. “O que?” Pergunto quando tudo o que ele faz é ficar parado e sorrir para mim.

“Você é meio fofa.” Eu balanço a cabeça para ele, virando e voltando para pegar o *carrinho*. Johnnie anda ao meu lado enquanto nos movemos pelas seções de produtos. Eu estou apenas colocando um saco de feijão verde no *carrinho* quando ele se inclina para perto e sussurra em meu ouvido como se fosse um grande segredo: “Nós parecemos um casal.” Sinto-me em choque com as palavras, não tenho certeza do que ele quis dizer com isso. Isso é uma coisa boa? É uma coisa ruim? É apenas uma observação? “Sabe, você poderia apenas perguntar”, ele me

diz, com os braços nas costas enquanto nos movemos em direção ao departamento de carnes.

“Perguntar o quê?”

“Seja o que for que você está pensando quando essas pequenas rugas estão entre suas sobrancelhas.”

“Alguns pensamentos são privados”, respondo, curvando-me para olhar as costeletas de porco para evitar ter que olhá-lo nos olhos. Ele não diz nada quando escolho a minha opção e coloco no *carrinho*. Quando começo a andar de novo, as mãos dele não estão mais entrelaçadas atrás das costas. Eu sei disso porque sua mão está de repente nas minhas costas, como se estivesse dentro do meu bolso de trás, e estivesse descansando na minha bunda. Eu congelo no meio do caminho, virando-me para olhá-lo com os olhos arregalados. “Não podemos andar pela loja com sua mão na minha bunda”, sussurro para ele.

“Claro que podemos”, ele diz em um encolher de ombros, apertando minha bunda para dar ênfase.

“É inapropriado”, eu me oponho quando ele começa a empurrar o carrinho com a mão livre, fazendo-me andar para a frente com ele.

“Sim”, ele concorda.

“As pessoas estão olhando para nós”, eu arrisco, porque elas *estão* e é embaraçoso.

“Claro que sim”, ele concorda e posso ver que está pressionando os lábios para não rir.

“Isso não é engraçado.”

“Querida”, ele diz, de repente me virando e pressionando minhas costas contra o vidro de um freezer, trazendo o meu corpo contra o dele, a mão dele *ainda* no meu bolso de trás, “não é como se estivesse com

minhas mãos em sua calcinha, se alguém quer olhar, deixe-os olhar. Elas provavelmente só estão com inveja porque não têm uma bunda para agarrar ou o marido não pegou na delas em uma década. Foda-se o que todo mundo pensa.” Com isso, ele se afasta e retoma ao seu jeito casual empurrando o carrinho com a mão firme em minha bunda enquanto dá um grande sorriso para qualquer um que ouse olhar em nossa direção.

Foda-se o que todo mundo pensa. Eu me pergunto se isso é algum lema dele. Julgando por suas tatuagens e piercings e a forma incomum de punk moderno que se veste, eu percebo que provavelmente é o caso. Eu nunca fui esse tipo de pessoa. Eu sempre me preocupei, sempre me perguntei o que as pessoas estavam pensando sobre mim ou dizendo sobre mim. Eu sempre moldei meu comportamento para que ninguém tivesse muito o que pensar. E, honestamente, é exaustivo. Quão bom deve ser não se preocupar assim com cada pequena coisa.

“Manteiga?” Eu pergunto quando ele coloca no *carrinho*.

“Você vai fazer biscoitos caseiros”, ele me informa.

“Oh eu vou fazer, não vou?” Eu pergunto, sorrindo um pouco.

“Claro que vai”, diz ele, cutucando meu ombro com o seu.

E é nesse momento, ali mesmo no corredor frio de uma mercearia desconhecida, que um pensamento me atinge e me faz sentir quase tonta. E esse pensamento é: *eu gostei disso*. Eu gostei de comprar comida com ele. Eu gostei de sua amizade familiar. Eu gostei de sua vaidade juvenil. E até gostei da mão dele na minha bunda. Eu poderia fazer isso, exatamente, poderia fazer isso com ele toda semana pelo resto da minha vida e nunca me cansaria. Isso é assustadoramente aterrorizante.

“Uh oh”, ele diz, tirando-me dos meus pensamentos. “Há aquelas rugas novamente”, diz ele, estendendo a mão e tocando-as.

“Eu estava apenas *pensando*. Pare de me observar; é assustador.”

“Já estava mais do que na hora de você conseguir uma linda garota”, uma voz feminina chama atrás de mim e o rosto de Johnnie se ilumina imediatamente. “Desfilando pela cidade com todas aquelas saias curtas sem nada além de ar entre as orelhas.” Johnnie me vira, mas não tira a mão do meu bolso para encarar a mulher. Ela é de meia-idade (ou apenas perto disso) com cabelos escuros e olhos claros quase transparentes que são inconfundivelmente familiares. Esse pequeno pedaço de mulher é a mãe de Paine. “Boas maneiras”, ela diz a Johnnie com uma sobrancelha levantada e ele tem o bom senso de parecer envergonhado. “Mama Gina, esta é Amelia. Amelia, esta é Gina. Ela é...”

“A mãe de Paine”, eu falo, oferecendo minha mão, que ela aceita. “Eu conheci seu filho ontem. Ele foi legal o suficiente para, humm, me acompanhar até... a casa de Shoot.”

“Ele é um bom menino quando se levanta da cama de qualquer estranha com quem dormiu”, ela diz francamente, mas com muito pouca animosidade e fico me perguntando por que não é estranho que ela saiba que seu filho é um, bem, galinha. “É bom ver Shoot sossegando, ela diz e Johnnie não se mexe para corrigi-la e eu sinto que não é o meu papel fazer isso. “Talvez isso contamine meu filho. A galinhagem é fofa quando se tem vinte e poucos anos. Não tanto nos seus trinta anos. Você vai cozinhar para ele?” Ela me pergunta, apontando para o carrinho.

“Sim, senhora”, respondo com um pequeno sorriso.

“Perca esta aqui e eu rasgarei você de novo”, ela diz para Shooter, que sorri. “Não deixe a reputação dele enganá-la, ele é um bom menino. Só precisa de uma boa mulher para acalmá-lo. Tenha uma boa refeição, Amelia”, ela acrescenta, parando no meio da virada, “Diga para Shoot levá-la para jantar em minha casa algum dia.”

“Sim, senhora”, Johnnie responde imediatamente, deixando-me quase sem ar enquanto ela se afasta. “O que?” Ele pergunta, parecendo inocente.

“Você não deveria dizer a ela que você vai me levar quando você sabe que não vai.”

“Quem disse que eu não vou?”

“Johnnie...”

“Olha”, ele diz, com seu sorriso encantador diminuindo, parecendo repentinamente todo sério. “Não sou o tipo de homem que fala merda. Eu acho, eu sinto, digo. Então, vou dizer isso e não me importo se te assusta. Não me importo se isso gravará permanentemente essas rugas entre suas sobrancelhas. Eu gosto de você, querida.”

“Você nem me conhece”, respondo automaticamente, uma sensação de revirar na minha barriga que é assustadora, mas de uma maneira quase boa que eu sei que só pode significar problemas.

“Eu gosto do jeito que você tenta me colocar no meu lugar, gosto que você saiba cozinhar e assar. Eu gosto que você seja apaixonada por ajudar pessoas que nem conhece. Eu gosto do jeito que você odeia a porra da minha gata, gosto da maneira como você preenche esse jeans desde o primeiro dia que eu vi você e do jeito como ficou com um vestido de verão, gosto da maneira como alguns de seus sorrisos podem significar ‘foda-se’ e gosto de como sua voz fica baixa e tímida quando você não tem certeza. Bebê, como diabos preciso simplesmente declarar que eu *gosto disso*?” Ele meio que tem razão. “E sabe o que mais, anjo?”

“O que?” Eu pergunto, não tive muita escolha.

“Eu acho que você gosta de mim também.”

“Não sei...”, começo.

“Bebê”, diz ele, balançando a cabeça para mim como se eu estivesse tentando sua paciência. “Você sabe que eu fui espancado quando criança. Você sabe que fugi de casa para escapar disso. Você sabe que meu pai era um merda e você sabe que nunca deixei isso passar. Você sabe que fui um escroto rancoroso mandando para ele uísque todo mês, esperando que estivesse se afogando nele. E sabe que eu tenho a boca de um marinheiro. Você sabe que eu mato as pessoas para viver. Você conhece toda essa merda e ainda *gosta de mim*.”

Eu engulo em seco com a percepção de que ele está certo. Eu sei de tudo aquilo, todas aquelas partes sombrias e desagradáveis dele e, apesar de tudo, ainda gosto dele. “Você é... ah... muito seguro de si mesmo”, digo, não muito confortável em admitir a verdade para mim mesmo, muito menos para ele.

“Sobre o que você não tem certeza?” Ele pergunta, dando-me seu sorriso arrogante e infantil enquanto gesticula em direção ao seu corpo, como se talvez sentisse que está empurrando com força e eu me afastando. “É demais esperar que você faça batatas doces recheadas para o jantar?” Ele pergunta quando finalmente solta minha bunda e coloca as duas mãos no carrinho, deixando-me caminhar ao seu lado, deixando-me ter o espaço que preciso.

“Temos que voltar e pegar os ingredientes”, eu cedo e seu sorriso absolutamente me aquece de dentro para fora.

“Case comigo”, ele diz, a boca ainda cheia de sua primeira mordida no jantar.

“Bom?” Eu pergunto, sentindo uma onda de orgulho no meu peito. Nunca tive ninguém para cozinhar, exceto seu pai e isso é *tão*

diferente. É um sentimento inteiramente novo saber que um cara pelo qual você percebeu que tem algum sentimento gosta que do você cozinhou.

“Bebê...” Ele diz, pronunciando a palavra como se significasse mais do que um carinho. Quando seguro minhas mãos como se eu precisasse mais do que isso, ele sorri. “Sabe de uma coisa?”

“Não, o quê?”

“Só uma coisa que eu tive na minha vida é melhor do que está refeição”, ele começa, seu sorriso indo ao nível absolutamente diabólico. “E isso é a sua buceta.” Sinto o lugar em questão apertar quase dolorosamente, minha boca se abrindo. “Na verdade, a única maneira de tornar esse jantar melhor é conseguir um pouco dela para a sobremesa.”

“Johnnie”, eu tento, balançando a cabeça, sem ter certeza de como alguém deveria responder a um comentário como esse.

“Não. Aceite. Vou colocar meu rosto entre suas coxas na próxima hora”, declara ele, garfando um pouco de batata-doce recheada e levando-a até a boca.

Eu pego o vinho que ele tinha parado para comprar no caminho de casa e tomo um gole enquanto tento argumentar com o caos entre as minhas pernas que está muito de acordo com os planos de Johnnie para a noite. “Fala sério”, eu tento, revirando os olhos.

“Vou comer a sua buceta aqui mesmo nesta mesa”, declara ele, colocando a mão na superfície enquanto empurro minhas coxas juntas debaixo da mesa, vendo a fome em seus olhos.

“Johnnie...”

“Se há algo que eu estou falando sério, anjo, é o quanto gosto de ficar com você. Então você vai ser uma boa menina e subir aqui quando

acabar de comer e vou mostrar apenas o quanto eu aprecio você cozinhando para mim. E vou fazer isso, correndo minha língua em sua buceta doce e molhada até você gozar tão forte que vai esquecer o seu próprio nome.” Ele faz uma pausa, observando meu rosto por um tempo antes de deixar a intensidade cair de seu olhar. “Agora vamos falar sobre essa batata...”

“A batata?” Eu balbucio de volta para ele, não entendendo muito bem o rumo da conversa.

“Sim, querida, a batata...” ele diz, sorrindo para sua comida como se estivesse aproveitando minha perda momentânea de poder cerebral.

“Johnnie eu...”

“Por exemplo, terá um gosto tão bom quando for reaquecida?”

“Aquecida?”

“Sim, porque mudei de ideia.”

“Sobre o que?”

“Sobre a ordem da minha refeição. Acho que quero a sobremesa primeiro”, declara ele, saindo lentamente de seu assento e andando ao redor da mesa em minha direção.

“Você não pode estar...”

“Falando sério?” Ele termina, puxando meu garfo da minha mão, deixando-o bater alto contra o meu prato enquanto me puxa para fora do meu lugar. “Oh, eu posso estar. Na verdade, eu estou”, diz ele, as mãos se movendo para a minha calça e mexendo rapidamente em meu botão e zíper. Suas mãos entram um pouco para prender minha calcinha também e a arrasta pelas minhas pernas enquanto eu fico parada, chocada demais para reagir. “Porra, adoro essas coxas”, declara ele, passando a mão em uma.

E essa foi, talvez, a única coisa que ele poderia ter dito para me tirar da minha pequena e estranha névoa cerebral. “O quê? Elas são gordas”, digo automaticamente, meu desdém pelas coxas em questão muito claro no meu tom.

“Gordas?” Ele repete seus os olhos franzindo.

“Sim, gordas.”

Sua testa cai em mim e seu corpo inteiro começa a tremer e eu levo um segundo para perceber que ele está *rindo*. Ele está *rindo de mim*!

“Do que você está rindo?” Eu pergunto, minha voz assumindo um tom estridente.

“Você”, ele declara, afastando-se e estendendo a mão para bater no meu nariz.

“Não gosto de ser ridicularizada”, digo, abaixando os olhos para ele.

“Então pare de ser tão boba.”

“Não estou sendo *boba*.”

“Bebê, se você acha que suas coxas são gordas, então você definitivamente está sendo boba.”

“Estou sendo *honesto*”, retruco, sem saber por que sinto a necessidade de lutar com ele para convencê-lo a acreditar na minha insegurança.

“Já que estamos sendo honestos. Então, deixe-me ser honesto”, diz ele, recuando para que a única parte de nós que estivesse se tocando fosse nossos pés. “Eu tive muitas mulheres na minha vida. E tive todo tipo de corpo: baixa, alta, magra, musculosa, macia. E eles são todos bons, bebê. Todos eles têm o seu próprio charme. Mas eu? Eu gosto do tipo que tem curvas nas quais possa afundar meus dedos. E, para sua

informação querida, muitos homens gostam. Então, quando digo que amo suas coxas, eu não estou dizendo isso porque quero ficar entre elas, estou dizendo isso porque eu, porra, quero *dizer isso e* não se atreva a tentar me convencer de que, vendo algo que gosto e dizendo-lhe que gosto é de alguma forma tentar ser desonesto com você. Agora, depois de tudo o que foi dito, eu vou ficar entre essas coxas e vou amar senti-las em volta do meu rosto enquanto como sua doce buceta. Então, se terminamos de discutir sobre coisas estúpidas, eu gostaria de chegar a isso se você não se importar.

“Um...” Eu começo, um pouco atordoada demais para dizer mais, porque realmente, como responder a algo assim? Como se diz obrigada a alguém por fazer uma vida de insegurança desaparecer em um minuto? “Obrigada...”

“Agradeça-me pondo essa bunda doce sobre esta mesa agora”, diz ele, pegando um guardanapo enquanto me movo para fazer o que ele pede, sentindo-me desconfortável por colocar minha bunda nua sobre a mesa onde estávamos comendo um belo jantar. E então olho para ver o que ele está fazendo e ele está *enfiaando o guardanapo no colarinho de sua camisa*.

“Oh meu Deus... o que você está...” Eu começo sentindo minhas bochechas esquentarem quando uma risada estranha e estrangulada surge no fundo da minha garganta.

“Boas maneiras, bebê”, ele declara com uma pequena piscadela.

“Oh meu Deus pare. Sério”, digo, as mãos subindo para cobrir minhas bochechas em chamas.

Nessa posição, não o vejo se abaixar no chão ao lado dos meus pés pendurados. No entanto, sinto-o forçar minhas pernas a uma fração de segundo antes de sua língua traçar a minha abertura lisa. Um suspiro chocado explode da minha boca no momento que minhas mãos caem na mesa, agarrando a borda quase dolorosamente. Seu rosto se inclina para

cima, parecendo diabólico. “Tem algum problema com a etiqueta do meu jantar, querida?” Ele pergunta.

“Não... não”, digo trêmula.

“Bom. Então se deite e passe as coxas em volta de mim, baby”, ele exige e imediatamente me ajeito para obedecer. Depois disso, não há mais brincadeira, nem provocação. Não há nada além de sua língua movendo-se contra mim com uma precisão tão requintada que sinto a pressão profunda em minha parte inferior do abdômen ficar mais forte, minhas coxas apertarem ao redor dele. Seu piercing de língua sacode meu clitóris e eu gemo alto, minha mão balançando e derrubando alguma coisa no chão. Johnnie nem sequer recua, ele está tão focado e sinto sua mão subir por dentro da minha coxa, pressionando minhas dobras molhadas e parando na entrada do meu corpo. Sinto-me tensa, mas o dedo dele fica ali por um momento, pulsando contra a abertura, mas não pressionando até sentir a insegurança desaparecer. Substituída por um tipo primitivo de conhecimento que preciso senti-lo *dentro*. Então eu não preciso, porque ele está dando o que quero. Seu dedo desliza para dentro ao máximo, parando por um momento enquanto ele chupa meu clitóris, antes de começar a empurrar dentro e fora de mim, criando uma fricção que ameaça me fazer enlouquecer.

“Johnnie...” Eu gemo, minhas mãos indo ao seu cabelo e segurando-o.

Dentro de mim, seu dedo vira, curvando-se para cima e acaricia a parede superior, procurando o local e o encontrando muito rapidamente, fazendo meu corpo inteiro se contrair enquanto me aperto ao redor dele. Contra a minha carne, ele faz algum tipo de zumbido que eu juro que vibra através do meu corpo. Seu piercing de língua faz outra varredura quando seu dedo cava no local um pouco mais forte e eu apenas... me despedaço.

Meu corpo inteiro fica tenso quando o orgasmo atravessa o meu corpo, solto um grito estrangulado enquanto me balanço, as pulsações fortes e insistentes enquanto Johnnie se mantém me acariciando, lambendo, fazendo tudo voar para longe de mim.

Minhas costas se achatam contra a mesa enquanto ofego, e tremem um pouco quando forço minhas mãos a soltarem o seu cabelo, uma descansando na parte de trás do seu pescoço, a outra caindo com um baque na mesa, ao meu lado. O dedo de Johnnie desliza para fora de mim e suas mãos sobem para espalhar minhas coxas contra a mesa enquanto sua boca se move para beijar minha coxa e depois a outra, selando sua aprovação profundamente na medula, fazendo-me perceber que nunca mais olharia para elas com o mesmo tipo de desprezo que costumava fazer.

Finalmente, um de seus punhos é colocado ao lado do meu quadril e ele se levanta, esperando-me abrir os olhos. Quando abro, ele tira o guardanapo e faz uma demonstração de dobrá-lo e apertar delicadamente os cantos de sua boca. “Isso foi delicioso. Hora do próximo prato.”

Eu engasgo com uma risada, balançando a cabeça. “Eu te odeio”, declaro com um sorriso.

Ele ri, agarrando meus braços e me puxando para cima até que estou sentada na beira da mesa novamente. Suas mãos se movem para o meu rosto, seu polegar acaricia meu rosto antes de sua cabeça inclinar para baixo e tocar na minha, suave e docemente, até que tudo dentro de mim fica derretido e quente, até senti-lo invadir cada parte de mim. Quando ele se afasta e eu pego minha calça e calcinha, tenho a percepção ofuscante de como isso vai doer quando forem arrancadas de novo. E, não se engane, é exatamente o que vai acontecer. Talvez não naquele dia ou no próximo ou até na próxima semana. Mas iria acontecer no final das contas.

Ele ia se afastar e haveria um buraco do tamanho de Johnnie dentro de mim; um espaço que eu sei que nunca seria capaz de encher. Eu sei disso porque conheço a sensação de ver um homem com quem você se importa se afastar. Eu conheço esse tipo de dor profunda. Eu sei que dói a partir da perspectiva de sete anos, observei o primeiro homem com quem me importava deixando-me. Ouvi aquela porta batendo na minha alma e jurei que nunca mais me sentiria assim. Eu prometi a mim mesma que nunca permitiria outro homem deixar um espaço vazio dentro de mim. Mas aqui estou eu, abotoando minhas calças e me mexendo para me sentar em uma mesa com um homem que parece inconsciente ou despreocupado com o vazio inevitável.

Mas, imagino que quando pego meu garfo e como a comida, essa se assenta como veneno no meu estômago, é assim que funciona. Os homens partem, seguem em frente e criam vazios que as mulheres ficam tentando preencher... o tempo todo sabendo que nunca conseguiriam.

14

Amelia

O resto da noite termina sem muito incidentes. Johnnie dá mais alguns telefonemas, alguns deles atende na minha frente e outros ele pede licença para ir ao corredor. Nós pegamos a bolsa do meu carro, tomo um banho e vou para a cama. Johnnie fica em seu laptop fazendo quem sabe o quê. Nós não falamos muito. Ele não nota o declínio repentino no meu humor ou está me deixando ter o meu espaço. De qualquer forma, fico grata por isso. Ele chega na cama tarde da noite, o nascer do sol um sussurro no céu. Jesus, desacostumada a alguém se meter na cama enquanto estou nela, ele acorda-me violentamente, meu coração batendo forte no meu peito antes que possa registrar onde estou, que estou segura.

“Sou eu, anjo. Volte a dormir”, Johnnie murmura na curva do meu pescoço enquanto seu corpo desliza ao redor do meu.

Eu sei que deveria ter dito a ele para se afastar; sei que preciso mantê-lo distante, tanto metafórica quanto literalmente, mas é gostoso simplesmente ser abraçada por ele. Parece confortável, fácil e seguro. Então solto o que estou segurando e faço o que me disseram; volto a dormir.

Acordo de manhã, o corpo de Johnnie ainda atrás de mim, o braço pesado dele sobre mim. Eu olho para baixo por um longo momento enquanto os últimos traços de sono escapam, tentando memorizar cada tatuagem apunhalada em sua pele. Faço isso por um longo tempo antes

KILLER

Savages #2

de perceber o que estou fazendo e gentilmente levanto o braço dele e deslizo para fora, vou ao banheiro para lavar o rosto e escovar os dentes. Rastejo ao lado da cama, pegando roupas limpas da minha bolsa quando sou agarrada por trás, um braço forte envolvendo minha barriga e me puxando para trás até que estou sentada em seu colo enquanto ele senta na beira da cama.

Seu rosto vai para o meu pescoço, plantando um beijo lá que envia uma onda de borboletas na minha barriga. É cedo demais; Não tive a chance de erguer minha guarda ao meu redor ainda. “Você acorda cedo”, ele diz e soa como uma acusação.

“Você foi para a cama tarde”, respondo quando a mão dele desliza ligeiramente para cima e a parte inferior de seus dedos descansa abaixo dos meus seios.

“Trabalhando”, ele diz simplesmente enquanto sua mão se move para afastar meu cabelo do caminho.

“Sobre Luís? Você achou alguma coisa?” Eu pergunto, agarrando em qualquer coisa que pudesse afastar meu foco de como seu hálito quente no meu pescoço está me fazendo derreter por dentro novamente.

“Não quero falar sobre isso agora.”

“Não acho...” Eu começo, mas não termino porque, de repente, a mão dele está cobrindo meu peito e apertando.

“Isso é uma boa ideia. Não pense. Apenas sinta”, ele diz, seu polegar e indicador rolando meu mamilo até que é um pico quase dolorido. Minha cabeça cai para trás em seu ombro enquanto sua outra mão sobe para envolver meu outro seio na mesma deliciosa tortura. Minhas costas arqueiam em seu toque, meus seios parecendo estranhamente pesados com uma onda de umidade entre minhas coxas. Sua cabeça inclina para baixo e sua língua percorre o comprimento do meu pescoço quando uma de suas mãos move uma trilha pela minha

KILLER

Savages #2

barriga e pressiona entre as minhas coxas, acariciando-me sobre o tecido da calça do meu pijama. Minhas coxas se separam em convite e seus dedos se movem para baixo sob o cóis da minha calça e calcinha até que seus dedos me acariciam, leve, provocante, como se ele tivesse todo o tempo do mundo, como se não estivesse me deixando meio louca.

Seu dedo se move para baixo e pressiona para dentro, fazendo um gemido baixo escapar dos meus lábios entreabertos. Seus impulsos deixam carentes cada parte explorada por ele no meu clitóris. Ele puxa para fora, em seguida, pressiona dois dedos, fazendo-me recuar.

“Shh, relaxe, anjo”, ele sussurra e eu exalo um suspiro, recostando-me contra ele. Seus dedos ficam mais insistentes, empurrando, girando, curvando-se para cima para encontrar meu ponto G. Mas ele não me dá o suficiente para me empurrar sobre o limite, dá apenas o suficiente para me deixar oscilando ali, presa no ápice. Eu me sinto apertando em torno dele e ele lentamente se afasta.

“Não...” Eu choramingo impotente, batendo minhas mãos em suas coxas.

“Levante-se, bebê”, ele diz suavemente, empurrando meus quadris para frente até que relutantemente sigo as ordens, virando-me para encará-lo enquanto suas mãos sobem para agarrar minha camisa e começar a puxar o tecido para cima. Minhas mãos sobem para agarrar seus pulsos, acalmando o movimento. Sua cabeça se inclina para o lado, seus olhos intensos. “Eu quero ver você, querida.” Talvez seja a suavidade em sua voz ou a honestidade em seu olhar, mas minhas mãos soltam seus pulsos e sobem por cima da minha cabeça para que ele possa tirar a minha camisa, deixando-me nua da cintura pra cima. O desejo de envolver minhas mãos nos meus seios é forte. Mas então seus dedos deslizam sobre eles gentilmente, com adoração, e o pensamento escapa enquanto suas mãos vão para o cóis da minha calça, prendem-no em minha calcinha e a puxam para baixo. Eu piso para fora e Johnnie se

senta ligeiramente para trás, balançando a cabeça para mim enquanto me preocupo com o que deveria fazer com as minhas mãos.

“Johnnie, eu...” Não sei o que dizer, mas preciso que ele pare de me olhar assim, como se pudesse fazer isso o dia todo, como se não houvesse nada que ele preferisse fazer.

“Perfeito, Amelia”, diz ele, empurrando a cama para ficar em pé, seu corpo a poucos centímetros do meu, seus dedos subindo pelos meus lados nus antes de me puxar contra si, nossa pele nua tocando dos quadris até os ombros, enviando um arrepio através do meu corpo. Seus dedos percorrem minha espinha, deslizam sobre a carne do meu traseiro, então se movem para descansar em meus quadris enquanto seus lábios descem até os meus, macios, pressionando-os por apenas um segundo antes de se afastarem. “Nós podemos parar agora. Eu sei que isso está indo rápido”, diz ele, novamente sendo o bom rapaz. E, de alguma forma, é por isso que sei que não quero parar, porque ele parece que ficaria feliz de qualquer maneira; porque não há expectativas; porque eu sei que não há outro homem na Terra que seria tão atencioso quanto ele é naquele momento.

E não há como negar isso; desejo Johnnie. Eu o quero desde o momento em que pus os olhos nele. Eu o quero toda vez que ele me chama de ‘anjo’ ou ‘bebê’ ou ‘querida’. Eu o quero toda vez que seu sorriso se inclina na minha direção. Eu o quero. Então, e se fosse temporário? Tudo é temporário, dado tempo suficiente. Que bem faria me negar isso? Ele já está em mim, já tenho o recorte em forma de Johnnie dentro do meu peito em algum lugar. Vai doer, não importa quando ele partisse. Então, por que não dar isso para mim mesma?

“Não quero parar”, digo, minha voz quase alta o suficiente para sequer ser considerada um sussurro, mas seu corpo estremece de surpresa e eu sei que ele me ouviu. “Eu...” Engulo em seco contra a estranheza de admitir a verdade e forço as palavras para fora, “Eu quero você.”

Seu peito infla quando seus olhos se fecham por um segundo. O ar o deixa lentamente e uma mão sobe para segurar meu queixo. “Nós paramos a qualquer momento, basta você me avisar. Ok?”

Sinto-me acenar com a cabeça antes que meus braços finalmente subam e rodeiem os ombros dele, segurando-o perto. Sua dureza pressiona contra mim, o tecido de seu short não faz nada para contê-lo. Seus braços me envolvem e me apertam enquanto seu corpo me vira e me abaixa no colchão, sua cabeça me cobrindo, um de seus joelhos pressionando entre as minhas coxas, ambos os braços balançando seu peso enquanto seus lábios pressionam para baixo nos meus num beijo profundo, longo e molhado. Sua boca arrasta pelo meu queixo, depois em direção ao meu pescoço, minha cabeça se move para o lado para implorar por mais.

Eu o senti entre as minhas coxas na noite anterior; senti sua língua espalhando-se sobre mim e, na hora, não pensei que alguma coisa pudesse parecer mais íntima, mas do jeito que ele está gentilmente adorando cada centímetro exposto da minha pele, lentamente, como se ele estivesse guardando isso na memória, isso é intimidade. Sua cabeça desce e ele pega um dos meus mamilos com a boca, chupando levemente antes de passar a língua sobre ele, seu piercing de língua passa, enviando um tiro elétrico de desejo a cada golpe. Minha mão se move, arrasta-se pela parte de trás do seu pescoço, a outra desliza pelas costas. Sua cabeça inclina e se move sobre o meu peito para provocar meu outro mamilo enquanto ele se move para equilibrar seu peso em um braço. A mão livre se arrasta de volta para o meu corpo, colocando um dedo facilmente dentro de mim e me enlouquecendo, rapidamente. Ele desliza outro dedo para dentro, empurra, gira novamente e percebo quando sua boca deixa meu peito e começa a descer pelo meu abdômen, carícia que ele está prolongando. Ele está me preparando. Sua cabeça alcança o monte acima do meu sexo e logo todos os pensamentos desaparecem quando seus lábios se fecham em torno do meu clitóris.

Meus pés plantam no colchão, meus quadris se elevam com cada impulso de seus dedos, tentando me aproximar. Mas então ele levanta a cabeça, movendo-se sobre o meu corpo novamente, seus lábios provocam os meus por um minuto enquanto seus dedos mantêm seu lento tormento. “Tem certeza disso?” Ele pergunta, sua voz um sussurro áspero quando ele se afasta para olhar para mim.

Olhando nos olhos dele, nunca antes tive tanta certeza de nada. “Sim”, digo, movendo a mão para o seu queixo como ele fez comigo e ele vira a cabeça e beija minha palma suavemente antes de puxar os dedos de mim e sair da cama. Ele abre uma gaveta em sua mesa de cabeceira, puxa um preservativo prateado e desliza seu short para baixo de seus quadris. Eu tenho o meu primeiro vislumbre de seu comprimento duro enquanto ele o acaricia uma vez, inclina-se ligeiramente para frente e desliza o preservativo para baixo, então se vira para mim, ajoelhando na beira da cama por um segundo antes de se mover lentamente sobre mim.

“Nervosa?” Ele pergunta enquanto se acomoda entre minhas pernas abertas e eu sinto sua ereção contra o meu sexo. Há nervosismo, na sensação de embrulho no meu estômago, na pulsação errática na minha garganta, pulsos, têmporas. Mas, mais que isso, há vontade, há curiosidade. Sinto minha cabeça acenar um pouco e ele se inclina e beija a ponta do meu nariz. “Eu vou cuidar bem de você, bebê”, ele murmura e seus quadris balançam, fazendo sua dureza acariciar minha abertura, atingindo meu clitóris com uma nova sensação deliciosa. Sinto outra onda de umidade enquanto minhas mãos batem nos ombros dele, curvando levemente quando a mão dele desliza entre nós, agarrando-se e posicionando na entrada do meu corpo, segurando lá, apenas uma pressão firme. Antes que a pressão se torne um pouco mais, uma sensação de queimação faz meu corpo se sacudir. “Eu sei”, ele murmura, inclinando-se e beijando meus lábios suavemente. “Respire, querida”, ele instrui enquanto a sensação de queimação se intensifica e eu o sinto deslizar dentro de mim. Exalo uma respiração que treme

quando meus dedos param de agarrar suas costas e se movem para pressionar contra seus ombros, não tenho certeza se eu quero afastá-lo ou segurá-lo.

Sua mão se solta e sinto seu dedo subir para circular meu clitóris novamente. Ele pressiona ligeiramente para frente, trazendo outra onda de dor da qual rapidamente me distrai com um golpe de seu dedo. Ele para no meio do caminho, inclinando-se e tomando meus lábios. “Você está bem?” Ele murmura contra eles, balançando os quadris de um jeito que nunca se afastam ou se chocam, apenas criaram uma fricção por dentro que entorpece a dor.

Meus olhos se abrem lentamente para ver seu rosto, uma leve tensão ao redor dos olhos, um calor nas profundezas verdes. Eu percebo. Machuca. É uma sensação inicialmente de desconforto que é meio dor e meio desconhecimento, mas não é como eu estava esperando. Não é a dor ofuscante e perturbadora que minha colega de quarto da faculdade descreveu ao experimentar quando tinha dezesseis anos, perdendo a virgindade no banco de trás do carro com um menino que não sabia ou não se importava com o desconforto dela. Essa é a pontada de novidade, meu corpo se espreguiçando para acomodar alguém que está reservando tempo para permitir isso.

Sem saber como explicar, eu deixo meus lábios se curvarem levemente e ele faz o mesmo. “Você gosta, querida”, ele murmura, o balanço se tornando mais um movimento do que antes e eu o sinto pressionar um pouco a cada poucos golpes, mas a fricção está fazendo alguma coisa, está criando uma espécie de necessidade de esforço que alivia e ultrapassa a dor. Meus joelhos se fecham ao redor de seus quadris; minhas mãos se movem para suas costas, envolvendo-o novamente. Outro empurrão para frente e sinto seus quadris pressionarem contra os meus e ele me dá outro sorriso. O meu coincide com o dele quando percebo que ele está totalmente dentro de mim, sinto algo que não consigo descrever, como uma plenitude como se meu

corpo ansiasse aquilo o tempo todo sem que eu percebesse, como se meu corpo estivesse esperando aquilo. Minhas pernas envolvem seus quadris, levando-o um pouco mais profundo em um suspiro gutural.

“Johnnie”, eu choramingo, sabendo que ele sabe do que preciso, sabendo que ele está esperando por permissão para me dar.

Seus lábios reivindicam os meus e ele dá para mim. É lento no início, consciente da dor, aumentando apenas quando meus quadris se apertam contra ele, implorando por mais. Ele solta meus lábios, observando meu rosto quando sua mão desliza entre nós novamente, movendo-se sobre o meu clitóris excessivamente sensível e sinto meu sexo apertar em torno dele. “Goze para mim, Amy”, ele exige, seu corpo tenso com a necessidade de sua própria libertação. Não tenho certeza se posso, mas então seu dedo passa novamente e a tensão ameaçadoramente dolorosa dos seus quadris balançando novamente e eu... desmancho. Meu corpo inteiro se agita com o impacto, meu sexo convulsiona em uma onda de prazer que se intensifica pela plenitude do momento.

“John... nie...” Eu pressiono meus dedos na pele de suas costas.

Ele faz um tipo de ruído rosnando, empurrando, seu dedo tão implacável até que meu corpo desmorona de volta no colchão e ele se enterra profundamente, seu rosto pressionando meu pescoço, e geme meu nome quando goza. Seu peso desce sobre mim por um longo minuto enquanto sua força lentamente penetra em meu sistema. Seus lábios beijam meu pescoço enquanto ele levanta lentamente, seu dedo se move em minha bochecha. Meus olhos pesados se abrem para encontrá-lo olhando para mim com um olhar que guarda um peso que eu não entendo. “Bebê...”, ele diz, sua voz cheia de algo que é como se ele estivesse maravilhado.

É quando sinto a fratura, o pequeno pedaço de reserva que me restava. Ele simplesmente se despedaçou. Sinto uma lágrima escorrendo

do meu olho, descendo pela minha testa em direção ao meu couro cabeludo. A mão de Johnnie se move para cima e a afasta. “Lágrima tristeza ou felicidade?” Ele pergunta, talvez lutando para entender minhas emoções tanto quanto eu.

“Não sei”, eu respondo honestamente e seu rosto suaviza quando ele lentamente sai de mim, dando-me um olhar de desculpas quando fico tensa. Ele se afasta por alguns minutos, tirando o preservativo antes de se mover para a cama ao meu lado, rolando de costas e me puxando até que estou descansando em seu peito, meu travesseiro colocado debaixo do queixo. Uma de suas mãos vai pesada em meus quadris, a outra sobe para acariciar suavemente meu cabelo.

“Sabe o que eu sei, anjo?” Ele pergunta baixinho e continua quando eu balanço a cabeça. “Eu sei que esse foi o sexo mais significativo que já tive.”

Significativo.

Essa palavra contém muito peso.

Foi *significativo*. Isso *significa* algo para ele.

Significa algo para mim também, mas isso era de se esperar.

Significaria ainda mais para mim que isso significasse algo *para ele*.

Talvez valesse à pena o choque de meus escudos desmoronarem para me sentir como me sentia naquele momento: contente, segura, feliz, talvez um pouco... querida.

“Você está bem?” Ele pergunta, e se eu não estou enganada, há um traço de preocupação ali.

Eu engulo o nó na garganta e beijo seu peito. “Sim.”

“Dolorida”, ele observa.

“Sim”, eu concordo porque, bem, estou mesmo.

“Ainda assim, perfeita.”

“Sim”, concordo de novo porque, bem, *foi perfeito*.

“Você não se arrepende?” Ele pergunta e a preocupação está lá novamente.

Ao ouvir isso, ouvir um homem como Johnnie dizer isso, alguém tão descontraído e despreocupado como ele parecendo preocupado, faz com que eu queira aliviá-lo. Empurro seu peito para cima, meu cabelo caindo como uma cortina até suas mãos saírem para acariciá-lo para trás das minhas orelhas. “Eu nunca vou me arrepender disso”, digo em uma voz que é minha, mas não é. É mais doce, mais indefesa.

A tensão escorre de seu rosto e ele me dá um sorriso muito Johnnie. “Ela sabe cozinhar”, diz ele, falando para o teto. “Ela sabe fazer assados. Ela pode olhar para tudo isso”, diz ele, apontando para seu corpo, “e dizer: ‘é, não acho que é grande coisa’. Ela pode ser dura e espinhosa; macia e doce e ela pode me amar assim... porra...”, ele termina seu pequeno discurso, balançando a cabeça.

Algo profundo dentro de mim violentamente tensiona com a palavra *amor*, como se estivesse lutando contra isso, como se estivesse tentando negar a própria existência da palavra.

Ele não quis dizer *isso*. Ele nunca quis dizer isso assim.

“Uh, oh”, Johnnie diz, sua mão subindo para pressionar as linhas entre as minhas sobrancelhas. “Ela está pensando de novo.”

Eu bufo uma risada que não é realmente uma risada. “Eu faço isso às vezes.”

“Bem, pare com isso”, ele diz provocativamente, erguendo as sobrancelhas para mim.

Desta vez, a risada é uma risada e me abaixo em seu peito, meu ouvido bem acima do seu coração.

O silêncio se prolonga por um longo tempo, suas mãos remexendo meu cabelo incansavelmente, meu corpo relaxando na sensação. “Conte-me sobre seus pais”, ele diz suavemente um pouco depois, a pergunta me fazendo empurrar em seu braço, mas ele me encosta nele. “Anjo, eu já estou envolvido. Pare de tentar tanto me manter longe.”

Sinto minha respiração assoviar, o desejo de dizer a ele é mais forte do que qualquer coisa que já senti em muito tempo. E ele está certo; ele está em todos os sentidos imagináveis. Que mais dano poderia causar ao compartilhar? “Minha mãe nem sempre foi alcoólatra”, começo facilmente, no momento em que ela pegou uma garrafa com a intenção de afogar algo, foi o trampolim para a maior parte da minha história de vida. “Até os seis anos, ela era apenas uma mãe normal. Ela cozinhava. Ela me ajudava com o trabalho escolar. Ela cuidou de meu pai sem medir esforços. Então, um dia, ela pegou uma garrafa. E não se contentava até que estivessem vazias. Era gin. Essa era a sua bebida preferida. Gin direto da garrafa. Eu sempre me lembro de achar que a respiração dela cheirava como o Natal... você sabe... por causa das bagas de zimbro⁶”, eu explico e suas mãos só continuaram acariciando.” De qualquer forma. Ela bebia, bebia e bebia. Ela se esquecia de cozinhar, limpar e ajudar no trabalho de casa. E não fazia nada além de cair aos pés do meu pai e chorar.” Eu engulo em seco com a lembrança que está vindo, a ruim, a que me fez nunca mais querer me sentir assim novamente.

“Então, uma noite, eu saí para encontrá-la assim, as mãos dela enroladas na perna do meu pai, soluçando, enquanto ele continuava andando em direção à porta, arrastando-a com ele. E eu vi que ele carregava uma bolsa nas mãos. Não a pasta do trabalho, mas uma mala grande, e eu era pequena e não acho que compreendi totalmente o que

⁶ Fruta que é utilizada para dar o aroma ao gim.

estava acontecendo, exceto que sabia que essa bolsa era para quando você estava indo embora, e ele nunca me disse que ia a lugar algum, e minha mãe continuava chorando, dizendo que ele não podia fazer isso com ela, que não podia deixá-la, que se ele a amasse, ele não poderia deixá-la. Ele soltou sua perna do aperto dela, sua mão bateu na maçaneta e sua cabeça se ergueu para me ver ali parada. Ele me encarou por um segundo e então... então ele se foi.”

Sua mão para de acariciar, mas só porque as duas se moveram para me apertar. “O que aconteceu depois?”

Eu encolho os ombros. “Nada. Tudo. A vida continuou. Acho que recebíamos uma pensão alimentícia porque nunca precisamos nos mudar. A luz nunca foi cortada. Mamãe sempre tinha dinheiro para beber. Ela ficava procurando respostas no fundo de garrafas vazias e eu continuei... seguindo em frente. Fui para a escola e fiz meu dever de casa. Tentei impedir que alguém descobrisse a verdade.”

“Então você impediu que alguém te conhecesse”, ele adivinha corretamente.

“Sim.”

“Bebê...”

Eu balanço a cabeça com sua simpatia. Não posso tirar mais bondade dele. “Então eu tinha dezoito anos e estava com raiva e confusa e em uma missão para entender...”

“Entender o quê?”

“Dependência? O que, exatamente, permitiu que minha mãe jogasse sua vida fora e, de muitas maneiras, a minha também. Eu era tão odiosa e ressentida e queria não me sentir assim.”

“Você chegou lá, bebê”, diz ele com um aperto.

“Sim. Mas naquela época, minha mãe bebeu até uma cova”, digo, as palavras saindo quase desdenhosamente e eu estremeço com elas.

“Quantos anos você tinha?”

“Vinte e um.”

“Bebê...”

“Está tudo bem”, digo, balançando a cabeça, tentando me livrar dela. “Muitas pessoas passaram por pior. Johnnie, *you* passou por pior.”

“Amelia, não é um concurso”, ele diz simplesmente e percebo que era como eu sempre via isso. Tipo, *sim, minha mãe era uma bêbada, mas pelo menos ela não se prostituía pelo dinheiro das drogas como a mãe de fulano; ou, É uma pena que meu pai foi embora e me deixou com uma mãe viciada, mas pelo menos ele não ficou por perto e me molestou como o pai do fulano.* Estou sempre tentando menosprezar minha história porque outra pessoa tinha uma história mais horrível, como se tentasse me convencer de que meus danos não fossem tão dignos de aclamação.

“Como você se tornou tão bem ajustado?” Eu pergunto em voz alta, sem querer.

Com isso, ganho uma pequena risada. “Bebê, eu atiro nas pessoas para ganhar a vida. Isso sugere que sou bem ajustado?”

“Isso não é o que quero dizer...”

“O que você quer dizer?”

“Johnnie, seu pai quebrou seus dentes de leite. Ele tornou sua vida um inferno por quinze anos. Como você não acorda todas as manhãs com raiva?”

“Querida, o que ele fez comigo, não era sobre mim; era sobre ele. Não vou tomar o dano dele como se fosse meu.”

“Mas não te incomoda que ele fez isso? Que ele tenha jogado a dor ou raiva ou o que quer que seja em você quando você era jovem demais para se defender?”

“Claro. E quando era mais jovem, eu levei essa merda para os idiotas da cidade que ousaram tentar me provocar sobre isso. Eu batia neles, embora não fosse sobre eles. Assim como o meu pai fez comigo, não parei de fazer isso até que me livrei, até conhecer Break, até que percebi que havia mais na vida do que a raiva e o ressentimento.”

“Então você apenas conseguiu... magicamente deixar ir?” Eu pergunto.

“Pode ter ajudado que Break me empregou para ajudar a estourar rostos por um tempo. A raiva se arrasta, você sangra para que não te envenene.”

“Você acha que deixei isso me envenenar?” Eu pergunto, de repente, muito preocupada com a sua opinião sobre mim.

“Eu acho que você quer que isso te envenene”, ele responde, fazendo-me endurecer. “Eu acho que você quer furar através de suas veias para que, se alguém tentar entrar em contato com a pele, também caia sobre elas.” Ele faz uma pausa, seus dedos apertando-me como se para suavizar o sopro de suas palavras. “Eu acho que você passa sua vida indo embora primeiro, antes que as pessoas... antes que os *homens* cheguem à conclusão de que por você não vale à pena ficar. Acho que você aprendeu essa lição com seu pai quando era menina e acho que você acredita nisso; acho que você põe sua fé nela, acho que você não pode imaginar um mundo onde um homem poderia querer estar com você.”

Fecho os olhos com força com as palavras dele, contra a verdade delas, contra o conhecimento de que ele, mais uma vez, me *pegou*.

Eu estou enrascada, muito enrascada.

Deus, vai doer quando ele se tornar um dos que eu teria que abandonar primeiro.

“Vamos, bebê, já chega disso por hoje”, ele diz, levantando de repente, levando-me com ele e choramingo com a dor causada pelos empurrões. Johnnie estremece, beijando minha testa em pedido de desculpas enquanto me coloca de pé. “Você quer tomar um banho?” Ele pergunta e eu assinto. “Sozinha?” Ele pergunta, sabendo que é o que eu queria, mas balanço a cabeça de qualquer maneira. Ele dá uma tapinha na minha bunda com um aceno de cabeça. “Tente o quanto você quiser, querida”, ele diz, enfiando a perna no short, “mas esses escudos estão em pedaços. Você não vai conseguir recuperá-los.”

Sinto as lágrimas se acumularem atrás dos meus olhos e corro para o banheiro, batendo a porta antes que ele possa vê-las. Levanto minhas mãos para pressionar as palmas delas em meus olhos enquanto deixo as primeiras ondas de emoções correrem por mim. Eu me viro um pouco, olhando-me no espelho e respirando fundo. “Recomponha-se”, eu exijo para o meu reflexo, movendo-me para ligar a água do chuveiro.

Então tomo banho.

E me recomponho.

Ou quase isso.

Quando saio do banho, enrolo a toalha no corpo e vou em busca de roupas limpas. Eu acabo de deslizar na única outra peça que trouxe comigo: shorts jeans (porque tenho tantos shorts curtos quando eu odeio minhas coxas está além de mim, mas eu tenho) e uma camiseta preta lisa, quando eu ouço vozes. Não apenas de Johnnie. Passo o dedo no meu cabelo e caminho até a porta, parando para ouvir por alguns segundos, tentando entender se é uma voz familiar ou não. Tudo está abafado pela porta, então estendo a mão para ela e saio, tentando

parecer que não tinha ouvido nenhuma voz antes do tempo, como se eu estivesse apenas inocentemente saindo do quarto.

Mas eu mal estou a um passo da porta quando congelo.

Porque não são apenas duas vozes na sala de estar. Não. São cinco vozes. Uma dessas vozes pertence a Johnnie; outra voz é a de Cash; outra é a de Paine; a quarta é de Breaker; a última voz pertence a um homem gigante que eu já havia visto antes, com uma barba escura e olhos cor de mel e bizarramente claros.

E aqueles olhos estão em mim.

Na verdade, todos os *cinco* pares de olhos estão em mim.

E *cinco* pares de lábios estão curvados ao mesmo tempo também.

Há cinco homens incrivelmente atraentes, todos com suas auras de bad boy na sala de estar, observando-me com olhares cúmplices.

Eu acho que meu coração congela no peito.

Uma sobrecarga de caras quentes.

“Anjo”, a voz de Johnnie chega até mim e minha cabeça se vira em sua direção. “Venha aqui”, diz ele, sentando no braço do sofá e dando um tapinha no joelho. Eu hesito, já me sentindo como se todo mundo soubesse um pouco demais sobre o que aconteceu comigo e Johnnie. Eles não precisam me ver toda empoleirada no colo dele também. “Temos algumas coisas para lhe contar”, ele diz, e há uma tensão coletiva no ar novamente. E, bem, eu preciso ouvir o que eles têm para me dizer. Se isso significa que preciso sentar no colo de Johnnie para ouvir, bem, isso é apenas um privilégio. Quer dizer... um mal necessário.

15

Shooter

Amelia toma banho enquanto eu olho para a rua. Algo aconteceu naquele quarto. Não foi simplesmente a sua primeira vez. Embora, como eu disse a ela, significa muito para mim que ela quisesse que fosse comigo, que ela confiasse em mim para fazer o certo. Aconteceu depois que vi a última de suas defesas cair. Ela me deixou entrar. E, de um jeito que nunca senti antes, eu quero ficar. Eu estou prestes a contemplar o que, exatamente, significou quando os vejo formar um pequeno círculo na frente do meu apartamento: Breaker, Cash, Wolf e Paine. Eu calculo que o que eles vieram falar está definido e todos eles entram.

Não é típico dos The Henchmen se envolver com os meus negócios e os de Breaker. Mas, dito isso, todos parecíamos trabalhar juntos quando um de nós tem uma mulher que se mete em confusão. Isso acontece com frequência. Ainda bem, que a maioria dos caras foi fígada agora. E eu acho que todos nós aprendemos que quando dá uma merda e nós tentamos lidar com isso sozinhos, a merda piora rapidinho. Eles estão lá para garantir que não aconteça novamente.

Eu me viro para o quarto e pego uma camisa, em seguida, abro a porta para eles entrarem.

“Porra cara...”, diz Breaker, balançando a cabeça para mim.

“Mulheres...”, Wolf, o gigante barbudo comenta com um movimento de cabeça. Wolf nunca foi muito de falar. Mas ele é uma coisa violenta quando precisa ser.

Cash e Paine acabam de me dar sorrisos.

“Onde ela está?” Paine pergunta, olhando em volta.

“Chuveiro.” O sorriso de Cash fica maior, todo infantil e sabichão. “Não brinque com ela”, eu aviso.

“Por que raios eu iria provocá-la?” Ele pergunta, genuinamente ofendido.

“Estou apenas dizendo. Ela é uma garota legal, não...”

“Não é o habitual”, Paine termina em um encolher de ombros.

“Sim, algo assim. Então, acho que vocês todos sabem.”

“Traficante de heroína, hein? Pelo menos é um novo”, diz Cash.

“Lex tratou de H”, fornece Wolf.

“Sim, cara, mas Lex estava gostando de tudo”, Breaker dá de ombros. “Então, por que diabos eu estou descobrindo através de Alex que você entrou em uma situação no Alabama?”

“Aconteceu rápido. Pedi uma mão para Lo por causa de suas conexões. Lo sugeriu Alex. Eu liguei para Alex...”

“Você. Liga. Para mim.”, ele diz em sua voz profunda e grave, parecendo mais irritado do que eu o tinha visto em muito tempo. “Você não vai salvar a donzela em perigo, sem contar ao seu melhor amigo, não é?”

“Sim”, eu concordo. “Para que conste, eu ia te dar uma pista quando soubesse qual era a situação.”

“A situação é que você tem uma conselheira em vícios com oito quilos de drogas ilícitas em sua parede”, continua Break, sem ceder. “Ela é sua garota. Isso torna o problema seu. E eu não preciso lembrar você, mano, seus problemas são meus problemas também.”

“Eu entendi”, digo, dando-lhe um sorriso. “Mas você sabe que não sou mais aquele punk de quinze anos que dormia encostado no seu prédio, certo?”

“Saiba que você sempre será como um irmão mais novo para mim, Shoot, e eu sempre estarei preocupado se você estiver metido em uma coisa maior que você.”

“Nós todos vamos abraçar e cantar Hakuna Matata agora?” Cash pergunta com um sorriso. “Ou vamos conversar?”

Então nos sentamos e conversamos. Em apenas algumas horas, eles haviam conseguido todas as paradas. Cash me conta o que Hailstorm descobriu. Wolf e Breaker me contam o que Janie e Alex acharam. E Paine, bem, Paine me conta o que ele descobriu em suas conexões. Se você bisbilhotasse, se perguntasse por aí, Paine estava limpo como a neve recém-caída. Mas Paine tem segredos e conexões e essas conexões haviam se mostrado bastante úteis ao longo dos anos. Este é outro desses momentos.

A porta range e todos os olhos vão em direção do meu quarto, Amelia parada na porta, um pé esticado como se estivesse congelando no meio do caminho, vestindo uma camiseta preta simples e shorts jeans que colocam suas pernas em perfeita exibição. Seu cabelo está molhado, caindo ao redor do rosto. Seus olhos profundos estão arregalados, lábios entreabertos, confrontados com uma sala cheia de homens que eu sei serem os mais temíveis na costa leste, e todos eles estão dando-lhe sorrisos bobos.

Ela se move em minha direção lentamente, apenas encostando o quadril na minha coxa até que passo um braço em volta dela e a puxo para cima.

“Hum. Ok. Então... diga”, ela diz, procurando um rosto seguro no cômodo e se acomodando em Cash.

“Tudo bem, boneca”, começa Breaker, inclinando-se para frente e descansando os cotovelos nas coxas. “Não vou maquiar a situação. Você parece forte o suficiente para lidar com isso. Há alguns anos atrás, Shoot fez um contrato com Luís Carlos. Luís estava trabalhando para um grande vendedor de heroína em Miami. Ele era um violento idiota e Shoot estava feliz em tirá-lo das ruas, mas não sabia que Luís Carlos não estava apenas tentando se libertar, recuperar sua vida, ele estava fazendo uma jogada de poder. Shoot não fica por perto depois de um trabalho e nenhum de nós tem qualquer razão para manter os olhos na merda de Miami. Então não vimos Luís tomando a operação de Diaz. Nós não o vimos a operação expandir.”

“Expandir?” Ela pergunta quando ele para tentando deixar as coisas clarearem.

“Garota”, Paine interrompe e seu olhar volta para ele. “Luís é um construtor. Seu prédio é um dos quinze que ele tem na Flórida, na Geórgia e no Alabama.”

“Oh meu deus. Quanta heroína...”

“Mais do que você imagina”, conclui Paine. “Luís esconde a mercadoria quando a lei está bisbilhotando. Ele deixa as coisas se acalmarem. Então a recupera, provavelmente sob o pretexto de fazer algumas melhorias nos apartamentos, e envia o material através de sua teia. Acima do Leste para traficantes menores, para o meio-oeste. Sua operação é enorme. É... massiva. Normalmente, isso seria uma coisa boa.”

“Como um imenso império das drogas pode ser bom?” Amelia pergunta, braços cruzando o peito, o queixo erguendo-se de maneira altiva.

“Você é uma ninguém”, diz Wolf encolhendo os ombros. “Uma formiga.”

“Exatamente”, concorda Paine. “O problema é que você não é uma formiga, não é?”

O rosto de Amelia se franze. “O que você quer dizer?”

“Quantos outros moradores do seu prédio Luís convidava para encontros, anjo?” Eu pergunto e sinto seus ombros caírem ligeiramente.

“A maioria das pessoas no prédio é mais velha ou homens. Eu sou a única mulher solteira.”

“Querida”, diz Cash, dando-lhe um sorriso que grita: ‘você está sendo ridícula’. “Você tem um espelho, certo? Você já olhou para essa maldita coisa?”

Ela revira os olhos para ele e se concentra em Breaker. “Então, porque ele quer namorar comigo, eu estou ferrada. Isso é o que você está me dizendo.”

“Nós estamos dizendo isso porque ele quer transar com você, querida”, continua Break, indeciso quando ela visivelmente vacila diante de sua franqueza, “que você está no radar dele. Meu palpite? Ele nem sabe os nomes da maioria das pessoas nos lugares onde esconde seus bens, mas ele viu você de alguma forma e se interessou e isso torna muito menos provável que você possa simplesmente... mudar-se para um novo lugar e esperar ficar sozinha. Pode livrá-la do problema das drogas, mas não a livra do problema ‘Luís’.”

“Eu já o recusei bastante antes. Ele nunca pareceu muito chateado com isso.”

Cash suspirou. “Luís namorou uma garota em Miami. Linda. Poderia ser sua irmã, querida. Ela era um belo pedaço de mau caminho. Namoraram por um tempo até que ela sentiu o cheiro de algo de que não gostou e conseguiu se mudar para a Califórnia, mas Luís, bem, ele é um homem que gosta de manter as coisas bonitas que gosta por perto, então ele voltou, encontrou-a com um novo homem, matou-o e a arrastou de volta para Miami. E ele a manteve lá por três anos, até que ela usou o produto que ele estava guardando e teve uma overdose. Agora, querida...”

“Eu pareço com ela”, Amelia conclui em voz baixa.

“Sim, você parece com ela.”

“E ele gosta de *manter* coisas bonitas.”

“Sim, querida.”

“E ele gosta de matar homens que colocam as mãos em suas coisas bonitas...”

“Amy”, eu interrompo, não gostando de para onde sua mente está indo.

Ela pula do meu colo. “Deus, eu sou tão *estúpida*! Por que eu viria para cá? Eu poderia ter simplesmente... desaparecido. Não precisava vir aqui. Eu poderia ter ido para qualquer lugar e recomeçado.”

“E o que, garota?” Paine pergunta, parecendo calmo. “Deixá-lo te pegar sozinha? Desprotegida? Você fez certo em vir para cá.”

“E colocar Johnnie em risco?” Ela exige, girando de volta para nos encarar.

Todos os olhos vêm para mim. Breaker parece divertido, Cash e Wolf confusos, e Paine machucado. Porque a coisa toda do “Johnnie” não era do conhecimento de ninguém. E, dado que Paine é um amigo

próximo, não saber disso... Dói. Mas eu não tenho tempo para isso. "Querida, eu não estou em risco."

"Você não sabe disso. Ele pode ser..."

"Amy, eu não estou em risco", digo com mais firmeza. "Querida, ninguém sequer sabe que você está aqui, exceto meu povo. Você não disse a ninguém no Alabama que estava vindo para Jersey. Todos eles provavelmente acham que você está no Maine com sua família que não existe. Nós só precisamos descobrir o que fazer com ele."

"Você vai matá-lo?" Ela pergunta sem rodeios, olhos em mim.

"Talvez", eu respondo honestamente. A coisa é que não sabemos como funciona a operação dele. Às vezes você corta uma cabeça e mais duas ou três voltam a crescer. E se seus homens começarem a lutar pela posição de topo, você e todas as pessoas que involuntariamente têm drogas em suas paredes poderiam estar em apuros. Não porque estaria implicada de alguma forma, mas porque você poderia estar no caminho. Eles poderiam vir, aproximar-se e..."

"E coisas ruins podem acontecer", ela completa, o peso em suas palavras sugerindo que entendeu muito bem o que isso poderia significar para qualquer um deles, mas especialmente para as mulheres jovens e desprotegidas. Ela suspira, sentando a bunda na mesinha de centro e enterrando a cabeça nas mãos por um minuto. "Diga-me de novo porque eu não posso desaparecer? Tenho certeza que vocês poderiam providenciar isso, certo?" Ela pergunta, olhando diretamente para Wolf, como se sentisse que ele é o único que daria a ela uma resposta direta, e está completamente certa sobre isso.

"Poderia fazer isso", ele concorda com um aceno de cabeça. "Mas não vou", ele adiciona e Amelia pula da mesa e começa a andar.

"Bem, por que diabos não? Garota em possível risco mortal e nós vamos escondê-la para que ela possa viver sua vida? Oh não. Nós

somos os grandes e maus. Nós não desistimos de uma luta Nós precisamos colocar nossas cabeças de Neandertal juntas e descobrir a maneira mais eficiente de balançar nossos clubes”, ela zomba enquanto anda, alheia aos sorrisos de merda que está recebendo de todos nós. “Deve ser uma droga ter toda essa testosterona inundando seu sistema. Porque pelo que vejo, tudo o que ela faz é te deixar impulsivo e burro e...” Ela se vira, suas bochechas ficando vermelhas enquanto olha para todos nós.

“Bebê, acho que talvez todo esse *estrogênio* esteja te deixando um pouco louca”, Cash brinca de volta, sabendo que sua mulher iria torcer o pescoço se soubesse disso e como se não se importasse. “Seja uma boa menina e faça-nos alguns sanduíches”, ele continua e é difícil esconder uma risada quando os olhos de Amelia ficam pequenos. “Deixe os homens lidarem com as coisas importantes.”

Ela respira fundo e olha para mim. “Então essas armas que você sempre tem por perto”, ela começa, “onde eu poderia encontrar uma delas?”

Com isso, Cash finalmente solta uma gargalhada, balançando-se para fora do assento e envolvendo-a nos braços por um segundo, sussurrando ao ouvido dela. “Só tentando tirar você da desgraça e da tristeza, querida.”

“Sendo um porco machista?” Ela pergunta, mas está sorrindo um pouco.

“Imaginei que isso te deixaria irritada”, ele diz, soltando-a. “Saiba que isso parece uma merda pesada, mas acredite em mim, querida, isso é leve como penas, comparado com o que estamos acostumados a lidar. Só precisamos de mais um ou dois dias, três no máximo e teremos um plano. Pense... você pode viver com isso?”

Amelia visivelmente relaxa, soltando o fôlego que sai como um suspiro. “Está bem.”

Eu sento e vejo quando ela fala com os caras por mais um minuto, sentindo-me um pouco satisfeito com a facilidade com que ela faz isso, como se não fossem os caras mais assustadores que ela já conheceu, como se não estivesse tentando mantê-los à distância. No espaço de dez minutos, ela permitiu que eles a vissem vulnerável e preocupada; assustada e zombeteira; zangada e tagarela. Ela nem pensou em tentar colocar seus escudos de volta. Ela não tentou mantê-los longe com seus espinhos. Não sei o que mudou, tudo que posso dizer é que eu gosto disso. Eu gosto de vê-la sorrir para os meus amigos e tirar sarro deles. E gosto do jeito que eles acham-na divertida e interessante mesmo passando por todos os problemas.

O fato é que estou gostando de tê-la em minha vida, não apenas na minha cama. Eu gosto de perceber que ela se encaixaria com o meu pessoal, independentemente de seus sentimentos sobre suas várias profissões. Isso importa para mim. Isso não devia importar porque sei que ela tem toda a intenção de voltar à sua vida, eventualmente e de me deixar, mas importa.

“E, além disso”, ela está dizendo, sentando-se ao lado de Cash e, aparentemente, tendo uma severa conversa enquanto estive perdido em meus pensamentos. “As mulheres não apenas... cozinham para os homens porque eles exigem isso.”

“Ela está certa. Basta mostrar-lhe sua geladeira vazia e ela vai fazer isso sem você ter que dizer nada”, acrescento, piscando para ela quando revira os olhos para mim.

“Boa, hein?” Paine pergunta, sorrindo.

“Dei uma bocada e a pedi em casamento”, eu concordo.

“Johnnie...”

“Devo contar a eles sobre a sobremesa?” Eu pergunto e seus olhos ficam enormes. Seria engraçado, mas o rosto dela fica sério ao mesmo tempo. “Anjo, venha aqui.”

“Não acho que quero.”

“Venha aqui”, digo novamente, estendendo a mão e ela relutantemente caminha em minha direção, onde eu a puxo para o meu colo novamente. Eu abaixo minha cabeça em direção à sua orelha e faço da minha voz um sussurro. “Eu estava provocando. O que acontece entre nós dois, querida, fica entre nós dois. Ok?”

Sua cabeça assente. “Ok.”

“Minha geladeira está vazia”, diz Wolf de repente para o silêncio da sala.

Todos os olhos se voltam para ele e Cash ri. “Você tem uma mulher.”

É então que um pequeno sorriso puxa seus lábios. Não é um olhar para quem quer que fosse. Até alguns anos atrás, ele era uma das pessoas mais severas que você poderia encontrar. Janie, sua mulher, suavizou um pouco suas arestas, deu a ele uma razão para deixar que parte da raiva que ele mantinha dentro fosse amenizada. “Ela não cozinha”, ele diz e todos riem.

“Porra, Alex também não”, comenta Breaker. “Será que é uma coisa de hacker?”

“Hacker?” Amy perguntou, olhando para mim.

“Janie e Alex são hackers. Isso é o que elas fazem para ganhar a vida. Janie brinca em outras coisas, mas principalmente ela hackeia.”

“Outras coisas?” Ela pergunta.

“Nunca conheci alguém tão bom com explosivos quanto ela”, digo com um sorriso.

“Explosivos”, ela repete, olhando em volta. “Cash, o que sua mulher faz?”

Cash parece um pouco envergonhado por um momento. “Ela dirige a Hailstorm, querida.”

“Hailstorm?”

“É meio difícil de explicar. É como uma base do exército, exceto que eles não são do exército. Eles fazem um pouco de tudo: perseguição, acessos, segurança privada, investigação...”

É então que vejo que ela está mordendo sua bochecha, como se estivesse se preocupando com alguma coisa. “Bebê...”, eu começo.

“Elas são todas criminosas também, certo?” Ela pergunta e compreendo o que colocou as linhas entre as sobrancelhas. Ela está preocupada que não se encaixe. Ela quer saber o que as mulheres de meus homens fazem para saber como elas lidam com nossos estranhos estilos de vida. Descobrir que todas as mulheres são da mesma vida que eles não está ajudando. Por que importa quando eu sei que ela está me deixando, está além de mim.

“O irmão de Cash, Reign, tem uma mulher, Summer”, digo, querendo ajudá-la a entender, “não é uma criminosa. Ela cresceu normalmente. Trabalha como uma pessoa normal...”

“Sim, até que foi sequestrada e torturada e descobriu que esteve vivendo em um império criminoso por toda a sua vida”, Cash fornece, dando-me um olhar estranho como se não entendesse por que eu estava dizendo isso.

Eu fuzilo o cara. “O ponto é, ela não tinha ideia”, eu pressiono, dando-lhe um aperto.

Amy solta um suspiro e encolhe os ombros, movendo-se para sair do meu colo e não tenho escolha senão deixá-la. “Tanto faz. Eu vou fazer um pouco de café. Vocês podem grunhir e bater no peito ou o que diabos os homens fazem quando se reúnem”, ela desdenha, indo em direção à cozinha.

“Muito obrigado, idiota”, reviro os olhos para Cash.

“Que porra que eu fiz?”

“Bom, Cash”, diz Breaker.

“Idiota”, Wolf concorda comigo e o sorriso de Cash se espalha.

“Eu te conto na saída”, Paine fala e todos se levantam.

Eles compartilham seus planos para o dia comigo, prometendo manter contato. Então há o som distinto de uma xícara de café batendo suavemente no balcão da cozinha e um resmungo, fazendo todos os caras levantarem suas sobrancelhas para mim.

“O que houve, anjo?”

“Você nem sequer tem o *maldito* açúcar!” Ela grita e eu sinto meus lábios se contraindo. ‘Maldito’ é o mais próximo de uma palavra imunda que ela parece confortável em usar e é a coisa mais fofa que eu já ouvi.

“Precisa que eu saia e compre um pouco de açúcar, querida?”

“E leite e, eu não sei, talvez alguns ovos e farinha e manteiga. Honestamente, como você não tem nada disso?” Ela fala, fazendo a contração se transformar em um sorriso completo.

“Bebo meu café preto, gatinha.”

“Gatinha?” Ela olha para mim ao virar do corredor.

“Essa é a nossa deixa para sair”, Breaker ri, batendo a mão no meu ombro. “Um conselho?” Ele diz, olhos brilhantes. “Deixe-a desabafar. Fazer sexo é a melhor opção. Por que você acha que eu irrita Alex, porra?”

E com isso, eles saem, cada um deles oferecendo a Amelia um ‘Até mais tarde, querida’ (no caso de Cash), um ‘Te vejo por aí, boneca’ (no caso de Breaker), um ‘falo com você mais tarde, garota’ (no Caso de Paine) e um “mulher”, com um levantar de queixo (no caso de Wolf).

“Eu gosto que você goste dos meus amigos, querida”, digo a ela andando apesar da postura que estava gritando “foda-se!” e envolvendo um braço em sua barriga por trás, descansando minha cabeça em seu ombro.

“Bárbaros”, ela responde, tentando guardar rancor.

“Mmmhmm”, murmuro contra a pele do seu pescoço. “Exatamente o tipo de homem que você quer ao seu lado quando tem um problema, não acha?”

“Machistas”, ela tenta, mas sua voz está ficando aérea enquanto minha língua provoca a borda de sua orelha.

“Não diria isso se você conhecesse as mulheres deles.”

“Por quê?”

“Bebê, homens como eles... que outro tipo de mulher poderia domá-los, exceto as que são duas vezes mais fortes?” Sua cabeça desvia para o lado, dando-me mais acesso do qual eu aproveito. Minha mão desliza por sua barriga e pressiona suavemente entre suas coxas, tirando um pequeno gemido. “Você vai me dizer quando não estiver dolorida, não vai?”

“O que?” Ela pergunta, seus quadris se movendo contra a minha mão.

“Primeira vez, bebê. Sei que doeu. Sei que você vai ficar dolorida. Quando isso parar, você vai me dizer.”

“Por... por quê?” Ela gagueja quando meu dedo trabalha círculos sobre seu clitóris, distraíndo-a.

“Porque eu quero te pegar de novo. Eu quero viver dentro dessa buceta”, digo a ela, mordendo seu pescoço quando meu dedo clica em seu ponto sensível novamente. “Quero você de barriga para cima, pernas em meus ombros, levando-me o mais fundo que puder. Então, quero você de quatro para que eu possa te comer forte e rápido. Talvez puxe o seu cabelo. Você gosta quando eu brinco com seu cabelo, não é querida?” Eu pergunto, sorrindo enquanto ela faz um barulho tipo um choramingo. “Depois, quero que você me monte. Eu quero que você me foda até que não possa nem recuperar o fôlego, até que você se asfixie em um orgasmo que faça seu mundo se estilhaçar.” Eu explico, sorrindo enquanto ela se esfrega contra a minha mão, gemendo. “Você vai me dizer, não é?”

“Si... sim”, ela choraminga, chegando perto.

“Muito bem”, digo, puxando minha mão de sua buceta e dando um passo para trás, mordendo meu lábio para buscar seu leite, ovos, farinha e manteiga”, digo, colocando meus sapatos na porta da frente e pegando minhas chaves, observo seu rosto porque quero memorizar aquele olhar para guardar em segurança. É uma mistura de desejo, frustração, raiva e uma pitada de diversão.

Linda.

“Tranque a porta, Amy”, digo e saio para o corredor e faço isso com a porra de um sorriso enorme.

16

Amelia

Tranque a porta, Amy.

Por um momento, vamos esquecer a sobrecarga de caras gostosos e as novas informações assustadoras sobre Luís e seu império, sobre seu interesse em mim que é muito mais assustador do que eu pensava, a desconcertante percepção de que parece que os garotos maus só sossegam com meninas más, e até mesmo o fato de que é muito provável que eu estava prestes a ser envolvida em um plano que, inevitavelmente, levaria à morte de alguém, oh e toda a conversa suja enquanto ele brincou comigo no meio de sua cozinha e depois me deixar na mão para ir comprar açúcar.

Porque essas quatro palavras limpam tudo isso do meu cérebro.

Tranque a porta, Amy.

Ben e Johnnie, ambos usaram essa frase exata. Eles até disseram isso do mesmo jeito suave, mas com tom firme. Eu sinto a sensação de aperto no meu peito, percebendo que tinha se passado mais que um dia inteiro desde que senti, senti a perda. E então me sinto quase culpada porque, bem, ele *acabou de* morrer. Eu deveria estar de luto. Não deveria poder passar um dia inteiro sem pensar nele. Mesmo que houvesse muita loucura acontecendo ao meu redor e me envolvendo. Talvez seja estúpido me sentir culpada por me esquecer de sentir tristeza, mas o que posso dizer é que eu não estou exatamente bem emocionalmente.

Sinto-me pesada, caminho até a porta e coloco as trancas no lugar.

Ok. Talvez eu não esteja bem emocionalmente porque muita coisa acabou de acontecer. E eu quero dizer *apenas acabado de acontecer*. No decorrer de três dias, enterrei o único amigo que tinha no mundo; encontrei drogas escondidas na parede da minha casa; percebi o quão ferrada isso me deixava; descobri que um cara que casualmente namorei me queria porque eu parecia uma ex que ele sequestrou e manteve como refém até que teve uma overdose das drogas que ele vendia; percebi que ser um “cara mau” aparentemente não torna uma pessoa ruim, a julgar por Johnnie, Cash, Breaker, Wolf e Paine; Eu viajei quinze horas para ficar com alguém que era um *estranho*... e então dormi com ele.

Bem. Então, talvez essa seja a coisa que eu preciso enfrentar mais do que qualquer outra coisa. Eu dormi com Johnnie. Eu fiz sexo. E foi ótimo. Quero dizer, tratando-se de uma primeira vez, tenho certeza de que tive a melhor experiência que uma garota poderia querer. Não só foi bom do ponto de vista técnico, foi dada a mim por *Johnnie*. Eu tenho certeza de que se todas as mulheres do planeta pudessem voltar no tempo até o dia da sua primeira vez, elas iriam querer que Johnnie fosse aquele a iniciá-las no sexo. Por um bom motivo. Ele é ridiculamente bonito e tem o tipo de charme que me faz ter que suar para não me derreter quando ele fala. Além disso, sabe o que está fazendo. Como ele *sabia o que estava fazendo*.

Não me arrependo.

Talvez eu devesse. Eu me guardei por tanto tempo apenas para me lançar sobre o maior mulherengo que já cruzou o meu caminho. Mas eu não me arrependo disso. É uma boa lembrança. Uma que vou querer ter quando as coisas se desfizerem, como vão se desfazer. Um dia.

Então fiz o impensável; me abri. Eu peguei todas as partes escuras e feias da minha vida, as partes que mantinha tão profundamente

enterradas que nem tenho certeza se poderia desenterrá-las, e as entreguei a Johnnie. Dei-me a ele aos sete anos de idade, aterrorizada e magoada além das palavras, na primeira vez que percebi que um homem poderia me decepcionar, que um homem que alegava me amar poderia facilmente me deixar. Eu disse a ele como lidei com minha mãe; disse a ele sobre o quão feia o vício dela me fez. Contei a ele sobre sua morte com um distanciamento que me fez sentir fria e cruel.

Mas ele entendeu; ele me acolheu. A maneira como me sentia com a morte da minha mãe era muito parecida com a reação de Johnnie ao falecimento de seu pai. Algo fora do conceito de ponto final e dor, de uma maneira terrível, como se fosse um suspiro de alívio. Parecia libertador.

Ao contrário de qualquer outra pessoa que ouvisse isso, ele não pensou mal de mim. Talvez uma pequena parte de mim espere que ele sinta a mesma afinidade que sinto; a sensação de alívio por que alguém realmente me entendeu.

Deus, o que isso diz sobre mim?

Eu descanso minha mão contra a porta por um momento, fechando meus olhos.

Eu preciso me controlar. Preciso parar de criar conexões invisíveis com um homem que deixaria cedo ou tarde. Não há futuro para nós. Ele é um bad boy; sou uma boa menina. Não funcionaria.

Eu engulo em seco contra o nó na garganta, lutando contra o aperto no meu peito e piscando as lágrimas para longe.

Minha mão cai da porta.

“Tranque a porta, sim”, digo a mim mesma.

Mas, enterrado sob a segurança das minhas costelas, eu tenho certeza de que meu coração ignora a demanda.

Johnnie volta uma hora depois, chutando a porta do apartamento. “Abra, Chapeuzinho Vermelho. Não vou comer você”, sua voz tem um tom em que eu não confio enquanto me atrapalho com as trancas e abro a porta. “Pelo menos não até eu tirar essas sacolas das minhas mãos”, ele acrescenta com uma piscadela enquanto entra, beijando-me na bochecha enquanto passa em direção à cozinha, largando as sacolas no balcão.

“Johnnie, eu...” Começo quando sou interrompida pelo som estridente do seu telefone tocando.

“Segure esse pensamento, querida”, diz ele, deslizando o dedo pelo telefone e trazendo-o ao ouvido. “Docinho, querida”, ele diz, fazendo uma onda feia de ciúme passar pelo meu sistema, meu lábio se crispa um pouco e eu me viro para que ele não possa ver meu rosto, mas fico na cozinha, então posso ouvir. “Sim. Claro. Merda”, ele diz, e eu sinto seu olhar cair em mim, embora não pudesse vê-lo. “Lo, você tem certeza? Porra. Sim. Não, obrigado. Eu precisava saber. Ok. Mantenha-me informado.” Eu sei que ele está me observando, mas eu finjo estar super ocupada servindo meu café. “Era Lo.”

Não brinca.

Eu sinto a coisa no meu lábio novamente.

“Mulher do Cash”, acrescenta como se sentisse o meu humor azedo. Isso foi simplesmente *adorável*. Ele chama uma das mulheres de seu amigo, de querida, docinho? Pobre Cash não tem ideia do que está acontecendo pelas suas costas. “Amelia”, ele diz, seu tom quase um pouco afiado e é tão estranho, eu me sinto girando. “Mulher de Cash”, ele repete com mais ênfase, o que deve significar algo na linguagem dos

KILLER
Savages #2

homens, mas que não significa nada para mim. Vendo isso, ele exala alto. “Não toco em mulheres que pertencem à outra pessoa, certamente não naquelas que pertencem aos meus amigos. Como você tem uma opinião tão baixa sobre mim, Amy?”

Nossa. Ele parece completamente ofendido. Ele está certo. Não estou sendo justa. Só porque ele se prostituía, não significa que seja um amigo miserável. Argh. O que está errado comigo? “Johnnie, desculpe. Não queria... eu estava...”

Então um sorriso astuto brinca em seus lábios e eu desejo que pudesse chupar aquela desculpa de volta. “Você estava com ciúmes.”

“Não estava!”

Eu *estava* sim

“Eu meio que gostei disso baby. Não vou mentir”, diz ele, movendo-se para mim, fazendo ir para longe dele. “É bom saber que você não quer outra mulher chamando minha atenção.”

“Chamando a sua atenção?”

“Você quer plantar sua bandeira em mim”, ele brinca, apoiando-me contra a bancada. “E então você quer declarar guerra para quem se atrever a tentar colocar um dedo em sua propriedade.”

“Oh meu deus. Se liga”, eu tento, embora talvez uma parte de mim esteja acenando com a cabeça e dizendo “diabos, sim, ele é meu, meu!” Mas isso é absolutamente ridículo.

“Você me quer só para você”, diz ele, apertando seus quadris nos meus, suas mãos plantadas na bancada de cada lado do meu corpo.

“É incrível que um homem possa ter um ego tão inflado.”

“Você pode me querer só para você, bebê. Não me importo”, ele diz, dando-me um sorriso que apoia suas palavras.

Sim. Eu quero isso. Realmente quero isso. Eu quero reivindicá-lo só para mim. Mas um homem como ele nunca poderia ser meu.

“O que Lo tinha a dizer?” Eu pergunto, tentando mudar de assunto. Funciona. Eu sei disso porque seu rosto mostra linhas duras, quase fazendo eu me arrepender de perguntar. Quase.

“Querida...”

Isso não foi um bom ‘querida’. Isso foi um ‘querida’ muito, muito ruim.

“Diga-me”, eu exijo, sentindo meu coração começar a bater no meu peito.

Ele exala alto, suas mãos se movendo para meus quadris e afundando, em seguida, levanta-me para que minha bunda esteja no balcão e ele se aproxima de mim até que minhas pernas ficam na lateral do seu corpo. “Não é uma boa notícia.”

“Eu estou meio que percebendo isso. Apenas me diga agora. Você não está ajudando com essa enrolação.”

Seus dedos ficam nos meus quadris e apertam um pouco. “Lo e Hailstorm estão investigando a organização de Luís, especialmente as pessoas que trabalham para ele. Bebê...”

“Não”, digo, balançando a cabeça com tanta força que minha visão fica embaçada. Não, não, não. De jeito nenhum.

“Sim, bebê. Meu pai trabalhou para ele.”

“Não”, digo, e o som é um pouco histérico.

Uma de suas mãos deixa meus quadris, traça um dedo pela minha bochecha, em seguida, agarra o lado do meu pescoço. “Sim, querida. Ele está na folha de pagamento há alguns anos.”

E é então que percebo que não aguento mais. Eu percebo isso porque simplesmente desligo. É como uma porta batendo, bloqueando tudo o que não quero pensar atrás dela. Deixar para trás é apenas um tipo de dormência feliz.

“Amy...”

“Ok”, digo com um encolher de ombros.

“OK?” Ele pergunta, suas sobrancelhas se unindo.

“Sim, ok. Obrigada por me dizer.”

“Obrigado por lhe dizer?”

“Por que você está repetindo tudo o que digo?” Eu pergunto, uma sombra de um sorriso nos meus lábios.

“Bebê...”

“Eu estou bem”, insisto, empurrando seu estômago com meus joelhos até que ele dá um passo atrás para que eu possa descer e pegar meu café.

“Sim, anjo, é por isso que estou preocupado.”

“Você está preocupado porque estou bem?” Eu pergunto, sacudindo a cabeça enquanto abro o pacote de açúcar e coloco uma colher de chá no café antes de abrir o leite.

“Estou preocupado porque você amava meu velho, Amelia. Estou preocupado porque te segurei em meus braços quando você chorou muito depois do funeral dele. Estou preocupado porque a Amelia que eu conheço não estaria ‘bem’ com uma notícia dessas.”

“Talvez seja só porque você não me conhece tão bem”, digo, tomando um gole do meu café e me encolhendo. Burra, porque não disse a ele para comprar chá?

“Na sacola, bebê”, ele diz com um pequeno sorriso.

“O que está na sacola?”

“Chá.”

“Você comprou chá para mim?”

“Achei que você queria sua dose de cafeína, então resolveu tomar um café, embora não beba. Então comprei um chá para você.”

Coloco minha caneca no balcão, indo para a sacola como se precisasse de provas. E, com certeza, há uma caixa de chá. Não só é uma caixa de chá; é uma caixa do *meu* chá. Ele deve ter olhado para o chá doce quando eu estava na varanda. Desde quando algum homem é observador?

“Isso foi doce. Obrigada.”

“Só isso?” Ele pergunta e eu empurro para olhar para ele, as sobrancelhas juntas.

“O que você estava esperando?”

Ele me dá um sorriso malicioso que sugere que eu sei *exatamente* o que ele espera. “Mas eu vou me contentar com um beijo”, diz ele, franzindo os lábios um pouco para mim.

“Você é ridículo.”

“Você ama isso.”

“Pare de ser tão arrogante.”

“Pare de gostar disso.”

Isso não nos levaria a nada. Eu me movo para despejar meu café no ralo, enxaguo minha xícara e vou em busca de uma panela, já que um bule de chá não grita “menino mau” e, portanto, Johnnie não possui um. Pelo canto do olho, o vejo me observar por um momento antes de

se servir para tomar uma xícara de café e subir no balcão onde me sentara um momento antes.

“Para que a farinha, a manteiga e os ovos?”

“Ter na geladeira, no caso de você precisar deles”, digo com um balanço de cabeça. Como ele não sabe disso?

“Então você não vai cozinhar para mim de novo?”

“Não.”

“Tudo bem”, ele diz, parecendo achar muito pouco ofensivo, não importava o quanto eu tentasse ser assim. “Eu terei apenas *você* no almoço. E no jantar. E de sobremesa.”

Eu olho para a panela no fogão, ignorando o aperto do meu sexo com a promessa de suas palavras. Por que minha mente e meu corpo não estão de acordo sobre ele ser uma má ideia?

“Relaxe, querida. Vamos pedir alguma coisa”, diz ele, saltando e saindo da cozinha.

Eu luto contra a vontade que tenho de chamar e pedir que ele volte, pedir para não se afastar de mim, vir me provocar e me beijar e melhorar as coisas. Mas esse não é o seu lugar. Ele não é meu namorado. Por mais que ache que é fofo brincar sobre estar bem comigo pedindo sua atenção, eu sei muito bem. Ele não é esse tipo de cara. E, bem, eu não sou exatamente esse tipo de garota também.

Eu tenho que deixá-lo ir embora.

E eu tenho que ficar bem com essa sensação.

Depois de me deitar e rolar por umas boas duas horas e meia, já passa do meio da noite quando Johnnie sobe na cama, rola-me de barriga para baixo, desliza um joelho entre as minhas pernas e coloca seu peso nas minhas costas, prendendo-me no lugar. E é quando finalmente consigo dormir, sua respiração quente no meu pescoço, seu corpo um tipo confortável de peso.

Então, estou acordada. O sol está se inclinando através das persianas e eu pisco os vestígios de sono. Já acordado, ou acordando por causa do meu movimento, Johnnie faz um barulho resmungando na minha nuca. “Muito cedo.”

“Você troca seus dias pelas noites”, falo para o travesseiro, incapaz de me mover.

“Não troco. Eu só gosto mais das noites”, diz ele, plantando seus antebraços no colchão e começando a levantar. O movimento faz seu joelho roçar a junção das minhas coxas e ouço uma inesperada respiração ofegante de meus lábios. Seu corpo inteiro congela com o som e eu tenho o desejo estranho e desnecessário de segurar minha respiração. Então ele se move, mas apenas seu joelho, puxando para trás, em seguida, esfregando entre as minhas pernas novamente. Desta vez, não é um suspiro, é mais um pequeno gemido. “Porra, tão doce”, diz ele, acariciando o rosto no meu pescoço. Seu joelho se afasta, mas só porque sua mão o substitui, acariciando-me através da calça do meu pijama até que estou arqueando minha bunda para trás, tentando dar-lhe acesso.

Tomando isso como permissão, suas mãos vão para minha calça, agarrando o cóis e minha calcinha e, lentamente, arrastando para baixo para que meu traseiro ficasse exposto. O material fica em torno de meus joelhos e sua mão move-se para acariciar minha abertura exposta.

“Tão molhada”, ele murmura, deslocando os quadris e sinto sua dureza pressionar contra a minha bunda. “Isso doeu?” Ele pergunta,

deslizando um dedo facilmente dentro de mim, arrancando um gemido. “Vou tomar isso como um não?” Ele ri no meu cabelo quando seu dedo começa a empurrar rápido e rápido. “Acho que vou te foder assim, bebê. Você quer?”

“Sim... sim”, choramingo, balançando meus quadris no ritmo do dedo. “Johnnie...”

“Porra”, ele rosna, puxando o dedo para fora de mim e eu sinto seus joelhos em meus quadris enquanto ele inclina seu torso em direção à mesa de cabeceira onde o ouço tatear pela caixa de preservativos. Ele volta e se senta em seus tornozelos por um momento, dando-me tempo para sentir uma sugestão de incerteza. Seria um erro, deixar que ele me tocasse novamente, senti-lo dentro de mim novamente. Isso só iria confundir mais as coisas.

Suas mãos se movem e agarraram as bochechas da minha bunda, apertando com força quando ele se move para frente e seu comprimento desliza pela minha abertura, a cabeça esfregando contra o meu clitóris latejante. “Vou aliviar para você, querida, mas eu quero te foder duro”, ele me diz e eu sinto uma emoção de desejo correr pelo meu sistema, trazendo uma onda de umidade entre as minhas coxas. “Parece bom?”

“Sim”, eu sussurro.

“Fique de joelhos para mim, bebê. Quero te pegar assim.” Eu empurro meus braços para baixo de mim, pressionando. Meus joelhos também sobem, inclinando em direção a minha barriga um pouco enquanto mantenho meu torso baixo para que minha bunda fique onde ele quer. “Assim”, ele elogia e sinto uma vibração em suas palavras. Ele se mexe atrás de mim, balançando seus quadris para que sua ereção provoque entre minhas dobras até que me contorço por ele. Uma de suas mãos descansa logo acima da minha bunda, a outra o guia em direção à minha entrada, onde ele faz uma pausa enquanto pressiona.

Eu espero pela dor, pelo aperto que tinha estado lá antes. Não vem. Há uma ligeira sensação de puxar que faz minhas coxas ficarem tensas, mas diminui tão rapidamente quanto começou. “Você está bem?” Ele pergunta, parando quando mal havia penetrado.

“Não pare”, eu imploro, minhas mãos segurando os lençóis, meu sexo apertando em torno dele.

“Porra, anjo”, ele geme, empurrando para frente e enchendo-me ao máximo. Suas mãos se movem para segurar meus quadris, prendendo enquanto ele dá alguns impulsos suaves e hesitantes, aliviando a pressão em mim. Quando tudo que ele consegue de mim são gemidos estrangulados, seus dedos afundam em meus quadris, usando-os para me puxar de volta em seu corpo enquanto ele empurra para frente.

“Oh... meu deus”, eu gemo, empurrando para cima em minhas palmas.

Uma de suas mãos sobe pela minha espinha, sua palma se espalha pela parte de trás da minha cabeça, em seguida, enrola os dedos e gira. Ele puxa e a dor é uma sensação rápida e aguda que parece muito boa de uma maneira muito obscena. “Tão apertada, bebê”, ele rosna, cavando em meu cabelo novamente, mas mais forte, usando-o para me puxar para trás até que minhas mãos estão fora do colchão, e minhas costas contra a sua frente. Sua mão solta meu cabelo e move-se para roçar meu seio, em seguida, desce pela minha barriga, até que desliza entre as minhas coxas e começa a circular meu clitóris. “Coloque seus braços em volta de mim, querida”, ele murmura e meus braços sobem estranhamente e em torno de sua nuca. “Boa menina”, ele elogia, seus impulsos ficando mais rápidos, atingindo-me profundamente cada vez e a fricção torna-se uma sensação quase dolorosa.

“Johnnie”, eu gemo, sentindo o aperto começar profundamente.

“É isso, bebê. Aperte meu pau”, ele insiste. Seu dedo faz outra pressão no meu clitóris e minha respiração fica presa no peito quando o orgasmo percorre meu corpo, uma pulsação rápida e frenética ao redor de Johnnie que geme enquanto mergulha profundamente e se enterra, seu corpo estremecendo quando goza. Seu dedo desliza do meu clitóris e se move para a minha coxa, apertando. “Bom dia, anjo”, ele diz, pressionando um beijo no meu pescoço. Eu dou uma risada bem selvagem e incontrolável. “O que?”

“Bom dia?” Eu pergunto, peito tremendo.

“Melhor maneira de acordar, você não acha?”

Eu sinto um sorriso se espalhar pelo meu rosto. É o primeiro sorriso verdadeiro e genuíno que dou em muito tempo. “Não posso discordar disso.”

“Querida...” ele diz, sua voz muito doce.

“Acho que posso melhorar”, tento, precisando terminar aquele momento. Se isso não acontecesse, eu tenho certeza de que iria me virar, jogar meus braços em volta dele e pedir-lhe que me deixasse ficar com o momento até o fim dos tempos; para me deixar ficar com *ele* até o fim.

“Tenho que ouvir isso”, diz ele, mordiscando o espaço logo abaixo do meu ouvido.

“Panquecas”, eu anuncio. “Você trouxe a maior parte dos ingredientes ontem. Exceto o fermento em pó. Mas você, por algum milagre, tem um pouco de bicarbonato de sódio em seu armário, vai ter de servir.”

Ele desliza para fora de mim, braços ao redor do meu corpo para um aperto. “Você é fora de série, querida”, ele diz e soa como um elogio. “Acho que a calda está acabando também”, ele anuncia, indo em direção ao banheiro.

Com isso, puxo minha calça e me movo com as pernas vacilantes em direção à cozinha, onde eu começo a fazer o café para Johnnie e coloco água para mim. Ouço a água correndo no banheiro e ele tropeçando pelo quarto por um minuto antes de Johnnie sair, o cabelo molhado de uma ducha rápida e calça jeans skinny preta e uma camiseta branca com gola v simples. Mas, senhor, ele é a coisa mais sexy que eu já tinha visto. Ele me observa por um segundo, a cabeça inclinada para o lado, algo que não consigo ler por trás de seus olhos, antes que ele se mova em minha direção e me abrace, apertando-me com tanta força que perco o fôlego. Ele se afasta, beijando a ponta do meu nariz. “Volto já”, anuncia, deixando-me e indo em direção à porta.

“Tranque a porta, Amy.”

Eu observo a porta fechar.

É tarde demais para isso, percebo. Ele já está dentro.

Isso é demais, não é nada bom.

Vou até a porta de qualquer maneira, trancando-a, antes de voltar para a cozinha e juntar os ingredientes no balcão. Eu acabo de tirar uma tigela grande do armário e colocá-la no balcão quando a batida soa na porta.

Eu pulo (bem, eu salto) em direção à porta. “Isso foi rápido. O que mais você conseguiu que suas mãos estão cheias...” Eu começo abrindo a porta.

Não checo o olho mágico.

Estúpido, movimento estúpido.

Porque não é Johnnie com a calda na porta.

“Olá, querida”, diz Luís, como de costume e eu tenho uma sensação de afundar por dentro, como se o chão cedesse sob meus pés.

17

Shooter

“Querida, estou em casaaaa”, digo, abrindo a porta, apenas levemente preocupado que ela não tivesse trancada como disse a ela. Eu estou de bom humor para passar um sermão nela, em parte porque teria panquecas, mas principalmente por causa da mulher que está fazendo isso para mim.

Enquanto olhava a seleção de caldas na mercearia da esquina, não pude deixar de concordar que Dade está certo; não demora semanas ou meses para descobrir que você quer alguém. Demora apenas alguns dias. Na verdade, levei alguns minutos se fosse completamente honesto. Esses dias apenas reforçam o que eu já sei. Eu gosto dela. Eu a quero por perto. E não a quero apenas para uma foda rápida quando estivesse de bom humor, embora eu felizmente transaria com ela até o final dos tempos. Eu a quero *por perto*. Eu a quero na minha cozinha, chicoteando o que quer que fosse que aparecesse em sua cabeça. Eu a quero no meu colo quando me reunisse com os caras. E quero que ela se integre com as mulheres, para ver se ela pode se encaixar. Quero que ela durma na minha cama, ou que fique rolando e virando na minha cama ao ponto de ter que prendê-la para que ela possa finalmente descansar um pouco. Eu quero vasculhar a fodida mercearia com a mão no seu bolso de trás enquanto ela tenta não parecer mortificada.

Eu a quero.

E não é aterrorizante como eu achava que seria, perceber que encontrei uma mulher com quem quero mais do que noites suadas. Deveria ter me assustado, ter me feito querer correr o mais rápido que pudesse. Mas isso não aconteceu. De qualquer forma, sinto um tipo profundo de satisfação que é ao mesmo tempo estranha e familiar.

Eu sei que ela vai lutar contra, lutar contra seus sentimentos por mim. Mas também sei que ela também está sentindo o que eu estou sentindo. Ao contrário de mim, isso não a conforta; isso a assusta. Amy está convencida de que se deixasse um homem ficar por perto o tempo suficiente, ele perceberia que por ela não valia à pena ficar.

Bem, vou ter que provar que ela está errada sobre isso, não é?

O sorriso ainda está puxando meus lábios quando chuto a porta e me movo em direção à cozinha.

E é quando meu coração derrapa até parar de bater dentro do meu peito.

Porque tudo está errado.

Sua panela de água no fogão borbulha violentamente, a água já evaporada pela metade. A farinha está revirada, pedaços de manteiga no chão, o açúcar derramado por toda parte.

“Porra!” Eu grito no meu apartamento vazio, a sacola caindo da minha mão enquanto pego meu celular, desligando o fogão antes de correr para o corredor.

“E aí, Shoot?” A voz de Breaker diz calmamente no meu ouvido.

“Ele a pegou”, digo, descendo as escadas e explodindo na rua, olhando freneticamente ao redor.

“Quem pegou quem?”

“Luís pegou Amy”, esclareço, descendo a rua embora soubesse que era inútil. “Eu saí por cinco minutos e ele a pegou.”

“Shoot, você tem certeza de que ela não...”

“Eu tenho certeza e preciso que você ligue para Lo e Wolf e qualquer outra pessoa em quem você possa pensar e lhes diga isso.” Com isso, desligo, abrindo a porta da loja de Paine, fazendo as meninas que estão na loja pularem e gritarem. “Paine!” Eu chamo, minha voz batendo em um tom que eu nem reconheço.

“Shoot, porra, você...” Ele começa quando sai da parte de trás, mas seu rosto fica sério quando ele olha para mim. “Não...”

“Sim”, eu concordo, apertando as mãos e apertando os meus lados, desejando algo para fazer, mas não tendo nada.

“Saiam!” Ele grita para as mulheres que imediatamente largam o portfólio e correm para a porta. Nós seguimos, saindo para a rua. “Quanto tempo?”

“Cinco, dez minutos”, digo, pegando meu telefone enquanto ele toca.

“Shoot”, a voz de Lo diz no meu ouvido. “Todo mundo está nisso. Eu preciso de detalhes, então preciso de você com sua cabeça no jogo.”

“Eu saí para comprar calda para panquecas na esquina. Voltei, entrei, a cozinha estava uma bagunça.”

“A porta estava quebrada?”

“Não, ela não deve ter trancado.”

“E a sua porta na entrada do prédio? Ela também tem uma fechadura.”

Eu nem tinha olhado para ser honesto. Não tinha razão para subir. Contornei a esquina do meu prédio novamente. “Nada, Lo. Ela foi capturada.”

“Ok. Tem uma câmera na loja ao lado...”

“Trato disso”, digo, voltando e entrando na loja de penhores. “Preciso da filmagem da sua câmera lá de fora”, eu grito para o homem enorme atrás do balcão que se move para zombar de mim. E, bem, eu não tenho tempo para essa merda. Puxo a arma para fora do cós da minha calça e aponto para ele. “Tá certo agora, caralho”, exijo e ele balança a cabeça e acena para nós, apontando para os fundos da loja.

“Shoot, respire”, Lo diz calmamente no meu ouvido. “Nós vamos encontrá-la. Ela vai ficar bem.”

“Ela não é como você, Lo”, digo, fechando os olhos enquanto o dono da loja corre com o computador. “Ou Janie ou Alex. Ela faz um bom número, mas ela não é durona.”

“Por mais que eu goste dessa descrição de mim e das garotas, Shoot tenho certeza de que ela é mais forte do que você pensa. E ela só se foi há alguns minutos.”

“Lo... leva apenas alguns minutos para causar danos sérios”, digo, meu estômago se azeda.

“Não vá por aí. Ainda não.”

“Essa porra é para agora, cara” diz Paine ao dono da loja, sua voz suave soando ameaçadora.

O dono da loja aperta um botão e empurra a cadeira para trás para que possamos olhar. Paine estende a mão e rebobina a filmagem até que eu vejo algo que faz meu mundo parecer que está caindo aos pedaços. Três homens saíram de trás do meu prédio, um deles sendo Luís, que andava na frente dos outros. Os outros dois, que eram desconhecidas

para mim, tinham uma Amelia lutando com seus braços, suas pernas chutando quando a levantaram do chão para remover seu impulso para se afastar. “Porra...”

“Sim”, Lo concorda. “Janie acabou de trazer as imagens para cá.”

“Já?” Além disso, sinto uma onda de divertimento com a rapidez com que faziam as coisas.

“É uma loja de penhores, não a CIA”, diz Lo. “Ok, então é o Luís. Os outros dois eu não conheço, mas Janie vai descobrir quem são eles. Não parece que temos um carro. Onde diabos ele estacionou?”

“Na rua lateral”, digo enquanto os observava desaparecer da visão da câmera. “Não há câmeras lá embaixo. Metade delas está abandonada.”

“Alex vai olhar os semáforos. Alguma ideia do que ele dirigia no Alabama?”

“Mercedes”, digo automaticamente. “Preto. Novo. Isso é tudo que sei.”

“Bom”, ela diz, calma como sempre, enquanto sinto que tudo dentro está se despedaçando.

“Cash, Wolf, Reign e Repo receberam a ligação. Eles estão de moto olhando as redondezas. Mas minha intuição diz que precisamos descobrir para onde eles a estão levando. Muito tráfego por aqui para encontrá-los nas ruas.”

“Metade dessa parte da cidade está abandonada, querida”, digo, sabendo que eles poderiam estar em qualquer lugar.

“Sim, mas eles não sabem disso”, diz ela. “A não ser que eles estivessem aqui há um tempo e não podem ter estado aqui por muito tempo. Talvez pergunte a Paine sobre os caras lá em baixo...”

Minha cabeça chicoteia na direção de Paine e ele se endireita. “Onde os caras da Rua 3 pegam a heroína, Paine?” Eu pergunto e seus olhos se fecham enquanto ele exala, inclinando-se para o teto por um segundo. “Não queria ter de perguntar isso a você, cara”, digo, encolhendo os ombros.

Paine passa a mão pelo rosto e assente com força, saindo do quarto dos fundos e eu o sigo. “Agradeço pela sua preocupação, Shoot”, diz ele, voltando para a rua e se jogando em seu Challenger. Entro no lugar do passageiro porque: um, eu preciso de algo para fazer, e dois, alguém precisa estar com Paine onde ele estivesse indo. “Mas estava esperando que isso acontecesse um dia. Não poderia esperar ficar longe para sempre.”

“Você tem algumas armas aqui?”

“Porta luva”, ele diz e eu abro, verificando o carregador, em seguida, entrego a ele. Uma de suas mãos está fixa no volante, as juntas dos dedos segurando-o com tanta força que estão brancas. Deixamos a parte industrial da cidade para trás e seguimos para a parte que faz qualquer pessoa decente manobrar e dar meia volta rapidamente. Não é nem mesmo uma parte da cidade. Sinto-me tão confortável dirigindo por aí, mas essa é uma parte da cidade pela qual Paine costuma andar, costuma ajudar a administrar.

Nós atravessamos a rua de um prédio de apartamentos meio dilapidado, alguns caras empoleirados nos degraus da frente. No quarteirão, algumas garotas estão paradas, abanando-se no calor. Não demora muito para eu saber que as meninas pertencem aos caras. E por ‘pertencer, quero dizer que trabalham para eles. Por ‘trabalham para’ eu quero dizer ‘elas são as suas prostitutas’. Algumas coisas nunca mudam.

Paine se levanta de seu assento enquanto contorno a frente de seu carro. Os rapazes da varanda olham para mim de maneira estranha,

mas parecem me dispensar até que Paine entra na rua, com a arma brilhando na mão ao seu lado. Então eles estão de pé, um correndo para dentro do prédio, os outros tentando parecer maiores. Pode ter passado anos e as caras podem ter mudado da redondeza, mas todo mundo sabe de Paine. Todos também sabem que Paine está fora; ele está limpo; ele teve que fazer uma coisa horrível para conseguir isso. Então, ele está de volta e eles sabem que não é uma boa notícia.

“Sangue novo”, Paine cumprimenta, sua voz tem uma espécie de desalento que faz uma lasca de gelo deslizar através de minhas entranhas enquanto nos movemos para ficar na calçada a alguns metros de distância deles.

“Paine”, eles cumprimentam, empurrando o queixo para ele.

“Não estou aqui para saber de vocês”, ele diz um pouco rudemente, fazendo-me ver seu perfil. Eu conheço Paine há um longo tempo. Ele já era amigo de Breaker antes de eu ter coragem de fugir do meu pai, então ele participou de uma grande parte da minha vida. E, embora Breaker o conhecesse quando ele ainda estava envolvido com a rua Três, não tinha muito a ver com ele na época. Não vi esse lado dele. Não vi a frieza. Não tive a sensação de falta de coração, porque isso está tão distante do Paine que eu conheço e amo que é difícil conciliar que sejam a mesma pessoa. Mas há um Paine ao meu lado com olhos mortos e um tom reservado para os tipos mais assustadores de criminosos. “Deixei bem claro que eu não dou a mínima.”

“Então, por que você está aqui, caralho?” O mais ousado, também mais jovem e mais estúpido, dos dois pergunta.

Paine faz algum tipo de ruído baixo em seu peito que efetivamente cala a boca da criança. A porta atrás deles abre um segundo depois, o outro garoto atrás de um homem que está ocupando a porta toda. Minha cabeça se levanta e observo sua familiar pele cor de

caramelo, seu corpo largo e forte, seus olhos claros. Não há dúvidas, o líder da gangue da rua Três é o ... irmão de Paine.

Pelo que eu sei, ele não tem irmãos, apenas irmãs, irmãs que conheço.

Eu nunca ouvi uma palavra sobre um irmão.

Mas lá está ele.

“Muito tempo porra, Paine”, diz ele, balançando a cabeça.

“Não o suficiente”, é a resposta de Paine.

“Você veio aqui só pra ter essa atitude.”

“Vim aqui para encontrar seu fornecedor”, ele responde e seu irmão endurece um pouco.

“Não temos mais negócios com os seus negócios.”

“Tornou-se meu negócio quando Carlos roubou a mulher de Shoot.”

Seu rosto procura o meu, pegando a arma na minha mão. “Shoot?” Ele pergunta.

“Sim”, é tudo que consigo administrar.

“Enzo”, ele diz, dando-me um balançar de queixo antes de voltar para seu irmão. “Amigos interessantes que você tem aí.”

“Luís Carlos”, diz Paine, encurtando a conversa. “Ele está aqui?”

“Não cabe a você fazer perguntas.”

“Não me teste, Enzo”, diz Paine, e posso ver seu punho apertar sua arma com mais força e percebo que a inimizade que há entre os dois é profunda. “A mulher dele estava sentada sã e salva em seu apartamento e aquele pedaço de merda entrou e a arrastou, tem a porra

de uma filmagem mostrando ele *arrastando-a* e ela chutando e gritando. Então você encurta o papo e me diz se o seu fornecedor passou por aqui hoje. Se ele perguntou sobre um lugar seguro para se esconder por um tempo.”

“Por que eu lhe faria algum favor?”

“Porque, *filho da puta*”, ele diz, sua voz positivamente letal e todos os homens nos degraus endurecidos, “se você não me disser em dez segundos, vou ligar para o Breaker. E então eu vou ligar para “Hailstorm”, ele diz e há olhares compartilhados. “E finalmente, sua merda estúpida, vou chamar The Henchmen. “Deixe-me dizer a você, nada vai me fazer mais feliz do que te destruir.”

“Você realmente quer fazer inimigos?” Enzo pergunta, o mais frio que pode ser, como se não fosse a ameaça mais petrificante que já havia sido proferida.

“Eu realmente não quero ficar aqui”, ele corrige. “Mas a menina do meu amigo foi levada e nós a queremos de volta antes que aquela porcaria de merda cause algum dano que não possa ser consertado.”

“Você quer que eu ligue para o meu fornecedor. Você tem alguma ideia do que isso significaria para os negócios?”

“Você está sendo observado? Você fica com essa porra de preguiça, cara?” Ele pergunta e os olhos de Enzo ficam menores. “Se você não está sendo observado, ninguém sabe que estamos aqui ou por que estamos aqui. Então pare de fazer rodeios e me aponte para uma direção, ou talvez eu deixe você e seus filhos descobrirem como Shooter conseguiu o nome dele.”

“Tenho que te dizer”, concordo, balançando a cabeça, esfregando o cano da arma na minha têmpora, “se há um dia em que eu poderia usar isso para atirar em alguém, é hoje...”

Enzo exala uma respiração dolorida. “Descendo a Madison”, ele finalmente fala.

“Onde?” Paine exige.

“É tudo o que você vai saber”, Enzo responde, cruzando os braços sobre o peito. E, a julgar pelo modo como Paine sacode a cabeça, Enzo falou sério. Isso é tudo que vamos conseguir. Mas é alguma coisa. É uma direção. Ele cortou as inúmeras outras ruas da região.

“Vamos”, digo, cutucando Paine.

“Sim”, ele concorda, dá a Enzo outro olhar duro antes de se virar e voltar para o carro enquanto eu tiro meu celular do bolso.

“Lo, encontre algum lugar na Madison onde eles poderiam estar mantendo-a.”

“Verei isso”, diz ela, transmitindo a ordem para seu povo.

Eu desligo, viro-me levemente enquanto Paine manobra o carro, seu pescoço em uma torção dolorosa e estudo seu perfil endurecido. “Você está bem, cara?” Eu pergunto cautelosamente. Eu recebo um aceno de cabeça tenso. “Desculpe, fazer você vir aqui...”

“Você não tem que fazer isso”, ele corrige, balançando a cabeça, ao se afastar do bairro, está relaxando mais e mais. “Eu queria fazer isso. Eu gosto da sua garota, cara. Quero que você seja capaz de tê-la por perto. Definitivamente não quero aquele traficante pedaço de merda com as mãos nela.”

“Eu agradeço por isso, Paine. Sei que não foi fácil para você.”

Então sua cabeça se torce e um pequeno sorriso sem humor brinca com seus lábios. “Isso ia acontecer mais cedo ou mais tarde. Estou feliz que tenha acontecido de uma forma pelo menos produtiva.” Ele pega meu rosto e seu tom suaviza. “Shoot, ainda são apenas alguns minutos.

Não mais que quarenta. Temos uma rua. Temos os melhores na área para encontrar um prédio. Vamos pegá-la de volta.”

“Sim”, eu concordo, não me incomodando em mencionar todas as coisas hediondas e terríveis que poderiam acontecer a qualquer um, especialmente uma mulher no espaço de quarenta minutos. Paine não precisa disso; ele já sabe e falar não ajudaria nossos humores em nada.

É estranho para mim sentir o interminável poço de medo e preocupação por dentro. Eu nunca fui esse cara. Eu era o cara que, como Breaker diria, era “incapaz de levar qualquer merda a sério.” Não me mexia. Eu certamente nunca fui praticamente aleijado por isso. Mesmo entre o caos de merda que estive envolvido pessoal e profissionalmente, eu sempre consegui manter a calma, manter a minha inteligência, a cabeça fria.

Tudo isso foi destruído com a espiral infinita da lembrança de Amelia, que estava se debatendo e aterrorizada, sendo arrancada do lugar que achava ser um refúgio seguro. Eu nunca deveria tê-la deixado sozinha, nem mesmo por cinco minutos. Em que diabos eu estava pensando para ficar tão ocupado brincando com ela e esquecer que estava em perigo? Ela está pagando o preço porque eu não estava com a porra da cabeça no jogo. Se algo acontecesse com ela... qualquer coisa... nunca me perdoaria por isso.

Então, um pensamento cruza minha mente e surge uma sensação estranha e desconhecida de aperto no meu peito: ela está certa em pensar que não pertence a mim. Ela é uma boa menina; vivo em um mundo ruim. Liguei para as pessoas que tinham contatos em gangues de rua, que batiam nas pessoas, que podiam montar um pequeno exército sem lei em poucos minutos. Ela nunca ia estar tão segura comigo como estaria com outro homem, alguém com um emprego comum, alguém que não precisava carregar uma arma em seu corpo de vez em quando.

Quando eu a libertar, quando consertar sua situação, tenho que deixá-la livre. Seria egoísta ficar com Amy quando sei que não sou bom para ela.

Aquele aperto no meu peito se intensifica e eu cerro os dentes, percebendo que é uma sensação com a qual estou intimamente familiarizado, depois de tudo o que foi dito e feito.

Porra.

KILLER

Savages #2

18

Amelia

Não estou encapuzada. Não há sequer insulfilm nas janelas do carro em que eu fui empurrada para dentro. Acho que o que importa para eles é que mesmo que eu visse por onde nós passamos, não estou familiarizada com nada disso mesmo. Eu estou enfiada entre os dois grandes valentões de Luís no banco de trás, seus corpos me tocando do ombro aos pés. Não consigo nem me mexer, muito menos lutar. Na frente, outro dos homens de Luís está dirigindo; ele mesmo está sentado no banco do passageiro. Há uma triste canção espanhola no rádio e o homem à minha esquerda está cantando junto. É tudo tão... normal. É como se eles fizessem esse tipo de coisa todos os dias; sequestrar mulheres inocentes não parece incomodá-los nem um pouco.

Eu lutei inicialmente. De volta à cozinha de Johnnie, eu esperneeiei, chutei, bati, esbofetei, e mordi. Não que realmente soubesse o que estava fazendo; não sabia. Eu estava enrolando. Estava tentando ganhar alguns minutos para que Johnnie voltasse para casa, para entrar como fogo armado, e salvar o dia. Eu sabia, eu *sabia que* ele faria isso. Mas então Luís ficou cansado de lutar e as duas montanhas de músculos entraram, cada uma me agarrando por um braço e me arrastando para fora do único lugar onde eu tinha qualquer esperança de estar segura.

Quando chegamos à rua, comecei a lutar de novo, com mais força, gritando tão alto que parecia que eu estava engolindo lâminas de barbear, tentando chamar a atenção das pessoas na rua. Mas só ficamos

na rua principal por alguns segundos antes de ser puxada por uma rua lateral em direção a um carro que nos esperava.

Isso nos levou para a direita, rodando por uma cidade realmente decadente, fazendo-me quase sentir um pouco grata por que ter quatro grandes homens ao meu lado. Isso é ridículo, é claro, já que não tenho ideia do que Luís tem guardado para mim. Pelo que eu sei, aqueles homens que me fazem sentir momentaneamente a salvo das ruas perigosas estão planejando estuprar, espancar e me matar. Não quero pensar que Luís seja capaz disso. Eu passei muitas horas do outro lado de uma mesa, discutindo pequenas coisas, ficando um pouco irritada com sua arrogância e sua necessidade de mandar, mas por outro lado ele não totalmente *desagradável*.

Então, é preciso considerar que seu interesse por mim não é realmente por *mim*. Eu sou apenas uma sócia. Sou uma versão parecida de uma garota que teve uma overdose de heroína para se afastar dele. E isso, bem, não quer exatamente dizer coisas boas sobre como Luís a tratou, quer?

Deixo escapar um suspiro que faz Luís se virar ligeiramente em seu assento. “O que há de errado, querida?”

Cínico.

“As coisas estão um pouco... apertadas aqui atrás”, digo em vez disso, tentando e não conseguindo soltar o meu braço do grandão à minha direita.

“Sim, desculpe por isso Amelia. Mas não será por muito mais tempo.”

Não tenho certeza se isso deveria ser reconfortante ou não. Eu deixo meu olhar cair para o colo porque eu tenho certeza de que se meus olhos se conectassem com qualquer um deles, eles veriam meu desejo muito forte de esfolar todos vivos... com um canivete. Eu nunca

me considere uma pessoa violenta. Nunca me envolvi em uma briga. Eu nunca fantasiei sobre bater em alguém. E certamente nunca tive o desejo de esfolar alguém antes. Mas, novamente, nunca fui sequestrada e também cúmplice de um crime relacionado a drogas. Então, sim, eu estou me sentindo um pouquinho assassina.

Dito isto, não sou estúpida o suficiente para pensar que isso é uma possibilidade. Eu estou fora de casa por causa de pessoas que provavelmente poderiam me quebrar como um galho, se precisassem. Então tenho que me contentar com o pequeno dano que já infligi. Isso inclui as marcas de unha na bochecha do cara a minha esquerda e uma marca de mordida aparentemente desagradável na parte de trás da mão de Luís. Não foi ruim. Pelo menos eu sei que levei a melhor, embora por um período muito pequeno de tempo. Isso é algo para se orgulhar.

Eu presto atenção quando passamos por placas de rua apenas no caso de, na chance de que fugisse, eu pudesse chamar a polícia e dizer-lhes onde estava. Jefferson se transformou em Anderson, que se transformou em Madison. É quando Luís diz algo em espanhol ao motorista, que assente. De repente, fico realmente aborrecida por meu pai ter fugido e minha mãe ter estado tão bêbada que não me ensinou o espanhol. Isso teria sido útil. Mas o que quer que ele tenha dito fez o motorista desacelerar o carro e abaixar um pouco a cabeça para olhar os prédios. Ele para na frente do que parece um velho prédio de apartamentos, olha para Luís, diz algo mais em espanhol, as sobancelhas juntas enquanto aponta para o prédio. Ele não parece muito feliz com o que quer que esteja sendo dito, mas Luís encolhe os ombros e se move para abrir a porta.

Tudo o que consigo pensar enquanto olho para ele através da janela é o quão ridículo ele parece, como está fora do lugar. Ele usa calças de cor creme e uma camisa branca de linho de manga curta e óculos de sol castanhos nos olhos. Vestido assim, de pé do lado de fora de um prédio que parece não ter recebido nenhuma reforma nos

últimos trinta anos, ele parece absolutamente ridículo. Ao meu lado, os dois guardas saem de suas respectivas portas. O da minha direita volta-se para mim enquanto o da minha esquerda fecha a porta e contorna a frente do carro.

Certo, mesmo quando estou fazendo isso, eu sei que provavelmente não me levará a lugar nenhum, mas eu não ligo, levantando minhas pernas e batendo com força total no corpo dobrado do guarda, em seguida, volto-me para a outra porta, abrindo-a e saio correndo pela rua. Meus pés descalços batem na calçada, o calor é uma sensação que eu ignoro enquanto corro cegamente pela rua, gritando tão alto que o som percorre todo o meu corpo.

Ouçõ os gritos atrás de mim e sei espanhol suficiente apenas para saber que são maldições enquanto eu desço por uma rua lateral que acaba não sendo uma rua lateral, mas um beco, do tipo que não tem saída.

Um grito histérico sai da minha garganta enquanto giro em círculos, procurando por algo que conseguisse levantar. Mas não há nada. Eu estou presa. Então não há nada porque caio para trás e bato contra a parede de tijolos, a dor instantânea e ofuscante congela o segundo de consciência que me foi concedido antes do esquecimento me roubar.

A dor é o que me acorda. Estou à deriva no mar negro, sentindo-me calma e feliz, apenas para ter minha perfeita paz interrompida pela pressão incômoda de dor. Meus olhos se abrem e a “impressão” da dor se torna uma coisa abrangente. Eu tenho certeza que meu cérebro está batendo contra o interior do meu crânio de novo e de novo, a sensação é

tão forte que sinto um buraco atrás dos meus olhos, fazendo-me sentir de repente mais enjoada do que já estive na minha vida.

Fecho meus olhos novamente em um gemido, movendo-me para levantar minhas mãos para embalar minha cabeça quando percebo que não posso, porque elas estão amarradas ao redor do que quer que esteja pressionado contra minhas costas. Meus olhos se abrem de volta, ignorando a dor que a luz que vem das janelas está causando, e inclino a cabeça para olhar para trás. É uma viga de tijolos expostos segurando o teto. As bordas afiadas dos tijolos nos cantos estão cortando meus antebraços e meus ombros gritam por conta da posição invertida.

Minhas pernas estão livres e as puxo para perto, sob a minha bunda, empurrando-me para fora do chão, mordendo meu lábio para não gritar enquanto a argamassa entre os tijolos corta longas linhas em meus braços. De pé, posso ver a fila de janelas à minha esquerda. Algumas estão quebradas; todas estão cobertas de anos de sujeira, apagando a luz ofuscante da tarde. Quanto tempo estive desmaiada? Não devia ser mais de onze horas quando fui levada. Mas do jeito que o sol está se pondo, deve ser perto de duas ou três da tarde.

O quarto em si não é o que eu esperava vendo pelo do lado de fora. Parecia um prédio de apartamentos, mas o chão em que estou foi destruído. Tudo o que resta é a alvenaria exposta, as vigas no chão e as janelas.

Ouçó um rangido e passos, respiro fundo tanto para acalmar meus nervos quanto para me esforçar a engolir a bile quando me viro para ver Luís andando em minha direção, seus movimentos tão polidos e decididos quanto me lembro, sua postura reta, as mãos juntas atrás das costas, o andar sem pressa.

“Querida”, ele cumprimenta, ainda cruzando o chão que está cheio de itens esquecidos, já que talvez as pessoas tivessem sido

escondidas lá. “Você ficou apagada por quase duas horas; eu estava ficando preocupado.”

Luto contra o desejo de dizer a ele que talvez ele não deveria ter deixado o seu capanga me bater contra uma parede então. “Minha cabeça dói”, digo em vez disso, e é o que acontece. Eu juro que as batidas podem ser sentidas por toda a minha mandíbula naquele momento.

Luís para na minha frente, seus lábios pressionados juntos enquanto olha para mim. Sua mão levanta e escova o lado do meu rosto que colidiu com a parede. “Eu aposto que sim. Sinto muito por tudo isso, Amelia.”

“A enxaqueca ou o sequestro?” Eu solto, estremecendo. Não sei muito sobre ser refém, mas sei que você deveria tentar *se* livrar deles.

“Ambos”, diz ele, encolhendo os ombros. “Querida, você tem que entender que eu tive que vir e pegar você.”

“Por quê?” Eu pergunto, e sai um pouco como um gemido.

“Você não estava pensando direito, Amelia. Você estava de luto e isso... Shoot se aproveitou de sua dor. Ele se infiltrou e fez você pensar que é um bom homem. Ele não é um bom homem. Ele vai usar o seu corpo e então vai te descartar como todo o resto.”

Ok. Aguarde.

Isso não é sobre a heroína? Ele não sabe que eu sei? Ele está irritado porque acha que eu estou escolhendo Johnnie em vez dele? Isso é, bem, isso é bom. Pelo menos tenho certeza de que isso é bom.

“Não tinha chance, na verdade. Veio do lixo, é claro que ele acabaria um lixo também.” Sinto meu rosto revirar com uma raiva feia. Vendo isso, o rosto de Luís se suaviza um pouco. “Eu sei que você pensou que amava Ben, Amelia. Mas Ben Allen não era um bom

homem. Você sabe como eu sei disso?" Balanço a minha cabeça, decidindo envolvê-lo em uma conversa que parece estar me mantendo relativamente segura. "Porque Ben Allen estava lidando com heroína."

"Ele não estava!" Eu praticamente grito, meu corpo com vontade própria se lançando para frente só para se mover cerca de um centímetro antes de sentir uma dor no meu ombro que me faz recuar gritando.

"Querida, ele certamente estava."

"Quem é você para julgar?" Eu cuspo, meus olhos ficando enormes assim que as palavras saem da minha boca. Acabo de perder qualquer vantagem que tinha.

O rosto de Luís não se encrespa de raiva, se muda alguma coisa, ele quase parece... intrigado. Sua cabeça inclina para o lado, uma sobranceira erguida. "Então ele está enchendo sua cabeça com opiniões agora, não é?"

"Não é uma *opinião* chamar um traficante de drogas de traficante de drogas. É um *fato*."

Luís me ignora e fala em vez disso. "Então, por favor, permita-me encher sua cabeça com algumas outras coisas a considerar."

"Como você fez Johnnie atirar no seu antigo patrão?"

"Eu conheci Ben Allen cerca de quatro anos atrás. Patético bêbado. Positivamente inútil. Não queria ter nada com ele. Mas então eu vi quando você o limpou, arrastou-o para fora de seu círculo vicioso. E vi um grande potencial nele..."

Não quero ouvir isso. Eu tenho o desejo tolo e infantil de enfiar meus dedos em meus ouvidos e cantarolar para não ouvir. Mas meus braços estão nas costas, então eu não posso fazer isso.

“Ele tinha queimado suas pontes com todas as empresas respeitáveis da cidade. E precisava de dinheiro. E, bem, eu precisava de alguém na cidade acima de qualquer suspeita. Ele era um ótimo empregado. Até que ficou...”

Oh Deus. Um pensamento que eu não quero ter aparece na minha cabeça.

“Veja, Ben teve uma quedinha por você. Foi ele quem instalou todas aquelas fechaduras na sua porta, não foi?” Ele pergunta.

Parece não haver razão para não responder a isso. “Sim.”

“Claro. Isso foi uma estupidez dele, mas certamente não foi a última gota.”

“Gota d’água?” Eu cutuco.

“Sim. Não posso ter muita insolência dos meus homens. Eles tendem a ter mais força do que cérebro, o que vem a calhar, mas os tornam muito estúpidos para perceber quem comanda as coisas.”

“Como Ben foi insolente?”

“Imagine, depois de tudo o que fiz por ele, ameaçou-me.”

“Ben não poderia ter ameaçado uma mosca.”

“Ben me ameaçou com a promessa de uma visita de seu filho.”

“Johnnie?” Eu pergunto, muito confusa para me importar que não fosse provavelmente a melhor aposta. Eu deveria estar implorando para ele me deixar ir ou algo assim, mas, bem, isso é muito mais interessante.

“Como você sabe, eu conheci *Shooter* há alguns anos atrás. Não sabia quem ele era, claro, ninguém realmente sabe. Mas então havia Ben, alegando que seu filho era o melhor atirador do país e ele poderia me matar.”

“Ben e Johnnie não estavam nem se falando”, eu me oponho.

“Johnnie pode não ter se interessado pelo paradeiro e pelo bem-estar de seu pai, mas o mesmo não pode ser dito de Ben. Ele fez viagens para cá, você sabe...”

“Para Jersey?” Eu pergunto, balançando a cabeça, não acreditando muito nisso.

“Sim. Assim que ficou limpo. Ele viajou até aqui para checar sua prole. E eu acho que ele teve algumas ideias em sua cabeça de que tudo poderia ser perdoado entre eles, toda inimizade guardada, que ele poderia pedir um favor e seu filho daria um tiro em mim a cem metros ou mais, não importa onde eu estivesse. Não podia exatamente sentar e me perguntar se essa ameaça era viável ou não, poderia?”

Meus olhos se fecham e eu respiro fundo. “O que você fez, Luís?”

“O que precisava ser feito. Primeiro, ele escondeu meu suprimento. Costumava ficar atrás de sua geladeira, querida. Então, quando um dos meus homens finalmente entrou no seu apartamento, imagine minha surpresa quando não estava mais lá. E ele não me dizia onde estava.” Foi por isso que ele notou os arranhões no chão. Nunca me ocorreu que ele poderia não ser quem colocou as drogas no meu apartamento. Ele estava apenas descobrindo as coisas por si mesmo. Ben mudou o local.

Eu sinto lágrimas nos meus olhos. “Não foi um ataque cardíaco, foi?”

“Claro que foi”, diz ele, assentindo. “Um ataque cardíaco causado pela inalação de uma dose letal de heroína.”

“Ben, não usava heroína”, eu retruco.

“Não, querida, ele não usava. Por isso que um tijolo precisou ser jogado na cara dele, não é? Eu podia deixá-lo brincar com o seu

esconderijo e fazer jogos com o meu produto. Eu sabia que iria recuperá-lo eventualmente, mas depois de ameaçar a minha vida... não, Amelia, não."

Meu Deus.

Não.

Demais. É tudo demais. Eu apenas... não aguento mais.

Um som de animal ferido é arrancado da minha garganta e o rosto de Luís se suaviza novamente. "Eu sei que isso é tudo difícil para você agora..."

"Você não sabe nada."

"Eu sei que você pensa..."

"Que você é um traficante de drogas que matou a única pessoa no mundo que se importava comigo? Sim, eu acho isso!"

"Amelia, querida, ele não era a única pessoa que se importava com você. Eu me importo com você."

"Por quê? Porque eu me pareço com uma garota drogada que você costumava..."

Não concluo o resto da minha frase, principalmente porque o controle de Luís escorrega e seu braço voa e me dá um tapa no rosto.

"Não", ele rosna e, pela primeira vez, posso ver o quão feio ele é por trás de seu belo rosto. "Não me faça fazer isso de novo, Amelia. Não sei o que aquele *homem* fez com você, mas esse comportamento não combina com você."

"Você não sabe coisa nenhuma sobre mim, Luís."

Luís suspira como se eu estivesse exasperado e sacode a cabeça. “Ainda bem que não temos nada além de tempo”, diz ele, afastando-se de mim. “Eu espero que você não tenha medo de altura, querida.”

“Altura?” Eu pergunto, apesar de não querer mais envolvê-lo.

“Vamos pegar um avião particular em uma hora. Precisamos sair deste lugar abandonado por Deus.”

Não! Oh, Deus não.

“Não vou a lugar nenhum com você, seu filho da...”

Eu nunca vi alguém se mover tão rápido antes. Um segundo, ele estava do outro lado da sala de costas para mim. No seguinte, ele estava na minha frente e sua mão agarrada ao meu pescoço e pressionando com força, selando meu suprimento de ar. “Você vai aprender a se comportar, querida...”

O resto de sua ameaça é interrompido.

Isso porque, de repente, a lateral de sua cabeça explode...

19

Shooter

“Não quero colocar minhas mãos em você, querida”, digo, meus dentes doendo, estou apertando minha mandíbula com tanta força. “Então preciso que você me deixe ir, Lo.”

Estamos na esquina do prédio onde Luís e seus homens estão mantendo Amelia. E cada segundo que Lo está me bloqueando é outro segundo que só Deus sabe, o que pode estar acontecendo com ela lá dentro. Eu sei que aquele merda quer Amelia, como *quer*, e eu nunca poderia viver comigo mesmo se ela acabasse sendo violada enquanto estamos aqui de braços cruzados.

“Shooter, você está muito chateado para isso”, ela argumenta, empurrando a mão no meu peito quando tento passar por ela. Lo passa muito tempo treinando, colocando-se em forma para estar de igual para igual com a maioria dos homens. Quando digo que ela me empurrou, quero dizer que ela me jogou pra trás. “Não posso deixar você ir lá.”

“Com todo o respeito, querida, mas não vejo como você pode me impedir.”

Nada, literalmente nada me impediria de entrar e tirá-la de lá.

“Você acha que precisamos de um maldito banho de sangue?” Ela pergunta, seus dedos apertando mais em volta do meu bíceps, com força suficiente para que hajam hematomas no dia seguinte. “Ficamos fora do radar porque mantemos nossa inteligência acima de nós.”

“Então, você manteve a sua lucidez quando entrou de armas em punho no composto? E Janie manteve seu juízo quando deu o fora do lugar do Lex? E Cash manteve sua inteligência quando ele saiu cego para pegar quem tinha colocado as mãos em você?”

Lo exala um suspiro, sabendo que tenho razão. “Olha, eu entendo, Shoot. Mas você não vai entrar lá.”

“E, novamente, eu não vejo como você pode parar...”

Então vejo como ela poderia me parar. Porque sua mão cai do meu braço e ela acena em um pequeno círculo e dois pares de braços agarraram os meus. Porra dos Hailstorm.

“Desculpe, Shoot, mas precisamos fazer isso de forma inteligente. Eu, Cash, Breaker, Wolf, e dois dos meus rapazes vamos entrar e trazê-la para fora. Vou trazê-la direto para você.”

Com isso, ela faz outro aceno e todos os homens apenas entram atrás dela. Eu os vejo se movendo na esquina e desaparecem, Breaker dando de ombros para mim antes que se fosse. Eu puxo meus braços inutilmente. Há um pequeno suspiro feminino do meu lado e minha cabeça se vira para ver uma garota de cabelos escuros, de olhos azuis com tatuagens, jeans e um top preto. Janie. Ela é mulher de Wolf. Ela é também a protegida de Lo e a melhor mente tática que Hailstorm tem a oferecer. “Ei, Shoot”, diz ela, parando na frente do cara à minha esquerda, seu olhar indo para o prédio. “Sabe...” ela diz como se estivesse tendo uma conversa casual, mas não consigo tirar de seus lábios franzidos o que ela está tentando dar a entender, “o topo daquele restaurante chinês tem uma visão direta para o quinto andar daquele prédio de apartamentos.”

“Quinto andar”, repito, endireitando as costas.

“Pode-se ver através de uma dessas janelas quebradas. Sabe o que mais é interessante?”

“Não, gatinha, o que?” Eu pergunto, com um sorriso puxando meus lábios.

“Alguém deixou algum tipo de rifle sniper abandonado lá em cima. Um descuido, isso. Você não acha?”

Agora eu estou dando um grande sorriso. “Sim, descuido. Quem faria uma coisa dessas?”

“Quem de fato?” Ela pergunta, virando-se para nós três.

“Janie...” O guarda à minha esquerda começa, sua voz um aviso.

“Um, dois, três”, ela conta muito rápido para eu avaliar seu plano antes do cara à minha esquerda voar um pouco. Não paro para ver o que ela está fazendo com ele, apenas me livro do outro guarda, batendo-o para trás e correndo pela rua em direção ao restaurante chinês em questão, meu coração aparentemente preso na minha garganta e percebo que Lo está certa; estou muito chateado para ir lá. Se eu fosse lá, os policiais estariam encontrando entranhas, sangue espirrado pelas paredes como um filme de terror. Mas nunca fui muito esquentado para lidar com uma arma. Na verdade, quando pulo e desço a escada até a saída de incêndio, sinto uma estranha calma me invadir.

Quando chego ao topo do prédio e encontro a arma aninhada contra a borda da parede, sei que Lo e o resto provavelmente estão invadindo o piso inferior, trabalhando para acabar com os três guardas que Luís tem com ele. Eu levanto a arma, posicionando-a contra a parede e me abaixando para olhar através do telescópio. Demora dois segundos para que meus olhos encontrem Amelia. Ela está em pé, com os braços amarrados ao redor de um poste de tijolos, o lado de seu rosto está estourado, o sangue escorre por seus braços, ela está se esfregando contra os tijolos afiados. Luís está do outro lado da sala, dizendo algo para Amelia que a faz se endireitar, o rosto contorcido de horror quando murmura uma palavra que eu não consigo entender. Luís responde, ainda em movimento através da sala.

Então Amelia já não parece horrorizada, ela parece lívida. E então, qualquer que fosse o controle que ela tinha sobre seu temperamento, seu rosto se contorce quando começa a gritar alguma coisa para Luís, algo que o faz se mover como um chicote, voando e atravessando o cômodo de volta para ela. Ele é um borrão antes de parar, a mão levantada, curvando-se ao redor da garganta de Amelia. E eu posso dizer pelo jeito que seu corpo sacode e sua boca se abre que ele não está fazendo isso apenas para assustá-la, ele está machucando-a.

Meu dedo sobe para o gatilho quando Luís começa a dizer alguma coisa. Levo um segundo para me certificar de que o tiro será certo antes de apertar. Mesmo a distância, eu posso ver o vermelho explodir, posso ver o horror ultrapassar os belos traços de Amy enquanto o corpo cambaleante de Luís logo cai a seus pés. Seu olhar voa em direção à janela, seus olhos enormes, seu corpo começando a tremer levemente de choque, medo, desgosto, ou todos os três. E embora saiba que não pode me ver, ela está olhando diretamente para mim e ela sabe que eu estou aqui.

Dois segundos depois, a sala explode com Lo, Cash, Wolf e Breaker. Os caras do Hailstorm estavam escondidos. Lo vai direto para Amelia, cortando as cordas em seus braços e Amelia desmorona contra ela. Mesmo de longe, posso ver seu corpo começar a soluçar. Lo olha para Wolf, que se aproxima, tirando Amelia dos braços de Lo e pegando-a como se não pesasse nada mais do que um travesseiro, embalando-a contra o peito e saindo do prédio.

Eu agarro a cápsula, jogo a alça da arma nas minhas costas, e voo de volta pela escada de incêndio, meu coração batendo acelerado no peito enquanto eu corro pelas ruas, ignorando se estou sendo visto ou não, e não me importando se estou.

Eu acabo de contornar o prédio quando uma mão bate no centro do meu peito, nocauteando meu ar e me impedindo no meio do caminho. “Arma e cápsula”, exige a voz de Janie e, uma vez que já tive a

oportunidade de tirar o bastardo que colocava as mãos no que era meu, eu solto a cápsula na mão dela e arranco a arma das minhas costas antes de fugir dela em direção ao prédio onde Wolf está saindo com Amelia em seu colo, seus braços ao redor dele, seu rosto enterrado em seu pescoço.

“Anjo”, digo e Amelia sacode, levantando a cabeça e procurando por mim. Então ela está se contorcendo, mexendo nos braços de Wolf até que ele se aproxima de mim e a deposita em meus braços.

“Mulher”, diz ele, acenando para ela, em seguida, voltando para Lo.

“Coloque-a no carro”, diz Breaker ao meu lado. “Ela precisa ir ao hospital”, diz quando eu não respondo. “Olhe para a cabeça dela”, ele pressiona. “Ela precisa de um check-up.”

“Eu estou com uma dor de cabeça”, ela resmunga para mim, fazendo meu coração apertar no meu peito.

Como diabos deveria deixá-la ir?

Inclino-me e a beijo entre as sobrancelhas, fazendo as linhas lá se suavizarem e desaparecerem.

Não sei como.

Mas eu sei que tenho que fazer.

“Vamos pegar um remédio para você, então”, digo, levando-a para o meu carro e colocando-a no lado do passageiro. Ela fica em silêncio quando afivelo seu cinto de segurança, a mão cobrindo os olhos, tentando simultaneamente bloquear o sol e aliviar a dor. “Só uns minutos, anjo”, eu prometo a ela quando chego ao volante e viro na direção do hospital.

Eu acabo de estacionar quando a voz dela enche o carro. “Você o matou”, ela diz. Não é uma acusação. Não é nada, mas uma lembrança

de eventos. Há um vazio incomum em seu tom, um que eu não gosto, um vazio que sei que coloquei ali. Porque ela sabe que essa parte de mim existe, mas nunca chegou a vê-la. Tudo o que ela viu foi a luz, a diversão e a provocação, o bom, o bonito. Eu a expus ao meu feio e não há como voltar atrás.

“Sim, bebê”, concordo, virando-me para olhá-la, esperando pelo que eu sei que virá em seguida.

Mas ela não diz nada. Ela assente com firmeza, desafivelando o cinto, depois abre a porta. Corro em volta do carro, colocando um braço ao redor dela, e levando-a para dentro. Nós somos admitidos e acolhidos em uma pequena sala fora da emergência e ficamos lá esperando o médico. Fico ao lado da cama em que ela se sentou, a cabeça abaixada, os ombros tensos, recuando com qualquer barulho à nossa volta.

Finalmente, não conseguindo mais lidar com o silêncio, começo, “Amelia...”

Mas a porta se abre e o médico entra, de meia-idade e corpulento, com os óculos baixos no nariz. “Senhorita Alvarado”, diz ele, olhando para ela. “Como você conseguiu esse corte desagradável?” Ele pergunta, tentando parecer casual, mas posso sentir seus olhos me examinando, tentando determinar se eu sou do tipo namorado abusivo, como se houvesse um *tipo*.

Abro minha boca para responder, contornando os fatos reais, mas mantendo o mais honesto possível quando a cabeça de Amy sobe, ela olha para o médico nos olhos dele, então mente melhor do que a maioria dos criminosos que conheço. “Eu fui assaltada.”

A cabeça do médico se sacode. “Em plena luz do dia?”

“Não sou daqui”, ela diz, deixando um pouco mais de sotaque sulista escorregar em suas palavras e uma olhada par ao doutor e posso

ver que a doçura dela está derretendo-o. “Não sabia que era uma área ruim, estava andando na rua e ouvi alguém atrás de mim e me assustei e desci a rua ao lado, mas não era uma rua lateral, era um beco e eles...”

Os olhos do médico deslizam para mim: “Podemos ter um minuto?”

“Não.”

“Tudo bem”, diz Amelia, com a cabeça erguida. “Ele pode ficar. Eles não...”, ela engole em seco e parece que dói, as contusões começando a escurecer em torno de sua garganta, “me estupraram. Eles apenas agarraram meu pescoço e roubaram minha bolsa e, hum, me bateram contra a parede.”

O médico exala uma respiração, seu corpo visivelmente relaxando. “Tudo bem”, diz ele, agarrando um banquinho de rodas e se movendo em direção a Amy. Ele pega as luvas e senta-se, estendendo a mão para o rosto dela. “Vamos dar uma olhada nisso, ok?” Ele pergunta, pressionando em torno dos cortes. “Isso pode precisar de alguns pontos, mas você não vai ficar com uma cicatriz. Nós vamos fazer uma tomografia para ver se você tem uma concussão e vamos limpar os seus braços.” Ele recua em seu banquinho, tirando as luvas e anotando alguma coisa no papel.

Do lado de fora da porta, posso ver o contorno de Lo e Breaker conversando com a senhora na recepção que está balançando a cabeça para eles.

“Tudo bem, segure firme, Amelia”, diz o médico. “Vou mandar uma enfermeira para limpá-la bem rápido e depois você será levada para o seu exame.”

O médico sai e o silêncio no quarto é ensurdecador. Eu preciso fazer isso. Eu preciso acabar com isso. Sei disso, mas o aperto no meu

peito está atraindo toda a minha atenção. Isso até que sinto sua mão delicada ao redor do meu pulso. "Johnnie..."

Porra, a voz dela é doce. Eu poderia ouvi-la dizendo meu nome até o final dos tempos.

Mas não posso.

Porque isso é egoísmo.

Eu tenho que acabar com isso. Tenho que deixá-la.

Meu olhar vai para o dela e ela vê algo lá, sua cabeça começando a tremer. "Não..."

"Não posso fazer isso com você, anjo. Você não pertence a esta vida. Não é bom para você. Você merece melhor."

"Johnnie... não...", ela diz, sua voz ficando grossa quando as lágrimas se acumulam em seus olhos.

"Sinto muito, querida. Eu sinto muito", digo, minha própria voz um pouco grossa quando puxo meu pulso de seu alcance e me movo em direção à porta.

"Johnnie, não...", ela chama e o efeito daquelas palavras é físico, um golpe direto no meu centro e eu juro que poderia me dobrar com ele. Mas respiro fundo e saio, fechando a porta atrás de mim.

Fico parado do lado de fora por um segundo, meu olhar subindo e encontrando Breaker, que dá uma olhada e se afasta de Lo.

"Porra", ele diz, vindo em minha direção.

Lo olha na direção da voz de Break, os olhos pousando em mim e suspira.

"Ah sério?" Ela pergunta, parecendo irritada. "Depois de tudo isso, você está indo embora?"

“Ela merece coisa melhor”, digo simplesmente, passando por ela.

“Não cabe a você decidir”, ela responde, parecendo irritada.

“Está feito. Deixe isso, querida”, digo, saindo pela porta e indo para o meu carro.

Parece que o vazio que Amy deixou gira no meu peito se espalhando, sinto como se a escuridão fosse me engolir inteiro.

KILLER

Savages #2

20

Amelia

Eu choro enquanto a enfermeira está limpando o sangue do meu rosto e meus braços, enquanto ela está costurando o meu rosto, enquanto está costurando os meus braços. Eu fico o mais imóvel possível na tomografia que prova que tenho uma ligeira concussão. Então choro enquanto espero que o remédio contra a dor entre em ação e entorpeça as marteladas no meu cérebro.

Um tempo depois, sentada ali, tentando descobrir o que eu deveria fazer, visto que Johnnie deixou claro que não poderia voltar para a casa dele, a porta se abre. Há uma onda de esperança que cresce dentro de mim, apesar do meu bom senso antes de meus olhos pousarem em um homem de meia idade que usa uma calça verde-musgo e uma camisa creme com um distintivo no cinto. Ótimo. Policiais. Justo o que eu preciso.

“Senhorita Alvarado, eu sou o Detetive Collings. Eu sei que você não está se sentindo tão bem agora, mas tenho algumas perguntas rápidas sobre o seu... assalto hoje cedo.” Ele disse *assalto* como se soubesse que é uma mentira, mas nada em sua presença parece ameaçador. Além disso, o remédio para dor está me deixando bem entorpecida por dentro e eu realmente não me importo se ele vai ser um idiota.

“Ok, atire”, digo e um sorriso estranho puxa seus lábios.

“Atire, hein?” Ele pergunta, pressionando os lábios juntos enquanto pega um bloco e uma caneta. A maneira como ele disse *Shoot* (*Atire*) fez parecer que sabe *exatamente* o que aconteceu naquela tarde. Endureço-me, minhas defesas indo para os seus lugares e ficando em alerta.

“Então, senhorita Alvarado, você pode me dizer exatamente o que aconteceu esta tarde?”

“Eu estava andando na rua”, começo percebendo o que estou fazendo; estou mentindo para a polícia. Eu nunca fiz isso. Eu nunca estive na posição em que isso fosse necessário antes. Mas em vez da sensação de redemoinho que esperava sentir, não sinto nada. Eu estou vazia.

“Não estou familiarizada com as áreas daqui, detetive. Não tinha ideia de que não era um lugar seguro para estar...”

“Na parte de baixo da Madison?” Collings pergunta, olhando para mim por baixo dos cílios.

“Eu acho. Não estava realmente prestando muita atenção nas placas de rua”, eu minto, lembrando como estava tentando memorizá-las. “Então, alguém veio atrás de mim e eu descii esta rua.” Pelo menos isso é verdade. “Mas não era uma rua, era um beco e não havia saída. Então bati contra a parede”, digo, apontando para a minha cabeça. “E um dos homens me sufocou.” Mais uma vez, não é mentira.

“E seus braços, senhorita Alvarado?” Ele pergunta, seus olhos afiados pousando na gaze envolvendo-os.

“Hum... A parede era de tijolos, por isso fiquei com arranhões.”

Collings solta um suspiro que soa um pouco como uma derrota quando ele rabisca.

“Você sabia que uma pessoa foi baleada em um prédio nos arredores da área que foi *assaltada* hoje, Srta. Alvarado?”

“Uau. Que infelicidade, Collings”, diz uma voz feminina que é vagamente familiar, trazendo um sorriso irônico aos lábios de Collings. Eu olho para ver a mulher de mais cedo. Aquela que me libertou e me abraçou, sussurrando coisas no meu ouvido para tentar me acalmar. Ela é linda em seu jeito fodão: alta, com quadris, pernas, peitos e sua bunda está em um short verde do exército com um top. Seu longo cabelo loiro está um pouco atrás das orelhas, seus olhos castanhos em mim, dando-me uma pequena piscada, antes de olhar de novo para Collings.

“Lo”, diz ele, balançando a cabeça para ela. “Você conhece a Srta. Alvarado?”

“Oh, eu e Amy... somos velhas amigas”, ela diz, movendo-se para ficar ao lado de onde estou sentada, ao lado da cama e colocando um braço em volta dos meus ombros.

“Velhas amigas”, ele assente, colocando o bloco longe. “Então eu acho que terminamos aqui, então?”

Por que ele está perguntando a ela? Ele não deveria ser o responsável ou coisa assim?

“Acho que Amelia já passou por mais do que o suficiente hoje com esses... *assaltantes* e tudo mais”, diz ela, sorrindo para a mentira que, aparentemente, ambos sabiam que é uma mentira.

“Eu posso imaginar”, ele acena para ela.

“Se você tiver mais perguntas para Amy, ela estará em Hailstorm se recuperando.”

Com isso, Collings realmente ri. “Claro. Bem”, diz ele, olhando para mim de novo, “Desejo as melhoras para você, senhorita Alvarado.

Sinto muito pelo ocorrido”, diz ele, acenando para Lo, em seguida, desaparecendo.

Quando a porta se fecha, não posso evitar. “O que diabos foi *isso*?” Eu pergunto, nem mesmo tentando esconder minha confusão.

“Collings já anda por aí há algum tempo. Ele sabe como as coisas funcionam por aqui. Ele não está chorando por algum revendedor de heroína com um buraco na cabeça ou pelos seus lacaios desaparecidos.”

“Desaparecidos?” Eu pergunto, empurrando um pouco quando ela se afasta. Eu acho que imaginei que eles teriam matado todos eles.

“Oh sim”, diz Lo, dando-me um sorriso. “uma coisa doida. Apenas do nada os caras desapareceram”, diz ela, estalando os dedos, mas seu sorriso malicioso sugere que ela sabe exatamente onde eles estão. Eu tenho a suspeita de que um ou mais deles podem realmente estar nesse lugar de Hailstorm que todo mundo fica falando. “Então você conseguiu tudo?” Ela pergunta, querendo sair.

“Sim. Tenho uma receita e algumas orientações sobre como lidar com uma concussão.”

Lo acena com a mão. “Temos uma equipe médica em Hailstorm. Vamos ficar de olho em você. Não se preocupe.”

“Hum, sem soar, hum, ingrata ou qualquer coisa, mas por que você acha que eu vou para Hailstorm?”

“Querida...”, ela diz, dando-me um sorriso triste que diz tudo. Ela sabe. Ela sabe que Johnnie acabou tudo comigo. Ela sabe que eu não tenho para onde ir. Ela sabe que eu não posso exatamente dirigir de volta para o Alabama com uma concussão e tomando analgésicos.

“Certo”, digo com força, empurrando a cama e procurando a papelada que havia mencionado. “Bem, eu quero dizer... eu posso ficar

em um hotel até que esteja melhor. É legal da sua parte se oferecer para me ajudar, mas eu não acho...”

“Amelia”, ela diz, sua voz um pouco firme. “Eu sei que você realmente só quer ficar sozinha agora. Você foi sequestrada, sua vida ameaçada e foi pisada pelo cara por quem você tem sentimentos. Você está lidando com tudo isso, mas, por favor, dizendo por experiência, a pior maneira de se fazer isso, é sozinha e também”, continua ela, “não temos certeza de que as coisas estão seguras para você ainda. A notícia vai se espalhar sobre Luís e eu e meus homens precisamos ter certeza de que tudo o que vai explodir, exploda longe da tua cabeça. Então podemos deixar você voltar para sua vida. Nós não vamos ficar no teu caminho, eu prometo. Se você quiser voltar para o Alabama e...”

“Vou voltar para o Alabama”, digo com firmeza, erguendo um pouco o queixo. “Não há nada para mim aqui. Eu acho que nunca houve realmente.” Passo por ela, não me importando particularmente que meu tom seja muito mais amargo do que seria inteligente de expressar. Mas ela está certa. Eu estou passando por algumas coisas. E aparentemente ninguém vai permitir que eu passe por isso sozinha. Não estou exatamente com vontade de fingir uma cara feliz.

Percebendo isso, Lo dá um passo ao meu lado, conduzindo-me para fora e em direção a uma van preta na qual subo sem reclamar, vendo minha bolsa que estava na casa de Johnnie no chão do banco do passageiro, tenho que piscar para conter as lágrimas.

“Pronta?” Ela pergunta, manobrando a van.

“Sim”, eu concordo sem pensar.

Mas, aparentemente, não há como estar realmente pronta para Hailstorm. Porque Hailstorm é como uma comunidade fechada, como um campo de sobrevivência realmente muito paranoico, muito bem guardado. Todos os edifícios são feitos de enormes contêineres, uma rede aparentemente interminável deles alimentados por campos de

painéis solares e envoltos em uma cerca de arame farpado, que parecem ser cães de guarda patrulhando os terrenos. Há um homem na cabine de segurança em frente aos portões e alguns homens e mulheres andando pelo terreno ou até mesmo em cima dos recipientes de armazenamento.

Lo acena para o guarda no estande que aperta um botão e o portão se abre. Nós andamos até que Lo estaciona e sai do carro, batendo a mão no capô como se dizendo: Vamos lá. Eu pego minha bolsa e saio.

“Leo”, ela chama um dos homens, estendendo a mão e arrancando a prescrição das minhas mãos. “Preciso disso”, ela diz-lhe e ele assente e se afasta. “Tudo bem, vamos nos acomodar”, diz ela, dando-me um pequeno sorriso e levando-me para o contêiner em frente. Eu acho em, digamos cerca de dois minutos, que o interior de Hailstorm é um labirinto gigante cheio de becos sem saída e salas meio vazias

Passamos por uma área com uma cozinha e sala de estar normais e aconchegantes, depois passamos por uma área de dormir em estilo de quartel e finalmente chegamos a uma sala com uma porta com um corte de vidro. Ela abre e me deixa entrar. “Este é o quarto dos doentes”, ela me diz, gesticulando em direção às simples camas de linho branco alinhadas. “O resto de nós dorme no quartel quando estamos aqui, mas imaginei que você iria querer mais privacidade do que isso. Você terá este quarto só para você. Há um banheiro lá atrás com um chuveiro. Ninguém virá aqui, exceto Mike, que pode querer dar uma olhada em seus pontos e se certificar de que você não está ficando enjoada ou qualquer coisa por causa da concussão, e eu devo lhe trazer comida e outras coisas, embora seja bem-vinda para sair e comer com todos os outros.”

Eu me movo entorpecidamente em direção à uma das camas, largando minha bolsa ao lado dela e me sentando, com as palmas das mãos nas coxas.

“Você está bem?” Lo pergunta, encostada na parede ao lado da porta, com os braços cruzados sobre o peito.

“Não”, digo honestamente.

Lo simplesmente assente. “Você ficará”, diz ela, virando-se e me deixando sozinha.

Ela não está errada sobre eu ter que lidar com coisas. Aconteceu muito rapidamente. Ben morreu. Eu conheci Johnnie e aprendi coisas que nunca quis saber sobre como Ben o tratou. Eu encontrei drogas ilegais na minha parede e fugi de todo o conforto que me era familiar para cair no colo de Johnnie, colocando minha bagagem a seus pés para ele pegar. E ele pegou. E fez isso sem esforço. Ele fez como se não fosse nada. Então, deixei-o entrar. Deixei-o entrar de todas as maneiras possíveis e ele ficou sob a minha pele. Mesmo assim, podia senti-lo lá. Então fui sequestrada. *Sequestrada!* Por algum traficante maluco que não podia deixar sua obsessão pela sua ex-morta. Fui espancada e amarrada a uma parede. Eu fiquei chocada. Eu assisti a cabeça de um homem explodir bem na minha frente. Fui para um hospital, fui cutucada, interrogada pela polícia, depois fui levada... um pouco contra a minha vontade, para algum tipo de acampamento militar ilegal.

No topo de tudo isso, tive meu coração esmagado. Não há como negar; foi o que aconteceu quando Johnnie se afastou de mim. Ele pegou o coração que eu inconscientemente entreguei a ele e devolveu para mim, ainda mais ensanguentado e machucado do que quando o entreguei inicialmente. Bem, isso é um monte de coisas para lidar. E tudo dói. Fisicamente e emocionalmente, tudo parece dolorido e exposto.

Suspiro, olhando para as minhas roupas com manchas de sangue. Algumas das quais sei que não são minhas. Algumas delas pertencem ao crânio de Luís, porque ele foi estourado. Eu deveria ter ficado horrorizada com isso. Deveria ter ficado com nojo e enlouquecida. Mas

não senti nada disso. Tudo o que senti foi um tipo estranho de calma. Meus problemas acabaram. Bem desse jeito. Um aperto no gatilho e eu estava segura de novo. Johnnie me deu isso.

Com um gemido de dor, pego minhas roupas na bolsa e caminho até o banheiro que Lo havia mostrado. Ligo o chuveiro e tiro minhas roupas, desenrolando as ataduras dos meus braços. Os cortes não estão tão ruins e, mesmo que estivessem, eu não me importo. Só quero um banho. Eu quero lavar esse dia. Então é exatamente isso que faço. E faço isso chorando. Não, não apenas chorando. A maior e mais horrível crise de choro. Mas estou sozinha, como prometido, e preciso me soltar. Depois disso, toda a evidência vai levada pelo ralo. Eu saio e visto meu short jeans e uma camiseta branca simples e caminho de volta para a minha cama, onde encontro um frasco do meu remédio para dor na mesa ao lado. Estendo a mão, sacudindo um comprimido na palma. Apesar de já ter tomado uma dose quatro horas antes, estou prestes a tomar outra, isso me forçaria a dormir. Se eu dormisse, ficaria melhor.

Ou, pelo menos, é isso que eu espero.

Acordo muito tempo depois, tanto tempo que a fome no meu estômago é o que acaba com a dormência do meu sono induzido pelas drogas e me acorda. Meus olhos se abrem para ver as luzes artificiais no teto. Aparentemente, Hailstorm não tem janelas. Imagino que isso seja uma medida de segurança, mas torna impossível saber que horas realmente são. Esfrego os meus olhos antes de perceber que não estou sozinha. Não me pergunte como sei, mas sei. Quando sinto olhos em mim eu juro que meus cabelos ficam arrepiados. Meus olhos voam do teto para encontrar quatro conjuntos de olhos em mim.

Um conjunto pertence a Lo, seus olhos castanhos não revelavam nada. Outro conjunto pertence a uma mulher mais jovem com cabelos escuros e tatuagens, seus olhos azuis claros de alguma forma parecendo que querem me perfurar. Há outro par de olhos castanhos familiares em uma mulher com feições delicadas e perfeitas, como a mulher do apartamento de Ben no Alabama. O último par pertence a uma ruiva com sardas que parece mais suave, mais aberta que as outras.

“O que diabos...” Eu começo saltando da cama, ignorando o latejar na minha testa com o movimento repentino.

“Está tudo bem”, diz Lo, levantando a mão. “Esta é Janie”, diz ela, apontando para a garota magra com tatuagens. “Ela é a mulher de Wolf. E Alex, é a...”

“Mulher do Breaker”, digo, lembrando-me dele falando sobre ela. “Você e Janie são hackers.”

“Sim. E eu não estava fodendo com Shooter”, Alex me diz sem rodeios. “Eu sei que ele te disse, mas queria te contar também. Assim está tudo claro.”

Eu assinto.

“E eu sou Summer”, diz a ruiva, sorrindo para mim. “Eu sou...”

“A irmã de Cash, mulher de Reign. Você não sabia, mas cresceu em um império criminoso”, lembro.

Ela dá a Lo uma olhada e ri de mim. “Sim, essa seria eu. Eu vejo que Shoot esteve falando.”

“Eu acho que ele estava tentando me fazer pensar que poderia me encaixar com todas vocês”, digo com um encolher de ombros. “Não que isso importe mais.”

“Bem, olha só”, diz Lo, sorrindo um pouco, “é por isso que estamos aqui.”

“Mas não antes de fazermos uma visita a Shoot”, Janie diz, dando-me um sorriso. “Só para verificar.”

“Verificar o que?”

“Bem, veja. Ontem, Lo não deixou o Shoot se envolver com a missão de resgate”, diz ela, chamando toda a minha atenção. “Ela disse que ele estava muito impulsivo. Que não teria a cabeça em linha reta. Ela não estava errada e mandou alguns dos nossos caras segurá-lo.”

“Não entendo. Ele foi quem...”

“Explodiu a cabeça de Luís como um balão em uma festa de aniversário?” Janie pergunta com uma risada. “Sim, foi ele. Eu meio que... o ajudei a ficar livre. Veja, sabia que ele estava muito impulsivo para entrar, mas não há nada que possa abalar sua calma quando ele tem uma bala e um gatilho. Eu imaginei que você estaria mais segura com ele naquele telhado.”

“Desobedecendo uma ordem direta”, Lo diz para ela, tentando um tom firme, mas seus lábios estão se contraindo. Elas têm um estranho relacionamento mãe/filha ou irmã mais velha/irmã mais nova.

“Sim, bem, foi uma ordem estúpida e você sabe disso”, Janie diz, dando de ombros. “De qualquer forma, eu tinha certeza do que ele estava sentindo, mas depois ele foi um idiota e te dispensou no hospital antes mesmo de você estar bem? Sim, isso não foi legal. Então nós precisávamos investigar.”

“Investigar o quê?”

“Queríamos ver se ele estava apenas sendo um idiota”, interrompe Alex, “o que não é como ele”, ela fala de uma maneira que me faz saber que o conhece bem. “Ele pode ser um monte de coisas, mas é um cara legal e nunca foi um grande idiota com uma mulher. Na verdade, não tem sido nada além de incrível para as mulheres ao seu

redor, mesmo as que lhe dão trabalho quando percebem que ele não é o tipo para compromisso. Então, isso não parecia como ele.”

“O que elas estão tentando dizer”, Summer interrompe, sorrindo um pouco, “na sua maneira muito indireta é... que nós queríamos ver por que ele deixou você assim. Então fomos até o apartamento dele.”

“E?” Eu pergunto, apesar de saber que deveria apenas dizer a elas para deixarem isso de lado. Acabou. Ele mesmo me disse.

“E ele está um desastre”, diz Lo com um sorriso enorme e inadequado.

“Um desastre?”

“Sim, e foi fantástico”, acrescenta ela.

Janie revira os olhos. “Lo é uma romântica incurável. Ela se diverte com esse tipo de coisa. De qualquer forma, ele estava lá com Breaker e o resto de nossos homens... encarando a parede, todo destruído e triste. E, bem você conhece o Shooter. Ele não é um cara de desgracia e melancolia. Então nós meio que tivemos a nossa resposta.”

“Que resposta? Na verdade, qual era a pergunta?”

“A questão era ‘por que ele deixou você’”, responde Alex.

“E a resposta é porque ele te ama”, diz Lo e as palavras parecem um golpe no meu estômago.

Não.

Absolutamente não.

Não estou querendo acreditar nisso, não importa o quanto queira.

Eu balanço a cabeça para elas e assisto, com um pequeno puxão de diversão, quando todas as quatro cabeças começam a acenar para

mim de uma vez. “Olha, eu sei que vocês estão tentando ajudar, mas acredite, ele não me ama.”

“Ele te ama o suficiente para deixar você ir, Amelia”, Summer diz com aquela voz doce dela. “Todos nós temos homens que nos amam. E sei que você não os conhece tão bem, mas acredite em mim, é com uma espécie de ferocidade que é brutal. Mas nenhum deles estava disposto a nos deixar partir. Não importa o quão perigoso seja seu estilo de vida e, acredite em mim, o que Breaker e Wolf e Reign fizeram faz com que o Shooter pareça ser brincadeira de criança. Sua vida é relativamente segura comparada com o resto deles porque está tão distante de seus trabalhos, fazendo-os a distância. Mas, mesmo assim, ele não queria arrastá-la para isso. Ele te ama tanto que quer o melhor para você.”

“Olha”, diz Lo, sua voz séria. “Eu conheço um monte de homens. Eu trabalho com eles. Eu os implantei. Eu escolhi os piores. E tenho um dom. Deixe-me dizer, conheci o Shooter e em poucos minutos, *minutos*, Amy, eu sabia que ele tinha o potencial de amar alguém como nunca vi antes. Ele tem um coração enorme e deu pequenos pedaços para nós e para os nossos homens, mas ainda resta muito. Tanto quanto oferecer um chip para as mulheres que ele já namorou, mas querida, deixe-me dizer-lhe... o jeito que ele a olhou na noite passada... ele deu tudo que ainda tem para você, ele deixando você ir, esse é o seu jeito de te mostrar o quanto te ama, o que é uma coisa estúpida, mas ele acha que é o certo.”

“Isso é legal de todas vocês”, digo, o desejo de levantar e andar me fazendo sentir inquieta. É doce e tudo que elas tenham vindo para tentar me animar, mas na verdade, não têm ideia do que estão falando. “Mas vocês não sabem muito sobre o que aconteceu conosco. Eu só o conheço há... eu não sei... uma semana ou algo assim. Você não se apaixona por alguém em uma semana.”

“Mesmo?” Summer pergunta, com um sorriso estranho no rosto. “Fiquei com a impressão de que o amor acontece quando acontece.

Tenho certeza de que não há regras quando isso acontece, quanto tempo você precisa passar com alguém antes de poder alegar que ama esse alguém.”

“Cash levou um ano para entrar. Mas eu me apaixonei por ele em um instante.”

“Conhecia o Wolf há um ano também. Demorei apenas um segundo para cair de amores.”

Meus olhos vão para Alex, imaginando que todas iriam contar suas histórias. “Oh, Breaker me sequestrou”, ela diz com um encolher de ombros. “Nós nos juntamos meio rápido. Eu sabia, no final da primeira semana, que eu o amava, mas não contei a ele por... meio ano.”

“Ela é teimosa”, diz Lo com um revirar de olhos.

“A Summer caiu pelo Reign em duas semanas”, Janie fornece, acenando com a mão. “Mas o que estamos dizendo é que... o amor nem sempre aparece devagar e com calma enquanto você compartilha a merda estúpida sobre sua infância ou por que você odeia abacates ou algo assim. O amor é apenas aquele segundo quando você sente as coisas se encaixando, sabe?” Eu sei. Eu conheço esse momento. E a coisa assustadora? Foi no segundo em que Johnnie entrou no meu apartamento e me disse que me entendia. Mas isso é apenas... loucura. Isso não é amor. Isso é... bem, inferno. Não sei o que é. Mas não pode ser amor. Não o conhecia, nem nada. “Não sei se você acredita em almas gêmeas, ou se elas existem ou qualquer uma daquelas besteiras cafonas”, Janie diz com um revirar de olhos, “mas é assim. Uma parte de você apenas... se liga àquela outra pessoa.”

Pois bem.

“Só estamos dizendo... não descarte o que você está sentindo porque alguém lhe disse que é cedo demais”, diz Alex.

“Mesmo que esse *alguém* seja você”, Summer diz com um sorriso compreensivo.

“Não entendo porque vocês estão aqui...” digo, precisando mudar o assunto antes que elas me deem mais esperança. Não suportaria isso.

Elas trocam olhares e Janie encolhe os ombros. “Eu acho que você meio que entende que estamos todas meio presas dentro desse enorme clube de meninos entre os caras aqui em Hailstorm e todos os motociclistas do complexo The Henchmen e tudo o mais... nós meninas precisamos ficar juntas.”

Eu sinto um sorriso puxar meus lábios, apesar de tudo. “Então vocês estão tipo... tentando me recrutar para o seu... clube de garotas?”

“Estamos apenas mostrando a você que estará em boa companhia quando colocar sua cabeça no lugar e pegar Shooter de volta”, diz Janie com um sorriso. Ela é... sem rodeios para dizer o mínimo. Eu meio que gosto disso. Você sabe exatamente onde ela está. “Eu sei que posso falar por mim mesma e dizer que sou uma vadia foda para ter como amiga. E Lo é como... rainha das meninas duronas. Alex é como uma durona antissocial e Summer, bem... você não pode confiar nela com uma arma automática, mas ela deu à luz ao descendente de um líder de motociclista, o que quer dizer que é durona também.”

Eu balanço a cabeça, sorrindo um pouco tristemente. “Isso é legal, mas não vejo como eu me encaixaria. Não sou realmente... durona ou algo assim.”

“Querida, você tem Shooter preso pelas bolas”, diz Lo com um sorriso. “Se isso não é foda, eu não sei o que é.”

“Sim, mas eu não sou como... um hacker ou um tipo... um líder ou...”

“Amy”, Summer diz com um aperto de cabeça, “agora eu sou apenas uma gloriosa máquina de leite”, diz ela, apontando para o peito.

“Mas ainda sou durona. Apenas... não duvide de sua posição na vida de Shooter porque você acha que não se encaixa com a gente. O fato de que um de nossos rapazes se apaixonou por você é prova suficiente de que você é incrível, porque eles são ótimos caras e não se apaixonam por qualquer uma.”

Eu solto um longo suspiro, puxando minhas pernas para cima e sentando de pernas cruzadas. “Vocês estão esquecendo uma coisa. Mesmo se eu me decidir, e isso é um grande *se*, que quero ficar com Johnnie, *ele me deixou*.”

“Oh, pshh”, diz Lo, acenando com a mão. “Essa é a parte fácil.”

“Em que universo é essa a parte fácil?”

“No universo das garotas”, Janie diz, balançando a cabeça como se eu estivesse sendo boba. “Você percebe que caras são peitos, bunda e buceta, certo? E você percebe que você... você tem todas essas coisas.”

“Você acha que eu posso apenas... seduzi-lo a me querer de novo?”

“Bem, sim e não”, diz Summer.

“Certo”, Alex interrompe, parecendo que está pronta para colocar tudo para fora sem toda essa confusão. “Shoot tem um trabalho em dois dias. Ele vai ficar fora por quatro ou cinco dias. Queremos que você vá e se acomode, sinta-se em casa. Traga algumas de suas coisas. Mostre a ele que você não vai a lugar nenhum, que você pertence à vida dele.”

“Mudar com minhas coisas?” Eu pergunto, sentindo minha cabeça começar a girar.

“Já estão a caminho”, diz Lo, chamando minha atenção. Ao meu olhar de choque, ela sorri. “Bem, Shoot me pediu para mandar uns caras lá para investigar. Eu fiz uma ligação há algumas horas atrás e eles arrumaram as suas coisas e estão dirigindo de volta com elas. Pendure

suas fotos nas paredes, coloque suas roupas no armário dele. Encha os seus armários vazios. Sinta-se em casa. Ele vai ver isso, e vai ver o quanto quer isso, o quanto quer você lá, o quanto ele quer você em sua vida.”

“Vocês não podem estar falando sério”, digo, balançando a cabeça para eles. O plano é tão... exagerado. É ridículo. Mas ainda assim... valeria à pena a tentativa? Minhas coisas aparentemente estão no caminho de qualquer maneira.

“Oh, nós estamos falando sério. E todas nós estaremos lá, observando nossos simpáticos homens ficarem suados levando suas coisas para o apartamento dele. Ah sim”, diz Janie, fechando os olhos para a imagem.

“Os caras sabem disso?” Eu pergunto, não conseguindo esconder minha surpresa.

“Como você acha que tivemos essa ideia?” Alex pergunta, sorrindo pela primeira vez.

“Sério?”

“Sim, bem... todos eles apaixonaram-se por nós quando fomos forçadas a morar com eles por causa da loucura que estava acontecendo ao nosso redor”, explica Janie. “Então eu acho que eles acham que tem algo a ver com isso. Breaker cuspiu a informação sobre o trabalho de Shoot. Ele também nos deixou entrar em seu apartamento. Está tudo pronto. Então, depois de amanhã, você se muda. E aí no segundo que o trazer de volta, você precisa nos ligar. Não me importo se você tiver que nos chamar no meio da noite, nós precisamos ouvir de você”, Janie exige.

“Um...” Não vou concordar com isso. O plano é estúpido. É mais do que estúpido. Na verdade, não faz nenhum sentido racional. Mas ainda...

“Olha, o que sobrou para você no Alabama, afinal?” Lo pergunta de uma forma que sugere que ela sabe que não há nada para mim lá, exceto o trabalho. “Aqui em cima, querida, você tem a nós pelo menos. Quer dizer, sei que você realmente não nos conhece. Mas você vai gostar de nós. Somos boas pessoas. Mesmo que, por alguma reviravolta do destino que não faz sentido nenhum, você e o Shoot não derem certo... ainda estaremos aqui com você. Não é melhor do que o que você tem naquele meio do nada?”

Bem, quando ela coloca dessa forma...

“Além disso, temos *muitos* mais drogados e alcoólatras para você ajudar aqui”, acrescenta Janie.

Sinto um sorriso puxar meus lábios, levantando o humor sombrio que tinha me acompanhado pelo dia. Inferno, isso levanta o humor negro que me atormenta desde que tenho sete anos de idade. Elas estão certas. Não tenho mais nada. Eu teria que me mudar. Eu tenho que seguir em frente. E, bem, elas estão certas; Não as conheço. Mas elas se sentaram na minha cama de doente e traçaram um plano ridículo para tentar conseguir o que sabem que eu quero. Já gosto delas. Oportunidades de trabalho seriam definitivamente mais abundantes em uma área mais movimentada como Navesink Bank. Então, sim, mesmo se as coisas com Johnnie fracassem e terminem, por mais que isso doa só de pensar, sobraria algo para mim aqui. Não há mais nada para mim em nenhum outro lugar.

Tenho mesmo uma escolha?

“Ok”, digo, dando-lhes um sorriso hesitante.

Eu tenho quatro sorrisos delas, abertos e acolhedores.

E sei então, pela primeira vez desde que era criança, eu sei que encontrei um lar.

21

Shooter

Seis dias.

Porra do inferno.

O trabalho deveria ajudar. Mas, novamente, meu trabalho não exige muita concentração. Ficar sentado olhando ao redor através de um telescópio esperando o alvo ficar ao alcance, sim, deixa um homem com muito tempo para pensar. A última coisa que eu preciso é de tempo para pensar. Mas tenho cerca de quatro dias inteiros, sentado em cima daquele maldito edifício num calor escaldante. Então eu penso. Nela. Como se tivesse qualquer tipo de escolha de pensar em qualquer outra coisa.

Tudo o que posso ver é ela sentada na beira da cama, seu rosto ferido, sua garganta machucada, seus olhos cheios de lágrimas, sangue por toda a roupa, metade sendo dela, metade pertencente ao filho da puta que eu tinha matado a poucos centímetros dela. Eu a deixei assim: ferida, carente. Não segurei a mão dela enquanto levava os pontos. Não fui ao refeitório e comprei sorvete para a garganta dela, que devia estar dolorida.

Eu optei por partir.

E quero acreditar que foi melhor assim. Eu quero pensar que foi inteligente fazê-la pensar que era um idiota descuidado que poderia fazer todas essas coisas sem pensar duas vezes. Mas houve segundos

pensamentos, e terceiros e cinco milionésimos. Eu poderia ter ficado com ela. Poderia tê-la levado de volta ao meu apartamento para deixá-la se recuperar. Eu poderia tê-la abraçado durante os pesadelos que sabia que ela teria, visões de uma bala explodindo o crânio de Luís piscando em sua mente em momentos desprotegidos. Eu poderia tê-la ajudado. Então eu poderia gentilmente tê-la enviada para a sua antiga vida. Eu poderia tê-la levado de volta para o Alabama.

Eu poderia ter sido um cara legal.

Em vez disso, eu a esmaguei.

E a deixei quando ela mais precisava de mim.

É assim que ela vai se lembrar de mim.

E talvez isso seja melhor para ela, para efeito de colocar um fim, mas não está fazendo nada além de me irritar.

Então, novamente, mereço o desconforto. Foi egoísmo de minha parte envolver-me com ela em primeiro lugar. Eu sabia, no segundo em que pus os olhos nela, que ela era boa demais para mim. Mas fiquei longe e deixei que ela vivesse a sua vida? Não. Eu abri meu caminho em sua vida e forcei-a a me deixar entrar. Eu fiz as barreiras dela caírem. Eu a tomei pela primeira vez. E então a deixei em um maldito quarto de hospital, em uma cidade desconhecida sem amigos. Não é preciso ser um gênio para saber que aquelas paredes que derrubei, seriam reconstruídas e reforçadas. Ninguém mais entraria ali. Ela nunca se sentiria assim novamente.

“Porra”, eu rosno, batendo a porta do meu carro enquanto olho para o meu prédio.

Seis dias

Fico imaginando quantos dias mais teria pela frente.

Se houvesse algum tipo de justiça no mundo, nunca deixaria de tê-los.

Se não estivesse tão focado no meu humor azedo, poderia ter reparado na ferradura pendurada acima da minha porta; uma ferradura que não me pertence. Mas não a vejo. Eu estou muito focado em apenas chegar em casa.

Começo a perceber as coisas quando abro a porta e sou recebido por um: “Oi, Johnnie. Bem-vindo ao lar”, de uma Amelia otimista caminhando da cozinha com uma xícara de chá nas mãos.

Primeiro, noto Amelia. Ela veste uma bermuda branca e uma camiseta roxa ligeiramente larga. Seus pés estão descalços e suas mãos enroladas em uma caneca que não me pertence. É praticamente do tamanho de uma tigela de sopa com um desenho floral. Definitivamente não é minha. Seus braços não estão enfaixados e os cortes de uma semana atrás estão curados, são pequenas marcas cor-de-rosa. Está sem pontos e o corte em seu rosto ainda está vermelho e irritado, mas sarando. Os hematomas em sua garganta se foram. Seus cabelos escuros estão puxados para cima em um coque bagunçado no topo de sua cabeça. Ela caminha casualmente até o sofá da minha sala, colocando as pernas meio debaixo do corpo, inclinada para o lado, assistindo o programa que está passando na TV como se estivesse completamente em casa.

Com esse pensamento, meus olhos se afastam, notando as coisas. Como o cobertor de malha na parte de trás do meu sofá, a coleção de globos de neve empilhada no armário debaixo da minha TV. Um par de sapatos dela está ao lado da porta da frente, próximo a um cabideiro que definitivamente não é mais que um suporte para chaves. Na cozinha, há um bule de chá no meu fogão e uma coleção de vasilhas de vidro no balcão com pequenos rótulos pretos: açúcar, farinha, chá.

Confuso e não muito pronto para dizer qualquer coisa, eu caminho em direção ao meu quarto parando perdido na porta, vendo uma variedade de almofadas na cama e uma coleção de frascos de perfume em cima de um dos meus armários. Ando até o armário, abro a porta e encontro todas as minhas roupas empurradas para um lado (bem, *metade* de um lado) e todas as roupas de Amelia penduradas em seus lugares; seus sapatos alinhados no chão ao lado dos meus. Eu me viro, olhando em direção ao banheiro, onde um robe rosa claro está pendurado na parte de trás da porta e uma variedade de maquiagem e loção de rosto está empilhada na penteadeira.

Sinto o sorriso puxar meus lábios apesar da minha confusão. O que diabos está acontecendo?

Eu me viro e me inclino para abrir porta da sala para ver o rosto de Amelia em mim. Ela está tentando ser casual, mas há uma tensão perto de seus olhos enquanto ela me observa.

“Anjo, que porra é essa?” Eu pergunto e sai quase como uma risada.

“É engraçado”, diz ela, embalando a xícara de chá. “Eu estava sentada no hospital esperando o meu remédio para dor e tive uma visita.”

Ela para, esperando que eu pergunte, então eu pergunto. “Uma visita?”

“Sim. De uma mulher loira e fodona chamada Lo”, ela faz uma pausa e sinto meu sorriso esticar por ela usar a palavra “fodona.” “E, bem, ela meio que me adotou.”

“Adotou você?” Eu pergunto, pensando que soa exatamente como Lo. Ela ama a porra dos abandonados.

“E então, acordei com uma cama cercada por mulheres e descobri que Lo não só me adotou, mas também Janie, Alex e Summer.”

“Elas colocaram você nisso?” Eu pergunto, sabendo que deveria estar chateado, mas sentindo como se tivesse de dar a cada uma delas o maior buquê de flores que uma florista poderia montar.

“Bem, sim e não.”

“Como não?” Eu pergunto, saindo da porta para sentar na mesinha de centro bem na frente dela, sentindo pela primeira vez em seis dias o turbilhão de vazio no meu peito começar a diminuir.

“Foi ideia delas que eu ficasse aqui em Jersey, já que há muito mais alcoólatras e viciados em drogas aqui para eu tentar ajudar”, ela diz com um leve revirar de olhos que sugere que essa é uma das frases das garotas, não dela. Não é preciso muita reflexão para decidir que são palavras de Janie. “Mas isso”, diz ela, estendendo a mão para o apartamento. “Não teve nada a ver com nenhuma de nós.”

“Quem tem a ver com isso, então?”

“Oh, isso foi tudo com Breaker, Cash, Reign e Wolf.”

“Você está me enganando”, digo, balançando a cabeça.

“Bem, não. Veja... todos eles perceberam que se apaixonaram por Alex, Lo, Summer e Janie quando foram forçados a viver juntos durante suas crises, então pensaram que talvez se eu me mudasse para cá...”

“Eu me apaixonaria por você se você se mudasse e apostaram que eu te reivindicaria?” Eu pergunto e ela parece de repente horrorizada, os olhos arregalados, a boca aberta em um pequeno O. “Bebê, eles estavam um pouco atrasados.”

“Um pouco atrasados?” Ela repete, as sobrancelhas se unindo, fazendo as duas linhas se infiltrarem entre elas.

Estendo a mão, pegando a caneca de suas mãos e colocando-a no chão ao seu lado, em seguida, agarro seus quadris e a arrasto para frente até seus pés baterem no chão, então continuo puxando até que

está em cima de mim, montada nos meus quadris. Minha mão sobe, embalando o lado do rosto dela. “Querida, acho que te amei no minuto em que você me perguntou com lágrimas nos olhos se meu pai realmente quebrou meus dentes de leite. E eu tenho certeza que te amei a cada minuto depois daquele.”

Seus olhos se juntam novamente e meu polegar sobe para afastar uma lágrima enquanto cai. “Mas você...”

“Deixei você espancada e sangrando em um quarto de hospital como um idiota?”

“Bem... hum... sim...”, ela diz, dando-me um estranho sorriso vacilante. “Você sabe, um passarinho... na verdade... quatro pássaros pequenos, de boca muito suja, disseram algo...”

Eu sorrio com a descrição dela das garotas, meus braços apertando as costas dela. “O que elas disseram a você?”

“Elas disseram que mesmo que seus homens as amassem, eles nunca as amaram o suficiente para deixá-las livres...”

Meu coração se apodera da esperança em sua voz, como se tivesse estado lá o tempo todo, como se ela estivesse tentando se convencer de que é uma possibilidade. “Bebê...”

“Então, hum, elas... convenceram-me a fazer você ver que eu... pertencço a esse lugar. Disseram que mesmo que você não me queira, Navesink Bank é minha nova casa e eles são meus novos amigos e...”

“E?”

“Aqui é o lugar ao qual eu pertencço. Estive procurando por toda a minha vida por um lugar que parecesse uma casa. Isso parece uma casa, Johnnie. Aqui, lá fora”, diz ela, acenando para as janelas da frente. “Eu passei três anos no Alabama e a única pessoa com quem me identifiquei foi Ben. Estive aqui um pouco mais de uma semana e tenho quatro

mulheres que se forçaram em minha vida e eu gosto disso. Lo disse que vai me ensinar como treinar e Summer me deixou tomar conta do bebê dela ontem à noite. Alex e Janie estão construindo um computador para mim que vai arrasar. E não são só elas. Cash e Wolf estiveram me checando, perguntando se precisava de alguma coisa, revezando-se em me ensinar sobre as áreas boas e ruins por aqui, Paine veio algumas noites e assisti filmes sem noção comigo e não reclamou uma vez... só para eu não ficar sozinha. O que você tem aqui é bom, Johnnie", ela diz, seus olhos quase implorando, tentando me fazer ver. Eu já vi. Eu sei que tenho um bom grupo de pessoas ao meu redor. Mas é bom saber que a puxaram para o rebanho; que cuidaram dela na minha ausência. "E eu quero ficar", ela termina. "Então, hum... só pensei que você deveria saber disso."

"Você acabou querida?" Eu pergunto, e ela franze o nariz para mim.

"Bom, porque tenho algumas coisas para dizer também."

Faço uma pausa e, acho que dura muito tempo. "Você vai dizer ou o quê?"

"Você não vai gostar, mas são coisas que precisam ser ditas..."

"Essa é a parte em que você me diz que está lisonjeado, mas prefere voltar para a sua maneira? Porque, realmente, eu só... apenas me diga agora, porque não acho que o meu orgulho pode aguentar mais uns socos, Johnnie."

"Esta é a parte em que digo para você calar a boca", digo com um sorriso enquanto minha mão passa de sua mandíbula para cobrir sua boca, "e me ouça. Você precisa entender por que fui embora. Eu sei que você acha que entende no que está se metendo, querida, e em teoria pode até parecer divertido ou excitante, mas a realidade não é assim. Eu mato pessoas. E sei que você sabe disso. Eu sei que você já viu. O que eu faço é parte de quem sou. É uma pequena parte, anjo, mas é uma parte."

Não vivo isso no dia-a-dia, mas é uma parte e não vai a mudar. É bom, paga bem, e bem, alguns caras merecem ser mortos, nunca tive que rebater com ninguém na minha vida e eu tentaria, porra, ter certeza de que nada disso tocaria você, mas não há garantias... “

“Bem”, ela diz, dando-me um sorriso estranho, “eu consegui chamar a atenção de um perigoso traficante de heroína sozinha, sabe.”

“Mero acaso maluco”, digo com um revirar de olhos. “Estamos falando de sua vida aqui.”

“Certo. *Minha* vida. Enquanto estamos nesse assunto, eu não aprecio você tomando essa decisão por mim. Nós deveríamos ter tido essa conversa seis dias atrás. Você não deveria ter simplesmente se afastado sem me perguntar o que eu estava sentindo.”

“E o que você está sentindo, querida?”

“Estou me sentindo como se não gostasse de você aos pedaços, Johnnie. Eu gosto dessa coisa toda”, diz ela, acenando com a mão para mim. “Entendo que vem com alguma escuridão, mas isso não significa que você é escuro. Você é a coisa mais brilhante que já vi na minha vida. E... estive sem isso por seis dias agora e, deixe-me dizer, não gostei. Eu quero minha luz de volta.”

“*Sua* luz, hein?” Eu pergunto, enrolando meu dedo mindinho ao redor do dela e puxando-o até meus lábios para beijá-lo.

“Oh, porque é meu, certo”, declara ela com o queixo erguido.

“*Eu sou* seu, hein?”

“Como se não fosse”, diz ela com um aceno de cabeça firme.

A coisa mais fofa que já vi.

“Oh, eu gosto”, digo, puxando-a para mais perto e beijando o lado do pescoço dela. “Na verdade, eu amo.”

22

Amelia

Amo

Ele disse *amor* duas vezes.

Eu nem sequer tento ignorar o sentimento do meu coração com suas palavras.

Lo está certa sobre ele.

Ele tem o maior coração que já vi e, dado o tamanho dos corações que todos os seus amigos parecem ter, isso realmente quer dizer alguma coisa. E ele não tentou esconder. Ele não estava com medo do potencial que seu coração tinha para quebrar. Ele apenas o pegou e o entregou para mim, sem confusão, sem problemas. Fácil. Aberto. Esse é Johnnie. Ele é tão fácil de amar.

E eu amo. Eu o amo. Não importa que seja novo. Não importa que eu não saiba sua opinião sobre tudo. Tudo o que importa é o quanto eu me sinto melhor quando ele está por perto. Tudo o que importa é que sinto que encaixamos.

“Bebê... estou fazendo alguns dos meus melhores avanços aqui e você está a um milhão de milhas de distância”, diz Johnnie e olho para ele, sentindo-me culpada, mas ele está sorrindo para mim. “Não provei essa buceta por muito tempo e eu gostaria que você prestasse atenção

quando fizer isso”, acrescenta ele e eu sinto minhas bochechas esquentarem.

“Desculpe, eu...”

“Diga-me”, ele diz, suas mãos me apertando.

“Dizer o que?”

“Você sabe o que”, ele diz, uma mão me liberando para subir e bater no meu nariz. “Você sente algo, você fala sobre isso, querida. Não se esconda mais. Eu sei que seu pai abandonou você e ele fez você pensar que todo homem que você amar irá embora, mas não pode ter medo e racionar o seu amor. Você sente, você diz, você dá. Então me dê.”

“Como você sabe que eu sinto isso?” Hesito, não cheguei lá, não estou preparada para dizer.

Ele ignora a minha pergunta e um pequeno sorriso diabólico brinca em seus lábios. “Sabe, não estou a fim de usar táticas sujas para conseguir o que eu quero.”

Eu sinto minhas sobrancelhas se unirem. “Táticas sujas?” Pergunto.

Então o sorriso se espalha quando sua mão se move rapidamente e empurra entre as minhas coxas, pressionando, mas não me dando o que preciso. Minha respiração fica presa, minha mão bate em seu peito. “Não é justo”, acuso, abaixando os olhos para ele.

“Nunca disse que jogaria limpo, querida”, ele diz, seu polegar subindo para acariciar meu clitóris, fazendo um gemido escapar dos meus lábios. “Na verdade, quanto menos justo, melhor”, ele diz, sua mão se afastando, mas só por um momento e só porque ele a coloca debaixo da minha bermuda e na minha calcinha. “Como talvez isso...” Ele diz, seu dedo empurrando dentro de mim e girando, acariciando a

parede superior. “Isso é muito injusto da minha parte, certo?” Ele pergunta, mas o som fica abafado porque seu rosto está no meu pescoço e sua língua traçando uma linha ali.

“Sim”, concordo, meu sexo apertando enquanto ele continua a exploração do meu ponto G.

Eu o sinto sorrindo contra a minha pele, de repente estou de pé, as pernas apertando em torno da sua cintura para me segurar. Mas não por muito tempo, porque de repente estou debaixo dele. De costas... na mesinha de centro. Eu perco o dedo de Johnnie e perco o resto dele também enquanto ele se afasta para pegar minha calça e calcinha e rasgá-las pelas minhas pernas. Digo ‘rasgar’ porque algo fez um som violento de rasgar. Suas mãos se movem para os meus joelhos, que eu fecho, e pressiona para baixo até que esteja completamente escancarada para ele.

“Porra, amo essa visão, anjo”, diz ele, suas mãos acariciando o interior macio das minhas coxas quando olha para mim. “Sabe o que eu mais gosto?” Ele pergunta, seus olhos se aproximando dos meus, parecendo pesados em seu desejo. Eu balanço a cabeça, minhas palavras pegaram na minha garganta. “Não? Talvez eu deva te mostrar então, huh?” Ele pergunta e espera até ter um aceno de cabeça antes de descer lentamente, ficando de joelhos diante de mim, beijando uma coxa, o triângulo do meu sexo, depois a outra antes que finalmente comece.

E então ele me come como se estivesse morrendo de fome, como se fosse tudo o que pensou durante os seis dias. Sua língua esbanja, seu piercing passa levemente, seu dedo brinca com a promessa de libertação, mas nunca permite.

“Johnnie, por favor”, eu choro, as mãos afundando em seu cabelo.

Sua cabeça levanta, me dá um sorriso enquanto seu queixo descansa na parte inferior da minha barriga. “Diga.” Minhas pernas se envolvem ao redor dele, puxando-o para mim, seus antebraços batendo

na mesa ao lado da minha cabeça. Meus quadris se erguem, procurando por ele. Encontrando sua dureza, me acaricio contra ela, arrancando gemidos dolorosos de nós dois. “Você joga sujo também”, ele sorri para mim quando levanta um braço e procura em torno de seu bolso de trás, trazendo a carteira e jogando-a para o lado quando encontra um preservativo. Ele rapidamente tira sua calça, protege-nos, então se posiciona entre as minhas pernas. Seu corpo se ajeita e eu sinto-o pressionar entre minhas dobras lisas, meus quadris se levantando para encontrá-lo.

Seus olhos estão no meu rosto, absorvendo todas as nuances.

“Johnnie...”

Seus olhos brilham e penso que ele vai acabar com o tormento. Mas então ele se encolhe de repente, levando-me com ele, caindo de volta no sofá comigo em cima dele. “Você vai me foder, anjo”, ele me diz, sua voz um grunhido. Sua mão se move entre nós, polegar acariciando meu clitóris enquanto guia para a entrada do meu corpo. Uma vez mais, ele se acalma, a outra mão se movendo para o meio das minhas costas e segurando lá; esperando que eu faça um movimento.

Esfrego contra ele, pressionando para baixo um pouco, sentindo-me um pouco incerta, mas precisando da plenitude como se eu precisasse da minha próxima respiração. Empurro meus quadris para baixo, tomando-o profundamente em um gemido alto. A mão de Johnnie se afasta para se acomodar no meu quadril quando sua respiração sibila. “Fodidamente perfeito”, ele rosna, sua mão deixando minhas costas e pousando no meu outro quadril. Parece normal no começo até eu perceber que elas não estão apenas descansando lá, elas estão me segurando.

“Johnnie”, gemo, tentando me afastar, tentando causar qualquer tipo de movimento que alivie a dor interior que beira a dor. “Eu preciso me mexer”, choramingo, pegando seus pulsos e tentando afastá-los.

Sua cabeça inclina um pouco. “Eu vou deixar você se mexer, querida. Mal posso esperar para ver você me montar.”

“Então por que...”

“Diga”, ele exige, os lábios se contorcendo.

Eu sou dele.

Ele sabe que me tem.

“Eu quero ouvir isso quando estou enterrado bem dentro de você, bebê.”

Deus.

Deus.

Eu tenho me entregar a ele.

“Eu te amo”, admito, minha voz um grasnido estranho porque as palavras parecem desajeitadas na minha língua com pouca prática.

“Aí está”, ele sorri, seus olhos parecendo brilhantes. Seus dedos cavam meus ossos do quadril por um segundo antes de um levantar para agarrar a parte de trás do meu pescoço e me puxar para frente até que nossos lábios se encontram. Ele me beija profundo, lento, apaixonado, cheio da maravilha da primeira declaração de amor mútuo, cheio de algo mais profundo do que apenas corpos conectados, cheio do conhecimento de que nossas almas também estão conectadas. Ele se afasta um tempo depois e minhas pálpebras pesadas se abrem. “Mexe-se, bebê”, ele persuade, empurrando seus quadris contra os meus uma vez, fazendo um meio gemido explodir dos meus lábios.

E, bem, não preciso de mais nenhum incentivo além desse. Uma das minhas mãos vai para o ombro dele, curvando-se de um jeito que deve ter sido doloroso, mas ele não reclama enquanto eu lentamente encontro um ritmo. Minha outra mão está pendurada ao meu lado até

que ele estende a mão e a pega, entrelaçando nossos dedos e apertando com força. Sua outra mão está ao lado do meu pescoço, pressionando um pouco demais, mas estou muito envolvida para me importar.

“É isso aí, querida”, ele encoraja enquanto meus movimentos ficam mais rápidos, mais frenéticos e *fortes*. “Você vai gozar para mim?” Ele pergunta e eu me sinto apertar em torno dele.

“Sim... sim”, ofego, sentindo-me mais perto.

“Porra, linda”, ele diz, balançando a cabeça para mim um pouco e eu sinto o orgasmo ameaçar, em seguida, quebrar através de mim, fazendo todo o meu corpo sentir como se tivesse saído do controle de uma só vez. Minhas coxas tremem violentamente quando caio em frente em seu peito, enterrando meu rosto em seu pescoço, onde grito seu nome várias vezes. Seu corpo sobe para o meu, prolongando meu orgasmo até não restar nada, e depois encontrando o dele.

Seus braços vão ao meu redor, segurando-me firme em seu corpo. Seus lábios estão no meu ouvido, fazendo-me tremer quando, ainda enterrado dentro de mim, eu também ouço. “Te amo, anjo.”

EPÍLOGO

Amelia - 2 semanas

“Querida, eles não se importam se os copos estão no lado direito dos pratos”, diz Johnnie, dando-me um sorriso divertido enquanto se inclina contra o balcão da cozinha, esfregando suas pernas umas nas outras enquanto me observa correndo como um frango sem cabeça.

“Eu me importo!” Digo, reorganizando os dois copos que estavam fora do lugar. “Eu quero que tudo seja perfeito. Eles...”

“Já estiveram aqui mil vezes antes”, ele começa de repente, de pé atrás de mim, com o braço ao redor da minha barriga e me puxando para trás até a sua frente. “E nem uma vez eles reclamaram dos copos. E nenhuma dessas vezes essas pessoas tiveram biscoitos caseiros, pão de milho, chá doce, filé de frango frito, feijão verde e torta de maçã para distraí-los da posição dos copos.”

“Eu quero que tudo esteja certo. Este é o nosso primeiro jantar oficial como um casal”, eu insisto, embora ele esteja certo. Além de talvez Summer, duvido que algum deles saiba que existe um “lado certo” para copos.

“Bebê, Summer deu um jantar uma vez, dois anos atrás... foi a porra de um desastre. Quero dizer, eu ouvi que a melhor parte daquela noite acabou sendo Hailstorm e o composto sendo levado à merda. Então... você não está competindo com muita coisa.”

“Isso dificilmente é um voto de confiança, Johnnie”, digo, balançando a cabeça.

“Eu estou dizendo”, ele diz no meu pescoço. “Todos eles amam você. O apartamento parece ótimo. Sua comida pode fazer um homem chorar e se ajoelhar e pedir sua mão em casamento. Então pare de enlouquecer.” Ele me dá um aperto e um beijo logo abaixo do meu ouvido e desaparece quando a campainha toca. “Devem ser Janie e Wolf”, declara ele sem perguntar quem está no andar de baixo.

“Como você sabe?”

“Janie é obcecada com horário. A Summer também é, mas colocar aquele bebê gritando em um assento de carro leva tempo. Lo e Cash provavelmente estão muito ocupados fodendo no carro para subir e... Breaker e Alex vão perder dez minutos discutindo sobre quem vai dirigir, então...”

Assim que ele termina de falar, a porta se abre e Janie entra, em seu habitual jeans escuro e um top escuro, seu longo cabelo esvoaçando. Wolf está atrás dela, uma presença desmedida ocupando a porta inteira. “Cash e Lo precisam pensar seriamente em pegar uma van quando querem fazer sexo no carro”, declara ela, entrando na cozinha e servindo chá, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Meus olhos se dirigem para Johnnie, cujos lábios estão curvados e, incapaz de evitar, jogo minha cabeça para trás e dou uma gargalhada.

A porta se abre alguns minutos depois e Paine entra, parando como um morto enquanto sente o cheiro do ar. “Isso é torta de maçã?” Ele pergunta, olhando para Johnnie, que assente. “Desculpe, Shoot, mas... porra...”, ele diz, vindo em minha direção e pegando minha mão. “Garota, esqueça esse idiota e fique comigo.”

Mais uma vez, meus olhos encontram o de Johnnie, seu rosto sorridente. E é nesse exato momento que sei que nunca fui mais feliz em minha vida.

Isso é até cinco minutos depois, quando a porta se abre para revelar Cash com um sorriso satisfeito em sua cara e Lo tentando ajeitar seu cabelo pós-sexo.

E então, cinco minutos depois, quando Reign e Summer chegam, um bebê choroso aninhado em um assento infantil, e Summer se desculpando profusamente por estarem atrasados.

E então, dois minutos depois, quando Alex e Breaker invadem a porta, discutindo por que sempre é Breaker quem tem que dirigir para todos os lugares, Alex está realmente com raiva, Breaker se contorce principalmente porque gosta de cutucar sua raiva.

Eu me movo em direção a Johnnie enquanto todos se cumprimentam, colocando meus braços em torno de sua cintura e enterrando meu rosto em seu pescoço, meus olhos de repente se enchendo de lágrimas. "Anjo", ele murmura contra o meu cabelo, seus braços se apertando em volta de mim.

"Obrigada", digo contra sua pele.

"Pelo que, querida?"

"Por isso", digo, me afastando e olhando em volta. "Por você, eles e tudo. Eu nunca tive nada assim antes. E nunca, *nunca* tive e não fiquei apavorada que isso seria tirado de mim."

"Ei, veja!" A voz de Summer se eleva acima das outras e eu me viro levemente nos braços de Johnnie para vê-la conversando com o marido, com um copo na mão. "Eu *disse a* você que havia um lado certo para os copos ficarem!"

Volto meu rosto para o pescoço de Johnnie e nossos corpos tremem enquanto rimos.

Shooter- 3 meses

“Você vai se casar com ela?” Dade pergunta, olhando para a imensidão do seu rancho, uma cerveja inclinada em direção à sua boca.

“Sim”, eu balanço a cabeça, observando os cavalos se moverem em seus pastos.

Nós viajamos para a cidade para uma visita surpresa, Amelia está nervosamente preocupada, estando de alguma forma convencida de que todos a olham de forma diferente, como se soubessem que ela esteve envolvida no tráfico de heroína e assistiu o rei ser morto. Ela quase parece um pouco desanimada quando percebe que todos a tratam com os mesmos gracejos desdenhosos de sempre. Ela me fez deixá-la na igreja a caminho de Dade, para que pudesse participar de uma das reuniões que costumava organizar, para rever seus antigos clientes.

“Você é um sortudo da porra, cara”, ele diz, sorrindo para mim. “Pegando a peça principal? E posso supor que você pegou uma quantidade injusta de rabos decentes antes dela...”

Ele está certo. Eu tive muita sorte. Não consigo pensar em uma coisa na minha vida que eu tenha feito para descobrir algo como o que eu tinha com Amelia. Mas também não perco muito tempo pensando nisso também. Eu a tenho; tenho o que temos; não vou mais pensar nisso.

“É bom ver você de volta”, diz Dade quando fico em silêncio.

“Você sabe que os aviões voam para os dois lados, cara. Eu sei que Amy ficaria fora de si se recebesse um hóspede em casa. Você provavelmente receberia serviço de quarto.”

“Você está tentando me torturar, cara?” Ele pergunta, dando-me um sorriso. “Mostrando o que eu poderia ter se você não tivesse roubado o coração dela?”

“Você não tinha chance e sabe disso”, eu sorrio e ele também.

“Nunca dei voltas como você. Então se apresse e ponha um anel no dedo da garota. Eu quero saber que você está fora do jogo para sempre”, ele brinca.

Mas duas semanas depois, coloco um anel no dedo dela. Um com um diamante que você poderia ver do espaço.

Dez meses depois, coloco outro anel junto daquele, o tipo que não é uma promessa, mas um voto.

Mas não fico fora do jogo para sempre quando me caso com ela, isso aconteceu no primeiro minuto em que coloquei os meus olhos nela.

Amelia - 13 meses

“Respire”, diz Summer, sorrindo.

“Tome um shot”, sugere Janie.

“Não acho que oferecer bebida a uma conselheira em vícios é uma boa ideia , Janie” Alex repreende, mexendo no corpete do seu vestido preto.

“Ei, funcionou no dia do meu casamento”, diz Lo, sorrindo melancolicamente. “Três bebidas antes de eu ir. Cash pode ter ficado um pouco embaçado, mas consegui chegar até ele.”

Ela está certa, ela fez isso com ele. E Cash mal esperou que o padre lhe dissesse que podia, antes de colocar um grande e molhado beijo na sua nova esposa, pegando-a enquanto a fazia sair de lá entre os gritos e vaias. Eles também não conseguiram chegar à suíte. Fizeram sexo no armário a três metros do salão de eventos, onde todos os convidados ainda estavam sentados.

Eu estive lá e foi brilhante.

Dito isto, ser aquela que deveria estar andando pelo corredor e ser beijada na frente da maioria das bundas da área não soa tão brilhante assim.

“Olha”, Summer diz, pegando minhas mãos nas dela, com o seu anel de noivado e aliança chamando a minha atenção. “Eu sei que é estranho que todo mundo esteja olhando pra você e sabendo que você vai fazer todos os tipos de sexo depois que acabar o negócio... mas quando você chegar ao altar e vir Johnnie esperando por você, acredite em mim, vai valer a pena.”

“Certo. Então acabamos com todo esse drama, certo?” Janie diz, levantando e puxando a barra da saia para baixo. Janie é um monte de coisas, e uma garota vistosa não é uma delas.

“Apenas espere até que seja a sua vez, tempestade”, diz Lo, puxando seu cabelo de brincadeira.

“Foda-se isso. Podemos fazer com que um de vocês tire a licença e podemos casá-los sem confusão, e definitivamente sem vestidos

apertados.”, ela choraminga, puxando o tecido pegajoso de seu vestido de dama de honra muito simples.

Eu me ergo, passando a mão pelo meu cabelo para alisá-lo, sentindo-me ligeiramente melhor. O clube das meninas me distraiu da minha ansiedade.

“Tudo bem. Essa é a nossa música”, Summer diz e todas pegam seus buquês brancos e entram na fila.

Eu respiro fundo enquanto caminho pelo corredor.

“Está pronta?” Paine pergunta quando vem para o meu lado, oferecendo-me seu braço. Ele me entregará a Johnnie. Já que meu pai desapareceu, há vinte e poucos anos e Ben se foi, não havia ninguém para me levar ao altar. Os padrinhos de Johnnie são Breaker, Dade, Cash e Wolf. Paine deveria estar lá em cima também, mas ele insistiu que não havia como me deixar andar pelo corredor sozinha, como se eu não tivesse família. Ele era minha família agora, ele insistiu. E bem, foi isso. Gritei como um bebê em seu peito quando me disse isso, até que ele me empurrou para Johnnie.

“Não”, digo honestamente e ele sorri para mim.

“Querida...”, ele diz, abaixando a cabeça um pouco. “Você não vai começar a chorar de novo, vai? Porque na última vez foi uma camiseta, e esta é uma bela camisa. Não preciso de lágrimas por toda parte.”

Eu me sinto rir e balanço a cabeça para ele. “Não vou chorar.”

“Bom. Então vamos levá-la ao seu marido.”

Com isso, a música muda e nos viramos para o corredor.

O lugar está ótimo. As cadeiras são todas brancas. Há flores brancas por toda parte. Summer planejou tudo, já que é a única no clube de garotas que se interessa por planejamento de casamento. E Johnnie não poupou despesas. Está perfeito. Sem falhas, realmente. A mão de

Paine aperta meu braço em segurança quando todos os olhos de repente caem sobre nós.

Mas Summer estava certa, no segundo em que os meus olhos se fixam em Johnnie, todo o resto desaparece, torna-se ruído de fundo. Tudo o que há no mundo é ele e a maneira como seus brilhantes olhos verde me observam, como se eu fosse algo magnífico, como se ele não pudesse acreditar que pudesse me ter. Meus olhos famintos vagam por seu corpo e sinto um sorriso puxando meus lábios. Ele é, mesmo no dia de seu casamento, todo o Johnnie: dos sapatos quadriculados em preto e branco nos pés, até a calça social um pouco apertada demais para ser tradicional, a camisa preta de manga curta que mostra seu colorido braço tatuado e gravata branca que combina com o tema. O seu sorriso se espalha lentamente, como uma piada interna, e eu sinto o meu se espalhar também.

Perfeito.

Nada parece mais perfeito que aquele momento.

Isso é até que Paine beija minha bochecha e coloca minha mão na de Johnnie, cujo dedinho gira ao redor do meu quando nos viramos para encarar o ministro. Porque esse momento é mais perfeito.

E então, quando ele desliza outro anel no meu dedo, envolve suas mãos em meu rosto e me beija como se fosse a primeira e a última vez, somos declarados marido e mulher. Sim, esse momento é mesmo perfeito.

E quando ele se inclina para perto e todos começam a bater palmas e assobiar e seu hálito quente faz cócegas no meu ouvido e ele declara baixinho: “A melhor coisa que já aconteceu comigo, foi ter que voltar para enfrentar meus demônios e encontrar meu anjo.”

Aquilo é perfeito.

Cash sobe ao nosso lado, batendo palmas um pouco, depois se aproxima e nos informa: “O armário do zelador a três portas de distância está destrancado. Façam o que vocês quiserem com essa informação.”

Ele se afasta e o foco de Johnnie volta para mim, nós dois lutando por alguns segundos antes de jogarmos nossas cabeças para trás e rirmos. Eu me movo em direção a ele, descansando minha cabeça em seu peito, sobre o que é o maior e mais generoso coração que já encontrei, e sinto o *clique* novamente, mais forte, firme, mais permanente.

E eu ainda não tenho ideia de como ele se sente em relação aos abacates.



© Canva.com - csp459d

KILLER

Savages #2